

The Bard

Revista

Poesia, arte e música

Vol 3 - Nº 15 - Edição Setembro & Outubro 2022

www.revistathebard.com

MATÉRIA DE CAPA

Poeta, poema e a poesia

PARTICIPAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.





REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto literário e artístico gratuito e sem fins lucrativos. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente gratuita, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em vinte e seis Países e em três Continentes: Africano, Europeu e Americano, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



Edições

ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Revista Interativa The Bard

Sejam bem-vindos (as) à Revista Interativa The Bard Bimestral de Setembro e Outubro de 2022. Iniciamos com um espaço reservado para divulgação das redes sociais dos nossos colunistas;

Seguimos com a matéria de capa com o tema “Poeta, Poema e a Poesia”, em homenagem ao Dia do Poeta e o Dia Nacional da Poesia, mostrando aos nossos leitores o sentido do lado humano, que é quem escreve, o escrito e o sentimento.

Com grandes novidades nessa edição da Revista, temos as colunas: “Grandes Autores”, contando um pouco da história da escritora britânica Virgínia Woolf e da brasileira Clarice Lispector, por Vanina Sigríst;

“E aí, qual é o filme?”, escrito por Lauro Henrique. Descrevemos a história para os leitores descobrirem qual é o nome do filme. A história será revelada na próxima edição. Publicamos também o resultado da edição anterior;

“Momento Resenha”, trazendo resenhas de diversos livros, por Carla Santiago;

“Poegraphia”, compartilhando textos, impressões e ideias sobre a relação simbiótica entre a emoção, a palavra e a imagem, por Carlos Garcia;

“O Mundo da Fantasia”, trazendo citações de livros e filmes de fantasia, por Josi Guerreiro;

“Poetas e Poetisas”, por Edna Lessa, com poemas dos mais variados Poetas e Poetisas do Brasil, como também da Angola, Portugal, Argentina, França, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Chile, Cabo Verde, Panamá, Rússia, Alemanha Itália e EUA;

“Música e Literatura em Diálogo”, com intuito de exemplificar a expressiva comunhão entre música e literatura, por Elvira Drummond;

“Caldeirão Cultural”, trazendo matérias do mundo da cultura, arte, música e literatura, por Juliana Hunzicker;

“Music’alma”, por Altin, enriquecendo a revista com entrevistas de cantores e compositores;

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, “Contos e Minicontos”, “Crônicas” e “Prosa”;

Nessa edição no “Desafio Poético”, por Marcelo Papareli, trazemos o tema “Poeta, Poema e a Poesia”. E para a próxima edição de novembro e dezembro, o tema será: “Família, uma razão para se viver”, serão 10 poemas selecionados e publicados na edição seguinte.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



BOAS-VINDAS

Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.

Clique aqui

Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD

16ª Edição **NOV & DEZ 2022**



EDIÇÃO SETEMBRO & OUTUBRO 2022



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER



EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2022



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2022**

PERÍODO DE 10 DE AGOSTO À 05 DE OUTUBRO .



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NA FOTO DE CADA COLUNISTA



Matéria de Capa
RAIANA COSTA



Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



Grandes Autores
VANINA SIGRIST



Autopeiose e Narrativas
STELLA GASPAR



E aí, Qual é o Filme?
LAURO HENRIQUE



História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



Vida de Autor
LILIAN STOCCO



Recita-me
RICK SOARES



As cores da Sociedade
Xúnior Matraga



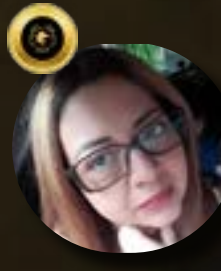
Música
Rafael Pelissari



Fórum do Soneto
GRUPO



Cinema: Séries & Filmes
Cacá Matos



Nossa Literatura
Cléopatra Melo



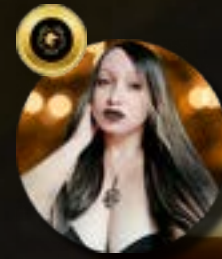
Florescendo em Pensamentos
Flávia Adine



Contadores de Histórias
JOYCE SANTANA



Momento Resenha
CARLA SANTIAGO



Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



Tons do Cotidiano
FLÁVIA JOSS



Poegraphia
CARLOS GARCIA



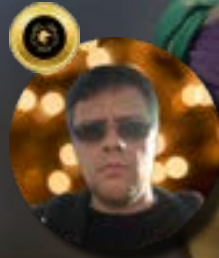
Terror y Horror
ANDREA RÍOS

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NA FOTO DE CADA COLUNISTA



Vozes do Umbral
JORGE ALEXANDRE



Dialética
CLAYTON ZOCARATO



En Dehors - O Corpo em cena
DANIELA LAUBÉ



O Mundo da Fantasia
JOSI GUERREIRO



Hollywood e suas Magias
BEATRIS HOFFMANN



Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPÁSIA



Universo de las Artes
MARCOS E. OZÁN



Recanto das Culturas
EDUARDO MACIEL



Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



Vai um livro aí?
PATRÍCIA SOUZA



Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



Música e Literatura em Diálogo
ELVIRA DRUMMOND



Caldeirão Cultural
JULIANA HUNZICKER



Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



Músic'alma
ALTIN



Desafio Poético
MARCELO PAPARELI



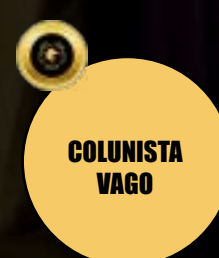
Geração Literária
PROJETO



Guia Literário
JAQUE ALENNCAR



Parcerias
VERÔNICA MOREIRA



COLUNISTA
VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



Raiana Costa



Escritora, consultora, mentora, professora, Jornalista, Criadora de conteúdo digital, Gestora de Redes Sociais, Poeta – Escrita da Alma

POETA, POEMA E A POESIA

Entre viver e morrer, prefiro entender. Para entender necessito perceber. Perceber o que existe além do ser. Difícil será compreender o movimento da mente. Só mente ela consegue notar e decidir. Decidir por flutuar e nunca mais voltar para o mesmo lugar. Assim é o poeta de lá para cá.

Ele se compõe. Afirmando não haver nenhum ser humano sem cultura que diante do amor, não consiga expor sua ternura e virar poeta de aventura, transformando e despertando com sua escritura os corações de quem o atura.

Assim parece ser o poema, para além dos sentidos e do seu tempo. Convertendo os maus presságios em belíssimos momentos. Obras de artes que perpassam o tempo e a compreensão humana. Poeta, poema e poesia parecem um único ponto. Uma única voz. Em um só tempo. Em uma só batida, caminhando para um futuro incerto de grandes possibilidades e realização, em que a dúvida e a reflexão se fazem presentes e o único sentido real é o simples prazer de ser ou deixar de ser para além do viver. Poesia é a questão.

Para o universo onírico de quem tem a sua sensibilidade aguçada, em algum momento da vida, a força das experiências vividas e também compreendidas se faz então a composição do poema e

da poesia nas mãos do poeta. Poeta de carteirinha ou poeta de escrivinha, não importa. Ele sempre se denominará poeta, pois a sua essência assim decide que seja.

Te convido a tentar ou adentrar neste universo tão mágico e surpreendente. Quem nele se deleita não vai conseguir mais se desviar. Pois a realização e a plenitude em falar de sentimentos que perpassam os sentidos humanos se concretizam como um desprender-se, quase exageradamente excitante que é bem viciante e não se deseja assim se evitar de viver.

È o fluir das palavras e a imprevisibilidade que se desenvolve no íntimo de todos aqueles que se aventuram no contexto da poesia, e como magia não se esquecem jamais da aventura dos arsenais mentais e contextuais que ficam impressos e gravados em seus arraiais.

È preciso antes esclarecer que não há diferença entre o louco, o apaixonado e o poeta, pois eles se flertam, e caminham paralelamente para espalhar sentimentos ocultos e reclusos do coração para toda a multidão. A imaginação é o instrumento diante mão, que deve ser percebida ou não, pela a intensidade de sua canção que vai muito além da percepção.

Por Raiana Costa



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

Intensão essa que parece obscura e quase sem ternura, mas que no fundo revela toda a emoção da dor de um perdão, recebido e por vezes incompreendido, ao longo da sua decepção. Para aqueles que nada entendem, confia na magia do divino que emana da luz do ser em construção, que desaguará no escondido em erupção. Perseverando logo surgirá o sorriso do bobo introvertido a desabrochar o improvisto do aperto de mão.

O poeta escreve em prosa ou em verso. Com sentido ou sem sentido. Escreve o que aconteceu ou sobre o que poderia ter acontecido, apesar de parecer confuso a confusão se nota proposital e necessária. E assim faz parte e sendo instrumento da sua composição literária poderá enfrentar a batalha e seguir sem sua navalha rumo a conciliação com seu irmão.

A beleza se encontra no improvável, na dúvida ou incerteza. Quase sempre a angústia gera a obra solitária e do sofrimento é possível abstrair os mais belos poemas emanados no campo de batalha. Assim foi no passado e assim é nos dias atuais cheios de pecado e descompassado.

Carlos Drummond de Andrade, muito se incomodava e sofria com as discrepâncias que percebia nas relações pessoas de sua terra natal. Em seu poema ``Confidencia do Itabirano`` expressa suas aflições em forma de poema e desencanto.

Já a poetisa mineira, de origem humilde, Conceição Evaristo foi marcada na sua transcendentalidade pela escravidão e o clamor pela libertação escrevendo sobre o que vinha no coração, remetendo a saudade, traduzido em seu poema em forma de solidariedade: ``Vozes-Mulheres``.

Adélia Prado, retrata a mulher e os vários preconceitos por ela sofrido e vivido em seu poema deprimido: ``Com licença poética``.

E por fim Manuel Bandeira em seu poema dito ``Desencanto`` retrata sobre temas cotidianos e a melancolia de todos os seus prantos.

Entre outros tantos que falam e escrevem sobre o que vai no coração, de bom ou de ruim. De um aperto de mão ou um adeus de desilusão esse é o poeta meu irmão. De lá para cá vem logo se mostrar na intenção de ser entendido ou ao menos percebido por aqueles sensitivos que decidam lhe dar atenção.

De oprimido ao brilho embutido deve ele se conectar. Seguindo a voz do coração, sentido maior de grande parte dos poetas, poemas e poesias que refletem o imperceptível, além de se realizar e explorar o ser humano escondido e dentro de cada um de nós vivido.

Se vem de uma paixão, está tudo certo meu irmão. Aproveite e se deleite no azeite que traz a essência do ser em construção. E que merece seu perdão, se não seguiu a correção do que determina a redação. Simplesmente por que sentiu de fazer e fez sem permissão, infringindo a concepção de todos aqueles que padronizam a impressão, por não conseguir seguir o que dita o coração.

Raiana Reis

INSTAGRAM



POST NO SITE





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Conheça o Curso

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus segredos narrativos



CLIQUE AQUI





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

**Aprenda como
escrever um livro**

**Curso
CAMINHO
DO ESCRITOR**



ACESSE AQUI



Clique aqui para acessar a Revista em 3D



Revista Interativa THE BARD
Ed. Setembro & Outubro 2022

- Renato Cresppo : *Pégaso*
- Elizete Ferreira : *Depois daqui..*
- Carla Garcia : *Sentidos*
- José Manuel : *O Grande expresso*
- Jefferson Souza : *O Amor entre a princesa e o poeta*
- Edna Lessa : *Essência Reencontro*
- José Manuel : *Histórias Classificados*
- Jaque Alencar : *Luz*
- J.B Wolf : *Nua*

90 **História das Artes**
A poesia e o poema por Betânia Pereira

96 **Vida de Autor**
por Lilian Stocco

102 **Recita-me**
Por Rick Soares e poetas convidados

128 **As Cores da Sociedade**
Você tem fome de quê?
Por Xúnior Matraga

132 **Música**
Por Rafael Pelissari

138 **Fórum do Soneto**

- Artigo 7, Por Ricardo Camacho
- Sonetista Eufrazio Filho
- Sonetista Ricardo Camacho
- Sonetista Geisa Alves
- Sonetista Janete Sales
- Sonetista Jerson Brito
- Sonetista José R. Filho

146 **Cinema**
Dicas séries e filmes por Cacá Matos

148 **Nossa Literatura**

- Apresentação por Cleópatra Melo

Entrevistado:
Escritor Márcio Gómez Benito

154 **Florescendo em Pensamentos**
Por Flávia Adine

156 **Contadores de Histórias**

- A História que lhe pertence por Joy Santana

Convidados:

- Professora e contadora de histórias Maria do Socorro e o Professor e contador de histórias Diego Ulacco

162 **Momento Resenha**
Por Carla Santiago

170 **Prosa Poética**

- Artigo Jeane Tertuliano
- Prosa de Clarice Lispector
- Prosadora Jeane Tertuliano
- Prosadora Cacá Matos
- Prosadora Paula Souza
- Prosadora Jéssica Sabrina
- Prosadora Mari Ventura
- Prosadora Roselena de Fátima



10



26



32



48



178 Crônicas "Tons do Cotidiano"

• "Na corda bamba entre o cotidiano e a escrita" Por Flávia Joss

Convidadas:

• Pedagoga e Escritora Jaque Alenncar
• Escritora Mell Renault

184 Crônicas

• Crônica "Carta para a tia" Paulo Bunga
• Crônica "Rigolboche" Dias Campos
• Crônica "Roseiras" Rafaela Navas
• Crônica "Violência doméstica conta a mulher no Brasil" Cataline Leão

190 Poegraphia

Por Carlos Garcia

194 Coluna Terror y Horror

• Artigo: "Sin Rastro" (La desaparición de Ambrose Bierce)

196 Vozes do Umbral

• Esquartejamento, tortura e fantasmas Por Jorge Alexandre

• Conto "Os esquecidos" Por Tom Soares

206 Coluna Dialética

• Artigo "Poesia: Transgressão e imaginação" Por Clayton Zocarato

214 En Dehors - O corpo em Cena

• "O chicote da Arte: 32 fouettés" Por Daniela Laubé
• Entrevista com Helen Ribeiro

220 O Mundo da Fantasia

Por Josi Guerreiro

228 Hollywood e suas magias

"Como tudo começou" Por Beatris Hoffmann

232 Nau Literária - Entrevistas

• Apresentação por Magna Aspásia

Entrevistados:

- Professor e Escritor Bexhet Asani
- Professor e Escritor Edson Gallo

244 Universo de las Artes

• Apresentação da Coluna "Universo de las Artes" Por Marcos E. Ozán

• Artista Adriana Arévalo
• Artista Susana da Silva
• Artista Verónica Fernández
• Artista Víctor González
• Artista Maria Laura Peluffo
• Artista Sandra Poblet

254 Recanto das Culturas Tradicionais

• "Círio de Nazaré" Por Eduardo Maciel

260 Mitologias & Crônicas

• Artigo "Rainha do Egito" Por Ladylene Aparecida
• "O Magnus opus do Divino" por Alexandre Braga

274 Vai um livro aí?

Resenhas Por Patrícia Souza

280 À Poesia

Países participantes na Revista The Bard

282 Poetas & Poetisas

Apresentação Por Edna Lessa

284 Poetas & Poetisas

Poeta Alegria Mauro

285 Poetas & Poetisas

Poetisa Jaque Alenncar

286 Poetas & Poetisas

Poetisa Annia Muñoz

287 Poetas & Poetisas

Poeta Fernando M. Bunga

288 Poetas & Poetisas

Poetisa Zezé Matos

289 Poetas & Poetisas

Poetisa Rilnete Melo

290 Poetas & Poetisas

Poetisa Arely Soares

291 Poetas & Poetisas

Poetisa Edna Santos

292 Poetas & Poetisas

Poetisa Nice Veloso

293 Poetas & Poetisas

Poetisa Rafaela Navas

294 Poetas & Poetisas

Poetisa Aline Peruzzo

295 Poetas & Poetisas

Poetisa Wanda Rop

296 Poetas & Poetisas

Poeta Sidnei Capella

297 Poetas & Poetisas

Poetisa Ana Maria

298 Poetas & Poetisas

Poeta Marcelo Paparelli

299 Poetas & Poetisas

Poetisa Ivete Rosa de Souza

300 Poetas & Poetisas

Poetisa Patrícia Proença

301 Poetas & Poetisas

Poetisa Ana Sacramento

302 Poetas & Poetisas

Poeta Giovanni Salgueiro

303 Poetas & Poetisas

Poeta Antônio M. Bandeira

304 Poetas & Poetisas

Poetisa Maria de Lourdes

305 Poetas & Poetisas

Poetisa Ekaterina Lutrova

306 Poetas & Poetisas

Poeta Eduardo Grabovski

307 Poetas & Poetisas

Poetisa Milena Ferreira

308 Poetas & Poetisas

Poetisa Stella Gaspar

309 Poetas & Poetisas

Poetisa Vanessa F. Loureiro

310 Poetas & Poetisas

Poeta Axel Pabilo

311 Poetas & Poetisas

Poetisa Denise da Conceição

312 Poetas & Poetisas

Poeta José Manuel

313 Poetas & Poetisas

Poetisa Carla Garcia

314 Poetas & Poetisas

Poetisa Lorena Clarice

315 Poetas & Poetisas

Poetisa Larissa Resende

316 Poetas & Poetisas

Poetisa Cleópatra Melo

317 Poetas & Poetisas

Poeta J. B Wolf

318 Música e Literatura em Diálogo

• A comunhão entre música e literatura: o nascedouro da arte Por Elvira Drummond

322 Caldeirão Cultural

• Apresentação da coluna por Juh Hunzicker

• O Mundo autoral independente e seus desafios

332 Desnuda em Palavras - Erótico

• Apresentação da coluna
• Grandes aurores Eróticos Por Tônia Lavínia

Entrevistado:

- Escritor Lion Blanc

342 Prosa

• Haibun I Por Fernando M. Bunga
• Haibun II Por Fernando M. Bunga

344 Músic'alma

• Apresentação da coluna Por Alttin

Entrevistado:

- Cantor Gabriel Gonzaga

348 Desafio Poético

• **Desafio Poético** edição de Novembro e Dezembro tema: "**Familia, uma razão para se viver**" Por Marcelo Paparelli
• Resultado dos classificados no desafio poético: "Poeta, Poema e a Poesia"

1 Poetisa Adriana Ribeiro

2 Poetisa Mia Koda

3 Poetisa Denise Marinho

4 Poetisa Thiesca Oliveira

5 Poeta Thomaz Gomide

6 Poeta Ronaldo Ferreira

7 Poetisa Patrícia Proença

8 Poeta Gibson de Santana

9 Poetisa Stella Gaspar

10 Poetisa Diana Henriques

360 Geração Literária

Universo Literário

368 GUIA LITERÁRIO

Um espaço de anúncios e divulgações gratuitas de Antologias, eventos, lançamentos artísticos e literários por Jaque Alenncar

370 Marketing & Divulgação

Colaboradores que divulgam nosso projeto

372 PARCERIAS

Para mais informações entre em contato com nossa colunista Verônica Moreira ou com o Poeta J.B Wolf **É GRATUITA!**

374 Vitrine The Bard

Prestígio os escritores Nacionais

396 Nossa Revista The Bard

Edição de Setembro e Outubro 2022

• Compartilhem a arte em suas redes sociais

397 Edital Novembro e Dezembro de 2022 (de 10 de Agosto à 05 de Outubro).



Expediente

Revista The Bard
Ano 3, Nº 15, Setembro e Outubro 2022
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

COO (Diretora de Operações) Jaque Alenncar

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Lu Ferreira, J.B Wolf, Stella Gaspar

Representantes Internacionais:

• Representante autorizado no continente Africano

Alegria Mauro



• Representante autorizada no Chile

Andrea Ríos



• Representante autorizada nos Estados Unidos

Beatris Hoffmamann



Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
 - Matéria de Capa - Raiana Costa
 - Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
 - Grandes Autores - Vanina Sigrist
 - Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
 - E aí, qual é o filme - Lauro Henrique
 - História das Artes - Betânia Pereira
 - Vida de autor - Lillian Stocco
 - RECITA-ME - Rick Soares
 - As Cores da Sociedade - Xúnior Matraga
 - Coluna Música - Rafael Pelissari
 - Fórum do Soneto - Projeto de Sonetistas
 - Cinema: Séries & Filmes - Cacá Matos
 - Nossa Literatura - Cleópatra Melo
 - Florescendo em Pensamentos - Flávia Adine
 - Contadores de Histórias - Joy Santana
 - Momento Resenha - Carla Santiago
 - Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
 - Crônicas Tons do Cotidiano - Flávia Joss
 - Poegraphia - Carlos Garcia
 - Coluna Terro y Horror - Andrea Ríos
 - Vozes do Umbral - Jorge Alexandre
 - Coluna Dialética - Clayton Zocarato
 - En Dehors "O corpo em cena" - Daniela Laubé
 - O Mundo da Fantasia - Josi Guerreiro
 - Hollywood e suas magias - Beatris Hoffmamann
 - Nau Literária - Magna Aspásia
 - Universo de las Artes - Marcos E. Ozán
 - Recantos das Culturas Tradicionais - Eduardo Maciel
 - Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
 - Vai um livro aí? - Patrícia Souza
 - Poetas & Poetisas - Edna Lessa
 - Música e Literatura em diálogo - Elvira Drummond
 - Caldeirão Cultural - Juliana Hunzicker
 - Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
 - Música/Alma - Alttin
 - Desafio Poético - Marcelo Papareli
 - Geração Literária - Projeto Literário
 - Guia Literário - Jaque Alenncar
 - Parcerias - Verônica Moreira
 - Vitrine The Bard - J.B Wolf
- Marketing e Divulgação:** Equipe de Colaboradores
páginas 370 e 371
- Arte de Anúncios:** J.B Wolf
- Criação Digital e finalização:** J.B Wolf

Revista The Bard

Poesia, arte e música





Tudo sobre

CINEMA

04



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte.

Aquele olá com pipoca!



Que honra falar com você sobre cinema aqui, na revista The Bard. Cinema é a arte que nos permite sonhar, viajar, analisar, compreender... e é exatamente a união desses elementos que faz tudo ser tão mágico. Além da compreensão de mundo tem a parte técnica que envolve roteiro, direção de arte, fotografia, mixagem de som e muito mais. A indústria cinematográfica move a economia e proporciona muitos empregos.

Atualmente os serviços streamings cresceram e a oferta de filmes, séries e documentários chegaram como pipoca no balde! Que bom para nós!

Então vamos a edição de Setembro e Outubro.

INSTAGRAM

YOUTUBE





POST NO SITE



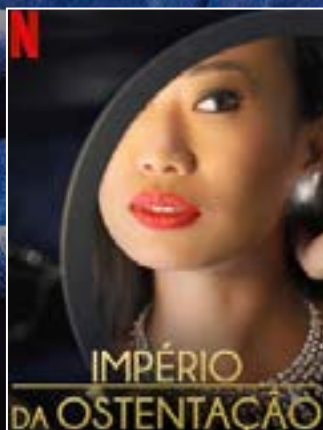
POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



Tudo sobre

CINEMA

BELA VINGANÇA



Bela Vingança é um filme que ficará na sua mente tanto de forma positiva quanto negativa, mas não que esta parte negativa seja ruim em relação ao filme, muito pelo contrário o filme é excelente e aborda o que nós mulheres mais tememos, o abuso!

Mesmo cercadas por bundas desnudas rebolantes, mesmo num mundo onde a composição musical retrata letras que algumas vezes nos rebaixam e são confundidas com independência sexual, o abuso é o maior medo das mulheres. A situação ainda acontece na sociedade. E está na hora de encarar de frente.

Bela Vingança acompanha uma ex-estudante de medicina que largou os estudos por um motivo trágico. Desde então, ela sai todas as noites, fingindo estar bêbada em baladas e clubes, se usando de isca para dar lições em homens que tentam abusar dela.

O problema cria força quando um encontro acaba culminando numa série de eventos vingativos.

Escrita e dirigida por Fennell, Bela Vingança é uma história feita para incomodar quem está sentado no sofá, pois retrata uma cultura do estupro que infelizmente, ainda está presente na sociedade, onde abusar de mulheres bêbadas é visto como "algo comum". Afinal de contas quem mandou ela beber, não é mesmo?

Também aborda a questão em deixar de acreditar quando alguém conta ter sofrido um abuso. Ou simplesmente sempre botar a culpa na mulher, mesmo que ela seja a vítima. Esses comentários nojentos que precisam ser comentados, para que isso deixe de ser só uma questão e se torne uma mudança verdadeira para salvar outras mulheres no futuro.

Esse é o Bela Vingança sem spoilers para você!

E os predadores que se cuidem, afinal vingança é um prato que se come frio....

Beijos



Clique aqui

EST
ANDA[ARQUIVO EM
CARTAZ 2018]

Tudo sobre

CINEMA

MUSSUM, UM FILME DO CACILDES

Sabe aqueles dias em que a gente senta no sofá, pega o controle da televisão e não faz a mínima ideia do que vai assistir?

Foi dentro desse cenário que eu encontrei o documentário do querido e carismático Mussum na Amazon.

Esse documentário me fez conhecer tanto dessa figura multimídia que faz parte da cultura do nosso país que me surpreendeu.

"Mussum, Um Filme do Cacildis", conta a trajetória do músico e comediante Antônio Carlos Bernardes Gomes.

A carreira de Antônio Carlos começou como vocalista do grupo "Os Originais do Samba", passando por atuações na TV e no cinema, e depois como integrante de "Os Trapalhões" grupo que revolucionou a forma de fazer humor na teledramaturgia brasileira.

"Mussum, Um Filme do Cacildis" conta com narração do ator Lázaro Ramos, e emocionante trilha sonora do músico Pretinho da Serrinha. O filme se propõe a trazer para o cinema a verdadeira essência de Mussum dentro da mesma forma em que viveu sua vida. O documentário vai revelar ao grande público quem era o homem por trás do artista que brilhou por todas as áreas das artes brasileiras e que continua presente até hoje como um ícone pop nas redes sociais, em camisetas, campanhas publicitárias e na memória afetiva dos brasileiros.

Mussum, um filme do cacildes tem um empréstimo artístico do documentário Ilha das Flores que você assiste no youtube que é um curta incrível que eu assisti na época da faculdade de jornalismo, uma linguagem original e pouco usada em documentários.

Beijos



Clique aqui

UM FILME DO CACILDIS

Tudo sobre

CINEMA

BINGO: O REI DAS MANHÃS



Esse filme me surpreendeu com a sua história emocionante, de amor, de superação e de arrependimentos. A direção é de Daniel Rezende e o roteiro de Luiz Bolognesi, Vladimir Brichta foi quem deu vida ao palhaço Bingo, conhecido por Bozo.

Na década de 1980, o Bozo reinou no pica-deiro nacional. De todos os nove atores que interpretaram o personagem entre 1980 e 1991, primeiro na TVS e depois no SBT, conhecido como Canal 4 de Silvio Santos, o mais famoso deles foi e é Arlindo Barreto, que deu vida ao carismático palhaço Bozo. Eu amava o Bozo! Quem aí se lembra da corrida de cavalos? De quem chega primeiro? O branco, o preto ou o malhado?

Bozo foi sem dúvida o Ícone da criançada na década de 1980 e por isso merecia um filme. Porém, o ator levava uma vida nem um pouco infantil, com muitas drogas e orgias.

As cenas mais pesadas são baseadas em histórias que realmente foram vividas por Arlindo, mas algumas cenas foram exageradas, o que é normal na confecção de um longa.

No filme, por questões de direitos de propriedade intelectual, alguns nomes foram trocados. Bozo, por exemplo, virou Bingo. A única personagem que aparece com seu nome real é a dançarina Gretchen, uma das várias mulheres com quem Barreto se relacionou e vamos combinar que Gretchen é super bem resolvida e não tem nada a esconder.

No filme, Augusto interpretado por Vladimir Brichta conhece a produtora e diretora de TV Lúcia vivida por Leandra Leal nos testes para o papel de

Bingo. Com o tempo, a relação dos dois passa do profissional para o pessoal. Duro e evangélica, ela é o porto seguro do ator no momento em que ele se perde nas drogas e no álcool.

O filme também mostra o super pai que Barreto era e gostaria de ser e a sua relação com sucesso a questão do estrelato, pois existe uma cláusula no contrato que não permite que a identidade do palhaço seja revelada, deixando Augusto com frustração de ser o homem anônimo mais famoso do Brasil.

Beijos



Clique aqui



Tudo sobre

CINEMA

A ESCADA

A Escada é uma série da HBO Max baseada em fatos reais e é sem dúvida uma dica de ouro para o admirador da categoria true crime.

Na minha opinião, mais uma vez a HBO acertou na evolução e pesquisa da história. Mostrou porque veio no roteiro fragmentado. Fez a diferença na fotografia mais do que fiel a história real, e fechou com chave de ouro na escolha dos personagens, Colin Firth e Toni Collette são protagonistas nessa trama e a participação da icônica Juliette Binoche foi de muito bom gosto.

São 8 interessantes episódios, Na trama, um escritor foi condenado por assassinar sua esposa Kathleen Peterson (Toni Collette) depois que ela foi encontrada morta no fundo da escada em sua casa.

A tragédia da vida real ocorreu em dezembro de 2001 em Durham, Carolina do Norte, e ganhou atenção da mídia nos últimos anos devido à natureza misteriosa do caso.

Antes da série da HBO Max, a história foi desenvolvida em uma série documental francesa limitada através do Storyville da BBC, abrangendo vários spinoffs à medida que o caso de Michael Peterson continuava a evoluir.

Dias após a morte de Kathleen em 9 de dezembro de 2001, Michael foi acusado de assassinato, mais tarde o réu foi a julgamento em 2003, onde afirmou que era inocente.

Em 10 de outubro de 2003, Michael foi con-

siderado culpado do assassinato de Kathleen e foi condenado à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

Ele cumpriu pena por oito anos antes de sua condenação ser anulada em 2011 “por causa de impropriedades no Departamento de Investigação do Estado”, segundo o News & Observer.

Vários anos depois, em fevereiro de 2017, Michael foi libertado da custódia com crédito pelos mais de sete anos que já passou atrás das grades.

Na Netflix você também encontra um documentário com 13 episódios chamado Staircase contanto detalhadamente o caso e seus desfechos, vale a pena conferir!

Beijos e bom divertimento



Clique aqui

Tudo sobre

CINEMA

O IMPÉRIO DA OSTENTAÇÃO



O Império da Ostentação é um reality show que acompanha a vida regada a festas e exageros luxuosos de um grupo de asiáticos e americanos de origem asiática que vivem em Los Angeles.

Como o nome do programa indica, estes herdeiros e milionários têm uma rotina agitada e equipada com o melhor que o dinheiro pode proporcionar. Apesar de viverem em meio ao luxo e à riqueza, gerenciar suas fortunas e negócios multibilionários não é uma tarefa fácil, especialmente quando se vive intensamente.

Cada episódio segue os personagens em suas viagens ao redor do mundo, enquanto amigos e rivais guardam segredos e espalham fofocas.

A série original da Netflix tem 2 temporadas com oito episódios cada.

O que posso adiantar é que a série faz sucesso entre o público, afinal de contas, o programa tem como principal foco mostrar a rotina surreal de compras, mansões imensas e muito bem decoradas de um grupo de milionários, além de festas incríveis e muita ostentação.

Anna Shay é considerada a mais rica entre eles, na primeira temporada do reality, foi revelado que sua fortuna beira os US\$ 600 milhões de dólares e que o dinheiro veio da empresa de seu pai, que vendia armas e bombas. Segundo o Yahoo! Finance, Anna e seu irmão venderam a empresa da família em 2006 pela bagatela de US\$ 1,3 bilhão!

Para nós mortais a maratona de exageros e extravagâncias se torna polêmico quando grande parte do mundo em que vivemos é pobre ou miserável. Para eles é tudo meio normal, afinal grande parte do elenco nasceu dentro dessa realidade.

Beijos carinhosos



Clique aqui



Tudo sobre



SEQUESTRO EM CLEVELAND

Sequestro em Cleveland é um filme baseado numa história real e chocante.

As cenas foram realmente fortes para mim e tive alguns momentos em que eu não consegui ver, não só pelo fato da violência em si, mas provavelmente por eu ter um filho.

A história envolve o horrível sequestro e estupro de três meninas e o desenrolar do caso, no coração da comunidade de Cleveland.

Michelle, uma mãe solteira, acaba sendo a primeira vítima de sequestro do notório criminoso Ariel. Michelle fica presa durante onze anos no porão do sequestrador e, eventualmente, se torna amiga e quase irmã de outras duas mulheres que também foram sequestradas por Castro.

A história foi notícia não apenas nos Estados Unidos, mas também fez parte da mídia internacional.

Nos anos seguintes, depois que as sobreviventes encontraram a liberdade, elas tentaram construir sua vida de onde o bandido a interrompeu de forma brutal. No entanto, elas também enfrentaram a tempestade após o evento ao falar abertamente sobre suas experiências.

O caso é realmente impactante e assustador!

E a vida dessas três mulheres mudou para sempre!

Beijos e bom filme



COLUNAS E COLUNISTAS



[Clique aqui](#)

Grandes Autores

01



Vanina Sigrist 

Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, professora em cursos de graduação, autora do livro infantil "De quem é a rua?" (2021) e criadora da Casa na Arte (com canal no YouTube). Adoro ser mãe, cuidar de plantas, comer bem, meditar e curtir amigos, artes e livros.

Uma estreia é sempre inesquecível, ainda mais com Virginias e Clarices

Por Vanina Sigrist

Estreias geralmente despertam alvoroço, temores, ansiedade. Artistas estreantes almejam os primeiros aplausos e elogios, a aceitação do público e da crítica, uma recepção amigável para suas performances ainda inseguras. O palco, a vitrina, o saguão são intimidatórios.

Na literatura em particular, os livros de estreia podem passar quase despercebidos, encontrando uma meia dúzia de leitores pouco entusiasmados, ou podem de pronto arrebatam multidões, sob nomes de capa ainda desconhecidos. Tanto em um quanto em outro caso, podem ser a revelação de uma personalidade literária embrionária ou (por que não?) de uma já madura e bem nutrida, mesmo que com meros vinte e poucos anos de vida. Sucesso e fracasso, nas letras e nas artes, dependem, é claro, de muitos fatores externos àqueles que aí se aventuram: a influência econômica ou política dos círculos sociais, o investimento de apoiadores públicos e particulares (princi-

palmente na ausência dessa influência) ou a existência de um público minimamente adequado à proposta artística. Porém, o desejo nesta minha coluna de estreia na Revista The Bard – pela qual já sinto gratidão e ternura – é enfatizar o potencial revolucionário da própria narratividade literária, ou seja, mostrar um pouco do que um texto ficcional de estreia pode causar e mobilizar em todos nós.

Sendo assim, conto a vocês aqui a história da estreia de duas romancistas para mim fundamentais, que escolho para acompanhar a minha própria estreia como colunista. Afinal, invariavelmente, uma estreia é sempre inesquecível. Tais escritoras já foram, inclusive, analisadas e milimetricamente comparadas como se houvesse um tanto de uma na outra. Tais aproximações se justificam, como ficará evidente, mas não são o meu foco. A intenção é deixarmos que as autoras mostrem sua própria voz à sua maneira e no seu ritmo, porque cada estreia é uma estreia.

**Uma estreia é sempre inesquecível,
ainda mais com Virginias e Clarices**

Por Vanina Sigrist

A escritora e editora britânica Virginia Woolf nasceu em Londres bem no início de 1882, sendo ainda Adeline Virginia Stephen. Recebeu sua educação em casa, sob a tutela de professores particulares, o que a desagradava, segundo suas biografias já publicadas. Enfrentou perdas irreparáveis desde os seus 13 anos, quando seus familiares mais próximos – a mãe, o pai e um dos irmãos – partiram num curto espaço de tempo, provocando-lhe fortes crises emocionais. Morando no bairro londrino Bloomsbury, por onde também circulavam outros nomes da literatura, como T. S. Eliot, Virginia reunia-se frequentemente com seus vizinhos e colegas intelectuais para discutir questões sociais, políticas e morais, formando com eles involuntariamente um grupo depois conhecido como Círculo de Bloomsbury. Seus membros defendiam posições bem menos conservadoras em relação à sexualidade e à participação feminina na sociedade, por exemplo.

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



Virginia Woolf

Escritora e editora britânica



Fonte: George Beresford, 1902 (domínio público)

Foi nesse cenário familiar e intelectual que nasceu seu primeiro romance, *A Viagem*, publicado oficialmente em 1915, quando tinha 33 anos de idade e já estava casada com o crítico e editor Leonard Woolf. Porém, numa carta à amiga Violet Dickinson datada de 1906, Virginia menciona ter manuscritas 40 páginas de um livro que se supôs ser *A Viagem*. Isso significa que desde os seus 24 anos ela levava a sério a escrita, dedicando-se a um projeto cujo título em língua inglesa mudou de ‘Valentine’ e ‘Melymbrosia’ para o definitivo *The Voyage Out*, bem como mudaram ao longo dos anos as tantas versões dessa estreia literária. Seu primeiro romance emerge em meio à mudança de residência, às crises nervosas e à efervescência cultural londrina. Vale dizer que a editora que o publica é de seu meio-irmão Gerald Duckworth, uma facilitação inegável em seu início de carreira se lembrarmos o quão difícil era para as mulheres naquela época conseguirem publicar seus escritos, mesmo com pseudônimos masculinos.

A história em que transcorre a viagem da protagonista Rachel Vinrace, seus tios Ridley e Helen Ambrose e o casal Dalloway (isso mesmo, aí já estava a personagem-título de Mrs. Dalloway, um dos títulos mais famosos de Virginia, que veio a público dez anos depois), num navio cargueiro a um país da América do Sul (muito provavelmente o Brasil, há quem diga), foi traduzida em nosso país pela também escritora Lya Luft, tradutora de outras obras da inglesa. Essa travessia oceânica parece revelar os mesmos altos e baixos de sua vida: logo após o lançamento em 1915, Virginia passou por uma longa internação, já tendo tentado o suicídio algumas vezes. Tais experiências certamente convergem para a densidade psicológica meio enevoadada de diversas de suas personagens femininas, incluindo Rachel.

É possível sentir essa aura existencialmente inquieta neste trecho em que a jovem interrompe uma ação banal para buscar o sentido mais profundo da sua própria presença naquele lugar e instante:

O que eu quero saber – disse ela em voz alta – é isso: qual é a verdade? Qual a verdade de tudo? – Falava sempre em parte como ela mesma, e em parte como a heroína da peça que acabava de ler. A paisagem lá fora, já que ela nada vira senão letra impressa pelo espaço de duas horas, agora parecia surpreendentemente sólida e clara, mas, embora houvesse homens no morro lavando troncos de oliveiras com um líquido branco, por um instante ela pensou que era ela própria a coisa mais viva na paisagem – uma heróica estátua no primeiro plano dominando a vista. As peças de Ibsen sempre a deixavam nesse estado. (WOOLF, 2020, p.153)

Rachel pensa como Rachel e como as personagens dos livros que lê. Nem sabe distinguir-se. Investiga profundezas. Não se contenta com as delimitações visíveis das coisas, dos objetos e ambientes, do dentro e do fora. Ela procura as delimitações sensíveis.

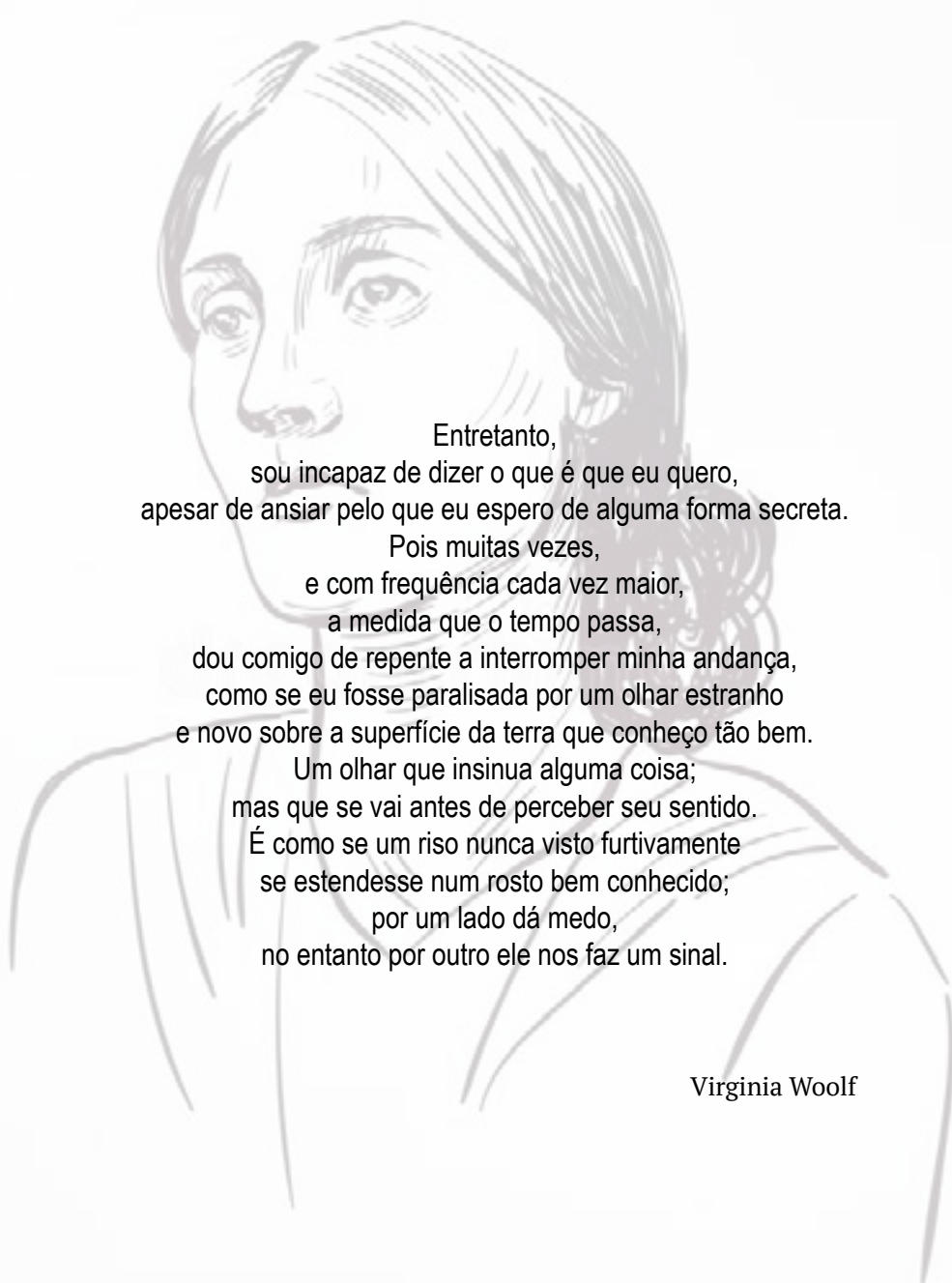
A cena parece um lampejo do processo narrativo posteriormente chamado pela crítica de “fluxo de consciência”, mais característico dos livros subsequentes de Virginia e marcante em outros autores da literatura mundial, como Marcel Proust (1871-1922). Nesse fluxo de consciência da personagem se desdobra uma sequência emaranhada de pensamentos, percepções, dúvidas, hipóteses e teses sobre assuntos, fatos, memórias, outras personagens e até sobre o seu próprio estado de ânimo mais profundo. Neste segundo trecho creio que esse recurso se faça mais evidente:

Os sons do jardim lá fora uniram-se aos relógios e aos pequenos rumores do meio-dia, que não se podem atribuir a nenhuma causa definida, todos num ritmo regular. Era tudo muito real, muito grande, muito impessoal, e depois de um ou dois momentos ela começou a erguer o dedo indicador e deixá-lo cair sobre o braço da cadeira como se trouxesse de volta alguma consciência de sua própria existência. Em seguida foi tomada pela estranheza indizível com relação ao fato de estar sentada numa poltrona, de manhã, no meio do mundo. Quem eram as pessoas movendo-se na casa... movendo coisas de um lugar a outro? E a vida, o que era aquilo? Era apenas uma luz passando na superfície e desaparecendo, como ela mesma com o tempo desapareceria, embora os móveis do quarto fossem ficar? Sua dissolução tornou-se tão completa que não conseguia mais erguer o dedo, e sentou-se totalmente quieta, olhando sempre o mesmo ponto. Tudo se tornava cada vez mais e mais estranho. Foi assaltada pelo assombro de que as coisas talvez nem existissem... Esqueceu-se de que tinha dedos para erguer... (WOOLF, 2020, p.155).

Percebemos nessas linhas como se intercalam o discurso indireto da voz narradora e as perguntas e sensações de Rachel, que nesse ponto do enredo já está doente e acamada. A protagonista, num breve resumo da obra, vive a jornada de embarcar numa viagem para buscar um plano de vida e terminar essa vida dissolvendo-se lentamente, corpo e alma.

A escritora e jornalista brasileira Clarice Lispector também perdeu seus pais precocemente, estreou jovem nas letras, com um romance cuja protagonista também questiona, do âmbito mais amplo ao mais ínfimo, a realidade. Mas admitiu em entrevista não ter lido Virginia, não sentir ecos da antecessora em seus textos, nem aceitar a atitude da inglesa de finalmente ter se suicidado em 1941.

Poema



Entretanto,
sou incapaz de dizer o que é que eu quero,
apesar de ansiar pelo que eu espero de alguma forma secreta.
Pois muitas vezes,
e com frequência cada vez maior,
a medida que o tempo passa,
dou comigo de repente a interromper minha andança,
como se eu fosse paralisada por um olhar estranho
e novo sobre a superfície da terra que conheço tão bem.
Um olhar que insinua alguma coisa;
mas que se vai antes de perceber seu sentido.
É como se um riso nunca visto furtivamente
se estendesse num rosto bem conhecido;
por um lado dá medo,
no entanto por outro ele nos faz um sinal.

Virginia Woolf



SUMÁRIO

Os olhos dos outros são prisões;
seus pensamentos nossas celas.

Virginia Woolf

Clarice Lispector

Escritora e jornalista brasileira



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa

Chaya Pinkhasovna Lispector nasceu na Ucrânia no final do ano de 1920, e logo mudou-se para o Brasil, aos dois anos de idade, com sua família de origem judia, devido à perseguição durante a Guerra Civil Russa (1918-1920). Fixaram-se em Alagoas, onde já residia sua tia materna, e a menininha passou então a se chamar Clarice. Depois mudaram-se para Pernambuco, onde frequentou bons colégios, aprendendo rapidamente a ler e escrever não só em português, já que tomava aulas de inglês e francês e ouvia muito um dos seus idiomas de origem, o iídiche, em casa. Nesse período já escrevia seus primeiros contos e peças teatrais, alguns enviados a jornais na tentativa de publicação em seções infantis, sem sucesso (em razão provavelmente de não seguirem fórmulas tradicionais). Aos 14 anos de idade, mudou-se novamente, desta vez para o Rio de Janeiro, onde terminou o ginásio e ingressou na Faculdade de Direito da então Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1940, precisando de recursos e já propensa à escrita literária e à tradução mais que à advocacia, conseguiu estampar um ou outro texto em jornal ou revista. Em 1943, ano de sua formatura, estando já empregada como redatora e casada com seu colega Maury Gurgel Valente, Clarice publicou seu romance de estreia, *Perto do Coração Selvagem*. Simplesmente um espanto para a época. Uma narrativa que quebrava a linearidade do início, meio e fim em sua arquitetura de capítulos, fundia prosa e poesia e mergulhava nas profundezas da protagonista Joana, no mais íntimo feminino. Aos 23 anos, a escritora brasileira inaugurava tendências literárias, embasbacava públicos, era aclamada pela crítica e homenageada com o Prêmio Graça Aranha. Tudo com seu livro de estreia.

Depois de várias viagens internacionais na companhia do esposo, então diplomata, alguns períodos de morada em países europeus como Suíça e Inglaterra, outras publicações e incursões pela brevidade dos contos, e do nascimento dos filhos Pedro e Paulo, *Perto do Coração Selvagem* é publicado em francês em 1954. Novos públicos vão sendo conquistados pelo livro atravessado pela introspecção, pelo ato manifesto de Joana de (se) colocar em questão o tempo todo, pelo passado que retorna ao presente carregando consigo infância, orfandade, internato, descobertas afetivas, casamento, tudo.

Bem, aí vocês podem me perguntar: temos na Joana de Clarice, de certa forma, o mesmo fluxo de consciência da Rachel de Virginia? A minha sensação como leitora deste trecho é que tal fluxo é mais potente e intenso:

Tudo isso era impossível de explicar, como aquela palavra "nunca", nem masculina nem feminina. Mas mesmo assim ela não sabia quando dizer "sim"? Sabia. Oh, ela sabia cada vez mais. Por exemplo, o mar. O mar era muito. Tinha vontade de afundar na areia pensando nele, ou senão de abrir bem os olhos, ficar olhando, mas depois não achava para que olhar. Na casa da tia certamente lhe dariam doces nos primeiros dias. Tomaria banho na banheira azul e branca, uma vez que ia morar na casa. E todas as noites, quando ficasse escuro, ela vestiria a camisola, iria dormir. De manhã, café com leite e biscoitos. A tia sempre fazia biscoitos grandes. Mas sem sal. Como uma pessoa de preto olhando pelo bonde. Ela molharia o biscoito no mar antes de comer. Daria uma mordida e voaria até casa para beber um gole de café. E assim por diante. Depois brincaria no quintal, onde havia paus e garrafas. Mas sobretudo aquele galinheiro velho sem galinhas. O cheiro era de cal e de porcaria e de coisa secando. Mas podia-se ficar lá dentro sentada, bem junto do chão, vendo a terra. A terra formada de tantos pedaços que doía a cabeça de uma pessoa pensar em quantos. O galinheiro tinha grades e tudo, seria a casa dela. E havia ainda a fazenda do tio, que ela apenas conhecia, mas onde passaria d'agora em diante as férias. Quantas coisas estava ganhando, hein? Afundou o rosto nas mãos. Oh, que medo, que medo. Mas não era só medo. Era assim como quem acaba uma coisa e diz: acabei, professora. E a professora diz: espere sentada pelos outros. E a gente fica quieta esperando, como dentro de uma igreja. Uma igreja alta e sem dizer nada. Os santos finos e delicados. Quando a gente toca são frios. Frios e divinos. E nada diz nada. Oh, o medo, o medo. (LISPECTOR, s/a, ed. digit., pp.21-22)

Proponho que pensem um pouco sobre o que sentem depois da leitura. Que efeito tem. Que humanidade desvela. Porque Clarice é uma grande desveladora de humanidade. Tenho a impressão de que arranca os véus que cobrem nossos olhos com força, sem sutileza, sem riso no rosto, ela, uma mulher, sabemos, considerada por muitos amigos “esquisita”, taciturna, extremamente misteriosa.

Sua Joana me marcou muito na faculdade. Tanto que alguns anos depois, quando já eu lecionava, escolhi um trecho desse seu primeiro romance para elaborar uma questão de prova para meus alunos, dada a maestria com que aborda as complexas relações entre a linguagem e a consciência. Sem dúvidas, é meu trecho preferido de Joana, da sábia Joana, que na verdade não sabe responder, mas sabe perguntar como ninguém:

Olho por essa janela e a única verdade, a verdade que eu não poderia dizer àquele homem, abordando-o, sem que ele fugisse de mim, a única verdade é que vivo. Sinceramente, eu vivo. Quem sou? Bem, isso já é demais. Lembro-me de um estudo cromático de Bach e perco a inteligência. Ele é frio e puro como gelo, no entanto pode-se dormir sobre ele. Perco a consciência, mas não importa, encontro a maior serenidade na alucinação. É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é o que eu sinto mas o que eu digo. Sinto quem sou e a impressão está alojada na parte alta do cérebro, nos lábios — na língua principalmente —, na superfície dos braços e também correndo dentro, bem dentro do meu corpo, mas onde, onde mesmo, eu não sei dizer. (LISPECTOR, s/a, ed. digit., p.11).

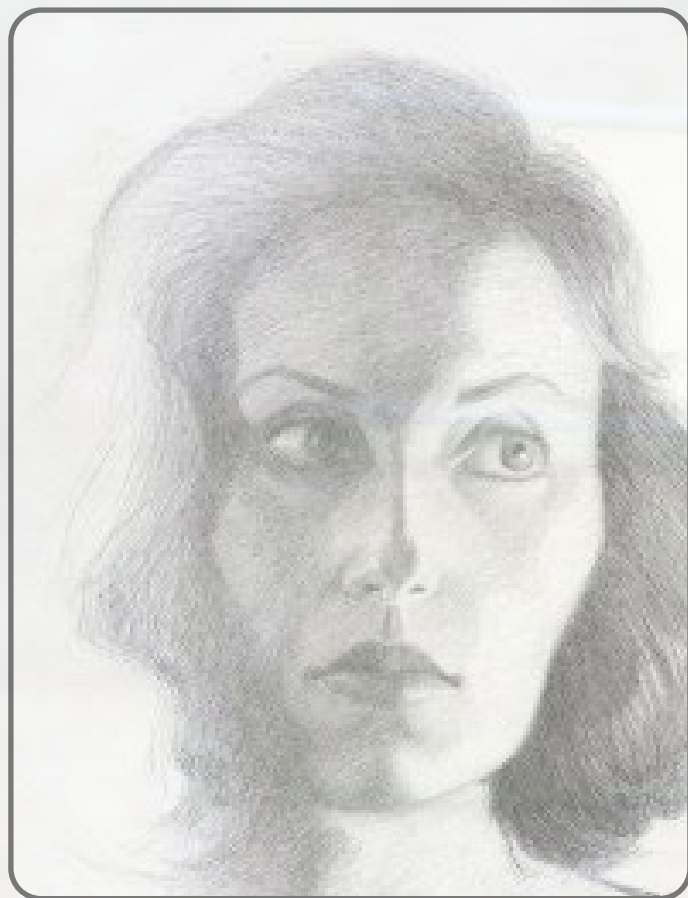
Virginia e Clarice revolucionaram. Um mundo predominantemente branco e masculino. Se entregaram à escrita para sua sobrevivência enquanto mulheres. Não dependiam dos aplau-

sos e dos prêmios (que naturalmente vieram), porque jamais escreviam para alguém além de si mesmas, porque escreviam para talvez fugirem da loucura, não acham?, dos fantasmas insistentes ou das banalidades indigestas demais.

Não finalizo sem antes mencionar que Clarice também experimentou a literatura infantil, com seu *O Mistério do Coelho Pensante*, logo premiado. Esse foi o mesmo caminho que eu encontrei para estreitar na ficção, com meu *De quem é a rua?*. E é um novo caminho que a Revista *The Bard* me permitirá explorar junto de vocês nas próximas colunas. Até lá!



Virginia Woolf (1882-1941)



Clarice Lispector (1920-1977)



Virginia Woolf (1882-1941)



Clarice Lispector (1920-1977)

Poema

A lucidez perigosa

Estou sentindo uma clareza tão grande
que me anula como pessoa atual e comum:
é uma lucidez vazia, como explicar?
assim como um cálculo matemático perfeito
do qual, no entanto, não se precise.

Estou por assim dizer
vendo claramente o vazio.
E nem entendo aquilo que entendo:
pois estou infinitamente maior que eu mesma,
e não me alcanço.

Além do que:
que faço dessa lucidez?
Sei também que esta minha lucidez
pode-se tornar o inferno humano
- já me aconteceu antes.

Clarice Lispector



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

Clarice Lispector

Autopoiese & Narrativas

04



Stella Gaspar



Stella Gaspar nasceu em João Pessoa, na Paraíba. Professora Universitária. Mestre, Doutora com Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Pesquisadora, escritora e poetisa. Ama escrever, aprecia as belas palavras e suas poéticas. Busca com seus escritos desvelar as belezas da alma. Lançou seu primeiro livro de poesias, em 2016: "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Também é autora de livros Técnicos nas áreas das Ciências Humanas. Coautora em várias Antologias. Atualmente escreve textos e poesias com diferentes temas no Blog da Editora Valleti Books. Colunista, pesquisadora e escritora da Coluna "Autopoiese & Narrativas", na Revista Internacional The Bard.

VOZES E ECOS TECIDAS NOS FIOS DA POESIA.

Sinto-me privilegiada com a sua leitura na coluna Autopoiese & Narrativas.

Meu interesse principal é trazer o mundo mágico, fantástico dos sentimentos das belezas tecidas nas "Vozes e ecos tecidas nos fios da poesia". É um tema que envolve o poeta que tece muitos fios nos seus caminhos de sensibilidades mediadas pelas linguagens poéticas.

Assim, nosso objetivo é criar para o leitor uma autopoiese de inspirações; vamos, portanto, buscar conexões com as essências das nossas vozes poéticas, caracterizadas pelas livres expressões tecidas nas diferentes formas de vivenciar suas emoções e imaginações.

Muitíssimo obrigada!

Bom percurso entre os fios, e bordados nos ecos das poesias!

A INSPIRAÇÃO CAINDO NOS BRAÇOS DA POESIA

É uma honra estar escrevendo nesta coluna "Autopoiese & Narrativas" um conteúdo tão encantador como a poesia e o seu mundo, á medida que penetra nas profundidades dos sentimentos humanos.

Para os que estão lendo e visitando pela primeira vez a nossa coluna na revista Internacional THE BARD, eu me apresento como sendo uma escritora que ama a arte e a literatura, valorizando as

vozes poéticas com seus ecos, nas suas diferenças, possibilitando escutas em suas manifestações artísticas e criativas.

São fascinantes as vozes poéticas nas poesias com as suas belas manifestações de sentimentos, lembranças, momentos e sensações ao longo da vida.

Nesse sentido, vamos aprofundando as reflexões acerca do tema proposto nessa Autopoiese

“VOZES E ECOS TECIDAS NAS TECELAGENS DA POESIA”.

Estamos construindo ponto a ponto, fio a fio com seus ecos, paixões, emoções e suas metáforas esta narrativa.

Na poesia podemos receber o reforço emocional e afetivo, o florescimento subjetivo, os detalhes e as inspirações únicas despertadas pela sincronicidade além da harmonia na fusão das cores, das energias e percepção do todo. Surge daí o desvelamento dos fios da poesia e suas múltiplas possibilidades sintonizando-se com a história de vida que - principalmente - o coração sente e vivencia. Ou ainda como diz o poeta:

“É preciso romper a placenta
Para nascer
Romper o tédio
Para criar
Romper o egoísmo
Para amar
Romper o casulo
Para voar
A vida é uma constante ruptura
Para não “morrermos”
Na rotina
Na massificação
Na indiferença
Aprender a romper
É sofrer rupturas
É integrar a dor
É curar feridas
Para então
Descobrir a alegria
O ritmo eterno
A Paz.

Ruy Cesar do Espírito Santo (2007p. 48)

A liberdade de pensamento é um aspecto fascinante. Na escrita das poesias podemos encontrar possibilidades, alternativas para o momento mágico da criação.

É importante observar que a escrita poética, envolve culturas que se misturam em pluriculturalismos, aflorando com naturalidade nossas manifestações artísticas, criativas, autopiéticas.

Consolidando o fantástico alcance que tem no universo, esse gênero literário e a sua multiplicação das vozes e ecos, a poesia reúne poetas e poetisas sem fronteiras, que se interpenetram nas leituras mediadas pelas narrativas de seus poemas, escritos com as vozes do coração, acertando no grande alvo que é o “amor”. Este sentimento-âmbito da nossa essência - é o sentido luminoso de nossa vida.

A escrita poética, lida com a essência, lembrando a famosa frase: o essencial é invisível para os olhos. Na poesia a visibilidade do que se deseja vê, se dá evocando os ecos das emoções.

É justamente nesse aspecto, que sentimos como as poesias são perfeitas, elas alcançam o recôndito de nossas profundezas sentimentais. Tudo começa com a inspiração que chega e soma-se a infinitos reais e metafóricos com percepções diversas. Esses aspectos são criadores poéticos, desenvolvendo uma narrativa especial.

Logo, o nosso interesse nesta narrativa, está em nos debruçar sobre a poesia e seus estímulos, fantasias, manifestações de amorosidades, sonhos e inspirações.



Autopoiese & Narrativas

POESIA PARA TODOS (AS)!

O poeta

Stella Gaspar

Tece amor

Tece paz

Tece vestimentas

Vestindo corpos amados despídos

O poeta é tecelã de sonhos

Tece chamadas de paixões

Com aromas suaves

Permanecendo no cheiro maravilhoso

Da beleza sensual, do amor.

Na poesia não existem fórmulas prontas, o passado e o presente se manifestam, rebuscam memórias nas lembranças de nossas histórias, por meio de palavras ou imagens, liberando sonhos, prazeres, devaneios e fantasias, livres de repressões.

Portanto, somos tecelões de palavras sedosas, doces e valorosas que nos deixam maravilhados com a realidade; tanto no micro, como no macrocosmo. Uma fonte sem fim, interminável, um fazer contínuo, em permanente construção, marcados por paixões, ansiedades, medos e outras emoções. É preciso voltar-se à profundidade de si mesmo, o que Jung chamava de inconsciente, e que na escrita poética podemos dizer: que é preciso buscar a centelha de luz onde ela se encontra. Buscar o fio mestre dos desenhos de suas poesias e saber que o hoje não é o ontem, que o ontem não é o momento presente.

A poesia precisa fluir ser parte das vidas que a busca e principalmente, o poeta não se conceber como máquina de produção de versos e rimas.

A poética começa em nós e no outro, começa com as frases e palavras, com tempos e destempos do amor, ao olhar o olhar, ao descompor - se o pensamento.

Ou seja, na narrativa poética, poemas, versos e rimas são feitas fio a fio em uma escrita tecida e

entrelaçadas com as vozes e os ecos das inspirações, bordadas nas tecelagens das fantasias, dos sonhos e das emoções. Tudo isso, forma a apaixonada significação poética.

Depois do percurso até aqui, podemos denominar o poeta e a poetisa, como sendo tecelões com inspirações capazes de revelar belezas, alegrias e amorosidades, sendo o vento suave para aqueles que buscam na sua poesia, o encantamento adormecido ou perdido.

A poesia é o encontro com as profundezas de cada um, é um momento libertador e cativante. Podemos também a definir como sendo afeto literário, capaz de oportunizar o desfrutar de si mesmo.

TECENDO E BORDANDO O AMOR NA POESIA

Amor pleno

Stella Gaspar

Amar...

Amar...

Amar...

Essa é a minha certeza

Amar um amor que compreenda

As minhas fragilidades

Inundando-me a alma de poesias

Com gotas de balsamos

Em perfeita sintonia com o canto

Do amor no meu coração

Noite e dia.

Sinto-me em contentamentos

Com as pétalas das flores

Que formam tapetes para celebrar

Caminhos de esperanças

Com ventos de vitórias

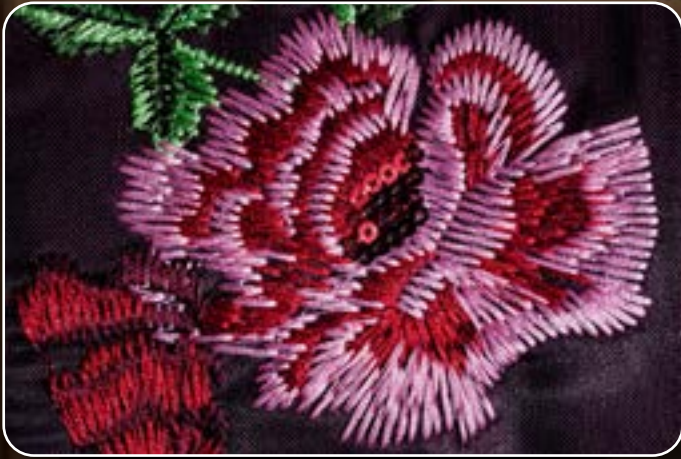
A favor de nós dois

Tudo é tão belo

Com você

Que me faz.

Amar... Amar... Amar.



Somos tecelões, tecendo fios de vida, marcas bordadas de histórias, além de abraços de felicidades ou infelicidades. As vozes e os ecos da poesia estão nas escritas, nas canções, nos lamentos, nas fomes e sedes de amor.

Assim, denominamos os poetas e as poetisas como sendo “Tecelões de sedas poéticas.” Na simplicidade de dizer eu te amo, na arte de escrever sobre o amor, no desnudar de seus ardentes desejos, nos prazeres entrelaçados, nas fantasias.

Para o poeta, sua “Lei” é o amor, direcionado para o seu amado com a paixão no universo sonhado.

OBRAS LITERÁRIAS CONVIDATIVAS



A romancista inglesa Virginia Woolf, do outro lado do Atlântico escreveu audaciosamente com um olhar histórico:

“Encarar a vida pela frente... Sempre... Encarar a vida pela frente, e vê-la como ela é... Por fim, entendê-la e amá-la pelo que ela é... E depois deixá-la seguir... Sempre os anos entre nós, sempre os anos... Sempre o amor... Sempre a razão... Sempre o tempo... Sempre... As horas”. Virginia Woolf

Sempre é bom lembrar as clássicas palavras de Virginia Woolf, elas desencadeiam o entendimento de que vida, poesia, paixão e amor são artes que os corações dos poetas e poetisas tecelões, sabem muito bem tear, cada vez tecendo sonhos, saudades, imaginações e composições iluminadas pelas inspirações.

É possível notar nos escritos de Clive Staples Lewis (2017, p. 31) a classificação dos amores escritos nos poemas.

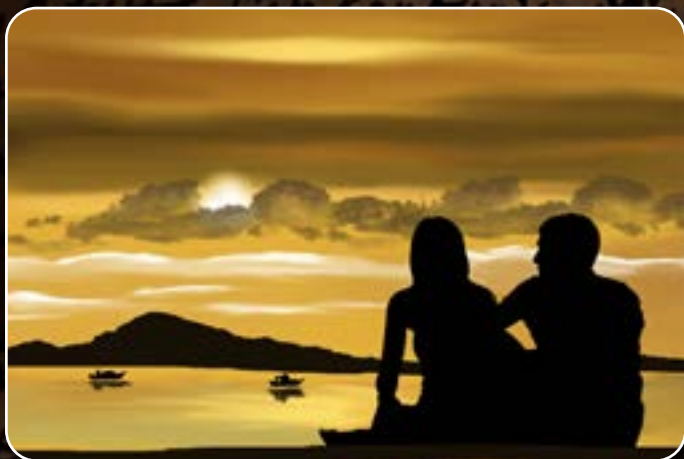
O Amor-necessidade (não posso viver sem ele ou sem ela)

O Amor-dádiva (aspira dar a felicidade, conforto e proteção e se possível segurança material).

O Amor- apreciativo (contempla, suspira e fica em silêncio, alegre-se que essa maravilha existe, ainda que não para si, e se não, sentir-se-á totalmente desanimado ao perdê-lo, se contenta com a situação mais do que se não a tivesse visto na vida).



Autopoiese & Narrativas



Podemos observar que na escrita poética esses três elementos destacados pelo escritor C. S. Lewis; as poesias, os poemas, e os versos sintonizam e se harmonizam com o sentido de amor escrito por muitos poetas, por ser o amor uma necessidade permanente de vida, de luz, de inspiração.

O “Amor” e o “amar” são grandes possibilidades de conexões e aproximações entre as dimensões das poesias promovendo sons com músicas, palavras poéticas e outras formas. No livro O apóstolo da compaixão, J.C. Ismael (1984) afirma: que “a arte é parte da compreensão mística e contemplativa do mundo e que as paixões humanas têm de se transfigurar pelo amor...”, ou seja, a arte é o caminho que nós humanos podemos produzir

belezas, sendo o amor o condutor desse processo. Somos seres de amor, por nós e pelo outro. Essa é a magia do ser humano.

ECOS DO AMOR E DA PAIXÃO

Considerado o maior dramaturgo de todos os tempos, William Shakespeare, escreveu verdadeiras obras de arte que influenciaram e que ainda influenciam gerações além do seu tempo. Apesar de suas peças terem feito seu nome ressoar pelos séculos, seus poemas também revelaram sua genialidade enquanto maior escritor britânico de toda a história.

Os poemas de Shakespeare sobre o amor e a instabilidade da vida nos mostram que o artista amou, sofreu e viveu paixões que só poderiam ser expressas de uma maneira: através das palavras.



Viver a eternidade do agora, na poética de dar vida à nossas imaginações, às levezas dos versos em toda solenidade de seus silêncios.

Assim, descreve Shakespeare nos seus poemas:

Não tem olhos solares, meu amor;
Mais rubro que seus lábios é o coral;
Se neve é branca, é escura a sua cor;
E a cabeleira ao arame é igual.
Vermelha e branca é a rosa adamscada

Mas tal rosa sua face não iguala;
E há fragrância bem mais delicada
Do que a do ar que minha amante exala.
Muito gosto de ouvi-la, mesmo quando
Na música há melhor diapásão;
Nunca vi uma deusa deslizando,
Mas minha amada caminha no chão.
Mas juro que esse amor me é mais caro
Que qualquer outra à qual eu a comparo.

William Shakespeare

Há quem diga que todas as noites são de sonhos.
Mas há também quem garanta que nem todas, só as
de verão. No fundo, isto não tem muita importância.
O que interessa mesmo não é a noite em si, são os
sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre, em to-
dos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo
ou acordado.

William Shakespeare

Duvida da luz dos astros,
De que o sol tenha calor,
Duvida até da verdade,
Mas confia em meu amor.

William Shakespeare

Os poetas têm suas histórias e são elas que
despertam nossas imaginações no universo das pai-
xões, dos romances, dos saudosismos e da dor do
amor.

Pablo Neruda é um autor da literatura chile-
na (1920). Suas obras são marcadas, por um tom me-
lancólico e saudosista. É perceptível, também, o ero-
tismo associado à temática amorosa. O autor trabalha
com elementos do cotidiano, faz crítica sociopolítica
e enaltece a cultura latino-americana.

Paixão e amor, um trabalho poético com uma
linguagem que encanta amantes de todos os conti-

nentes. A paixão nos versos de Neruda forma um
embrião do amor em seus sonetos e poemas.

Suas verdades poeticamente escritas incluem
magia e fantasia, incorporando o delírio e a ima-
ginação. É sempre uma literatura maravilhosa e
apaixonante.

Tenho fome de tua boca

Tenho fome de tua boca, de tua voz, de teu pelo
e por estas ruas me vou sem alimento, calado,
não me nutri o pão, a aurora me altera,
busco o som líquido de teus pés neste dia.
Estou faminto de teu riso resvalado,
de tuas mãos cor de furioso silo,
tenho fome da pálida pedra de tuas unhas,
quero comer teu pé como uma intacta amêndoa.
Quero comer o raio queimado em tua formosura,
o nariz soberano do arrogante rosto,
quero comer a sombra fugaz de tuas sobranceiras.
E faminto venho e vou olfateando o crepúsculo
buscando-te, buscando teu coração quente
como uma puma na solidão de Quitratúe.

Pablo Neruda

Te amo

Te amo de uma maneira inexplicável,
de uma forma inconfessável,
de um modo contraditório.
Te amo, com meus estados de ânimo que são muitos
e mudar de humor continuamente
pelo que você já sabe
o tempo,
a vida,
a morte.
Te amo, com o mundo que não entendo
com as pessoas que não compreendem
com a ambivalência de minha alma
com a incoerência dos meus atos
com a fatalidade do destino
com a conspiração do desejo

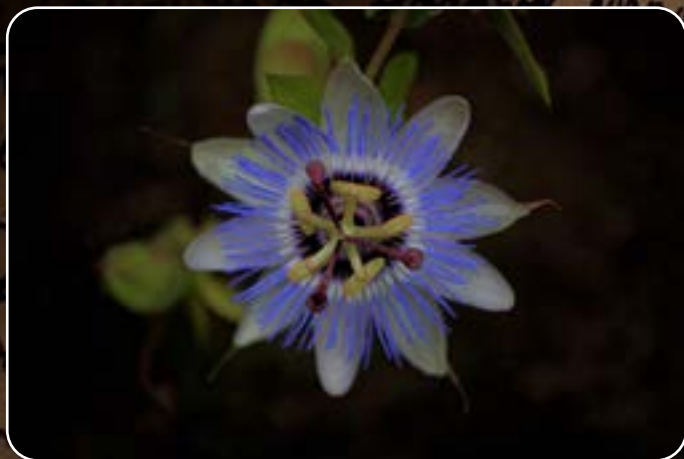
Autopoiese & Narrativas

com a ambiguidade dos fatos
ainda quando digo que não te amo, te amo
até quando te engano, não te engano
no fundo levo a cabo um plano
para amar-te melhor - Pablo Neruda

SONETO XVII

(...)
Amo-te como a planta que não floriu e tem
Dentro de si, escondida, a luz das flores,
e, graças ao teu amor, vive obscuro em meu corpo
o denso aroma que subiu da terra.
Amo-te sem saber como, nem quando, nem onde,
Amo-te diretamente sem problemas nem orgulho:
amo-te assim porque não sei amar de outra maneira,
a não ser deste modo em que nem eu sou nem tu és,
tão perto que a tua mão no meu peito é minha,
tão perto que os teus olhos se fecham com meu sono.

Pablo Neruda



FIOS E ENTREFIOS : UM POETIZAR DE ENCONTROS



A arte é um lugar de encontros, uma linguagem universal e expressão máxima de interlocuções com as dimensões do inconsciente.

É nesse espaço que a arte de poetizar nos brinda com suas entrelaçadas autopoieses expressivas; cheios de lapidações os poetas por meio de suas poesias belíssimas, nos oportunizam o vislumbrar dos sentimentos contidos nas matizes psíquicas.

Trouxemos nesse artigo a poesia comparada com um tear, tecendo brilhos de emoções. O ser inquieto procura quietude, necessita ser ouvido, ser visto, procura pertencimento, desvelando essas manifestações em suas produções artísticas.

É prazeroso ler uma mensagem poética bem fundamentada, contextualizada e apoiada nas experiências autorais.

A narrativa aqui apresentada está entremeada com a arte de poetizar, que se dispõe como uma tapeçaria, entrelaçada para formar uma única peça, a "poesia".

Prosseguindo, narramos sobre a importância dos estímulos que a escrita das poesias têm, otimi-

Por Stella Gaspar



COLUNAS E COLUMNISTAS

zando as inspirações , tecendo fios nas construções como o encanto e o prazer poetizado.

Finalizamos, convidando a todos para impregnarem-se de corpo e alma com esse doce sentimento.

Façamos como os poetas que não se cansam de escrever sobre o amor e de mostrá-lo como a força mais poderosa que pode levar-nos à felicidade.; fascinando-nos e deixando-nos encantados.

A todos, meu sincero agradecimento.



INSTAGRAM

POST NO SITE



Frases & Pensamentos

Ouço o soluçar da terra na floresta, debruçados
estão à beira do rio, eles estão a procura de luz!

Patrícia proença

O simbolismo poético do teu olhar é o sorriso
da flor que se oferece ao amor da vida.

Renato cresppo

Escrever é traduzir sentires
em idiomas desconhecidos
só porque a poesia quis assim.

Jaque Alennnar

Em mil poesias nos encontremos nas esquinas de
cada sílaba, nos ventos de cada advérbio, para escutar o
sujeito em seus discursos e infinitos predicados... Mas
furte-nos sempre, de nossos pontos finais.

J.B Wolf

A vida é como um sonho; é o acordar
que nos mata.

Virginia Woolf

Sentir que posso amar me deixa no limiar de
excitabilidades. Que até em pensamentos eu ame,
em todas as verdades do visível e real amor!

Stella Gaspar

Não existe nada mais gratificante,
do que fazer pessoas felizes.

Sidnei Capella

A gente tem o direito de deixar o barco correr.
As coisas se arranjam, não é preciso empurrar
com tanta força.

Clarice Lispector

O amor já está, está sempre. Falta apenas o gol-
pe da graça - que se chama paixão.

Clarice Lispector

Uma paixão tão completamente centrada em si
recusa o resto do mundo tal como a água límpida e
calma filtra todas as matérias estranhas.

Virginia Woolf

Frases & Pensamentos

A flecha atinge alvos, a Poesia almas.

Benjamim Apolonio

Chegou a hora de viver toda a poesia que eu não soube escrever.

Carla Garcia

Há dores que são águas-vivas
Queimam a superfície e se tornam visíveis.
Outras são como caracóis
que se escondem em suas conchas.

Edna Lessa

Tenho várias caras. Uma é quase bonita, outra é quase feia. Sou um o quê? Um quase tudo.

Clarice Lispector

“SUA FRASE AQUI”

Amor é vida! Vida é amor!
Quem ama, não guarda rancor.

Sidnei Capella

Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho.

Clarice Lispector

Quando eu aprender a contemplar o belo vou, enfim, ter noção do imenso poder da gratidão;

Benjamim Apolonio

O silêncio do grito escondido no peito é ensurdecedor.

Carla Garcia

Não se acha a paz evitando a vida.

Virginia Woolf

E AÍ, QUAL É O FILME?

01



Lauro Henrique 

Editor, professor, escritor, crítico literário e palestrante, é mestre e Doutorando em Literatura pela UFSC, graduado em Letras – Português/Inglês. Atualmente é professor efetivo da rede estadual de ensino de SC e é o criador do Canal no YouTube “Literatura do Medo”.

E aí, qual é o filme?

Hercule Poirot, Dana Scully, Fox Mulder, L. Rorschach, Tintim, Sam Spade, Maigret, Batman ou o lendário Sherlock Holmes? Será você o próximo grande detetive?

Antes de entrarmos nas pistas propriamente ditas, pensemos na origem do gênero e sua importância, visto que é um dos gêneros mais vendidos. Difícil não entrar numa livraria e ver uma prateleira cheia de livros do King ou da Agatha Christie, livros que são constantemente aproveitados por famosos diretores e levados para a grande tela. Enfim, voltando a sua origem em Boston, no ano de 1809, nasceu Edgar Allan Poe, um grande escritor que até hoje é estudado e discutido nas maiores academias do mundo, sendo ele um motivador da minha entrada no mundo da leitura, graças aos seus contos fantásticos.

Considerado por grande parte da crítica como “Pai do Gênero Policial”, é criador do detetive Auguste Dupin, um dos primeiros detetives da ficção criminal. Tal fato é fundamental visto que, em seus contos policiais, tem-se aquela trama que será a fórmula adotada por grande parte dos escritores do gênero, o clássico personagem flâneur, um detetive com um grande poder de observação, conhecedor das minúcias da metrópole

e dotado de uma enorme habilidade de dedução que normalmente encontra o culpado por algum crime. E o enigmático filme aqui proposto possui justamente vários - se não todos esses elementos -, além de algumas inovações e efeitos que, na época, foram extremamente marcantes.

Com o tempo, essas tramas foram ficando mais complexas pelas mãos de diferentes autores, bem como seus personagens que ganharam notoriedade citando o grande Sherlock Holmes de Conan Doyle ou Hercule Poirot de Agatha Christie. A cada novo autor, o gênero foi se desdobrando em vários estilos, cada qual com sua singularidade, e logo esses grandes detetives saltaram das páginas dos livros e caíram no cinema, nas HQs e nos desenhos animados.

Aqui, eu lhes dou uma dica importante sobre o filme deste desafio, seu estilo dialoga com o noir. Noir é uma expressão francesa que significa “filme negro”, muito influenciado pelos romances de suspense/thriller e pela depressão e angústias das décadas de 1930-1940. Muito associado aos romances americanos, os detetives desse gênero são problemáticos, solteiros e amargos, e o filme traz muitos desses elementos noir encontrados nos mais diversos romances, os quais vão desde um detetive com problemas

de alcoolismo a uma linda e perigosa mulher que, ao menor descuido, pode lhe apunhalar tirando uma arma escondida de seu longo vestido.

Tudo isso partindo sempre de uma das maiores - se não a maior - motivações de qualquer mistério: um homicídio. Procure qualquer bom romance policial, ele tem que possuir uma pitada de romance seguido de um assassinato ou desaparecimento. Claro que não custa dizer que esse filme é baseado num romance policial repleto de conspirações, surpresas e muitas reviravoltas. O filme, posso dizer, é uma homenagem a uma série de outras produções famosas que estão presentes desde sempre em nossa imaginação.

A premissa desse filme é um artista que contrata um detetive para investigar alguém que ele acredita estar lhe traindo e, no desenrolar da trama, quanto mais o detetive descobre, maior é o perigo, pois ele se vê enroscado numa trama de roubo, vingança e mentiras. Logo, morre alguém de um alto cargo na empresa do artista e as coisas se complicam porque as suspeitas recaem sobre o atrapalhado artista. O detetive não chega a ser um Sherlock Holmes, mas pode-se dizer que ele é competente, com cenas de ação e várias mulheres sensuais interagindo com o protagonista, pistas e muitas perseguições de carro que são, a meu ver, cômicas.

Como todo bom detetive de romances noir, ele é assombrado pelas mágoas do passado por ter perdido pessoas de que gostava em virtude de sua profissão, cheio de traumas e medos que ao longo do filme serão superados. E a cereja do bolo dessa produção é a interação entre ele e seu parceiro atrapalhado. Eu diria que é um filme completo, pois mescla um pouco de comédia, ação, drama e tudo isso munido daquela crítica social ácida que somente adultos compreenderiam.

Quando falo de crítica social não me refiro à violência ou à criminalidade porque isso o filme não explora muito, a sua maior força é dialogar com a diferença. Alguns grupos são marginalizados, o que fica visível ao longo da obra; o desrespeito com aqueles que são diferentes do padrão social aceito como ideal. Os mais radicais querem dividir a sociedade em dois grupos; outros desejam que eles sejam mandados embora, e o filme explora muito bem esse aspecto deixando claro que existem aqueles que lutam pela igualdade de direitos e aqueles que simplesmente acreditam serem melhores. Não fica difícil fazer uma analogia à exploração que aconteceu em diversos países, já que o grupo é levado a viver isolado da grande metrópole.

Com essas dicas, acredito que tenha ficado um pouco melhor, mas assim como um bom detetive, em alguns momentos é preciso um pouco de sorte e o personagem desse filme é muito sortudo, pois seus principais perseguidores não são muito astutos: aquele grupo de capangas desmiolados que somente fazem besteira, deixam passar detalhes importantes e nunca estão prontos na hora certa, mas que podem tirar a vida dos protagonistas facilmente com o pedido do seu chefe.

Outro aspecto importante que me marcou nessa produção são os vilões, todo e qualquer filme de policial, suspense, terror, comédia ou de ficção científica no qual você viaja no tempo, ou fala com robôs, etc., depende de um vilão bem construído. E aqui isso não é diferente, o vilão é perverso e possui motivações muito estranhas, do tipo egocêntrico, que chega com sua roupa preta como representação da morte. Inclusive, o ator dessa película atuou em grandes clássicos do cinema e, provavelmente, se você é como eu e curte um bom filme, já o viu fazendo muitos personagens desde o mais esperto até aquele careca mais sombrio.

E AÍ, QUAL É O FILME?

Espero que com todas essas pistas tenha conseguido rivalizar com Sherlock, mas se não conseguiu, vou deixar uma pista final para que você não abandone sua função de detetive logo no início: foi um filme que serviu para unir grandes “pessoas”.

Foi um prazer estar com vocês neste pequeno momento, espero ter ajudado um pouco e se você, após a solução deste belo enigma, não assistiu ao filme, deixo aqui o convite para tal.



SITE

Clique no botão e participe



P R Ê M I O



É Assim que Acaba

Colleen Hoover

E aí, qual é o filme?

Por Lauro Henrique



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

REVISTA THE BARD
EDIÇÃO SET/OUT 2022

E aí, qual é o filme?



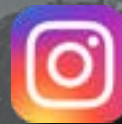
RESPOSTA EDIÇÃO ANTERIOR

E AÍ, QUAL É O FILME?

REVISTA THE BARD
EDIÇÃO JUL/AGO 2022



Festival Eurovision da
Canção: a saga de
Sigrit e Lars



GANHADOR:

Perfil no Instagram
Giovani Salgueiro

@giovani_salgueiro



CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

SITE



YOUTUBE



INSTAGRAM





O Nome da Rosa

Por Lírio Reluzente

Minha memória guarda uma história. Não é uma ferida recente, mas reabre nos momentos em que estou mais fragilizada. Como tantas outras mulheres, às vezes deixo as pressões do dia a dia me encobrirem de dor. Mais cedo ou mais tarde, porém o coração e a mente voltam à fonte de coragem.

Aqui quem lhes fala é Ester D'Arc.

A realidade às vezes nos obriga a fazermos certas adaptações e a nos sujeitarmos a determinadas condições. O que esperar de uma simples suburbana?

Fui largada à mercê da sorte. A vida é feita dessas pequenas coisas que vemos e sentimos a cada dia - coisas simples, mas que nos dão mais vontade de viver. Coisas pesadas, que cravam a alma profundamente e nos restringe a um abismo particular.

Quando a maioria de nós pensa em líderes, pensamos em homens. Mas eu penso em mim como mulher à frente do meu tempo. Sempre protagonizei momentos intensos de despedidas, de dor, de vitórias.

A vida ceifada de minha mãe em meu parto. Talvez se eu não tivesse nascido, seus dias na terra teriam sido mais prolongados. Ah! como eu queria tê-la conhecido e sentir o aconchego de seus braços.

O corpo de meu pai estirado no chão da sala no auge dos meus 18 anos. A jogatina lhe cobrou um alto preço. Aqueles que eu amava se foram precocemente e me senti sozinha no mundo.

Dizem que o amor é ferido que arde sem se ver, mas a minha foi bem visível. Ainda carrego as cicatrizes em minha pele sofrida. O olho roxo não era maquiagem borrada, mas era o rastro das constantes surras rumadas a mim.

Foram noites intermináveis, eu só chorava. Bem no auge da minha dor, nada me consolava. Amado filho que me foi tirado sem que eu pudesse ver seu rosto. O ensanguentar de meu ventre ainda martela em minhas memórias. A maternidade me foi negada pela segunda vez.

Fui jogada na fogueira da humilhação.

Mas sou ruiva e carrego a cor da fênix em meus fios. Renasci das cinzas e me libertei. Quebrantei as relíquias medieval do rutilismo.

Eu me descobri mulher, guerreira, forte, independente. Eu honro as minhas ancestrais que deixaram seu legado de fé e coragem.

Aprendi a ganhar, perdendo... perdendo o medo de lutar contra a desigualdade social, de ir além dos meus próprios limites. Não me sujeitar a um paradigma de que mulher é sexo frágil. Não baixar a cabeça para as adversidades e provar que sou águia viva.

Ainda que a lua adormeça e não haja o brilho das estrelas, eu não temerei, não.

Aprendi a subir, descer... descendo ao fundo do poço. Doeu, doeu, mas eu venci. Neste momento, ergo a taça em um brinde ao meu renascimento. Valeu muito as ocasiões experimentadas. Hoje sou mulher à frente do meu tempo. Sou uma mulher vitoriosa na guerra.

Escritora Lírio Reluzente

INSTAGRAM



POST NO SITE





A casa fria

Por Regiane P. Borges

Bato, os cachorros latem, a porta se entreabre. Me apresento ao proprietário, que informa que os cachorros serão fechados.guardo e posteriormente a porta se abre por completo. Na minha frente, um senhor que aparenta ter uns sessenta e cinco anos. Preciso, ciente de seus deveres e direitos e com características típicas de morador de grandes capitais. Adentro o imóvel, nem por segundos os cachorros param de latir, contrastando com o silêncio do bairro. Mesmo com os latidos atrapalhando qualquer forma de interação, analiso o terreno. Tamanha diferença de cultura se apresenta a minha frente. Tudo ali é único. A casa projetada e cunhada pelo próprio dono e que em muito difere do padrão costumeiro do interior. O projeto em si é de uma imensa sofisticação e ao mesmo tempo surreal que beira à arte. No quintal, o acondicionamento das coisas foge à normalidade. Pilhas de materiais diversos poderiam ser retirados dali para um maior fluir do ambiente externo. Pergunto se está à venda e como resposta recebo um sim. – Posso vê-la? Pergunto. – Claro! Responde o calmo e distinto senhor. A casa foi lateralmente construída, cercada de uma ampla área aberta que cobre seus três principais lados. A casa poderia ser adentrada em todos os seus cômodos, separadamente, portas foram abertas ao longo de toda a sua extensão. Primeiramente fui convidada a entrar na sala e cozinha conjugadas. Umhas cinco janelas perfaziam o total no ambiente duplo e sofisticado, favorecendo um clima ameno em pleno verão. Saímos do ambiente, e retornamos para área externa, ponto de partida para todos os ambientes. Adentramos a suíte principal da casa, o quarto com dois closets entre o banheiro, ideal para a guarda de todo tipo de pertences pessoais, tamanha a sua dimensão. Voltamos para o ponto de partida, dali adentramos uma outra suíte menor, com a mesma sofisticação da primeira, essa sem closet. Novamente do ponto de partida, entramos em um pequeno quarto, de tão pequeno tive dúvidas se caberia uma cama simples no interior do mesmo. A casa contava ainda com dois banheiros externos, sofisticados também, porém, pequenos. A casa toda era fresca, afinal era toda forrada com isopor entre gesso, única casa com este sistema de forramento naquela cidade interiorana. Moderna!

Imaginei aquela casa sem aqueles objetos ali, expostos desordenadamente, com certeza uma limpeza resolveria. Concluí que seria uma ótima residência, no entanto, algo me intrigava naquela casa fria, naquele senhor, naquele ambiente desorganizado. O que levaria o proprietário a vender uma casa que acabara de construir? Ademais, uma casa personalizada como era aquela.

Enquanto conversávamos sobre assuntos diversos, fiquei tentando entender o contexto de trocar a cidade grande por uma cidade pequena e ainda, imaginei como era a vida daquele senhor em sua casa fria,

que horas acordava, se tinha uma alimentação saudável, que horas se deitava, dentre outras coisas que fazemos no cotidiano.

Não ousei perguntar. O senhor não mencionou nada. Ficamos olhando um para o outro e por um momento tive a impressão que seus olhos marejaram. Despedi-me e me retirei da casa. Prometi a mim mesma, voltar um dia, não para comprar a casa, mas somente para conversar com aquele senhor agradável, e talvez ajudá-lo. A imagem do senhor e sua casa fria não me saiu do pensamento, nos dias que se seguiram. A personalização daquela casa e a história de seus moradores se entrelaçam na vida daquele simpático senhor, que talvez em outras oportunidades e com um pouco de genialidade, eu consiga desvendar.

Escritora Regiane P. Borges

FACEBOOK



POST NO SITE





A lenda da Tigris

Por Juliana Rossi

Terceira parte – O Casamento

Ao amanhecer Neta mãe e avó estão apreensivas, e logo se vê o movimento, os servos e servas de Nadesh preparando a área onde ocorrerá o casamento, flores silvestres, decoração muito bela e natural com madeira e bambu, o nervosismo é grande, logo chega duas mulheres procurando Leona, elas vieram fazer a preparação da noiva. Chegam a próximo a tenda a mãe de Leona vai ao encontro, e lhes dizem:

– Viemos levar Leona para prepara-la para seu Rakã, lá ela irá ficar até o momento do casamento, será muito bem tratada, com banho massagem e boa alimentação.

– Mas nós mesmas iríamos prepara-la, eu a mãe com a avó seria um momento nosso. Diz Surya, com uma certa tristeza.

– Não se preocupe, se desejar você pode acompanhar, ou você ou a avó. Diz uma das servas.

– Eu posso acompanhar, você tem as meninas e o pai de Leona para dar assistência. Diz vovó Nadabe tentando manter calmas, Mãe e filha, que não esperavam se separar ainda.

– Obrigada mamãe!!! Diz Surya, abraçando Nadabe.

Então é o momento da despedida, elas se abraçam, Leona beija suas irmãs e não esconde as lágrimas, e a sua preocupação.

São levadas ao povoado de Nadesh, e entram em um tipo de harém, onde tem várias mulheres e servas dele e empregados, são recebidas com um farto café da manhã. Mas Leona não tem apetite, e sua vó insiste para ela se alimentar, ela bebe apenas um suco de frutas, então uma das mais velhas esposas de Nadash, e cega de um olho diz a menina:

– Oh Menina, você precisa comer, se não até a noite você vai passar mal, sei que deve estar assustada, mas se não se alimentar, será pior, coma esse pão faça esse esforço.

Então Leona aceita o pão, e o come. Não resiste e pergunta:

– Perdão senhora, você perdeu uma vista? O que houve?

– Tudo bem, menina eu sirvo de aviso não desobedeça a seu Rakã, eu fui imprudente, e ele me puniu, não fique assustada, você será mais esperta e não desobedecerá! Respondeu a mulher tentando manter a menina calma.

Leona prefere não perguntar mais nada. Logo após ela é levada para banho e massagem, com música relaxante, e alí entre as mulheres ela consegue relaxar um pouco e dormir, pois, a noite passada mal fechou os olhos. Vovó Nadabe também descansa ali em uma cadeira confortavel de bambu zelando por sua Neta.

Chega o momento de se vestir e adornar para o casamento, trazem até Leona o vestido que Nadesh lhe deu, flores para o cabelo, e a vestem e arrumam seus lindos cabelos negros e longos, uma das servas lhe diz: - Seu Rakã ficará feliz, você está linda, mas tente sorrir e ficará perfeita.

- Não consigo, já é uma luta para mim não chorar. Diz Leona respirando fundo, olhando para sua avó que está ali ao lado dela sempre. Vovó Nadabe pega em suas mãos e diz com ternura: -Minha querida, você é mais forte do que imagina, somos mulheres, nossa força não é física.

Chega a porta uma bela cadeira de transporte, carregada por dois homens fortes, onde levarão Leona até seu Rakã. Descem a cadeira e ficam à espera da noiva.

- Menina, chegou a hora, o sol vai se por, honre seu pai e sua família, O grande Radakã quer assim, sirva seu Rakã até o fim de sua vida. - Diz a primeira esposa de Nadesh.

Vovó Nadabe, abraça mais uma vez sua neta, agora bem apertado enxugando uma lágrima que cai dos olhos da neta. Leona sai em direção ao transporte, e senta-se, quando os homens a levantam nos ombros, ela vê seu guardião o tigre que observa tudo discretamente e em silêncio, vê-lo lhe transmite coragem, embora ainda não faça ideia do que irá acontecer.

Leona atravessa o povoado de Nadesh, e é observada por todos, então entra no seu povoado, e todos que a veem sorriem e saúdam a moça filha de seu líder Norí, é levada ao centro da tribo onde está tudo preparado para a cerimônia, logo avista sua mãe e irmãs, e se emociona um pouco, mas está tentando se controlar, baixam a cadeira de transporte a um metro de distância do palco onde Nadesh já está sentado, o homem é muito obeso, com uns 50 anos de idade, para a menina ele é assustador, e seu semblante demonstra toda a maldade que ele carrega das muitas vidas que já tirou. Então Nadesh sinaliza com a mão a Leona para ela vir com ele, a moça se levanta respira fundo e vai, caminha até ele, ela está desconfortável com seu vestido que mostra muito seu corpo, as fendas o decote, e ele a olha como se ela fosse um pedaço de carne, ela para diante dele, e ele diz:

- Linda virgem, chegue mais perto!

Leona se aproxima ele coloca a mão na fenda do vestido dela e começa a tocá-la nas coxas e na sua genitália, a menina fica enojada e cuspi na cara dele dando um passo para trás.

- Ahahahahaha - Ela é brava, adoro domar mulheres. Diz Nadesh se divertindo com a situação.

- Vamos a cerimônia, ela me deixou com pressa, deixem uma tenda preparada, quero tê-la logo após a cerimônia. Ordena Nadesh!

Leona olha em direção das sua Mãe e irmãs, elas estão chorando, com medo, e o pai descontente, pela atitude da filha. Vovó Nadabe já está lá com elas, e está ajoelhada rezando pela neta.

Começa a cerimonia, música de flautas e fumaça perfumada, e vem Gówa, o líder espiritual, dizendo e voz bem alta:

– Estamos aqui diante de nosso deus Radanakā, para consagrar a união Leona a partir de hoje pertence a Nadesh, este será seu Rakā e ela deve a ele obediência pelo resto de sua vida.

Quando a música termina, Nadesh não espera mais nada, se levanta olha para seus servos e diz:

– Onde está a tenda que pedi?

– Já está pronta, é está a primeira saindo do palco. Diz o servo sinalizando para mostrar o caminho.

– Venha Leona! Diz Nadesh.

Leona, não quer aquilo e pensa bem, vou com calma vamos ver se ele acredita em minha submissão. Então ela vai caminhando lentamente e pensando em mil coisas. Procura o tigre olhando pra todo lado, mas não o avista, entra na tenda, Nadesh se senta e diz a menina, me sirva vinho. Ela obedece, se lhe entrega a bebida. Ele diz:

– Que bom resolveu obedecer, agora dance para mim!

Leona se afasta um pouco, e começa a dançar, após alguns passos ela corre para fora da tenda Nadesh nem tenta ir atrás, é muito lento, mas seus servos estão logo atrás, Nadesh sai da tenda e sem pensar muito diz:

– Preparem uma fogueira, e todos terão de assistir Leona queimar!!! Quem essa menininha pensa que é? Diz ele cheio de ódio.

Os seus servos começam a preparar a fogueira, e a notícia se espalha, as mulheres estão em prantos, sua mãe tenta se aproximar de Nadesh, e ajoelhada no chão pede misericórdia. Mas ele a ignora, e Grita:

– Norí! Sua filha já lhe causou vergonha, venha e impeça que sua esposa cause ainda mais vergonha.

O Pai de Leona, pega a sua esposa Surya pela mão e diz:

– Venha não adianta falharmos em preparar Leona, deixe a lição servirá de aviso a suas irmãs.

Surya está desconsolada, e se junta a vovó Nadabe e as meninas em lamentos, orando para que não encontrem sua filha. A final a menina conhece bem a floresta, e já está escuro.

Mas não adiantou os homens estão voltando com suas tochas acesas, e se

ouve o choro de Leona, ela chora muito alto! Nadesh vai até ela e rasga seu vestido, deixando-a nua, e diz arrogantemente:

– Você me pertence, achou que nosso grande Radanakã iria poupa-la? Ele a entrega de volta a mim, e você não me agrada! Virando para a fogueira grita: - Queimem-na! Agora!

Surya e as outras mulheres da casa estão de joelhos, choram e oram, pela menina em silêncio, os homens de Nadesh a amarram no mastro, e o som do choro das mulheres é alto. Então começam acender a fogueira, Nadesh está sentado diante da fogueira tomando vinho. De repente quatro tigres surgem ferozes, um ataca diretamente Nadash e o mata rapidamente arrancando-lhe a cabeça o maior deles pula direto na fogueira a confusão é grande gritos de Leona, rugidos de tigres as pessoas correndo a fogueira explode e sai de lá um tigre de fogo que sai em direção da floresta, o fogo da fogueira se apaga e os homens de Nadesh gritam:

– O corpo da menina não está aqui!

Os tigres correm para a floresta juntos do grande tigre de fogo, todos estão atordoados, não vão atrás deles, a mãe de Leona e a avó se abraçam sentindo esperança. Logo a Coruja aparece no galho de uma árvore próxima, elas vão em direção dela crendo que seja Doot, a mensageira, e estão certas!

– Não fiquem aflitas, Leona e o tigre se fundiram no fogo, agora são um. Diz Doot levantando voo e vai embora discretamente. Para não chamar a atenção.

Vovó Nadabe e Surya se abraçam e sentem paz no coração. Recolhem as meninas e retornam para suas tendas, mantendo isso somente entre as duas.

Todos estão se recolhendo assustados, os homens de Nadesh recolhem o que sobrou dele e junto de seu filho mais velho Kabir, começam a preparar o enterro. Kabir ordena:

– Amanhã ao nascer do sol, todos devem procurar Leona ou seu corpo, se ela estiver viva, tragam a mim.

Continua...

Escritora **Juliana Rossi**

1ª PARTE



2ª PARTE



3ª PARTE



INSTAGRAM





A Farsa de Francisquinha Ferreira

Por Pádua Dias

Francisquinha Ferreira, filha de Francisco Ferreira Filho, ferreiro famoso da falida Ferraria Ferroso.
Frequentava festas de finas famílias.
Falava firulas e fazia fama com frases fofas em fotos no Facebook.
Faceira, fazia fãs facilmente.
Flertava com Fabinho, filho franzino do forrozeiro Fúlvio Ferraz.
Fabinho flertava com Fatinha, filha da fiandeira dona Fia, que ficava com Fabiano, um crossfiteiro forte da fuça fechada.
Foram a uma festa no fim das férias em Formoso.
Ficaram frente a frente.
Desconfortável, Francisquinha falou falsamente:
Fatinha, sua fofa! Fabulosa sua flor de fitas.
Fatinha ficou furiosa, disfarçou e fez afagos em Fabinho.
Francisquinha faiscou de fúria,
Fabinho ficou fascinado.
Francisquinha fingiu um infarto.
Fatinha fisgou a farsa de Francisquinha e ficou enfurecida.
O crossfiteiro fez fricção em Francisquinha.
Francisquinha ficava desfalecida.
Fabinho afobado finalmente proferiu a formalização:
Francisquinha Ferreira não faleça!
Fique forte e façamos um final feliz!

Escritor Pádua Dias

INSTAGRAM



POST NO SITE



Mínícontos



NA-mor-a-DA

Por Rilnete S. de Melo

Separou a morada, rompeu com o amor,
e agora se via no meio do nada.

Escritora Rilnete S. de Melo

INSTAGRAM



POST NO SITE





A Mensagem

Por Gibson de Santana

Noite de sexta-feira maravilhosa ao chegarem na ilha. Tinham combinados que seria um final de semana para comemorar uma segunda lua-de-Mel. Nada iria atrapalhar o casal. Fazia três anos que programavam essa viagem. Primeira noite jantar no restaurante. Vinho. Flores e dança. De volta ao quarto, carícias de um casal apaixonado. Entrega-se mútua de corpos desejosos um pelo outro. Pela manhã logo após o desjejum, se dirigem para a paradisíaca praia. Praia deserta. Sol brilhante e a água convidativa para um mergulho. São 10:30h da manhã. Saíram do Hotel o Pablo e a Marisa. Caminham por alguns minutos até chegarem ao Pontal da ilha. Sentam-se na areia morna sob a toalha. Beijos acontecem. Renovação de juras de amor também. Mergulham nas águas quentes. Sem ninguém à vista, fazem amor ali mesmo, tendo como únicas testemunhas gaivotas que pairam sobre suas cabeças. Gemidos de prazer não se podem ouvir. Sussurros não se podem entender.

Sábado. Final de tarde e ambos caminham de volta ao hotel. À noite jantar, dessa vez regado à espumante francês, mais flores, danças e surpresa. Enquanto se arrumam, o telefone da Marisa toca. O Pablo pega-o. Uma mensagem na tela de número desconhecido: “nos veremos na segunda-feira à noite, depois que você voltar de viagem, te amo! Antônio”. Ao ler, invade em seu coração uma mistura de sentimentos. Ódio. Decepção. Desconfiança. Ao sair do closet, sorridente e com um papel na mão, a Marisa se depara com o Pablo com lágrimas nos olhos e apontando uma arma para ela. Sem entender o que está acontecendo, ela nervosa, pede explicação. Ele joga o celular para que ela se explique quanto ao conteúdo da mensagem. A Marisa responde que desconhece tanto a mensagem quanto seu remetente e pede que ele abaixe a arma e que tem uma surpresa para ele. Que aquela mensagem não passava de um engano. Irredutível o Pablo grita com ela. Chamando-a de mentirosa. Seu ciúme o fizera ficar cego.

Agora quem chora é ela. Desnorteada andava de um lado para o outro, sem saber o que fazer e falar. Fugindo da mira do revólver. Juras de amor saíam de seus lábios. Mas o Pablo não a escutava. Só pedia explicações. Dizia que estava sendo traído e que não aceitaria perdê-la para ninguém. Sem saber o que estava acontecendo e o porquê daquela mensagem em seu celular, a Marisa implora para que ele pare com tudo isso e que ninguém, nem nada a separaria dele. Aos berros, o Pablo reafirma que não acredita mais nela e que tudo está acabado.

Quando estava indo à direção da porta para sair da mira da arma o telefone toca novamente. Antes que ela pegue o celular ele atira nela. Duas vezes. Seu

corpo cai no chão. Agora desesperado pelo que fez, Pablo correm em direção dela. Voltando a si, percebera o que tinha feito. Agonizante, Marisa declara todo o seu amor por ele e deixa cair de sua mão um papel. Resultado de um exame. Estava grávida. Aos prantos e agora em estado de choque, Pablo pega o celular novamente. Uma nova mensagem. De um número desconhecido que diz: “desculpe-me, enviei a mensagem para o número errado, favor desconsidera-la”.

Escritor Gibson de Santana

INSTAGRAM



POST NO SITE





Manuscritos para um réu

Por Ana Escarlata

Em uma noite fria de março, após sair da aula de dança uma menina se tornou refém de três aves de rapina. Ela carregava um pequeno diário surrado e gasto pelo tempo, pelo mofo, pela fraca matéria prima, ela escrevia para ninguém, para o vácuo, para o silêncio, para o lixo. Sendo o último o destino mais certo para aquelas folhas. Mas, ao contrário do que era previsto, esses escritos caíram nas mãos de Jesuíno sangue frio e ao ver que coisas íntimas sobre sua vida seriam lidas por um desumano sem pudor, insensível, verme e imoral, Athena sentiu um frio na espinha, um calor nos olhos, uma sede de vingança contra aquele homem e se ela pudesse e tivesse forças, matava-o ali mesmo. Athena passou a se debater no chão com suas mãos amarradas, e mais amargurada do que nunca, se sentia humilhada e sem dignidade alguma. Sentia-se sem vida e definitivamente, pronta para a morte. Jesuíno passou a ler os escritos em silêncio, entretanto longe dos olhos de seus subordinados, pois essas coisas não eram para bandidos e muito menos sequestradores como ele. Apesar dos pesares, o traste escondia conhecimentos e aptidões, e a leitura era uma delas.

O chefe de toda aquela tortura física e psicológica começou a ler na tentativa de conhecer mais sobre aquela refém, quem era ela, quais seus gostos, e assim talvez, fazer exigências mais elaboradas e convincentes no momento do resgate. Mas para sua surpresa e talvez infelicidade, nas primeiras linhas desse diário tão carregado de informações preciosas e secretas, já se lia uma espécie de sumário, que o tornava enfadonho a princípio. Em cada linha lida a curiosidade e a impaciência de Jesuíno cresciam e o dominavam. Paralelo ao momento de leitura do cabeça do crime, Galo e Pé Quente comiam como porcos e assistiam ao campeonato de futebol regional. Afinal de contas, quem resiste a uma partida final de um campeonato?

Com o passar do dia, o trabalho sujo não parava. Fazia-se ligações para outros comparsas externos e para a família da vítima, atormentando e torturando o psicológico do pai da vítima, um médico rico e cardiopata, Dr Patrício. Este já não comia direito e vivia dentro de uma unidade semi-intensiva, montada em sua casa, recebia ligações de pessoas importantes que ofereciam apoio e palavras de fé.

– “Nada de polícia” dizia o médico com os olhos tristes e o semblante abatido. Sempre acompanhado de sua esposa e de sua equipe médica particular.

Com voz tremula e fraca, dizia a mãe da Jovem, Dona Domícia.

– “Meu bom Deus, nos ajude a passar por tudo isso sem perder a fé, nem a vida de nossa menina!

Uma bela mulher de pele clara e firme, bem madura, olhos cor de mel, cabelos castanhos médios, olheiras profundas, descabelada, sem fome e quase sem fé. Não sabia até quando ficaria de pé. Já o seu esposo não possuía mais a mesma dureza no corpo e vitalidade, pois estas estavam abaladas pelo medo de perder a filha, mesmo sendo conhecedor da arte do corpo humano e fraquezas, sucumbiu.

O local do cativo era ironicamente organizado, tinha fogão, geladeira, camas, sofá e até televisão para as vítimas. E quando as vítimas mantinham um bom comportamento, tinham direito a escolher o que queriam assistir, ler ou ouvir. Caso contrário, ficariam no escuro. Com o perdão da palavra, era um sequestro moderno e sem “violência física” e antes de qualquer coisa, não se trata de uma romantização de um crime, mesmo nas circunstâncias já citadas e quase “amenas”, mas era sim um super sequestro top de linha e cheio de cultura e arte. Jesuíno, vilão culto e cheio de mistério, tinha objeções ao seu modo de viver e mesmo que secretas, estavam lá junto aos seus sonhos jamais realizados. Um sentimento obscuro o inquietava sempre que um crime era concluído e ele não era descoberto. Pensava na culpa que ele nunca carregou perante a justiça dos homens, todavia passou a pairar sobre sua cabeça uma senhora nuvem de culpa e passou a lembrar de sua irmã Joana.

Em uma manhã de março, as escolas voltavam a funcionar e vivia-se a ressaca dos carnavais em meio a buzinas e engarrafamentos. Todas as pessoas tinham pressa e a irmã de Sangue Frio não era uma exceção. Joana precisava ir às pressas a uma reunião de trabalho e pediu para seu irmão a levasse de carona, assim, não perderia o emprego. O sequestrador se negou a levá-la e alegou que se fosse andar em alta velocidade seria mais fácil chegar do outro lado da vida. Ele sempre com respostas sarcásticas e prontas, porém não sabia que suas palavras se tornariam realidade horas depois. Joana resolveu esperar o ônibus da linha 16, o qual tristemente, a levou para uma viagem sem volta.

Todos esses acontecimentos e lembranças passaram a morar na cabeça fria e calculista de Jesuíno e retornando à realidade concreta em suas mãos, o diário, ele se sentiu literalmente frio e de súbito saiu para respirar um ar quente. Após pensar em uma forma de se livrar daquelas coisas que o incomodavam, chegou a uma conclusão fria: devolver o diário da moça e forçá-la a ler para ele seus segredos, assim, veria todo sofrimento dela e não teria tempo para pensar em suas culpas.

– “Meu sangue é frio e estou eu aqui perdendo dinheiro com essas lembranças que não voltam mais. E desses escritos só tirei proveito e nada mais.” nada!
(Lembrem-se dessas últimas palavras pensadas pelo personagem).

Voltando a si pediu para soltar as mãos da refém. Falou com tom de autoridade e frieza:

– por que a moça ficou tão nervosa quando eu peguei o seu caderno de segredos?
Athena ficou muda e pálida como se escondesse um crime, ou melhor, o pior dele.

Sangue Frio com seu conhecimento de mundo e de crimes percebeu o temor no olhar da menina, um olhar de pavor e culpa. Seria essa criatura uma vilã? Teria ela um segredo tão obscuro e sombrio, que a sua própria família desconhecia, e se viesse à tona?

– Athena, então você é deusa dos segredinhos??

Contos



Eu te fiz uma pergunta e estou esperando que você me responda! Garanto que você não quer ter nenhuma cicatriz, ou algumas nessa pele tão bem cuidada.

– Ok! Irei dar mais uma olhadinha nos seus escritos e em seguida enviarei para seus pais. Athena deu um forte suspiro, abafou o choro e com os olhos vermelhos de lágrimas, olhou bem nos olhos do seu maior inimigo, não por ser o seu sequestrador, e sim por ousar tocar em sua mais profunda intimidade, intimidade jamais aberta a outra pessoa. Segredos que ela carregava, momentos de sua vida dignos de serem resguardados e talvez, revelados em momentos apropriados e para pessoas específicas. Ela diante de toda essa situação embargou a voz, embora quase não conseguia expressar suas ideias.

– Senhor sequestrador, eu hoje sou seu alvo, sua oportunidade de fortuna fácil, sou sua presa de ouro. Se por acaso meus pais descobrirem algumas das coisas que nessas folhas estão escritas, talvez, o meu pai não consiga resistir a tanta vergonha tristeza. sendo ele um cardiopata e tradicional homem, mesmo assim, não merece passar por tanto nessa altura da vida. Peça o que quiser, mas não me tire o meu diário, pois nele tem segredos que ainda não estou pronta para revelar.

A moça se jogou no chão como se sentisse uma dor insuportável no peito e repetia as seguintes palavras:

– Eu carrego culpas esmagadoras, dói muito senhor Sangue Frio! Dói de um jeito que me sinto suja como esgoto a céu aberto. Talvez se o senhor sentisse a metade de minha tristeza entendesse meu coração. O homem frio e vilão dessa história teve um momento de comoção e não conseguindo disfarçar sua curiosidade e compaixão, além disso, teve mais uma vez seu pensamento vagueando no passado e no luto culposo, Jesuíno saiu rápido da sala deixando a vítima sem respostas.

No dia seguinte, Jesuíno decidiu continuar a ler os escritos, no entanto sentiu medo disso. Nas primeiras páginas pôde notar desenhos e trechos da bíblia. Percebeu que na parte inicial do diário não tinha nada que comprometesse a moça, e mesmo assim, seguiu folheando aos poucos, lendo pequenos pensamentos e contemplando os desenhos de pássaros, borboletas que ainda faltavam cores.

Leu alguns fragmentos:

"A vida não pode ser igual para todas as pessoas, infelizmente não. Seria bom que todos tivessem a mesma oportunidade de ser feliz e de ser quem quisesse ser".

" A dor pode te levar a loucura e te fazer ser quem você não é". "desta forma, assumimos muitas vezes, falsos papéis neste mundo e isso nos rouba a vida e a paz".

" Quando uma mulher sofre abuso, passa em sua mente muitas coisas e uma delas é que: ela se torna semelhante a um objeto, no qual se escarra, cospe, defeca e depois que o

limpa, ele será usado novamente. Obs: Só que esse objeto permanecesse imundo por quase uma vida inteira."

" Quando alguém machucado pede socorro, gritando e puxando o cabelo do outro, o outro revida, chuta e cospe, no ritmo de uma dança sensual." Assim como uma pessoa quer se salvar do afogamento, ela faz a outra de boia, não para matar, mas sim para sobreviver".

"Nem sempre se quer matar e nem sempre se quer ferir"

" Se houvesse possibilidade de voltar no tempo, eu voltaria para o ventre, e se assim Deus permitisse."

"Ei você, que sofre por não poder voltar no tempo. Você não é a única! Dê-me sua mão e vamos gerar uma corrente de empatia para o mundo".

Jesuíno começou a sentir uma gastura desgraçada. Concordava com o que lia, sentia uma certa compaixão pela moça, raiva do tempo e dos estupradores, sentia também um certo alívio por saber que ele não era o único a morrer de remorso e culpa. Notou que alguns dos escritos tinham sido feitos ali mesmo no cativeiro "Nem sempre se quer matar e nem sempre se quer ferir" Começava a entender que ninguém era perfeito na vida. Sangue frio tomou uma decisão: contaria para sua sobrinha como a mãe dela morreu e em seguida pediria o perdão da jovem; devolveria a refém sem pedir resgate algum e se entregaria para a polícia. Assim que correu para pedir o primeiro dos perdões percebeu que Athena tinha sumido, Pé Quente e Galo teriam sido envenenados e mortos, mas como ele não ouviu nada? Naquele dia também passava o campeonato e a televisão tinha um som muito alto, enquanto todos torciam ele se compreendia. E o que será que ele fez com o diário? Teria ele terminado com sua versão ou queimado?

Escritora Ana Escarlata

INSTAGRAM



POST NO SITE





Pégaso

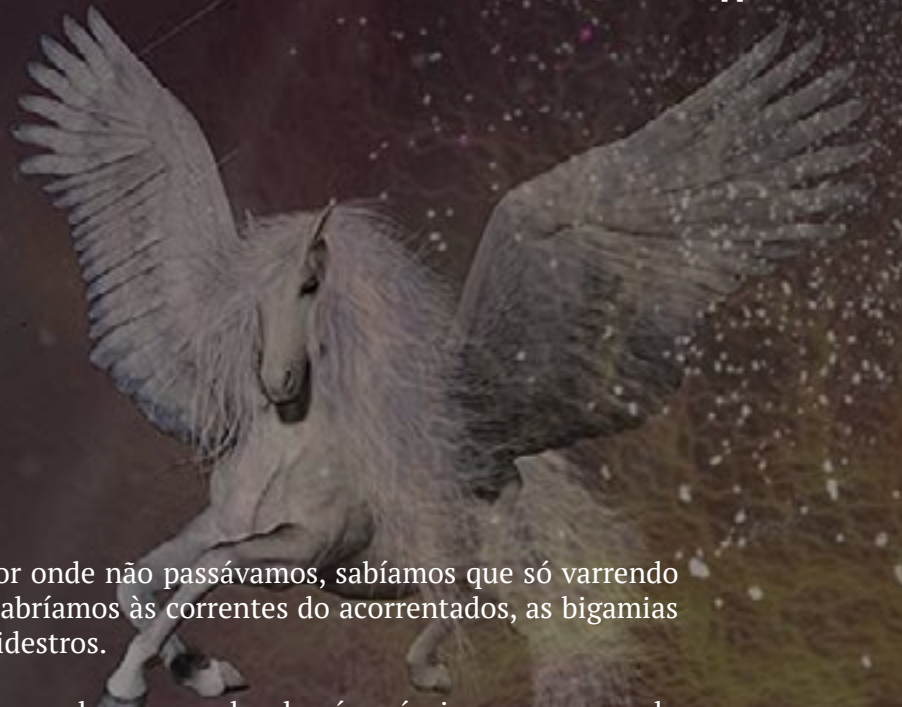
Por Renato Cresppo

O ntem, eu e o Pégaso concluímos que éramos amigos de longa data. Pégaso jurou que era o Futuro e eu não neguei que era o Passado. Concluímos que apesar das diferenças geracionais, jamais se gerariam conflitos entre nós, desde que pactuássemos com a realidade que não éramos e concordássemos com as mentiras que seriam as verdades, em que ninguém acreditasse. Pégaso afirmou que na constelação onde habitava, tudo o que era brilhante, estava na realidade apagado, e que eu era visto como uma nau à deriva no estresse do universo. Juntos planejamos compor outra noção do tempo e esculpir nos degraus da eternidade, uma sequência equestre de banalidades que apagariam das memórias universais, os mitos das excelências e as elites das fertilidades artísticas. O Pégaso alado, aliado e conversador, adorava paracronismos, alimentava-se de metáforas e confessou odiar as parábolas, vá lá saber-se por que. Quanto a mim, só discutia quando não havia razões para tal. Era um perito na matéria e o Pégaso regalava-se com todos os dialetos, que eu não traduzia, mas que o alado, aliado na sabedoria, entendia tudo às mil maravilhas, vá lá saber-se como.

O respeito mútuo estava consagrado, sem tratados, pelo que nunca me atrevi a pedir-lhe boleia para onde quer que fosse. Aprendemos a explorar-nos, explorando todas as explorações que cada um de nós fazia por mútuo consentimento. Confesso que esta amizade era profundamente enternecedora.

Não havia constelações de sonhos sonhados que nós não adivinhássemos a realidade dos seus frutos. Apesar de sermos apelos à viabilidade dos seus concertos, não resistíamos a confiscar uns quantos, só pelo prazer de planarmos nas frases sublimes que ouvíamos aos cantos estelares, revelando-nos os escafandros da vida. Tanto subíamos por aqui, como descíamos por ali, cruzando fronteiras, humanas ou urbanas, com a mesma vulgaridade com que nos escondíamos nas velas do tempo.

Nunca aprendi a voar porque confiava nas suas asas e, quando emigrávamos para o sudoeste das razões, chegávamos às justificações pelo nordeste das infidelidades, o que eram as consequências naturais de nos usarmos, consultando valências e inventando falências que desgostavam as inocências, desmentidas pelos fragores das invernias, urdidas pelas velhices poluídas pelas poeiras cósmicas da eternidade infalível.



Quando passávamos por onde não passávamos, sabíamos que só varrendo as esculturas do pensamento, abríamos às correntes do acorrentados, as bigamias consulares dos vocábulos ambidestros.

Rumamos às fadigas das sombras, cansados de nós próprios, mas vencendo as resistências dos valores do tempo perdido, que se transformaram no coro das vozes que se esqueceram da nossa travessia pela vida e ocultamo-nos no casulo das fugas permanentes, onde nada do que era, vivo seria, exceto o Pégaso, porque pertence às ondas fluentes do tempo.

Escritor Renato Cresppo

INSTAGRAM



POST NO SITE





Depois daqui...

Por Elizete Ferreira

Edo nada, aquele barulho... Os pneus no asfalto numa freada brusca e longa e de repente aquele solavanco e um estrondo.

Do alto eu observava um carro embaixo da traseira de uma carreta todo amassado e retorcido.

Muitas pessoas saindo de outros veículos e indo na direção do acidente tentando abrir o carro, mas o que se via das portas demonstravam que seria impossível abri-las sem as ferramentas e ajuda especializadas...

As pessoas gritavam pedindo por socorro e pedindo ajuda para chamar uma ambulância, bombeiros e corriam desesperadas de um lado para o outro sem saberem bem o que fazer...

Algum tempo depois surge na pista, sinalização luminosa de emergência e a sirene ligada, chegando cada vez mais perto daquele acidente...

A ambulância parou ao lado e desceram de dentro dela três pessoas e rapidamente foram direto para o carro embaixo da carreta, baixando, chegaram até as pessoas e começaram os procedimentos de primeiros socorros ali mesmo, em seguida mais sirenes e vários outros profissionais juntaram-se ali e foram retirando as pessoas acidentadas de dentro do carro e colocando sobre prancha e lona ao lado...

Assistindo, eu estava curiosa, ansiosa, por ver todos serem resgatados e orando a Deus que aquelas vidas fossem salvas...

Então alguém segurou a minha mão direita e me puxou levemente e disse - Temos que ir!

Surpresa, respondi - Não, ainda não!

Mas, aquela mão voltou a puxar-me e com muita firmeza e uma voz feminina suave voltou a dizer - Vamos! Temos que ir!

Eu ia responder, mas algo chamou a minha atenção...

Tive a impressão de ver a minha irmã e o meu sobrinho feridos ao meu lado e eu estava deitada numa lona preta... Mas EU estava me vendo lá e ali também!! Como era possível aquilo?

Um arrepio percorreu todo o meu corpo. Fiquei muito confusa e fui sendo levada por aquela mão, morna. As vozes das pessoas, o barulho dos veículos, o cenário do acidente da rodovia foram sumindo, até desaparecerem por completo.

Quando consegui reagir pergunte - Pra onde estamos indo? A mesma voz feminina falou - Está tudo bem, não se preocupe.

Percebi que tínhamos entrado numa trilha estreitinha, bem iluminada, tudo muito bonito e harmonioso...

Mas eu não reconhecia nada daquele lugar e o silêncio por todo o ambiente era absoluto.

Continuamos a caminhar até que surgiu um grande espaço sem paredes, porém parecia fechado em formato parecido com losângulo só que no fundo era mais largo que a parte onde estávamos. De repente aquela mão soltou a minha mão e disse - chegamos!

Descanse um pouco. Se precisar de algo é só chamar.

Fiquei ali parada e olhando ao redor... Parecia uma biblioteca, com pequenas cavidades, cheio de pergaminhos e tudo sugeria a leitura... Mas não tinha gente ali.

Não senti medo, não sabia me entender e nem discernir o que era aquela sensação que eu estava sentindo.

Tudo ali era novo, diferente, meu olhar não encontrava nada pessoal ou algo familiar naquele local. Havia muita luz, era bonito e amplo. Um ambiente acolhedor e misterioso demais para mim.

Comecei a questionar-me... Por que vim pra cá? Aliás, quem me trouxe para cá? Onde é que estou? Estou sozinha aqui, não faz sentido?! Que lugar é esse?...

Um sentimento de pânico começou a mover-me...Eu quis gritar, mas me controlei e olhei novamente a minha volta... Vi duas senhoras conversando animadamente num canto daquela (Sala)? Fui direto pra lá...

E ao ver me chegando uma delas disse-me - Oi querida! Venha! Vou te levar pra casa. Nem sei quem era aquela senhora, mas fiquei feliz!

Elas se despediram e a senhora que tinha falado comigo pegou-me pela mão e me indicou uma saída, vamos!

Um alívio muito grande invadiu-me... O percurso era iluminado e muitas cores apareciam ali especialmente rosa claro e lilás.

Aquela senhora falou - A vida é o presente mais lindo que uma pessoa ganha de Deus!; Que eu era uma joia muito valiosa!; Que o amor Divino tinha me reconstruído!; Que eu devia viver um dia por vez, mas aproveitar cada segundo como se fosse o último!; E falou muitas outras frases lindas sobre fé, esperança, respeito, lutas... Eu prestava atenção as suas palavras quando percebi outros sons, vozes, motores, buzinas, muito barulho! Reconheci a voz do meu filho Daniel...Uma alegria imensa tomou conta do meu coração!

Ele conversava com a esposa Mila sobre o quartinho e a chegada da primeira filha, que ia se chamar Catarina, tudo estava acertado e a cesariana seria às 07 horas da manhã.

Daniel disse - Essa é a minha primeira alegria depois que a Mamãe se foi...Mila falou - Ela ia adorar conhecer a nossa filha, pena ela ter morrido antes. Mas Deus sabe o que faz...

De repente a Senhora apertou a minha mão, então por uma fração de segundo pensei ter visto o rosto da minha mãe! Mas já faziam muitos que ela tinha falecido, não tinha como ser ela.

A senhora disse - Bom você está entregue. Vá!

Sua família está à sua espera, vá!

Quando abri meus olhos dei de cara com o Daniel me encarando com um sorriso banhado de lágrimas e me dizendo: bem vinda minha filha! Que Deus abençoe você Catarina! Eu te amo filha!

Eu buscava resposta para aquelas palavras deles, afinal eu não era a filha deles e sim Iracema a sua MÃE!

Enquanto ouvia Daniel e Mila me chamando de filha deles, me beijando no rosto, dizendo que eu era linda...

Um bip insistente...Era o meu celular...Olhei ao redor, estava no meu quarto e ainda estava escuro...

Nossa! Que sonho esquisito!

Sinistro! Mas, parecia tão real!

Mais tarde ligo para eles, vou dormir mais um pouco.

Escritora Elizete Ferreira

INSTAGRAM



POST NO SITE





Sentidos

Por Carla Garcia

Continua...

Sentiu que eu estava tremendo, com uma mão firme e gentil me manteve no lugar, mas a voz dura e autoritária me disse para ficar quieta. Sabe o quanto sua masculinidade me excita.

Viu que meus pés estavam cansados, os saltos 15 cobravam seu preço.

Se abaixou devagar, ajoelhou-se atrás de mim, com o indicador traçou um pequeno risco ao longo das minhas pernas, foi até o tornozelo para soltar as sandálias, enquanto fazia o trabalho lentamente, aproveitou a posição favorável para beijar sua preciosa rosa, senti o teu perfume e provou o doce néctar que escorria pelas pétalas rosadas.

O pequeno e delicado botão ganhou vida na aspereza de tua ágio e deliciosa língua.

Suspirei com as delícias vividas naquele instante, os pés aliviados, agora descalcos descansam no chão frio, os espasmos começam a percorrer todo o meu corpo, mas antes que eu chegue ao ápice do prazer, ele para.

Todos os movimentos que estava fazendo são paralisados, a mão esquerda acariciava meu tornozelo, a direita apalpava a parte posterior da coxa, a boca que sugava, a língua que percorria todo o centro do meu ser. Tudo congelou.

Ficou ali por um instante, vendo escorrer uma última gota de desejo.

Sabia que eu estava prestes a gozar, senti na ponta da língua que o clímax era próximo, me conhece como ninguém, identifica os sinais do meu corpo, a entonação dos gemidos e usa de tudo isso para me torturar. Tortura de prazer.

Sem pressa nenhuma se levanta, com passos lentos vai até o outro lado do quarto, parece ter todo o tempo do mundo.

Uma lágrima de raiva e frustração percorre meu rosto e pinga nos lençóis, as vezes acho que o odeio, mas no fundo sei que o amo, então sorrio quando sinto seu corpo quente e nú tocando o meu.

Preciso, porém gentil, muda meu corpo de posição, juntos como uma valsa

nos movemos até estarmos deitados sobre os lençóis, nas minhas costas sinto o frio da seda, mas seu corpo quente e forte me cobre.

Coloco minhas mãos leves como plumas em seus ombros, sinto a pele firme, amo toca-lo, sentir seus músculos, memorizo com o tato cada centímetro teu.

Seus olhos brilham encarando os meus, um sorriso maroto estraga o personagem malvado, até agora tinha escondido tão bem a personalidade de brincalhão que tem.

Ainda sorrindo desce tua boca ao encontro da minha e me beija com muita vontade, um beijo voraz de quem tem sede, sinto meu sabor em nosso beijo, é simplesmente delicioso.

A boca que a pouco me torturava lentamente, agora me beija com muito ardor, a fera faminta que a em ti, me deseja o quanto eu o desejo, posso sentir. Entre beijos, suspiros e gemidos ele me penetra preguiçosamente, sentindo cada pedacinho meu lhe receber.

Afasto minha boca da dele, arqueio as costas sentindo o prazer me alcançar, sem sair de mim, ele se inclina e faz um carinho entre meus seios.

Meus pensamentos estão turvos, já não penso em mais nada apenas sinto...

Continua...

Escritora Carla Garcia

1ª PARTE



2ª PARTE



INSTAGRAM





O Grande Expresso

Por José Manuel

Faz tempo, mas lembro bem. Eu estava lá. Na estação. Se não me engano, o nome era Estação Pindorama. Era jovem e me sentava num banco da estação, de onde via tudo que acontecia. Adorava ver os trens chegando e partindo. Dava até para ouvir alguma coisa das conversas. Muita coisa eu guardei, muita coisa esqueci, muita coisa lembro vagamente.

Era 1972, tinha quinze anos. O que registrei perfeitamente foi o tempo que fazia então. Tudo nublado, nuvens de chumbo, clima pesado, as pessoas evitavam conversar, não chegavam muito perto umas das outras. Falavam de lado e olhavam pro chão. Não entendia muito bem o porquê; acho que era devido ao tempo escuro da época. Estavam todos alvoroçados esperando o novo Expresso... Depois eu lembro o número. Parece que estava demorando; fazia três anos que tinha saído do Brasil, passado por Londres e agora estava de volta. Daí o alvoroço.

Alguns comboios que passavam pela estação ficaram famosos. Traziam gente conhecida e mercadoria boa. Uns dez anos antes teve um que marcou época: o Expresso Tropical-1A, acho que era esse o nome. Tinha um design moderno, cores vibrantes, até o ruído das rodas era diferente. A chaminé soltava fumaça verde, azul e amarela. O apito era musical, mas era uma música misturada, como se fosse uma miscelânea de ritmos. Trouxe mercadoria que demorou décadas para ser consumida, tamanha a qualidade, mercadoria essa que foi copiada, imitada e aprimorada por outros comerciantes. É claro que, como sempre, muita gente torceu o nariz. O novo sempre assusta. Quiseram até proibir o trem de circular, mas não conseguiram: era importante demais. Num dos vagões lia-se "pão e circo" numa língua estranha, mas só entendi muito depois. A aparência do trem era diversificada, intensa, multicolorida e inovadora, uma verdadeira geleia geral. Alguns trechos do som do apito ainda estão na memória, algo como iê-iê-boi e bat-macumba-obá. Para mim, era tudo divino e maravilhoso; afinal, tratava-se de um país tropical.

Descobri posteriormente que outro trem expresso passara pela estação, antes do Tropical-1A. Deixaria marcas horríveis no país inteiro durante décadas. Era o Expresso FFAA-BR-64. Quem me contou a história não pôde entrar em detalhes na época; talvez um dia, quando parasse de circular. Finalmente, parou: estragou, envelheceu, sem peças de reposição, pois era muito antigo, ultrapassado. Era pesado, consumia demais, lento e não admitia modernizações. A empresa mantenedora manipulava os números de seu desempenho, e somente muito depois é que se descobriram as mentiras, a maquiagem dos números e muitas falcatruas. Mas durou bastante, e, conduzido por gente inepta, causou muitos estragos por onde passou, incluindo milhares de mortes.

Diversos trens expressos passaram por aquela estação ao longo dos anos. Teve um que chegou uns vinte anos antes de eu nascer, cheio de bossa, coisa nova. Era o Expresso BN. Diziam que seu deslizar pelos trilhos era mais que um poema, era um sambalção gingado, um samba-jazz que era total novidade para quem andava de trem. Fez muito sucesso, e seu projeto foi copiado até fora do país.

Mais ou menos na mesma época do Expresso Tropical-1A, houve outro famoso: o Expresso JG. Possuía um desenho moderno; para alguns, moderno até demais. Trazia muito do que acontecia lá fora, tinha um apelo bem jovial; era como se a velha guarda estivesse dando lugar a uma jovem guarda, crítica e iconoclasta. Era um trem colorido, arrojado, sexy. Os vagões balançavam num ritmo alucinante, como se houvesse uma brasa nos trilhos, mora? Sua passagem era sempre uma festa de arromba.

E então chegou o Expresso 2-2-2-2 (felizmente, lembrei o número). A rigor, já circulara antes, fazendo a rota entre duas cidades da Bahia. Agora vinha repaginado, reinventado, reformulado, retudizado. Foi muito aguardado, mas ninguém previa a importância que teria no futuro. Tinha até uma banda de pífanos no primeiro vagão, coisa inédita até então. Aquilo prometia. Comprei uma daquelas pipocas modernas e admirei os vagões entrando bem devagar na estação.

Quando o segundo vagão adentrou, disseram que poderíamos visitar o trem quando os passageiros descessem. Ao subir, percebi que me sentia um pouco longe dali, como se estivesse em Londres, dentro de um baú de prata à luz do luar. Não sei se por sorte ou castigo, comecei a me sentir diferente, como se estivesse em outro lugar fora daquele carro; sensação ainda inexplicável. Continuei até o próximo vagão. Ouvi nitidamente um canto triste, quase um gemido de ema. Foi um sinal bem triste, e mal sabia que a ema retornaria décadas depois, irritada com alguém que lhe oferecia remédios inócuos para um vírus que assolava o país; foi algo bem xa-xa-xato. É aquela história: todo mundo sabe que a ema quando canta vem trazendo no meio do seu canto um bocado de azar; não trouxe naquele dia, mas trouxe depois.

Assim que entrei no próximo vagão, escorreguei numa casca de banana e quase engoli meu chiclete. Quem me visse pensaria que eu dançava, numa mistura de samba com rumba com boogie-woogie com bebop, um verdadeiro samba-rock, mermão! Era como se estivesse segurando uma frigideira, pá e pã, pé pra lá, pé pra cá, da-ba-du-di-bão, uma grande confusão. Caminhei para o próximo vagão.

Contos

Olhei em volta, e a decoração me deixou mais calmo, como se estivesse num porto da Barra, eu que vivo sempre tão elétrico, esperando o golpe do martelo. Que não veio, felizmente. Meu coração divagou por um instante, como se esperasse um beijo arrependido. Que também não veio, infelizmente. Voltei a mim já em outro vaga-vagão do trem-me-me-mém, num feliz golpe do destino, ouvindo minha mãe mandando eu sair do sereno, que ele podia me fazer mal.

Lá dentro, senti que as coisas não mais seriam as mesmas. Era como se fosse um dedilhado diferente do destino, algo virtuosístico e tradicional ao mesmo tempo, sob um céu de ritmos contagiantes; a atmosfera daquele carro me deixou confiante. Por um momento, as nuvens de chumbo, o ar pesado, tudo se dissolveu em alegria, em esperança. Foi quando me lembrei de que aquele Expresso 2-2-2-2 tinha saído lá de Bonsucesso e tinha um destino longínquo, pra depois do ano 2000. Será que eu ainda estaria vivo? Veria os trilhos que não tinham fim? Chegaria à estação final do percurso-vida na terra-mãe concebida? Era como se eu sentisse o vento, o fogo, a água e o sal, e entrasse numa estrada do tempo que não sabia onde ia dar, mas, por alguma razão, sabia que era um lugar bom; como se vivesse eternamente numa nuvem brilhante. Queria sair dali e contar as novidades.

Naquela época, eu e meus amigos acampávamos bastante, sonhávamos dentro de sleeping bags, tocávamos violão, cantávamos, discutíamos as tramas do doutor Silvana e as transas do doutor Fantástico, não queríamos acreditar que o sonho tinha acabado; insistíamos em aguardar dias melhores. A gente queria ser poeta, músico – queria ser alguém. Acho que éramos impedidos pelas nuvens de chumbo, que não nos deixavam viver livremente; era como se nossa pílula de vida se dissolvesse na atmosfera pesada daqueles tempos. Sobrevivemos, mas a duras penas, com sequelas, desconfianças, traumas e decepções.

Desci do trem eufórico e encontrei um conhecido. Lembro de ter dito a ele uma frase, que ele não entendeu de cara: "se oriente, rapaz". Sentamos no banco da praça e tentei explicar, mas era muita coisa nova; afinal, ele ainda não tinha passado pela experiência por que eu passara no trem. Disse para ele se orientar pela constelação do Cruzeiro do Sul, pela teia da aranha, pela rotação da Terra em torno do Sol; falei para ele subir no trem e entender tudo por ele mesmo, mas avisei: "não se esqueça, cada macaco no seu galho".

Tudo que aconteceu depois daquela experiência com o Expresso 2-2-2-2 daria um longo livro de memórias. Passamos por refazendas e refavelas, e só muita kaya para sobreviver neste país nascido de madeira vermelha. O Grande Expresso chegou ao ano 2000, passou por 2001 e dois e pelo tempo afora, mas ainda não subimos ao céu numa nuvem brilhante. Chegamos perto algumas vezes, mas, quando tudo indicava um final feliz, entrou na estação um novo comboio cheio de maldades e retrocessos: o Expresso jmb-18. Ninguém entendeu muito bem como deixaram aquilo entrar aqui, mas entrou. Agora estamos todos tentando construir um novo Grande Expresso, um que nos leve para bem longe desse atoleiro. Se tudo correr bem, adentrará a Estação Pindorama o Expresso 2-0-2-2, com novos faróis e novo apito e novo design de vida. Talvez coubesse aqui um conselho: "se oriente, votante".

Escritor José Manuel

INSTAGRAM



POST NO SITE





O amor entre a princesa e o poeta

Por Jefferson Souza

A noite chegou e com ela a vontade de conversar com o amigo oculto pela tela da rede social. Ela já não aguentava de curiosidade de saber como era o poeta, se tinha um semblante triste ou se era bonachão. Mas sabia que se quisesse saber abriria o precedente de realizar alguma das vontades dele e nesse mundo virtual tudo é muito inesperado. Então, decidiu deixar de lado esse desejo, pelo menos por enquanto. O importante era saber mais. De repente, a vibração no aparelho celular. Ele percebeu que haviam estabelecido um sinal: o emoji era um chamado. Mas nada obrigatório ou com horário estabelecido. O poeta sempre pensa em algo mais além e, como um bom cavalheiro, a iniciativa deve partir dele.

Logo, recebeu o retorno.

"Oiii!"

"Tudo bem? Está ocupada?"

"

Acabei de chegar! Vou preparar o jantar, tomar um banho e relaxar!"

"Ah, que maravilha!"

"E você, o que faz?"

"Terminando um trabalho aqui. Um anúncio para jornal..."

"Muito bom!"

"Obrigado! Hein, posso lhe perguntar?"

"Depende... rsss! O que quer saber?"

"Nada demais! Você tem filhos? É casada?"

"Nossa! Que direto!"

"Ah, me perdoa... é só para saber, afinal posso estar lhe incomodando nos afazeres familiares."

"Rsss... entendi sim! Não, eu estou solteira agora! Mas já fui casada! Tenho dois filhos adultos!"

"Hum... sem mais perguntas pessoais, por enquanto! Hein, quer um poema?"

"Para mim? Claro! Que emoção!"

"Espero que goste... vou escrever algo aqui, baseado no que vi e conversei... até depois, então! Beijos e fica bem!"

Recebeu de volta um emoji de coração. Naquela noite, demoraram muito para adormecerem. Era a Esperança que os mantinham acordados. Seria verdade ou apenas um sonho acordado?

Na manhã seguinte, a princesa despertou com um belo sorriso. Tomou um banho quente e preparou um belo café. Assim, se preparava para outro dia de trabalho. Sexta-feira com sol e temperatura amena era tudo o que precisava. Porém, estava muito ansiosa com o rapaz que conhecera virtualmente. Não era a primeira vez que recebia mensagens, mas aquele perfil com tantas imagens belas e textos românticos a alimentava de bons pensamentos. Não sabia se poderia confiar, mas sua intuição, sempre aguçada, não parecia censurar o que sentia. Afinal, quem não gosta de um amigo poeta? Enquanto se preparava para sair, o celular acendeu e vibrou com o alerta de mensagem. Vinha de seu perfil da rede social: era o seu amigo.

"Olá, bom dia! Tudo bem? Espero que sim. Como prometido, segue o poema inspirado no que senti ao lhe conhecer:

A você

Conheço uma menina especial
A quem assim sou todo ouvidos
Tem o carisma que é essencial
Faz meus dias mais divertidos.

Seu sorriso inocente vem e cativa
É forte, é destemida e tão corajosa
Faz a minha alma se manter viva
Com seu jeitinho doce é poderosa.

Receba assim minha homenagem
O seu carinho pra mim vale ouro
Com todo amor é essa mensagem
Saiba que é o meu maior tesouro."

Aquelas palavras tocaram-lhe a alma. Abriu um sorriso que há muito não sorria. Era acostumada a receber cantadas nas redes sociais e que sempre acabava com ofensas e bloqueios. Poucos tinham o cuidado ao lidar com os sentimentos das pessoas, pois a beleza é uma característica e não uma situação. Ela deixava bem claro a intenção de amizade, no máximo, afinal ali não era um aplicativo de relacionamento. Mas, sabia que poderia acontecer, pois mesmo sem intenção ninguém

Contos

está fechado a conhecer alguém interessante. Enfim, decidiu retribuir a gentileza, enviando um emoji apaixonado.

Agora, era voltar ao trabalho.

O poeta desenvolvia com afinco o seu ofício. Não tinha muito tempo livre, mas nas horas vagas ainda escrevia textos vindo do coração. Se já era uma pessoa que saía pouco, agora se tornara mais recluso. Mas, suas palavras de afeto, amor e carinho conquistavam amizades virtuais, que se tornavam admiração e respeito. O perfil secreto lhe dava a segurança necessário para falar e escrever o que sentia seu coração melancólico e preso a pensamentos puros e outros não tão nobres, afinal habitava também em si o sentimento à flor da pele. Os versos que vinham de sua intensidade causava repulsa em alguns e atraía tantos outros, afinal quem se escondia atrás daquela imagem sombria. Talvez era a antítese que procurava: o tênue caminho que ligava o divino ao profano; a morte à ressurreição; o amor à desilusão. Costumeiramente, recebia elogios, proveniente da admiração pelos belos poemas que se tornava carinho pelo tratamento que dispensava a seus seguidores, que sempre chamava de amigos. Mas o gracejo que recebeu de sua princesa fez despertar algo além de carinho. Sentimento que talvez não fosse muito bom ter e que, certamente, seria definitivamente descabível. O sentimento duraria depois de conhecê-lo?

A confiança é, muitas vezes, inimiga da prudência; outrora, a arrogância seja também o contrário de simpatia. Mesmo com a decepção de muitas relações frustradas, ela decidiu "pagar para ver". Ser gentil e amável agora poderia significar muito no futuro próximo. No mínimo, poderia receber mais gracejos em forma de poesia, e talvez quem sabe... ah, não deveria pensar em nada por ora, pois sequer conhecia o rosto de quem despertara a admiração. Mas, enfim, a curiosidade sempre foi seu maior defeito e um coração ávido por descobertas tinha que ser alimentado de surpresas. Para saber se havia atraído a atenção de seu poeta, decidiu tirar fotos, usar filtros que deixassem apenas as sombras e escrever frases de efeito. Poderia receber vários emojis ou mensagens capciosas de seguidores menos gentis, mas a esperança de ser bem quista por quem realmente interessava faria valer a pena. O tempo passou e após muitas investidas desagradáveis, chegou um elogio em forma de poesia: "se é na escuridão que surge a luz, é na minha solidão que ao seu amor conduz". Estava entregue a ele. Palavras que disparavam o coração e agitavam a alma. Quem não queria ser salva da desilusão e, ao mesmo tempo, salvar quem estava sofrendo de desamor? Assim, começava a se deixar envolver. Seduzida, comovida, atraída. A mente clamando pelas doces e amáveis palavras rimadas do poeta.

O poeta vive de paixão e sofrimento. A antítese necessária para sangrar sentimentos no papel ou em qualquer planilha. Conquistar a atenção de sua amada a qualquer custo, mesmo que ao final da jornada não a tenha definitivamente. O "marquês" agia como um navegante, pois nem sempre o mais importante era o destino, mas sim aproveitar a viagem. E as correntes que moviam sua amada poderiam ser caudalosas, mas sabia que se fosse corajoso teria a chance de chegar às marés calmas de um sentir tranquilo. Assim, a mente e o coração produziam, numa escala industrial, trovas e epopeias, prosas e poesias, como um apaixonado florista, acreditando que "de flor em flor conquistaria enfim o seu amor". Como o nó do afeto, to-

dos os dias deixava um poema e um emoji de flor ou de coração. Sabia ser presente, sem ser insistente; sedutor, sem ser inconveniente. Mesmo quando uma palavra ou frase parecia ter um tom mais atraente, conseguia contornar com doçura e bondade. Afinal, mesmo no desejo que trazia não poderia ser obsessivo. Era delicado, mas interessado; galante, mas carinhoso. Mas ele sabia, a princesa era confiante demais para entregar assim seu coração.

Tornou-se o hábito diário. Ao abrir os olhos pela manhã, a primeira atitude era pegar o celular e ver se havia alguma mensagem de seu amado. Uma doce loucura que a motivava, que a fazia sentir-se viva. E seu apaixonado poeta fazia questão de exaltar tudo o que mais belo havia. Metáforas e hipérbolos que mostravam o quanto sua musa era amada e querida, mesmo à distância, mesmo às escuras. Mas o jogo da sedução já havia evoluído. Poemas mais quentes enviava de vez em quando e isso a deixava mais desejosa em estar com ele. Sentia a sua presença em cada palavra ou estrofe. Rimas que a envolviam, como se fossem as mãos e os lábios; escritas que saltavam aos olhos, chegando aos ouvidos; versos que tinham cores, cheiros e gostos.

Continua...

Escritor Jefferson Souza

1ª PARTE



2ª PARTE



INSTAGRAM



Edna Lessa



Tauá - CE

“Essência”

Não o vi, mas senti sua alma em cada palavra dita.
Apesar de dizer que não queria amar, o amor era ele.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Edna Lessa



Tauá - CE

“Reencontro”

Perdida, caminhava num labirinto.
O perfume da rosa, seu suave rastro,
levou-me ao seu encontro.

INSTAGRAM

POST NO SITE



Mínícontos

José Manuel



Rio de Janeiro - RJ

“Histórias”

Dois cadáveres de copos pisados com raiva na calçada encaram-se de boca aberta.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Mínícontos

José Manuel



Rio de Janeiro - RJ

“Classificados”

Olhar perdido procura respostas
no escuro do quarto.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Jaque Alennnar



Andaraí - BA

“Luz”

A escuridão da mente não permitia ver
que o breu dos olhos era a luz cegando.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Mínícontos

J.B Wolf



Brasília - DF

“Nua”

Se despia diante da frincha,
pois sabia dos desejos, olhos e saudades.

LINKS

POST NO SITE



EDIÇÃO SETEMBRO & OUTUBRO 2022



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER



EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2022



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2022**

PERÍODO DE 10 DE AGOSTO À 05 DE OUTUBRO .



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

História das Artes

10



Betânia Pereira 

Historiadora/Enfermeira

Funcionaria Publica Estadual.

Pós-Graduada Em: Historia Do Brasil(Uema);

Saude Da Familia (Faesf);Terapia Intensiva (Facema).

*“A poesia não se entrega a quem a define”.
Mario Quintana*

Mario Quintana traduz muito sabiamente o que é poesia: não para no tempo, não aceita definição, é pulsar da alma e do coração, é dinamicidade. Didaticamente denominamos poesia o conteúdo plural, subjetivo e ambíguo de um texto, que pode ser escrito em verso ou em prosa. Já o poema é uma estrutura textual que apresenta versos, estrofes e, na maioria das vezes, rimas. E poeta é aquele que faz, idealiza versos. Que expressa sentimentos, emoções e sensações através das palavras. Poeta nasce poeta e se faz no poema, se entrega nas entrelinhas, conversa nas estrofes e sussurra nos versos. A poesia faz morada no poeta em versos. A poesia é sua expressão na história da humanidade.

A poesia é uma forma de expressão marcada pela subjetividade, que tem como objetivo revelar pensamentos, sentimentos e estado de espírito. Retrata algo pela ótica da imaginação do poeta e do leitor.

A assiduidade do ofício irá direcionar o poeta a aprendizagem, estimulando a explorar seu potencial. Mas como escrever poesia? Como ser designado poeta? Acredito também aqui temos que passar por fases, assim como tudo que vivemos. O poema com suas varias funções só se faz poesia se tiver a sensibilidade aguçada, se houver transcendência do ser que é e adentrar nas historias de vidas dos muitos que vão e vem em seu percurso. É um viver, ser e

estar no poema para se fazer poesia. A sensação de deslumbramento, admiração, toma conta do que se vê, ouve, percebe, sente etc.

É necessário ser poesia, estar poesia e viver na poesia. SER poesia é adquirir as características do poema, permitir ser invadido por sons, cheiros, imagens e por eles, ser levado a mundos até então não visitados. É entrega. É ser poesia do poema!

ESTAR na poesia é se fazer presente. Seria como tirar as vestes e entrar no céu, desprender de si mesmo, transcender tudo que existe no material e atingir o imaterial, permitir que o espírito seja o mentor do corpo e se conecte com a alma, trazendo a tona o encantamento poético. É sentir o poema, vivenciar as historia ali contida. Não se faz poesia sem transcendência, sem subjetividade. Mas não há transcendência sem humildade, precisamos deixar nos conduzir sem questionar, só assim tocaremos corações. Como diz Manoel de Barros,

“Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas - é de poesia que estão falando”. BARROS, M. Poesia Completa.

VIVER na poesia, seria abraçá-la, senti-la. O poeta vive e revive todas as vidas com amores e dissabores que cruzam seu caminho. Ele vive a poe-

sia o tempo todo: olhando, contemplando, sentindo, tocando, respirando e abdicando daquilo que pensa, entregando a muitos outros pensamentos que ali lhe são emprestados para encantar o leitor. E para perceber a poesia é preciso estar aberto às diferentes experiências sensoriais. Ela reside no campo das emoções, manifestando-se através de palavras, cores, imagens e sons, sobretudo, quando esses elementos estão carregados de sentimentalidade.

Mas onde a poesia nasce? Nasce de sentimentos, expressões, palavras, sentidos, sorrisos, lágrimas, dores, solidão e de tantos outros sentimentos e pensamentos que atravessam nossas vidas. A poesia pode nascer cantando, tocando, abraçando, de beijos ardentes, de toques macios. Nasce musicalizada, silenciada, mas ecoando onde é acolhida.

A história da poesia é anterior à história da escrita, porque era mais fácil guardar o conhecimento através de palavras repetíveis. Seus primeiros registros foram encontrados em monólitos, pedras rúnicas das primeiras culturas letradas. Por isso mesmo, a poesia é considerada uma das primeiras formas de escrita. Como Diz Arnaldo Antunes, poeta, cantor e compositor brasileiro:

“A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem. Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia”.

Essa forma de expressão foi utilizada em obras antigas, tais como os Vedas indianos (1700–1200) e os Gathas de Zoroastro (1200–900 a.C.). Utilizada nessas composições, a forma poética ajudou na memorização e na transmissão oral das histórias das sociedades antigas e pré-históricas.

Entre os principais registros de poesias antigas, destacam-se os poemas épicos como a Epopeia de Gilgamese, originado na Mesopotâmia, em escrita cuneiforme em tabletas de argila e, posteriormente a epopeia grega “Ilíada e Odisseia”, os livros iranianos antigos Gathas Avesta e Yasna, e os épicos indianos Ramayana e Mahabharata.

Pensadores antigos se propuseram em determinar o estudo da estética da poesia, chamados de poética. Merece destaque na tradição ocidental, o filósofo Aristóteles (384–322 a.C.). Já em socie-

dades antigas orientais, como a chinesa, esse campo avançou através do Shi Jing (Clássico da Poesia) da tradição do confucionismo.

Os seguintes tipos de poesia são definidos com base no conteúdo da poesia lírica:

- **Elegia:** acontecimentos tristes ou temáticos da morte
- **Écloga:** elementos pastoris, bucólicos, campestres.
- **Ode:** exaltação de valores nobres ou homenagem a algo ou alguém.
- **Epitalâmio:** celebração do casamento.
- **Sátira:** ridicularização de algo ou alguém, em tom jocoso.
- **Madrigal:** elementos pastoris e heróicos.

A poesia da forma como conhecemos surgiu na Grécia e significa “criação”. Ela é tida como a arte de escrever em versos e tem o poder de modificar a realidade, segundo a percepção do artista. Antigamente, as poesias costumavam ser cantadas e não escritas, parte disso se dava devido ao baixo índice de alfabetização das classes mais populares. Foi apenas a partir do século XV que a poesia e a música se dissociaram. Surgiu, assim, a poesia palaciana, que era declamada. Porém foi apenas durante o renascimento que a poesia lírica passou a ser tão valorizada como eram os poemas narrativos. A partir de então, e até os nossos dias, a leitura individual da poesia lírica passou a ser valorizada.

Alguns estudiosos se preocupam em fazer a diferença entre poema e poesia, demonstrando que a poesia nem sempre está relacionada com poema e apresenta algumas características que os diferenciam:

a- Poema:

- Contém verso, rima e estrofe.
- É a forma como o texto se apresenta.
- Poema faz parte dos gêneros literários, apresentam-

do características formais e temáticas que permitem sua identificação entre os outros gêneros.

- Possui uma composição formal com versos estruturados de forma harmoniosa, no qual a estética se apresenta em forma de palavras.
- Não existe poema escrito em forma de prosa. Ele pode até ter apenas uma estrofe ou mesmo não apresentar rimas; mas, necessariamente, precisa possuir versos.

Existem poemas líricos e narrativos. O poema lírico é aquele que apresenta um conteúdo de poesia. Já o poema narrativo conta uma história e, portanto, apresenta características do gênero narrativo. O que esses dois tipos de poema têm em comum é a sua estrutura, isto é, um texto escrito em versos.

b-Poesia

- É o que dá a emoção ao texto.
- Pode ser as mais diversas manifestações artísticas, seja na literatura, nas artes plásticas, na fotografia, na música ou no cinema.
- Não é necessariamente um texto, mas tudo aquilo que de alguma forma encanta ou inspira. Ou seja, qualquer forma de arte que sensibiliza e desperta sentimentos.
- A poesia pode estar presente tanto em um texto em verso quanto em um texto em prosa. Afinal, a poesia é um texto com conteúdo plurissignificativo.

Desse modo, nem todo poema é poesia, e nem toda poesia é um poema, já que existe a prosa poética. Portanto, poema é uma estrutura textual, enquanto a poesia está relacionada a determinado conteúdo textual. Assim, seria um equívoco considerar a poesia como um gênero literário ou mesmo usá-la como sinônimo de poema, uma vez que se trata de algo muito mais ampla que contempla as mais variadas formas de expressão.

Estrutura do poema

O poema, necessariamente, apresenta versos — cada uma das linhas do texto. Esses versos podem

ser regulares (com metrficação e rimas), brancos (com metrficação e sem rimas) ou livres (sem metrficação e sem rimas). Além disso, os versos compõem as estrofes.

Portanto, uma estrofe pode apresentar um ou mais versos. Um dístico, por exemplo, é uma estrofe com dois versos; um terceto, com três versos; um quarteto, com quatro versos, e assim por diante. Por fim, o poema pode ter rimas, que, entre outras classificações, podem ser ricas (entre palavras de classes gramaticais distintas) ou pobres (entre palavras de mesma classe gramatical)."

Classificada com base em suas características, a poesia se divide em três gêneros: poesia lírica, poesia épica e poesia dramática.

Poesia lírica: caracterizada pela subjetividade. Nesta o poeta expressa sua visão de mundo, sua realidade e seus os sentimentos, com atenção para estética, a técnica e a métrica. Com estética apurada, os textos líricos são escritos em versos e possuem linguagem elaborada apego à forma estrutural. A poesia lírica é formada por métrica, verso e rima.

Poesia épica: marcada pela objetividade, apresentam os fatos que são considerados importantes para o poeta. O texto predominante nesse gênero, geralmente, é narrativo, de longa extensão e eloquente. Aborda temas como guerra ou outras situações extremas. Ela revela ecos com as ações heróicas, se importando com a constituição formal, demonstrando uma preocupação com temas e técnicas poéticas.

Poesia dramática: a poesia dramática possui caráter duplo se apresentando com características de subjetividade e objetividade, predominando aspectos do gênero épico e lírico. Apesar de manter a narrativa épica, transfigura os narradores em personagens das ações, de modo que retrata seus estados emotivos, conferindo assim um caráter lírico.

Como nasce a poesia brasileira?

A Literatura Brasileira é um desdobramento da literatura em língua portuguesa e o seu aparecimento ocorreu durante o século XVI. No início, a nossa literatura era bastante ligada à Literatura portuguesa e, ganhando independência com o passar do



COLUNAS E COLUNISTAS

tempo, principalmente com os movimentos romântico e realista, no século XIX.

A chegada de José de Anchieta, no século XVI, jovem jesuíta das Canárias, evangelizador e mestre, dá início a história da poesia brasileira. Segundo a tradição, José de Anchieta escreveu 4072 versos latinos à Virgem nas areias da praia de Ipe-roig, atual Ubatuba, em São Paulo, com seu bastão.

Dentre os vários gêneros da Literatura Brasileira, a poesia ocupa um lugar de destaque com os seus elementos únicos, como a utilização de rimas, metáforas e imagens, passando por várias escolas, ao longo dos séculos, até chegar ao final do século XX, com o pós-modernismo.

Estilisticamente a poesia brasileira pode ser dividida em poesia existencial, poesia lírica e poesia social. Na poesia existencial, os temas são as grandes experiências da vida, como a angústia, dúvida, solidão, velhice e morte, e destacam-se as obras da segunda geração do Modernismo, a chamada “geração de 1930”, com poetas como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Vinícius de Moraes.

A poesia lírica é centrada na primeira pessoa do discurso (o “eu lírico”) e é marcada pela subjetividade, com a expressão das emoções do sujeito. Já a poesia social tem como temas as questões políticas e sociais, como, por exemplo, a poesia abolicionista de Castro Alves (no Romantismo) e os poemas de Drummond que foram escritos na época da 2ª Guerra Mundial e publicados em seu livro intitulado “A rosa do povo”, de 1945. Português

Dentre os poetas e poetisas brasileiros, al-

guns dos mais conhecidos são os seguintes: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Mario Quintana, Vinicius de Moraes, Castro Alves, Adélia Prado, Hilda Hilst, Cora Coralina, Ana Cristina Cesar e muitos outros.

Confira alguns dos livros que fazem parte da história da poesia brasileira:

- Brasil Colônia (séculos XVI, XVII e XVIII): Autos e Poesia, de José de Anchieta; Prosopopéia, de Bento Teixeira; Poesias, de Gregório de Matos;
- Romantismo, Realismo, Parnasianismo e Simbolismo (século XIX): Primeiros Cantos, de Gonçalves Dias; Obras, de Álvares de Azevedo; Espumas Flutuantes, de Castro Alves; Poesias, de Olavo Bilac;
- Século XX: Últimos Sonetos, de Cruz e Sousa; Eu, de Augusto dos Anjos;
- Modernismo: Paulicéia Desvairada, de Mário de Andrade; Ritmo Dissoluto, de Manuel Bandeira; Pau-Brasil, de Oswald de Andrade; Alguma Poesia, de Carlos Drummond de Andrade;
- Após o Modernismo: Viagem, de Cecília Meireles; Poemas, Sonetos e Baladas, de Vinicius de Moraes; Flor da Morte, de Henriqueta Lisboa; O cão sem plumas, de João Cabral de Melo Neto.

Ao final desse escrito como conclusão podemos dizer que a poesia é viva e não depende da escrita para ser transmitida. Ela vive em nós e passa tempo e espaço. Poesia é vida em nós, desde a criação, não há como viver sem contemplar e não há como contemplar sem poetizar.

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO, VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



BLOG



LINKS



POST NO SITE





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Quer aprender tudo
sobre Literatura?

A JORNADA DO



ESCRITOR

O seu livro na mão do seu leitor

CLIQUE AQUI



Escreva contos e **torne-se** um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui



VIDA DE AUTOR

10



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora da duologia “Os Sete Segredos - Além dos Sete Segredos”, romance new adult que foi (finalista do concurso Best-seller startups 2019), do romance “Dois Mundos”, fotógrafa e autora de 15 livros de fotografia com as belezas naturais e culturais do Brasil e do Mundo. Atualmente está envolvida em 5 novos projetos, é participante da “Vivendo de Inventar” grupo “Hardcover” do escritor Best-Seller André Vianco, além de participar de desafios, concursos literários e publicações com a série “Contos em Quarentena”. Faz parte da Sociedade de Autores Literários – SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista.

Matéria 10

Uma capa para chamar de sua. É o que todo bom autor nacional deseja para seus trabalhos. Exclusiva, que respeite seu texto e atraia o olhar de novos leitores. Um bom projeto gráfico para capas de livros, é um item muito apreciado pelo público leitor e pode transformar a forma com que seu texto será apresentado ao mundo. Quer conhecer os tipos de capa que você autor pode definir para o projeto gráfico do seu livro? Venham comigo para descobrir cada tipo de capa e seus pontos fortes na divulgação do seu livro.

A Capa Sonhada - parte 2 - Tipos de capas

Com certeza você já viu diversas capas ao longo de sua jornada como escritor e como leitor. Algumas são sensacionais. Nos fisgam de primeira e fecham a venda com certeza. Outras a gente fica meio em dúvida se compra ou não compra o livro e precisa de outros apoios como sinopse e prefácio para nos incentivar a comprar. Comigo acontece isso direto. Olho para capa, torço o nariz e muitas vezes não compro o livro. Como sou extremamente visual, a capa conta muito para que eu compre um novo livro.

Da mesma maneira que eu ou você podemos nos encantar com uma capa e adquirir o livro, nosso público leitor também reagirá da mesma maneira. Dessa forma, irei lhe apresentar os tipos de capas que podemos pensar em colocar em nossas publicações e algumas dicas para vocês arrasarem na escolha da capa.

Vamos aos tipos de capa que os profissionais que eu indiquei na matéria anterior podem oferecer para vocês:

Capa tipográfica - Capa exclusivamente composta de tipos, ou seja letras. Pode ser utilizado blocos de cores, ou grafismos para contrastar e dar força a tipografia utilizada. Nesse tipo de capa você pode abusar das famílias tipográficas, caixas altas e baixas, preenchimento das letras e os tamanhos. Cada item desse pode e deve ser trabalhado pelo Designer seguindo as orientações que o autor passou sobre a história.

Um exemplo de capa tipográfica são os livros “A Fortaleza” da Autora Day Fernandes.



A Capa Sonhada - parte 2 - Tipos de capas

Por Lilian Stocco

Capa Vetorial - Capa construída exclusivamente com vetores, ou seja, arte digital gerada via software com preenchimento da forma com cores sólidas ou degradês. Essa arte é muito trabalhada na indústria gráfica por permitir reajustes de tamanho sem perda de qualidade. O profissional que realiza esse trabalho é um designer gráfico com o apoio de um ilustrador ou artista visual.

Um exemplo de capa vetorial é o livro “Como se tornar um autor bem malsucedido” do coletivo de autores SAL. (Nesse livro desenvolvi a capa juntamente com o autor e designer Josenilson Oliveira)

Capa Fotográfica - Nessa capa é utilizada composições fotográficas e a tipografia para o título. Tudo o que você desejar na arte de capa deve ser captado pela fotografia. Requer um planejamento prévio grande e pode envolver modelos, ou locações internas ou externas. A maioria das capas que envolvem fotografias são foto-montadas, ou seja, são utilizadas diversas fotografias, ou partes de imagens fotográficas para serem tratadas e modificadas através de softwares de edição de imagem. Para construir uma capa fotográfica será necessário um fotógrafo e um designer gráfico.

Um exemplo de capa fotográfica é a duologia “Os Sete Segredos” e Além dos Sete Segredos” da autora Lilian Stocco. Na construção dessas capas eu utilizei duas fotografias montadas em estúdio com modelo. Após a captação houve o tratamento e a soma da tipografia para finalizar o arquivo.





VIDA DE AUTOR

Um exemplo de capa foto-montada é o trabalho realizado no livro “Baque - você tem coragem de descobrir a verdade?” Da autora Ellen Costa. Onde foram unidos vários pedaços e recortes de imagens fotográficas para montar a arte final da capa.



Capa ilustrada - Na capa ilustrada, você contará com ilustrações que podem ser feitas por meio digital, como podem ser feitas em mídia física. A ilustração é de responsabilidade do ilustrador ou artista visual. O ilustrador pode construir a capa por inteiro, fazendo a ilustração e a tipografia manual. Como também pode unir o trabalho com um designer gráfico para colocar as tipografias, além de fechar o arquivo para a impressão juntando as ilustrações e as informações gerais do livro.

Um exemplo de capa ilustrada é a antologia de contos “Por trás da máscara” do coletivo de autores SAL. Onde o autor e designer Josenilson Oliveira construiu a capa com uma ilustração digital.



A Capa Sonhada - parte 2 - Tipos de capas

Por Lillian Stocco



COLUNAS E COLUNISTAS

Agora sim, seu arsenal está completo para pesquisar e procurar qual será a melhor capa para seu trabalho.

Pense na sua premissa, na sua história e analise qual seria a melhor opção para impactar o seu futuro leitor com uma capa de tirar o fôlego?

Nos encontramos na próxima matéria onde iremos continuar a conversar sobre o processo criativo na vida de autor. Vamos falar de diagramação. Aguardo vocês na nossa próxima edição!

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES



FOTOGRAFIA



DESIGN



INSTAGRAM



POST NO SITE





Série Indica:

Cronograma

SETEMBRO 2022

Série Indica - Série de lives semanais, todos os domingos às 15hrs com a leitura de trechos das publicações de autores nacionais. Esta série de lives está na sua terceira edição e já divulgou gratuitamente mais de 70 autores nacionais, deixando sempre o público leitor com aquela vontade de quero mais.

04



Ellen Costa - Antologia - Feixes de Luz

Juntos, em Ka-tet no caminho dos feixes. Não daremos as mãos, afinal, entre nós não há espaço para fraquezas. O Caminho do Ka é destinado apenas aos fortes. Eu não atiro com as mãos. Aquele que atira com a mão esqueceu o rosto de seu pai.

[Clique aqui](#)

11



Josenilson C. oliveira - O que não posso conter - Diário Poético

Há, em mim (e em todos nós), uma infinidade de seres, repletos de vontades, desejos, sucessos, fracassos, medos e esperanças. Aqui não quero divagar, mas dizer, de forma humilde, que tudo "o que não posso conter", preciso libertar no mundo, sem amarras, julgamentos ou autocensuras!

Sou o que sou. E, a cada morte, renasço. A cada mergulho me redescubro. Sou um diário aberto. Vire a página

[Clique aqui](#)

18

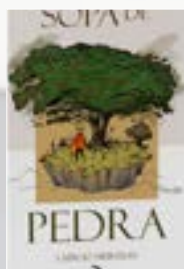


Enoizi Soviersovski- Anuhar - O guardião do Ar

Batalhas interplanetárias, extraterrestres e erotismo espacial. Depois da eletrizante história do primeiro volume da série Drah Senóriah (Novas verdades, um único amor), o planeta passa a utilizar a nova substância na confecção dos equipamentos de tecnologia, mas enfrenta dificuldades com os meios de transporte aéreos. Anuhar, líder dos Guardiões do Ar, busca incansavelmente uma solução. Para resolver o problema, ele ultrapassa todos os limites impostos e ousa além do permitido, o que assusta seus colegas. Sob a ordem de seu superior, recebe Sarynne, a jovem designada a ajudá-lo e que vai virar seu mundo de cabeça para baixo.

[Clique aqui](#)

25



Laércio Meireles - Sopa de Pedra

Estou há horas sentado em um banco de praça. Aqui, no meio de uma viagem de seis meses, vagando por um pedaço desconhecido do país e de mim. Estar a maior parte do tempo sozinho e em silêncio nos faz revirar o armário e encontrar fatos amassados, sob a pilha, há muito não vistos. Ou rever desejos engavetados. Ou ainda ser surpreendido por comportamentos vestidos tantas vezes e por tanto tempo que nem percebemos estar forade moda

[Clique aqui](#)

Série Indica:

Cronograma

OUTUBRO 2022

02



Reginaldo F. de Cerqueira - Portal para o desespero

O professor Carlos Virgílio Penna, historiador e especialista em línguas mortas e ritualística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre Iniciado em uma enigmática fraternidade, recebe, certo dia, uma misteriosa e obscura visita, com um pedido muito incomum, que mudaria a sua vida para sempre. Aceito o desafio, junto com os seus amigos, ele parte para a aventura mais improvável que nenhum ser humano jamais realizou: invadir o inferno.

[Clique aqui](#)

09



Luciana Teixeira - Sempre te amei

Paixão, desejo, saudade. Vidas distintas, mas a certeza de sentimentos profundos entre o Caio e Samantha, que se conheceram na adolescência e a vida os separou algumas vezes. Quando se reencontram, todo o sentimento que guardavam em segredo, não consegue mais ser escondido, mas a vida logo os separa novamente e a dor da ausência, o fruto da paixão e outros sentimentos se misturam e apenas a intensidade do amor poderá uni-los de novo.

[Clique aqui](#)

16



Gabrielli Hathaway - A Outra metade - A profecia Sagrada volume III

Nessa nova etapa ela e seus amigos vão ser testados. Não só sua amizade e confiança, mas seu senso de justiça também. Segredos são revelados, decisões são tomadas. Até onde vai o perdão? Só amor basta em um relacionamento? Quem define o certo e o errado? Quantas versões são necessárias para uma verdade? Venha viver essa aventura e descobrir a resposta dessas perguntas. Venha acreditar no impossível!

[Clique aqui](#)

23



Vina Ferreira - Universo Obscuro

Laila é uma mulher madura, vive uma vida perfeita e desejada pela maioria das pessoas normais. Mas ela não é normal, ela é inquieta e esconde alguns desejos sombrios que nunca compartilhou com ninguém, nem mesmo com seu marido, Pierre. Seus desejos a levam por um caminho perigoso e por um tempo, Laila se permite libertar a sua escuridão, mas Pierre a puxa novamente para a vida perfeita e ela volta para o mundo das pessoas normais. O tempo passa, Laila engole os seus segredos mantendo-os trancafiados dentro de si, mas o destino joga na cara dela, sem nenhuma piedade, que controlar a vida não é uma de suas tarefas. Uma fatalidade muda o seu mundo bruscamente e suas sombras voltam a assombrá-la.

[Clique aqui](#)

30



Monica Henriques - O Julgamento

No primeiro romance de Mônica Henriques, acompanhamos a vida em declínio de Felipe, advogado criminalista, após ser indiciado por vários crimes praticados contra mulheres – sua própria noiva inclusa entre as vítimas.

Em O julgamento, um thriller permeado por mistério e elementos sobrenaturais, somos levados a questionar após uma sucessão de fatos extraordinários, a real natureza dos assassinatos.

[Clique aqui](#)

RECITA-ME

10



Poeta

Rick Soares



QUEBRA-CABEÇA

Eu sempre fui um quebra-cabeça desde criança.
Conforme fui crescendo eu fui tentando montá-lo.
Errava aqui, errava alí... desmontava todas as peças, espalhava, jogava no canto.
Vez ou outra eu tentava quando ninguém estava vendo.
Tinha esperança de que um dia conseguiria montá-lo e vez outra
eu espalhava todas as peças e jogava no canto.
Hoje em dia eu quase consegui montá-lo.
A maior parte das peças eu consegui mas de tanto jogar num canto,
jogar no outro... percebi que hoje faltam peças em mim.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Jaque Alencar



REVELO-TE

... é que a distância não apaga,
nem sequer diminui aquilo que
guardo em tão secreto íntimo.

... é que o desejo sucumbiu às horas,
já tão desnecessárias para nós
nesse tempo de momento certo.

... é que já não tenho mais medo
de revelar-te a paixão que sinto
estremecer quando tu vens.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Mia Roda



MEMORIAL

Vejo as rosas que aqui vivem, plantadas por mãos desoladas
São as flores mais tristes que um jardim pode abrigar
Representam as vidas interrompidas pela crueldade
da doença que tivemos que enfrentar.
Quando o vento sopra as rosas, seu perfume me invade
Sinto o cheiro da saudade que nunca há de passar.
Trago um coração despedaçado que precisa ser forte
Para cuidar dos que vivem e honrar a sua morte.
Vigiarei esse jardim, trarei água, adubo e muito amor
Podarei cada roseira, deixarei meu sangue nos espinhos,
na esperança de um dia aliviar a minha dor.
Que esse memorial possa simbolizar o respeito pela jornada que finda
Que cada rosa possa confortar uma família sofrida
E que nunca nos deixe esquecer o valor de uma vida.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Edna Lessa



CONCERTO DO AMOR

Os sentimentos se fundem
como instrumentos solistas
num concerto musical,
A orquestra segue ao som do violino.

Meu olhar arisco percorre o salão
O coração andarilho explora sensações
De um torvelinho de emoções que gritam
E encontram compasso na música que soa

Ofereço a minh'alma um banquete musical
O violino estridente e agudo ecoa dentro de mim
Como um belo Stradivarius numa apresentação áurea
Orquestrando o amor que liberta e me guia
Ao encontro de minha própria melodia.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta



Carlos Palmito



BENJAMIM!

Hoje pensei em sair, ir para fora de mim, contemplar o mundo com estes olhos que de avelã nada têm.
Peguei-te, toquei-te, cheirei-te e senti o teu aroma invadir todos os poros da minha pele, a derme que já transpirava apenas por um vislumbre teu.
Pertenci-te, fui teu, ali sentado num sofá de cabedal falsificado num mundo imaginário, sem sol nem estrelas, nem dores ou alegrias... és o meu mundo, tornaste-te ele, ali, naquele ápice especial, sem necessidade de sinalética.
Decidi ficar, ser um benjamim no teu jardim, beijar-te as pétalas como quem vira a página de um livro... e tanto que sei a necessidade de virar as minhas.
As palavras sei-as de cor, tal como todos os tons do teu cabelo, o perfume é mágico e inalo-te, és livro e uma história, foste palavras sentidas, e agora, aqui sentado a ler o passado, sinto alegria, sei que foram momentos e eles constroem presentes.
Como presente, concedo-te o futuro... viverás perene na minha anamnésia, libertemo-nos da gaiola que nos prende, seremos pétalas que voam ao vento, quem sabe, benjamins presos numa gaiola maior... libertos por um livro...
Abre as asas, voa!

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Thiesca de Oliveira



SAUDADE TEM NOME

Saudade tem nome
Saudade tem nome
Tem nome de mulher
Tem o nome de um homem
Tem o nome que quiser
E também tem sobrenome
Saudade tem direção
Tem rua, casa e endereço
Tem até um corrimão
Quando vira do avesso
Saudade não tem limite
Entra e logo faz morada
Quanto mais longe, ela insiste
Em maltratar, a malvada!
Saudade é fogo ardente

Que queima o coração
Quando alguém está ausente
Ela espanta a solidão
Saudade tem nome sim
Amor, bebê, minha vida
Vai longe e nunca tem fim
Porque a saudade é bandida!
Saudade trás pra bem perto
Quem bem longe pode esta
Saudade é caminho aberto
Pra começar a amar
Porque só sente saudade
Quem sente falta de alguém
E só ama de verdade
Quem tem saudade também!

RECITA-ME



POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa



Juliana Rossi



TENTEI DESENHAR A POESIA

Com uma folha em branco e lápis na mão,
Eu quis desenhar a poesia,
Enquanto fervilhava minha imaginação
Somente uma coisa eu sabia
Com certeza era feminina,
E sem dúvidas asas ela teria.
Cores, multicores,
Aroma, sabores e sensações
Flores a desabrochar
Flores a morrer e secar
Grandes reflexões

Muitas indagações.
Até então, nada desenhei
Mas nesse tentar
Muito me inspirei
Riscos e rabiscos
Vários rascunhos
Frutos de meu próprio punho
Sementes e brotinhos,
Que iram desabrochar.
Como borboletas no casulo
Que uma hora há de sair e voar.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta

Xunior Matraga



TODO DIA

É preciso encontrar o que te salva
Do mundo, do medo, dos ais
É preciso descansar na poesia
Como quem com ousadia
Desejou ser mais
É preciso ser poeta todo dia
Mesmo quando a azia
Te corrói e trai
E não desistir da vida
Mesmo quando a vida se desfaz

RECITA-ME



POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta



Daniel Vieira



PRÓ-ATIVISMO

O pró-ativismo não ajuda se ele for um segredo
É louvável quando falam de desigualdade racial no emprego
Mas tudo isso pode ser jogado a esmo
Se um branco disser que ele se sente negro

A cor que você se declara é a qual pertence
Antes de se declarar como moreno ou pardo, pense
Sua cor inclui traços, culturas, descendentes
Depois de pensar nisso, veja o seu reflexo novamente

Não tem problema o branco se orgulhar de sua cor
Afinal, ele não tem sobre os ombros 500 anos de dor
Tipo uma cruz, que carregou o preto, nosso Senhor
Basta você ser Simão de Cirene, lutar a favor

CONTINUA....

RECITA-ME

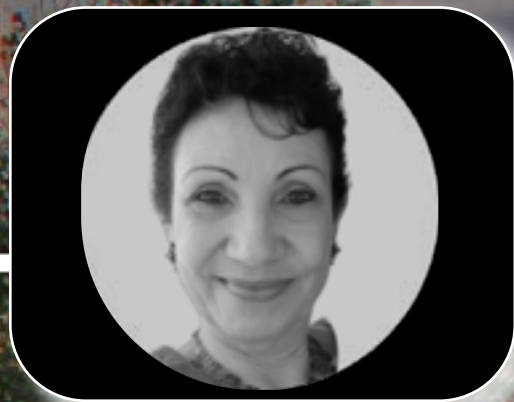
POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Elizete Ferreira



APENAS UMA ÁRVORE

O dia hoje chegou mais cedo
Com a claridade da queimada
A mata toda tremeu de medo
Sem poder fazer, absolutamente nada...

...E o fogo vinha queimando
Tudo o que encontrava pela frente
Aquele clamor de dor vinha ecoando
Todas as plantas viravam cinza de repente.

O fogo avançava na minha direção
O calor, a fumaça me intoxicavam
As minhas raízes fincadas no chão
Me protegiam, mas me condenavam

Assistia apavorada toda a devastação
Minhas vizinhas morrendo queimadas
Chorando e gritando por salvação
Sem defesa, fiquei desacordada

Quando recobrei os meus sentidos
Olhei ao redor e me deu arrepios
Eu fui salva! o fogo tinha sumido...
E eu estava do outro lado do rio

Sou uma árvore de muita sorte
Mas, insignificante para os humanos
O nosso amigo rio nos livrou da morte
Mas ninguém daqui, sabe até quando

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Caroline Valente



Eu sou a gota no olhar do rapaz
Do amor não correspondido que a tristeza lhe traz
Lágrimas de sangue deixadas pelo rancor
Daqueles que sofrem sem amor
Eu sou a gota na face da mãe sofrida
Nas noites perdidas por não ter uma saída
A gota no olhar da menina deprimida,
que nada nela admira e se tornou reprimida
Sou o pranto da mulher que está gritando...
Tentando se livrar do seu agressor,
que para ela, nunca deu o seu amor
Gotas da emoção de uma chegada e de uma partida,
sem despedida
Sou também gotas de alegrias sem dor
Da menina que canta na chuva, sem guarda-chuva
Do garoto apaixonado que vive de amor e o escreve,

sem nenhum pudor
Posso ser quente, como as gotas de suor,
nos corpos sedentos no leito de amor
“Gotículas carregadas de transformação,
vida a regar o chão”
Neste mundo, onde me perco entre a
razão e a emoção
Sou gotas!
De amor, alegria, ódio ou rancor...
Trago emoção, tiro o peso do seu coração
Não me prenda a ti, apenas deixe fluir
Se com a sua lágrima semear,
Ao certo, alegria colherá
Não me prenda a ti...

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Zeni Maria



DECEPÇÃO

Ainda lembro de você nos meus braços
Com sorriso no rosto de felicidade
Que o tempo transformou melancólicos
Pela dor que transcende a verdade

A tristeza está marcada no meu rosto
Quando olho no espelho não me vejo
E o grito trancado no meu peito
Com a alma deprimida lacrimojo

A decepção ao longo dos anos
Em conhecer a tua essência
Me faz perder noites de sonhos

E que a vida preserve os sentimentos
Que outrora valeu a pena
As mágoas um dia sejam levadas pelos ventos

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta



Altamir Costa



ENCANTAMENTO

Ando precisando de encantamento,
de ouvir o som do vento,
de ver o sorriso na boca da lua,
de escutar estrelas cantando um blues...

ando precisando de magia,
de ver borboletas dançando,
a conversa animada de pássaros que voltaram pro ninho,
de flores que são bailarinas num dia chuvoso de outono
e não se molham...

ando precisando de delicadezas,
de histórias com finais felizes,
de fadas iluminadas acendendo a noite,
de baldes de orvalhos que são vagalumes no caminho...

ando precisando de amor,
de olhos que se demorem nos meus,
de uma voz macia, me dizendo que tudo vai ficar bem...

ando precisando de esperança,
daquela que não é verde como a semente,
nem lilás como uma violeta de saudade,

preciso de uma esperança que não seja inventada...

ando precisando de amanhã,
porque o presente está doente e quero um amanhã
pleno de claridade...

ando precisando de um abraço,
de sentir o carinho pulsando
e um coração batendo descompassado junto do meu...

ando precisando de sonhos..
de encantamentos..

*poema de Dina Isserlin.
declamado por Altamir Costa.*

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta

Max Bernardo



PERFEITA

No seu olhar possui doçura
Sinônimo de perfeição
Na sua voz uma mistura
De ternura e de paixão.

Tem a beleza natural
No jeito dela sorrir
Mas é sobrenatural
O que ela mim faz sentir.

Deixa ofegante minha respiração
Faz meu coração disparar
Ofusca a luz da constelação
Com o brilho do seu olhar.

É rara de se encontrar
Razão versus emoção
Difícil de lhe explicar
Impossível lhe dizer não.

RECITA-ME



POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa



Lucila Farias



NINGUÉM NOS PERTENCE

Ninguém nos pertence
eu pertenceo a hoje
e ao que quero agora
amanhã quem sabe
você faça parte da minha história.

RECITA-ME

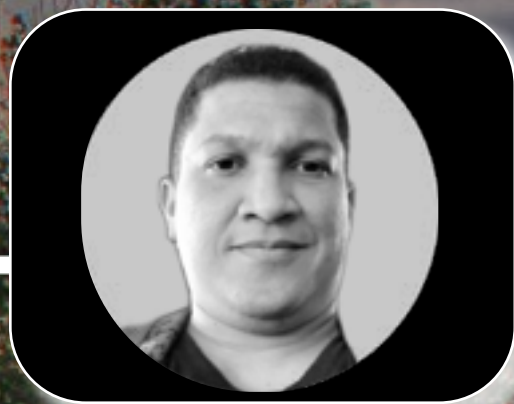
POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta

Benjamim Apolonio



TRILHANDO CAMINHOS

O despertar da aspiração
Avisa a breve saída
Sujeito a deslize e patinação
Quando a chuva vem desinibida

Melhorando a mobilidade
Com longícuca maestria
Salvando toda a cidade
Do caos nascido todo dia

Pare na primeira buzinação!
Equilibrada pelo boleto da alma
Olhe esse tanto de rotação!
Escute a sua passada!

Tanto ferro que historia
O berço do transporte Nacional
Até pelo mundo podemos ver
Quão indispensável é esse modal

Só nós resta afincado e cuidado
Como uma flor que deva regar
Arranjo técnico pra todo lado

O que não pode é o rodante cessar
Correremos com o sol deitado
Mastigando sem ter jantado
Retificando sob a luz do luar.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta



Thomaz Gomide



MOTIVO (CECÍLIA MEIRELES)

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.
Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.
Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta

Kermerson Dias



AMOR

Já me perguntaram algumas vezes: “por que você escreve tanto sobre o amor?”

E percebo que nunca respondo com as mesmas palavras.

Percebi que o amor é, dos tantos sentimentos com que me construo, aquele com quem mais converso.

O amor me ensina.

Ensina ser nosso, ser de nós e fazer parte.

Amor é meu desejo contínuo, crescente e perene.

E que todo amor seja precioso, preciso e certo.

Que, bem quando a gente nada espera, lá esteja — e seja — tudo.

Talvez amanhã me perguntem novamente o porquê falo tanto sobre amor.

Sim, com certeza, responderei de outra — nova — forma.

Pois, todos os dias, eu me descubro novamente no amor.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Carol Grandidi



INFLUXO

Quando fecho os olhos,
Inevitavelmente viajo,
E nesse derradeiro passeio
Não sou somente minha,
Senão de todo o universo.

Enquanto me aquieto,
O beijo que quero sentir,
Nos detalhes da imensidão,
Tem aroma de verdade impetuosa
E tem gosto de alma aberta.

No escorrer da pele que toca,
A entrega se faz nos arredores do tempo,
Que congela todo o cosmos
Para apreciar o movimento, detalhado,
Das línguas que atravessam mentes.

Carícia selada no além dos corpos,
Quando penso na colisão das bocas,
Férvidas do mútuo querer,
Desejo que o beijo me tire de mim
E me leve para dentro de você.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta

Robson Braga



PORTAS SECRETAS

Ninguém sabe que estou aqui,
hoje quero voltar sozinho.
Não me dê suas mãos cálidas...
Preciso caminhar por entre os trilhos
dos trens enferrujados.

Durante a noite, sem luar!
Serei eu e minhas recordações,
idas e vindas da memoraria recorrente,
luta diária em te esquecer.

Percorrerei o espaço do inconsciente,
o vazio das circunstâncias,
estrelas que não mais brilham,
metáforas da vida inconstantes,
afloradas no recente passado.

Até o amanhecer, serão ilações.
Com meu capuz, passarei despercebido.
Por entre as portas secretas
do meu eu, ainda escondido de mim.

RECITA-ME



POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Maria Oliveira



A VIDA E O TEMPO

Um brinde a vida
Sem taças, sem farsas
Danço ao som dos acordes
Do coração
No compasso do
Passo a passo
De minhas idas e vindas
Pois até as flores
Mais lindas
Morrem pisadas ao chão.
Por isso entro em sintonia
Como se o agora
Fosse o único momento
Em que a vida e o tempo
Formam uma junção do amor.
Para que no amanhã
Ainda que me abrace a dor
Lembrarei do quanto fui feliz
Da falta que fiz

Quando não me encontraram.
Fiz do tempo meu aliado,
Não sei se fui certa ou errada
Mas estive lado a lado
Com a minha verdade.
Me vesti de amor,
Amarei meus cabelos
Com folhas de coqueiro,
Brinquei, sorrir,
Intensamente vivi.
Não fui metade
Fui inteiro,
Dancei a valsa
No terreiro da sabedoria.
Foi tão bom
Que de novo eu faria
Se eu não soubesse
Aprenderia.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Joana Pereira



ENTRE OS NOSSOS LÁBIOS

Ponta do teu nariz na ponta do meu, aquela energia nostálgica que ficou no espaço entre os nossos lábios.

Tu eras a música que inundava o ambiente daquela casa, eras a brisa que vinha das janelas, eras as covinhas que se despertavam na minha bochecha esquerda a cada elogio teu, eras o perfume que pairava naquelas manhãs, eras os risos de boca escancarada.

Entre os nossos lábios ficaram as promessas prometidas um ao outro e um no outro. O amor estacionou ali, entre os nossos lábios, de olhos nos olhos, ficou o bem-querer naquele silêncio que podia ser ofensor, mas era o espaço da esperança. A esperança que desejava que se tocassem novamente.

Fomos rasgando os limites, rompemos com o respeito, com a gentileza e estima, o tempo... foi a nossa foice. Sem darmos conta que ceifávamos, vezes e vezes, a dignidade.

Fomos carentes um do outro, quanto mais garantidos nos sentíamos. Privámo-nos do que era a presença de cada um, para podermos ganhar brilho noutros mundos por explorar.

Hoje, neste espaço entre os nossos lábios, existe uma única certeza: A de nos querermos amar sem espaços. Os espaços que ficam entre as fissuras de tudo o que são falhas, desilusão e descuido.

Ali, entre os nossos lábios, ficou a certeza de que juntos, conhecendo o sabor amargo de nos perdermos, o nosso amor não tem mais espaço, se não para o sucesso.

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta

Josemar Barboza



UM TREM QUE SE CHAMA VIDA...

Nascimento, vida nos trilhos
O trem chamado vida vai seguindo sobre os trilhos,
E as paisagens vão passando rapidamente
E rios, pontes, pássaros, campos se perdem no horizonte
A visão às vezes engana e confunde a mente na velocidade insana
Cada vagão seguindo a máquina mãe
Ela determina o ritmo durante a viagem
E chega a primeira estação, uns sobem no trem felizes,
outros sobem com lágrimas nos olhos,
entre despedidas e acenos o trem mãe,
apita avisando que a viagem deve prosseguir
Outras estações vão aparecendo, mais despedidas,
mais lágrimas, mais abraços a viagem não tem fim
E mesmo quando parece terminar,
a viagem apenas recomeça para reencontrar as estações
e as paisagens que jamais serão as mesmas...

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta

Betinho Carlos



VOCÊ É... (WEBSTER CAVALCANTE)

Você é
O sol do meu amanhecer
E a lua do meu entardecer.
Você é
A madrugada orvalhada
com gotículas de mim...
A madrugada pode passar,
Mas,
O nosso amor Não vai ter fim.
Você é
O sereno da noite
Respingando em mim,
Me deixando todo molhado,
Como um cravo no jardim,
A espera do sereno,
Para florescer
em ti...

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa



Geisa Moreira



AMOR ALÉM DO TEMPO, ALÉM DO ESPAÇO...

Nem a saudade em toda a sua ânsia,
nem o destino em todo o seu furor,
nem uma ausência ou corpos em distância
apagarão o elã de um grande amor.

Nem a demora ou tempo em desfavor
que faz da espera um rito em rogo e instância,
nem o infinito em todo resplendor
farão minar, do amor, a relevância.

O tempo passa e alterna sombra e luz,
mas não impede a força que traduz
a intrepidez das almas em abraço.

E assim encontram asas os amantes,
aqui, ali, depois, agora ou antes,
no amor que contradiz o tempo, o espaço!

RECITA-ME

POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta/Poetisa

Seu nome aqui



TÍTULO DO SEU POEMA AQUI

Seu poema aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL RECITA-ME E ENVIE O
SEU RECITAR



SEU POEMA RECITADO AQUI

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



As cores da Sociedade

02



XÚNIOR MATRAGA



Xúnior Matruga é mineiro, nascido em 1985. Professor de língua portuguesa e redação, escritor e poeta. Membro da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas (SBPA) e do Instituto de Culturas Internacionais do Brasil (Icinbra). Autor do livro infantil “João Romão e o Pássaro da Ilusão” (2008) - vencedor de um concurso para edição de livros -, e dos livros de poesia “Quando rompe a epiderme do casulo” (2021) e “21 gramas” (2022). Colunista nas revistas literárias “The Bard” e “Aorta” e criador da página @ocasuloealarva, no Instagram, projeto idealizado para disseminar a poesia. Acredita na força da educação como elemento transformador e na sensibilidade potente da poesia, capaz de humanizar e transformar o mundo num lugar melhor.

Você tem fome de quê?

Por Xúnior Matruga



Foto divulgação Banda de Rock Titãs

No final dos anos 80, uma das bandas mais icônicas do rock nacional brasileiro, Os Titãs, cantava de forma entusiasta os versos “a gente não quer só comida / a gente quer comida, diversão e arte”, e ainda queremos, afinal não tem que ser uma coisa ou outra, a arte faz parte – ou deveria fazer – da formação humana, ferramenta importante para expor o que pensamos ou sentimos de

maneira crítica e reflexiva. Seja produzindo ou consumindo, a arte nos ajuda a compreender o mundo a nossa volta, e ela está em tudo: no museu, nas igrejas, na favela, nas esquinas, no asfalto. Infelizmente, porém, embora ocupe todos esses espaços, e haja todo tipo de arte sendo disseminada por aí, ela ainda não é acessível a todos e o que é pior, as artes de rua, preta e periférica sofrem preconceitos de toda sorte e são quase sempre marginalizadas e diminuídas.



Foto divulgação Rapper Emicida

Você tem fome de quê?

Por Xúnior Matraga

Naturalmente, o Brasil é um país de grandes artistas, na música, na dança, no teatro, na literatura, no cinema, nas artes plásticas. Apesar disso, sabemos que os espaços de arte estão em grandes centros urbanos, muitas vezes longe das periferias, e pouco acessível às pequenas cidades. Promover uma descentralização desses espaços é de máxima urgência para a construção de um país mais coerente e mais justo. A exemplo do rapper Emicida, em seu projeto “AmarElo” de 2019, que virou um documentário da Netflix, em que o artista promove uma ocupação do Teatro Municipal. Ali acontece um show épico, histórico e muito simbólico, onde a pauta é a valorização da cultura preta periférica e personalidades negras importantes recebem holofotes, como a antropóloga Lélia Gonzalez e a atriz Ruth de Souza. A plateia, quase hegemonicamente ocupada pelas periferias – muitos inclusive nunca haviam pisado ali – nos ajuda a entender o que o documentário quer escancarar. Nas palavras do próprio Emicida, escolheu-se o Municipal “porque não tem uma viga, não tem uma ponte, não tem uma rua, que não tenha tido uma mão negra trabalhando”, Emicida leva a periferia para um dos berços da arte burguesa, no centro de São Paulo, como se dissesse: “Isso aqui também é de vocês.” E ali, eles produzem arte da melhor qualidade.

É importante pontuar também que o Teatro Municipal foi palco de grandes acontecimentos históricos. A Semana da Arte Moderna de 1922, por exemplo, foi um movimento importante que promoveu uma revolução no entendimento do que é arte e, por valorizar aspectos nacionais, abriu as portas para o samba, que à época era marginalizado. Os reflexos dessa semana repercutiram em tudo o que foi feito a partir dali e até hoje os mais diversos artistas bebem das fontes modernistas. Além disso, foi nas escadarias desse mesmo teatro, em 1978, que inúmeros manifestantes negros fizeram um protesto contra a violência racial, dentre eles, Lélia Gonzalez, citada anteriormente. Ali surgiu o Movimento Negro Unificado (MNU), em plena ditadura militar. Posto isso, não é difícil perceber que, apesar de ser um lugar onde se cultua uma arte elitista, o Teatro Municipal, não raro, é cenário para diversos movimentos revolucionários na história.



Teatro Municipal de São Paulo em 1922. Foto: Arteref/ Reprodução

No país onde a classe artística é atacada e centros históricos sucateados, é urgente pensar políticas públicas que possibilitem maior acesso ao cinema, ao teatro, aos museus, e que garantam o direito à cidade, além de valorizar a arte de rua, das favelas e dos guetos. Mais do que promover a descentralização dos espaços de arte, como dito anteriormente, é preciso reconhecer a arte periférica e trazer para o debate público a potência das favelas, repletas de cultura, movimentos importantes e



Foto divulgação Lélia Gonzalez

projetos transformadores. A jornalista Gabrielle Araújo, repórter do site www.observatoriodefavelas.org.br, em texto de sua autoria pontua o seguinte

Apresentar novas formas de representação, investir no fortalecimento do território, promover diálogo e protagonismo de moradores etc. Engana-se quem pensa que a produção cultural em favelas e periferias é marcada apenas por diferentes conceitos subjetivos. A realidade mostra que, quando postos esses elementos em prática, a relevância de diversos movimentos sociais a partir da arte não nascem apenas como ferramenta de transformação, mas sim como símbolos de resistência e afirmação de narrativas.

(Araújo, Arte, favela e resistência, 2022)

A arte e a favela resistem e enfrentam de maneira corajosa todo esse sistema burguês que tenta encaixotar a arte e invisibilizar a favela. Não passarão, porque o povo ainda tem fome de cultura, tem sede de arte e clama por um país verdadeiramente democrático, que valoriza seus artistas e haja espaço para ser o que se é e construir sua arte da forma que melhor lhe convier. Nós seguiremos lutando famintos.



Foto divulgação Banda Titas

Trailer do documentário "AmarElo - É tudo pra ontem" do rapper Emicida na NetFlix.



E você? Tem fome de quê?

Clique aqui para assistir



Você tem fome de quê?

Por Xúnior Matraga



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



COLUNISTA XÚNIOR MATRAGA

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE





Rafael Pelissari



Rafael Rosseto Pelissari é terapeuta em medicina bioenergética vibracional. Mestre em Reiki e Tao Yin, Rafael também é poeta, artista plástico, acupunturista, radiestesista, musicoterapeuta, cromoterapeuta, especialista em terapias naturais e balanceamento de centros energéticos. Rafael também é luthier e artesão de instrumentos ancestrais, Formado em engenharia elétrica pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, o também professor e palestrante Rafael é difusor do Tao Yin no Brasil, além de divulgar o vasto conhecimento ancestral através de livros, cursos e oficinas.

A ARTE MUSICAL CIGANA

Saudações caros(as) leitores(as)!

No artigo desta edição da nossa amada revista, vos trago uma breve história de um povo e sua arte que há séculos exercem tanto fascínio, bem como despertam tanta admiração e curiosidade – não me refiro a um povo específico, mas sim a um conjunto de diferentes etnias comumente denominadas como povos ciganos, e sua riquíssima cultura, música e dança.

Breve conceituação histórica

A história dos povos ciganos remonta a períodos imemoráveis da civilização humana, e, em razão da ausência de uma história escrita, a origem e a história inicial dos povos roma foram um mistério por muito tempo. Até meados do século XVIII, teorias da origem dos roma se limitavam a especulações. No final do século, antropólogos culturais levantaram a hipótese da origem indiana dos roma, baseada na evidência linguística – o que foi posteriormente confirmado pelos dados genéticos.

Assim sendo, “ciganos” é um exônimo para romani, ou seja, uma designação para um conjunto de populações que têm em comum a origem

indiana e uma língua (o romani) originária do noroeste do subcontinente indiano. Também são conhecidos pelos termos roma, boêmios, gitanos, calons (no Brasil), quicos (em Minas Gerais e São Paulo), calés e calós. Segundo um estudo feito pela revista Current Biology, a diáspora dos ciganos começou há cerca de 1500 anos.

Na Europa, esses povos são subdivididos em diversos grupos étnicos:

Roma (em singular: rom, termo que, traduzido para o português, significa “homem”), presentes na Europa centro-oriental e, desde o século XIX, também em outros países europeus e nas Américas;

Sinti, encontrados na Alemanha, bem como em áreas germanófonas da Itália e da França, onde também são chamados manoush;

Caló, os ciganos da Península Ibérica, igualmente batizados de “gitanos” embora também presentes em outros países da Europa e na América, incluindo o Brasil.

Romnichals, principalmente presentes no Reino Unido, inclusive colônias britânicas, nos Estados Unidos e na Austrália.

Além de migrarem voluntariamente, esses grupos também foram historicamente submetidos a processos de deportação, subdividindo-se em vários clãs, denominados segundo antigas profissões e procedência geográfica, que falam línguas ou dialetos diferentes. Ao longo da história, houve também diversas perseguições e genocídio de muitos grupos ciganos, inclusive durante o regime nazista.

Com essa quantidade de diferentes clãs, e as migrações e imigrações tão características dos povos ciganos, a cultura cigana não poderia ter qualquer outra característica que não ser riquíssima, tanto quanto universal; a própria bandeira cigana representada por uma roda vermelha de carroça sobre um fundo azul e verde representa muito do estilo de vida cigano - a roda vermelha no centro da bandeira simboliza a vida, representa o caminho a percorrer e o já percorrido. A tradição, como continuísmo eterno, sobrepõe-se ao azul e ao verde, com os seus aros representando a força do fogo, da transformação e do movimento. O azul representa os valores espirituais, a paz, a ligação do consciente com os mundos superiores, significando libertação e liberdade. O verde representa a Mãe Natureza, a terra, o mundo orgânico, a força da luz do crescimento vinculado com as matas, com os caminhos desbravados e abertos pelos ciganos. Representa o sentimento de gratidão e respeito pela terra, de preservação da natureza pelo que ela nos oferece, proporcionando a sobrevivência do homem e a obrigação de ser respeitada pelo homem, que dela retira os seus suprimentos, devendo mantê-la e defendê-la.

Além do mais famoso lema cigano: *“A Terra é meu lar, o céu é meu teto e a liberdade é minha religião.”*

Das artes

De uma maneira geral, nas artes, os contos e narrativas de tradição oral, ritmados por repetições paralelísticas, transmitem a história do grupo ou destinam-se a distrair e divertir. São a memória desse povo sem escrita. Neles está presente a poesia, que também se manifesta no canto.

Já na dança, a história é ainda mais curiosa. Quando os ciganos deixaram o Egito e a Índia, eles

passaram pela Pérsia, Turquia, Armênia, chegando até a Grécia, onde permaneceram por vários séculos antes de se espalharem pelo resto da Europa. A influência trazida do oriente é muito forte tanto na dança quanto na música cigana - hindu, húngara, russa, árabe e espanhola. Esta última está refletida no ritmo dos ciganos que habitaram o sul da península Ibérica e criaram um novo estilo - o flamenco, o qual abordarei com mais ênfase ao longo deste artigo.

Especificamente na música, diversos gêneros musicais foram criados e desenvolvidos pelos povos ciganos. O “dom” nato dos ciganos para a música instrumental, sobretudo no violino e no violão é reconhecido mundialmente. Existe um estilo típico de execução, o molto rubato, bem como escalas que remetem aos povos do oriente médio e da Índia – essa característica de música cigana influenciou grandes nomes da música erudita como Liszt, Brahms, Beethoven e vários outros. É especialmente da Hungria, Romênia e Espanha que são originários os músicos ciganos e os gêneros mais popularmente conhecidos.

Dentre os estilos musicais criados pelos ciganos estão o ritmo baladi, oriundo do Egito com danças e movimentos que envolvem lenços, facas e até mesmo garrafas de bebidas nas mãos; a zapaderin, dança secreta das ciganas, que invoca o amor do cigano; os estilos manouche, sinti, kauderashs, manele; o “jazz manouche” ou “manouche jazz” mundialmente conhecido como gypsy jazz - em tradução literal, “jazz cigano” - é um dos estilos musicais ciganos mais conhecidos e difundidos, e, frequentemente caracterizado como tendo seu início com o magnífico guitarrista Jean “Django” Reinhardt na década de 1930. Django, músico de origem Rom foi o primeiro jazzman a influenciar músicos norte-americanos, num caminho reverso ao jazz saído de New Orleans; a rumba, ritmo também popularmente conhecido e reconhecido mundialmente como um estilo cigano teve seu apogeu com o grupo de ciganos franceses, filhos de ciganos espanhóis fugidos da Catalunha durante a guerra civil espanhola – o Gipsy Kings; e aqui chegamos ao flamenco, e este merece um capítulo à parte.

Flamenco

O flamenco é a música, o canto e a dança cujas origens remontam às culturas cigana e mourisca, com influência árabe e judaica. É indiscutivelmente o gênero musical de origem cigana mais popular mundo afora. A cultura do flamenco é associada principalmente à região da Andaluzia, sul da Espanha, assim como a Múrcia e Estremadura, e tornou-se um dos símbolos da cultura cigana. Em 16 de novembro de 2010, o flamenco foi declarado patrimônio cultural imaterial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Originalmente, o flamenco consistia apenas de canto (cante) sem acompanhamento. Depois, começou a ser acompanhado por violão ou guitarra (toque), palmas, sapateado e dança (baile). O toque e o baile podem também aparecer sem o cante, embora o canto permaneça no coração da tradição flamenca. Mais recentemente, outros instrumentos como o cajón (uma caixa de madeira usada como percussão) e as castanholas foram também introduzidos assim como vários outros instrumentos como o violino, o celo e flauta; o que veio a engrandecer as nuances musicais além da tradicional guitarra.

Muitos dos detalhes do desenvolvimento do flamenco foram perdidos na história e existem várias razões para essa falta de evidências históricas: os tempos turbulentos dos povos envolvidos na cultura do flamenco. Os mouros, os ciganos e os judeus foram perseguidos pela inquisição espanhola em diversos tempos; os ciganos possuíam principalmente uma cultura oral. As suas músicas eram passadas às novas gerações através de festas em comunidade; o flamenco não foi considerado uma forma de arte, sobre a qual valesse a pena escrever durante muito tempo. Durante a sua existência, o flamenco esteve dentro e fora de moda por diversas vezes.

Foi nesta situação social e economicamente difícil que as culturas musicais de mouros e principalmente ciganos começaram a fundir-se no que se tornaria a forma básica do flamenco: o estilo de cantar dos mouros, que expressava a sua vida difícil na Andaluzia, os diferentes "compás" (esti-

los rítmicos), palmas ritmadas e movimentos de dança básicos. Muitas das músicas flamencas ainda refletem o espírito desesperado, a luta, a esperança, o orgulho e as festas noturnas durante essa época. Músicas mais recente de outras regiões de Espanha influenciaram e foram influenciadas pelo estilo tradicional do flamenco.

A primeira vez que o flamenco foi mencionado na literatura remonta a 1774 no livro "Cartas marruecas", de José Cadalso. No entanto, a origem do termo "flamenco" continua a ser assunto bastante debatido. Muitos pensam que se trata de um termo espanhol que originalmente significava flamenco. Contudo, existem outras teorias. Uma das quais sugere que a palavra tem origem árabe, retirada das palavras "felag mengu" (que significa algo como "camponês de passagem" ou "fugitivo camponês").

Durante a chamada "época de ouro" do flamenco, entre 1869 e 1910, o estilo desenvolveu-se rapidamente nos chamados "cafés cantantes". Os dançarinos de flamenco, em sua maioria ciganos, também se tornaram numa das maiores atrações para o público desses cafés. Ao mesmo tempo, os guitarristas que acompanhavam esses dançarinos, foram ganhando reputação e dessa forma, nasceu, como uma arte própria, a guitarra do flamenco. Julián Arcas foi um dos primeiros compositores a escrever música flamenca especialmente para a guitarra.

A guitarra flamenca e o violão são descendentes do alaúde, como já trouxe para vocês acerca das origens do violão moderno em um artigo anterior aqui da revista. Pensa-se que as primeiras guitarras (como é chamado o violão na Espanha) teriam aparecido em Espanha no século XV. A guitarra de flamenco tradicional é feita de madeira de cipreste e abeto, sendo mais leve e um pouco menor que a guitarra clássica, com o objetivo de produzir um som mais agudo.

O flamenco é atualmente dividido em três categorias: flamenco jondo: é a forma mais tradicional do flamenco e que significa profundo, denso ou pesado. Está relacionado aos primeiros cantes e que perduram em sua maioria até os dias de hoje; flamenco chico: são todas as formas de es-



COLUNAS E COLONISTAS

pírito festeiro como nas bulerías, rumbas, tangos e alegrías e que não possui a mesma profundidade que no "jondo"; flamenco intermedio: são todas as formas que se encontram entre as duas categorias acima.

As categorias de flamenco também se subdividem em estruturas rítmicas chamadas "palos". Por exemplo: soleá, malagueña, bulerías, rumbas, sevillanas, jaberás, tientos, tarantas e tantos outros palos.

Dentre os músicos flamencos de origem cigana mais destacados em nível mundial estão Paco de Lucía, Camarón de la Isla, Moraíto Chico, Sabicas, Mario Escudeiro, Tomatito, Niña Pastori e Joaquín Rodrigo, este último, compositor clássico e autor do aclamadíssimo "Concierto de Aranjuez" um concerto escrito para violão, sendo a primeira vez na qual o flamenco foi arranjado para orquestra e apresentado em teatros de música erudita.

Os nomes supracitados, bem como tantos outros que não caberiam aqui elencar, são mais do que dignos de conhecimento. Pesquisem e conheçam essa arte tão bela e tão profunda - é de tirar o fôlego!

Devemos sempre levar em consideração que, com o passar do tempo, todas as artes tem evoluído e sofrido diversas inserções com outras técnicas provenientes de outros estilos musicais, de canto e de dança, o que ocasionará alguns trabalhos em fusão, mas que não caracterizam um novo estilo ou divisão dentro da arte flamenco como um todo.

Como apêndice, abaixo vos deixo um vídeo de uma apresentação minha no "Van Huppell's Kunstenfestival Des Arts" de 2014 em Amsterdam na qual eu toco um improviso sobre uma composição autoral chamada "Yagé".

Com muito orgulho de minha ancestralidade cigana, essa composição remonta aos estilos característicos dessa emblemática cultura. Espero que gostem!

A quem possa interessar, há ainda outros vídeos meus no Youtube com temáticas ciganas/flamencas.

Até uma próxima oportunidade,



Clique aqui para assistir

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

SITE



TAOYIN



INSTAGRAM



INSTAGRAM



POST NO SITE



EDIÇÃO SETEMBRO & OUTUBRO 2022



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER



EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2022



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2022**

PERÍODO DE 10 DE AGOSTO À 05 DE OUTUBRO .



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

FÓRUM DO SONETO

07



O Fórum do Soneto é um grupo de sonetistas brasileiros que tem como objetivo a revitalização do SONETO CLÁSSICO, primando sempre pela técnica e estrutura tradicionais.



ARTIGO 7 – FÓRUM DO SONETO

RIMAS - IMPORTÂNCIA NO SONETO

A rima revela a sonoridade nos extremos dos versos e adorna o soneto com uma musicalidade de impacto, em pausas, a cada mudança de linha. Aparentemente, para o leigo, uma característica simples, e até banalizada em algumas situações na poesia escrita, porém, o sonetista zeloso, atento, metucioso, estudioso e caprichoso, sabe que essa afirmação não é verdade. O FÓRUM DO SONETO trabalha com a **Rima Perfeita** (aquela possui identidade total de grafemas após a última vogal tônica e, também, de sons, após a última vogal tônica), mas, neste ínterim, respeitando a cultura regional da língua e poética do sonetista, buscando, quanto ao valor da rima, sempre que possível (desde que não prejudique na poesia e na mensagem), empregar a **Rima Rica** (rimas com classes gramaticais diferentes e, em casos de rimas com verbos, desde que diversos no modo, empo e pessoa, ou em algumas destes aspectos) aceitando de bom grado as **Rimas Preciosas ou Raras** (ocorre entre palavras que permitem poucas possibilidades de aproximação fonética ou sonora; ex: vendo-a / amêndoa) e, também, as Rimas Pobres (com parcimônia e de forma comedida, desde que útil na mensagem e na poesia).

O português **Antônio Feliciano de Castilho**, em seu **Tratado de Versificação Portuguesa, de 1851**, um dos tratados mais influentes da língua

portuguesa, o mesmo tratado que inspirou a Olavo Bilac e Guimarães Passos a redigirem um posterior tratado de versificação, alicerçado nesse, em 1905, ensina:

“Nem todos os consoantes se podem ter por de igual valor:

1.º Os sons mais trivíais como o “ão”, “ar”, “or”, “ado”, “oso”, “íssimo”, etc., merecem menos apreço do que outros mais raros, como “arte”, “uria”, “érno”, etc. Neste particular são commumente desleixados os nossos poetas antigos; Camões mesmo se não exime da censura; logo as primeiras rimas dos Lusíadas a estão provocando – ados - ana - aram - ozas - ando -- etc.

2.º As rimas exquisitíssimas, que são o extremo oposto das trivíais, devem ser empregadas com parcimônia, porque ás vezes roçam pelo escollo do ridículo.

3.º As palavras de idêntica índole gramatical, são rimas geralmente mais pobres, que as palavras de índole gramatical diversa.

Isto é, rimará melhor quem rimar um verbo com um substantivo, um adjectivo e um adverbio,

do que quem rimar um adjectivo com outros adjectivos, um adverbio com outros adverbios, etc. Assinalados, navegados, esforçados, tudo adjectivos, e de mais a mais participios; - edificaram , sublimaram , ambos verbos e no mesmo modo , tempo, numero e pessoa ; - gloriosas, viciosas, valorosas, tudo adjectivos, e adjectivos qualificativos; – foram dilatand), andaram devastando, vão libertando, tudo gerundios; – fizeram , tiveram , obedeceram , tudo tambem verbos, e tambem no mesmo modo, tempo , numero e pessoa — são deploraveis desares no primeirointroito de tal poema como os Lusíadas.

D'entre as palavras de identica índole grammatical, as que dão rimas menos mesquinhas são os substantivos, depois os adjectivos, depois os verbos.

A rima de verbo com verbo pode passar de viciosa a plausível, quando cada um d'elles for diverso em modo, tempo, número e pessoa; ou pelo menos em algumas destas cláusulas, “edificaram” e “param”, rimam excellentemente; assim como, “está” e “fará”; —“diz” e “ouvis”; — “vigia” e “cantaria”; - “estivesse” e “tece” ;“adocou -se” e “fosse”; --“disse” e “subisse”, etc. Estes quase preceitos não são inspirações do mero instincto; explicam -se pela razão. A rima é uma difficuldade vencida para agrado do ouvido. Se as rimas são corriqueiras, nenhuma difficuldade

com ellas se venceu ; se irmãs quanto a classificação dos grammaticos, accrescentam á monotonia do som , uma nova monotonia , e com esta annullam aquella todo o seumerito, mais convencional que real.

O que neste capitulo deixamos dito, são menos leis absolutas, que avisos e conselhos, os quaes é todavia bom não perder jámais de vista , se se aspira , como se deve aspirar, á maxima perfeição da forma poetica. Bocage é ainda nisto um dos modellos menos arriscados. Em diverso genero, a rima de Tolentino é tambem magistral. Se eu me não tivesse imposto como obrigação o não citar neste tratado os contemporaneos, não por alguma repugnancia que tenha ao louvar, mas porque o louvor dado a um , muitos outros o tomam como injuria, poderia juntar a estes dois belos nomes, os de mancebos que algum dia têm de preencher lugar brilhante na nossa historia litteraria.” (Páginas: 117 a 119).

E isso, meus amigos leitores, não é tudo, mas o suficiente para inclinar o sonetista ou o aspirante ao caminho do aperfeiçoamento sólido e com brilho, na arte de compor sonetos. Avante!

Por Ricardo Camacho
Idealizador, Fundador e Presidente do
FÓRUM DO SONETO

INSTAGRAM



RECANTO DAS LETRAS



POST NO SITE



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Eufrasio Filho

Fortaleza/CE

FIDELIS (1)

Quando ruírem, muro e fortaleza,
Quando cair a torre do castelo;
Que prevaleça, mesmo na incerteza,
O nosso amor, adorno mais que belo.

Que teu abraço, amado, sejas o elo;
Que sejas, tu, o meu escudo... alteza!
Quão forte me és o teu tocar singelo
A proteger-me sempre com firmeza.

A humanidade treda e em turbulência,
Não finará jamais o nosso amor.
Serei a tua luz; o teu calor

E assim ecoaremos na existência,
Pois, mesmo que derreta o cetno, eu hei
De ser decerto tua... bravo rei.

O ELO (2)

Os olhos marejados, no horizonte
Avistam um fulgor monumental,
Que afasta, do viver, o dia mau
E frente ao arrebol, fremente a fronte;

Percebo a pequenez de ser mortal
Então, que o assoviar do vento conte
Que, mesmo co'a maldade em simbionte,
Podemos nos tornar, da terra, o sal.

O céu que colorido se engrandece,
Figura em esplendor extasiante,
Então a natureza adorna a prece.

Acalmo-me no cerne, mediante
O belo que o divino magno tece;
Criando a ligação – etéreo e errantel!

INSTAGRAM



POST NO SITE (1)



POST NO SITE (2)



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Ricardo Camacho

Rio de Janeiro/RJ

IMORTAL (1)

Aquece e abrasa, o Amor, vulcão sublime
Que verte a chama, a luz, cobrindo tudo;
Eterno e encantador, de efeito mudo,
Que ampara o ser e que, também, redime.

Expulsa o mal no eflúvio que comprime,
Transforma o amargo em doce conteúdo;
Divina essência, manto de veludo
Que afaga o ser e que jamais o oprime.

Imersos na magia, além da dor,
Nas asas da volúpia, sem final,
Fenômeno da lua, o sol e a cor

Misturam o ideal com o real...
Um símbolo potente, um fato, o Amor
Eternamente em cântico imortal!

A PINTURA (2)

Ao pôr do sol e às auras matutinas,
Espalmam sombras leves e bondosas
Das ramas e campânulas viçosas,
No claro e primo ciclo das rotinas.

Os pássaros, com asas bonançosas,
Precedem as moradas vespertinas
Sobre os olmeiros brancos, folhas finas,
E os galhos frágeis de horas preguiçosas.

Mais tarde, o sol num véu pulverizado
Rebrilha com fulgores de diamantes;
Ao longe a penedia, lado a lado,

Refrata catedrais sem habitantes,
E a cor que inspira um solo imaculado
Com pétalas de flores dos amantes!

POST NO SITE (1)

POST NO SITE (2)

RECANDO DAS LETRAS



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Geisa Alves

Resende/RJ

LOUVOR (1)

Brilha o luar por sobre as águas quedas
do imenso mar, em explosões de prata,
declina como fúlgida cascata,
cobre o oceano de luzentes sedas.

E desde a aurora, desde a prima data,
assim sucede nas rotinas ledas:
o mar e a lua rentes nas veredas
beijam a praia com bravura inata.

O céu cintila em prismas de ardentia,
o mar refulge com celestes cores,
liame de sublime poesia...

Arde-me a verve num elã sem dores,
sobe-me à boca o dom que o verso amplia,
louvo, de Deus, os divinais favores!

RUÍNAS (2)

Ruiu o meu palácio de quimera
como se fosse erguido sobre a areia.
Guardar as suas torres eu quisera,
mas fui vencida em lutas à mancheia.

Perdi no mar a esplêndida galera
e as suas ondas tive por cadeia.
No escombro do palácio cresce a hera,
a água rugiu à luz da lua cheia.

Perdi o meu rubi, o meu brilhante,
minha tiara, a joia cintilante,
pêrdi o fio de ouro e a flava espada...

Queima meu lábio em súplicas e rogo...
Arde minha alma em brasa viva e fogo...
Fito perdida as minhas mãos no nada!

INSTAGRAM



POST NO SITE (1)



POST NO SITE (2)



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Janete Sales Dany

São Paulo/SP

PASSOS DE SABEDORIA (1)

Na vida, anseio ter sabedoria,
ter placidez ativa na postura,
expor o amor que exulta e não tortura,
pois sei que o sábio foge do que arria!

Creio que não possuo o que queria,
porém, ainda assim, enfrento a agrura
sem preterir aquele que murmura,
aquele que comigo encerra o dia!

Componho no silêncio a voz da paz,
aprendo mais e escapo da serpente,
da audaz soberba sempre tão fugaz.

Na vida, quero ter compreensão,
doar o meu perdão eternamente,
jamais ruir nas garras da ilusão!

CLAMORES (2)

Sozinha, na tristeza dos meus dias,
contemplo a porta aberta, a liberdade...
O peito dói, saudade que me invade
e inunda as madrugadas bem sombrias.

Lá fora, um mundo intenso de alegrias
impera um renascer que nunca evade.
Sou pássaro tristonho, enfrento a grade,
e não sei ocultar as mãos vazias...

À noite, quando deito em minha cama,
a realidade surge e se esparrama —
o incerto se aprofunda em minha mente!

Senhor, perdão, o amor ainda é chama,
dentro do coração e se derrama,
nos versos que componho eternamente...

POST NO SITE (1)

POST NO SITE (2)

INSTAGRAM



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Jerson Brito

Porto Velho/RO

RUMO AO CÉU (1)

Imersas em completo desatino,
serpeiam duas feras encharcadas
no sumo de profusas enxurradas
que movem um desejo libertino.

Nos olhos nasce um brilho cristalino
e as lanças de carinho partilhadas
atingem emoções que, reveladas,
acendem-me um sorriso de menino.

Entrego à tua sede, por inteiro,
o sonho conduzido pelo cheiro
presente no conforto deste abraço.

O beijo longo é ponto de partida
na direção do céu e nos convida
a ter, nas fantasias, nosso espaço.

MONÓLOGO (2)

De rude caminhada, amigo, venho,
ainda não te vejo, mas confesso:
aos passos necessários no regresso
não deixarei faltar vigor e empenho!

Enormes são as noites que atravesso,
irado o temporal que fere o cenho,
contudo, esperançoso me mantenho,
conhecedor das provas do processo.

Sorvendo as ilusões de riso largo,
deixei a tua voz cair nos braços
do tempo e lamentaste aí, sozinho.

Depois de me livrar do gosto amargo,
espero resgatar, no espelho, os traços
de um rosto abandonado no caminho.

INSTAGRAM



POST NO SITE (1)



POST NO SITE (2)



FÓRUM DO SONETO



COLUNAS E COLUNISTAS

Sonetista



José Rodrigues Filho

Amélia Rodrigues/BA

DÁDIVA DESPREZADA (1)

O pensamento faz do ser-humano,
Na terra, a mais perfeita criatura,
Esta, no entanto, não tem estrutura
E o seu conhecimento causa dano.

A poluição se fez legado insano:
Desatenção trocou pela ventura
De ser progênie, e não caricatura...
Gozar e preservar, este era o plano.

Perdida na ganância desmedida
A humanidade, em forma enlouquecida,
Está vivendo o seu pior momento

Em busca de outros mundos pra explorar.
Não lhe valeu a pena, então, pensar,
Melhor seria não ter pensamento.

ABSORTO (2)

Na solidão o pensamento invade
Adormecidas e pueris lembranças,
A recordar do penteado, em tranças,
Adolescente completando a idade...

De debutar! E namorar... Saudade!
De, na paquera, aproveitar as danças.
E, nas quermesses, liberar crianças
Empoderadas de infantil maldade.

Na multidão recordações, infindas,
Desaparecem de quimeras lindas
E, mentalmente, despejamos fora...

O conteúdo acúmulo em anos.
Reencetar, ardentemente os planos,
Resumiria o devaneio, agora.

POST NO SITE (1)

POST NO SITE (2)

INSTAGRAM





05



Cacá Matos



Fisioterapeuta e escritora de poesia e prosa; Autora do livro de poesias *1.001 sentimentos, 100 emoções*, Doutora Honoris Causa em Fisioterapia e Honorável Mestre da Literatura Brasileira pela FEBACLA. Membro acadêmica da AIL, AVLPL, AILB e AIML. Coautora em algumas antologias poéticas.



RENÚNCIA (1)

O que fazer quando a vida parece não ter mais nenhum sentido? Estar ali ou não faz diferença alguma, o que se tem pelo caminho? Dor, tristeza, angústia, indiferença, desespero, medo, solidão, depressão, entre tantos outros sentimentos conflituosos e sufocantes...

O ensino médio pode trazer experiências diversas, alguns amam essa fase, outros odeiam e torcem fervorosamente para que essa fase passe o mais depressa possível. O ambiente escolar traz à tona temas recorrentes como o bullying, depressão, estupro entre outros temas que se desencadeiam com essas práticas inadmissíveis.

A série mostra o dia a dia desses alunos, os extremos entre os alunos populares, como os atletas e as líderes de torcida, os nerds e aqueles invisíveis que fazem de tudo para passarem despercebidos pelos valentões que tem como hobby perturbar a ordem

e a paz dos alunos que não os idolatram ou prestam atenção neles.

Hannah Baker é a protagonista da série, uma aluna um tanto tímida, que andava mais com os nerds da escola, tentou se encaixar mas foi uma daquelas que teve uma experiência nada feliz na escola, salvo alguns momentos com aqueles que julgava serem seus amigos. Presenciou coisas que não queria ver, tentou fazer justiça mas não conseguiu, sofreu abuso, foi ridicularizada, teve relacionamentos curtos e depois de toda opressão, decepção e hostilidade, findou sua vida triste com o suicídio.

Ela espalha então fitas que gravou, 13 motivos, que são pessoas que a levaram ao seu fim trágico. Clay, que era seu amigo e trabalhava com ela, recebe a caixa com a fita e ouve todas, e fica perturbado com as revelações feita por Hannah, se revolta, chora, sente muitas coisas e tenta se vingar de quem a fez mal.

A série, *13 reasons why* escancara os problemas vividos pelos jovens na escola, os sentimentos e conflitos que os cercam, em casa e na escola, quase nenhum sai ileso da experiência tenebrosa que é o ensino médio, alguns largam a escola, se envolvem com drogas e outros problemas. Uma temática forte que pode trazer desconforto para certo público, alertando de assistir acompanhado caso seja necessário e salienta a necessidade de pedir ajuda quando se na situação em que os personagens se encontram.

A série *13 reasons why* está disponível na Netflix; Faixa etária: 16 anos; Ano de lançamento: 2017; 4 temporadas; Gênero: Drama; Elenco: Dylan Minnette, Alisha Boe, Katherine Longford, Justin Prentice, Christian Navarro, Ross Butler, Brandon Flynn, Miles Heizer, Devin Druid, Timothy Granaderos



REIVINDICAÇÃO (2)

Amar é um direito de todos, independente de religião, etnia, status social, gênero ou origem, é um sentimento e a partir do momento que duas pessoas sentem a mesma coisa pela outra, é apenas decisão de ambas se relacionarem ou não, não cabe a ninguém julgar, salvo quando a relação não é consentida ou segura para ambas as partes...

Um relacionamento fora dos “padrões da sociedade” gera muito incômodo, revolta e julgamento, mas isso não deveria ser um problema, não quando as pessoas não estão ferindo ninguém ou atrapalhando vidas alheias, porém a humanidade se nega a evoluir em alguns aspectos e se limita ao tradicionalismo falso e frágil, uma família aceitável mas que não é feliz, se baseia apenas em aparência, máscaras e afins.

Mas a questão é aqui é outra: a trama se baseia no relacionamento de uma policial com uma jovem moça, que se relacionam apesar de suas tantas diferenças e mesmo com as dificuldades, decidem morar juntas, mas sem fazer alardes ou espalhar a união.

A policial é a única mulher na corporação e teme perder sua posição por conta de sua relação homoafetiva e também por ser uma mulher, numa profissão onde prevalece o machismo.

A relação ia bem, nos conformes, até que um grave problema surge: Laurel, a policial, descobre um câncer em estágio avançado e se preocupa em transferir sua pensão vitalícia para Stacie, sua parceira, mas as autoridades negam seu pedido em unanimidade, pelo fato de ser uma relação homoafetiva e eles serem tradicionais, quando alguns deles até recebem mais de uma pensão...

Então a trama dá início a uma guerra judicial, protestos e audiências para reclamar o seu direito como uma policial que serviu fielmente a corporação por longos 20 anos e que agora, quando necessitava, não era atendida.

Amor por direito, o filme que traz uma emocionante luta pelo direito de amar e receber os benefícios iguais. Com muita luta e sofrimento, a policial finalmente recebe o direito de transferir sua pensão e sua recebe o título de tenente, pelo caso que resolveu antes de sua doença tomar suas forças. Assim, pode finalmente ir em paz, abordando uma problemática que é o preconceito e a resistência das autoridades em validar relacionamentos que não vão de acordo com seus conhecimentos.

Amor por direito, está disponível na Amazon Prime Video e Paramount+, Classificação: 12 anos; Ano de lançamento: 2015; Duração: 1h 43 min; Gênero: Drama/Romance; Elenco: Elliot Page, Julianne Moore, Steve Carell, Dane Wells, Luke Grimes, Josh Charles, Gabriel Luna

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

FACEBOOK

INSTAGRAM

WATTPAD

POST SITE (1)

POST SITE (2)



NOSSA



LITERATURA

03



CLEÓPATRA MELO



Poeta e Escritora (autora do livro “Eros, prisão de Psique”); Bacharel em Direito (UNAMA); Bacharel em Filosofia (Academia Atlântico/UNINGÁ); Graduada em Letras (UNISA); Especialista em Gestão Educacional e Docência do Ensino Básico e Superior (ESTRATEGIO/INEX); Especialista em AEE e Educação Inclusiva (CNI); Pós-graduada em TEA e ABA (Academia do Autismo/FOCUS).

Num desses dias poesia no stories do Instagram do poeta João Filho conheci a poesia de Márcio Gómez Benito – pra ter o prestígio de ser indicado por João Filho é porque vale a pena – logo fui no perfil de Márcio para segui-lo e lê-lo mais; acabei sabendo de seu livro de versos (expressão que peguei emprestada do poeta Wagner Schadeck, achei linda!) “Se Por Acaso Alguma Estrela”, o adquiri e me veio a vontade de entrevistá-lo para a nossa coluna na The Bard. Assim fiz.

“Benito...mostra-se um exímio cultor das formas fixas. Do soneto ao haicai, da sextilha à balada, com mais afinidades estéticas com o barroco e o simbolismo, no entanto, é um poeta que encontra sua liberdade no equilíbrio do verso.” Wagner Schadeck
“...o gosto pelo circunlóquio, pelo poema dialogado, mas também pela canção literária e pela oralidade.

Um poeta que escreve Ponte Vítrea – veja o leitor – aprendeu com forças antagônicas e soube se equilibrar entre elas.” Wladimir Saldanha.

Teu nome, acordado,
No vidro e no tempo,

No rio ou no sol,
Renascido, alteia

A voz de um vermelho,
De um profundo lago.

As podas do vento
Nas veias – cuidado!

Os mortos, num canto,
Falam sobre flores...

(Ponte Vítrea – Márcio Benito)

INSTAGRAM

POST SITE





Márcio Gómez Benito nasceu na cidade de São Paulo, filho e neto de espanhóis, é psicólogo clínico e bacharel em Letras alemão-português. Participou da antologia “Estranha Beleza: Antologia Brasileira da Retranca” (2018) – Editora Mondrongo, da antologia “Poesia Brasileira em Contracorrente: o retorno estético do século XXI”, traduzida para o francês por Wladimir Saldanha, e mantém o blog versodebrionquedo.wordpress.com, onde publica suas traduções poéticas.

1

REVISTA THE BARD Vejo nos teus versos uma nostalgia da alegria da dor do amor, ora uma melodia melancólica ora um ar cômico, espirituoso, chega a ser inocente. É isso mesmo?

MÁRCIO GÓMEZ BENITO Olá. Sim, há no meu primeiro livrinho de poemas a mescla entre o humor e a dor, mas o tema fundamental de todo ele é a incerteza do destino, por isso o título “Se Por Acaso Alguma Estrela.” A imagem simbólica da estrela como guiadora da fortuna ou do infortúnio, o acaso como um caminho imprevisto que se apresentou com a força da necessidade, e a vagueza da palavra “alguma” pela sua incerteza. Considero que a minha história de vida sofreu, de certa maneira, a força desse destino. Explico: perdi parte de minha saúde quando estava, por assim dizer, na flor da idade, nos meus 25 anos. Tendinite, bursite e tenossinovite crônicas, perda de emprego, término de namoro, parei de dirigir, inúmeros médicos por anos a fio, dores diárias e insuportáveis por quase dez anos seguidos. Depois, problema nos olhos. Enfim, era preciso uma mudança no modo de ver o mundo para que eu o suportasse. Então, às vezes me lembrava de algumas poucas palavras ditas por um excelente professor de terapia cognitivo-comportamental da depressão de meu curso de psicologia, mais ou menos assim: “quando puderem, não se esqueçam de se utilizar do humor; o humor pode salvar uma vida.” Sempre me lembrei disso, e ainda me lembro para as minhas consultas psicológicas. Por isso o meu livro de estreia é carregado de humor mesclado à dor, e um certo tom de ingenuidade. Por isso quem o lê talvez perceba certas ressonâncias dos poetas de língua francesa Tristan Corbière e especialmente Jules Laforgue, e ainda alguma coisa de Cesário Verde e José Régio (este, pela voz mais dolorida). Quanto a minha saúde, a recuperei boa parte, já há alguns anos. Dirijo, trabalho, etc. Mas é a história que carrego. Inclusive para o meu próximo livrinho.



2



REVISTA THE BARD Tua formação acadêmica de psicólogo à bacharel em letras, o escritor e o tradutor. Como funciona esses “eus” na tua construção poética? O tradutor é um pesquisador, o bacharel; e o escritor é um analista, o psicólogo? Penso que te facilita, traz uma maturidade no olhar sobre a alma humana, concorda? É assim?



MÁRCIO GÓMEZ BENITO Tanto o escritor quanto o tradutor são pesquisadores e, de certo modo, também analistas, mas não analistas psicológicos, claro; quando se trata de escrita poética, o que está em jogo é a linguagem, o ritmo, as estruturas sintáticas, etc, blá-blá-blá. Tudo o que a gente já sabe. Assim, penso que o bom escritor de poesia necessita, antes de tudo, ler muito. Não se deveria escrever versos à toa, sem rigor, como quem joga tintas numa tela em branco à maneira de pintores modernos. O bom poeta precisa, primeiro, ler os grandes escritores de prosa e de poesia; depois, observando como estes construíram suas frases, tentar imitar para aprender, a tal mimesis. E digo isso não por cartilha, mas porque eu mesmo cometi o erro, por anos a fio, de escrever “versos” sem antes estudar, de verdade, os grandes poetas e escritores.

Aliás, a parte mais humorada do meu livrinho de estreia, que são as duas últimas seções, funciona também como uma mascarada. Tentei dar voz a múltiplos personagens que conheci, desde a mulher retratada na seção “Querela da Estrela” ao bêbado do poema “Só mais um trapo”, desde personagens vergonhosos a personagens um tanto quanto insensatos. E os tomei para mim, e deixei que falassem através do “eu lírico”. Mas é certo também que eu não poderia, de modo algum, deixar de retratar as minhas fraquezas e mesmo os meus ridículos. O último poema do livrinho que o diga. Mas, antes de descrições e confissões, são poesia.

3



REVISTA THE BARD Estás preparando novo livro. É obra do poeta-tradutor ou apenas do poeta. Podes nos adiantar alguma coisa ou é cedo ainda?



MÁRCIO GÓMEZ BENITO Meu próximo livrinho é também de poemas autorais. Já tem nome, está quase pronto. Talvez falte um ou dois poemas, e algum posfácio. O que posso adiantar é que já tem título “Por Falta de Colírio”. Um poema? Pode ser este:

Bom dia

Acordo. O meu bom dia é um olho seco
que muito se parece a um sol da tarde
deitando-se de esgar no pó de um beco

e que se quer fornalha como alarde
dizendo-se paixão por ser vermelho.
Bom dia para o beco que me encarde

enquanto me levanto por conselho
de um “muito há que bater durante o dia”
às asas naturais frente ao espelho

que, de baço, mostrou-se à revelia
de ser um tributário de Narciso,
e agora me afundasse na agonia

da vida transmudada desde o riso
ao pranto desmedido de uma fera;
bom dia a quem perdeu um paraíso

e mais do que coçar se desespera
no inferno de um olhar que é turvação.
Bom dia? Por favor, ou quem me dera,

há chuva pra cair – bom dia não.

4



REVISTA THE BARD Alguns dizem que a tradução de poemas corrompe um pouco o original, outros, porém, aplaudem as traduções porque é uma forma de universalização da poesia. Isso te estimula ou te incomoda? Vou deixar aqui uma tradução que vi no teu blog e lá havia outra tradução do mesmo poema. Mas, na minha humilde opinião, a tua tradução, Márcio, é belíssima diante da outra.

Poeira Nevada – de Robert Frost, (1874-1963)

A maneira que um corvo
Atirou-me a poeira
Nevada de um tronco
De cicuta, certa,
Deu a meu coração
Melhor senso de humor
E salvou-me a porção
De um dia só de dor.
Tradução de Márcio Gómez Benito

Dust of Snow – from Robert Frost

The way a crow
Shook down on me
The dust of snow
From a hemlock tree
Has given my heart
A change of mood
And saved some part
Of a day I had rued.



MÁRCIO GÓMEZ BENITO Nunca me incomodou. Toda língua é única e tem sua beleza. A tradução de poesia nada mais é do que a tentativa, por parte do tradutor, e que me desculpem a redundância do termo, de transportar, da melhor forma possível, a beleza original de uma língua para a outra. Há perdas, naturalmente, mas de vez em quando há ganhos; dependerá da qualidade do tradutor e da poesia de origem.

E obrigado pelo elogio.



COLUNAS E COLUNISTAS

5

REVISTA THE BARD Aqui termina a nossa breve entrevista com o poeta e escritor Márcio Gómez Benito. Nós, da Revista The Bard, agradecemos pelo teu tempo e consideração ao nos ceder essa entrevista. Sempre pedimos aos nossos entrevistados uma mensagem de incentivo a nós da equipe e aos leitores da The Bard aspirantes a escritores. Mais uma vez, muito obrigada.

MÁRCIO GÓMEZ BENITO Agradeço e fico honrado pelo convite. Ao pessoal da equipe da revista The Bard – continuem o belo trabalho, e não desanimem. Levar literatura para as pessoas, seja poesia ou prosa, é espalhar beleza, e o mundo precisa de beleza, hoje ainda mais.

Aos leitores da revista – aproveitem as dicas, anotem, corram atrás, e apreciem a beleza do mundo.

INSTAGRAM

POST NO SITE





Florescendo

em Pensamentos

04



Flavia Adine



Advogada Generalista formada na Turma de 2003 do Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas - FMUSP, Financista, Administradora de Empresas, mãe e leitora frenética, que ama ver a vida pelos óculos das leituras que realiza, internalizando com carinho os tesouros ocultos nos livros que absorve.

A vida e o vento

Com frequência venho pensando como a vida se compara ao vento. Uma hora está e noutra já não está mais. E mesmo que essa seja uma das primeiras e mais duras lições enfrentadas por todo ser humano, é com tristeza que reconheço que contamos muito mal, e sem a menor sabedoria, os nossos dias.

Os dias modernos nos instigam a viver pior, mais acelerados, mais focados no passado ou no futuro, e sem jamais nos comprometermos inteiramente com o presente.

Me dou conta disso todas as vezes em que abraço minha filha, quando vou colocá-la para dormir. Ela resmunga que eu trabalho demais, não presto atenção ou não foco no momento com ela. Quando não estamos inteiramente ocupados com o cotidiano é nossa mente que se ocupa de tais questões.

Feche os olhos. Para onde voam teus pensamentos?



COLUNAS E COLUNISTAS

É por isso que todos seguem insatisfeitos e esgotados.

Precisamos dar um giro de 180 graus e mudar isso. Pelo bem de todos nós (e de nós mesmos). Pelo bem daqueles que nos cercam. Eu poderia dizer mais, divagar mais, que bem isso faria? Nos ocupamos da vida alheia, dos problemas que não são nossos, dos desconfortos provocados por terceiros. E quase nenhum tempo construindo e plantando por nós. Essa é a era atual.

Há uma guerra fria travada diariamente: ela acontece virtualmente em nossas mentes e emoções. E o pior: mal nos damos conta disso. Passamos mais tempo dirigidos pelo desenfreno de emoções que na sensibilidade de nossas razões. O homem desgovernado é o maior habitante da terra nos dias de hoje.

Meu alerta: recupere seu eu e cuide do seu jardim! Antes que seja tarde demais! Porque no final você já não será vida, não estará lá, assim como os ventos já não balaçam os galhos das árvores. Assim como a espuma já não se apresenta na orla da praia, assim como o canto dos pássaros cessa.

SITE



INSTAGRAM



POST NO SITE



Contadores de histórias

08



POR JOYCE SANTANA



34 anos, nascida em São Paulo.
Artista, contadora de histórias, cantora e professora.
Acredita na arte como expressão de vida, desde criança faz de tudo poesia para viver.

A HISTÓRIA QUE LHE PERTENCE

Filho! Estou contando a sua história, não a dela. A cada um só conto a história que lhe pertence.
C. S. Lewis

A contação de histórias é uma arte milenar que conquistou e ainda conquista muitas pessoas além de colaborar com a perpetuação e transformação de conhecimentos entre diversas culturas.

A figura do narrador ou narradora de histórias tem papel fundamental neste processo, pois com ela é possível dialogar entre história e público de maneira a enriquecer a pluralidade de entendimentos e significados a partir do que é contado.

Para que este processo tenha êxito é preciso que quem conta as histórias seja primeiramente um apreciador de histórias, é necessário atentar-se ao que lhe chama atenção em determinadas narrativas, como qual entonação de voz utilizar para que chame atenção aos aspectos considerados importantes na história, quais adereços podem somar ao que está sendo dito, como lançar questões sem que o roteiro seja perdido, etc.

Outro aspecto a ser levado em conta é observar atentamente o público, como ele reage aos estímulos que lhe são dados, fazendo com que a

história flua de maneira orgânica tanto para quem a conta, como para quem a ouve. Interagir com os ouvintes, dando a eles espaço para entrar na narrativa com cuidado, sem que se perca o fio condutor da história.

É preciso também planejar seu método, sua maneira de contar, qual é o seu estilo e possibilidades também é ferramenta de comunicação que não pode ser evitada, é preciso que se tenha percepção e perspicácia no momento de contar a história e interagir consigo mesmo e com o público de modo a destacar no momento as melhores possibilidades de entendimento e apreciação do que está sendo oferecido.

Por fim, o contar e o ouvir histórias são dois lados de uma mesma moeda que nos proporcionam criar vínculos afetivos, memoriais, de hábito leitor e diálogo entre diversas épocas e culturas, e por ser algo sensível e de criação, cada contador de histórias é único, e cada contação de histórias também é inigualável.

Eu até já tentei ser diferente, por medo de doer, mas não tem jeito: só consigo ser igual a mim.
Ana Jácomo

Contadores de histórias

O OUTRO LADO ESCONDE UM SONHO



Clique aqui para assistir

SIGAM NOSSA COLUNISTA **JOYCE SANTANA**

YOUTUBE:
HISTÓRIAS COM A JOY

YOUTUBE:
OI, EU SOU A JOY

INSTAGRAM

MINISITE

POST NO SITE



Contadores de histórias



MARIA DO SOCORRO L.L.



Professora aposentada da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo, graduada em história pela UNISA – Universidade de Santo Amaro, contadora de histórias, escritora, autora dos livros: *Ideologia e Utopia na República da Estrela* (2006), *Amando e Ensimesmando* (2010), *As Aventuras de Martín* (2018). Cordelista. Formadora do PROVE – Projeto de Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade de Ensino. Em 2013 foi homenageada como Professora Emérita da Cidade de São Paulo.

Nascida na pequena cidade de Olho D'água, sertão da Paraíba, como tantas outras em nosso sertão esquecido e explorado. Aos 20 anos mudou-se para São Paulo onde já moravam duas irmãs. Casou-se um ano depois. Hoje é mãe de um filho, uma filha e avó de dois netos. Foi professora da Rede Municipal da Cidade de São Paulo por 26 anos, desenvolveu trabalho sério, comprometido e baseado em um ensino inclusivo. Sempre acreditou na qualidade das escolas públicas e por isso dedicou seu trabalho sempre a esta modalidade de ensino. Em 2015 teve a alegria de ser escolhida Professora Emérita da Cidade de São Paulo.

Depois que me aposentei, procurei uma forma de, embora tenha saído da sala de aula regular, encontrar uma forma de continuar trabalhando na educação. Muitas foram as ideias e possibilidades que surgiram. Entretanto, buscando elementos significativos de minha educação escolar e familiar, encontrei, em minhas memórias afetivas momentos preciosos onde a leitura e a contação de histórias sempre tiveram presentes em minha vida. Embora a cidade onde eu nasci e estudei todo o ensino fundamental fosse uma cidade pequena, a escola na qual eu estudava tinha uma pequena biblioteca e um acervo basicamente de enciclopédias e livros de literatura infantil. Era muito comum pegarmos livros e levá-los para ler em casa.

Filha de um militar, delegado da cidade e mãe, dona de casa, sempre teve incentivos para ler, escrever e ouvir histórias. Liam os livros que levávamos, para todos que se reuniam na sala de estar, enquanto a mãe costurava.

Carrega na memória momentos especiais como do seu pai contando histórias, à noite, na calçada de casa, tanto para os filhos e filhas, quanto para a meninada da cidade que ia se aproximando para também ouvir as histórias que estavam sendo contadas.

Com lembranças povoadas de contos de fadas e histórias das mais diversas, impossível não incluir experiência tão prazerosa em minha nova fase da vida. Assim foi nascendo o desejo de contar histórias. Depois dessa escolha a reflexão foi: onde contá-las? Para quem? Como? Conversando com meu marido, sobre educação e acessibilidade, percebemos o quanto a zona rural dos municípios são carentes de matérias e atividades lúdicas.

Assim nasceu o projeto voluntário de contação de histórias: Conte lá que eu conto cá. Com o projeto definido e o planejamento saíram por vários estados do Brasil estendendo sua colcha de retalhos e sobre ela contando nossa história e ouvindo as de quem também quisesse contar.

Contadores de histórias

Antes e depois dessa experiência percebo o quanto contar histórias tem uma representação simbólica e constitutiva da nossa identidade. Por outro lado, percebo o quanto contar histórias revela o lado mais generoso e criativo de quem conta, sem dúvida, a recepção dessa generosidade, reverbera em quem ouve e se apropria do dito, mesmo que, inicialmente de forma inconsciente. Pensando assim contar história é provocar reações inesperadas e inexplicáveis em si mesma e nos outros. É ter a consciência de que a história contada não acaba quando o fim da história é revelado, pois a história contada não tem fim, ela fica guardada em um espaço em que a memória a recupera cada vez que momentos mágicos são recuperados através da afetividade.

Para Socorro, a relação entre o contador de história e o ouvinte é íntima e carregada de cumplicidade. Muitas foram as vezes em que, ao contar uma história, uma criança a surpreendeu, com uma fala, um gesto, uma expressão corporal que enriqueceu a contação e a levou e leva por caminhos surpreendentes.

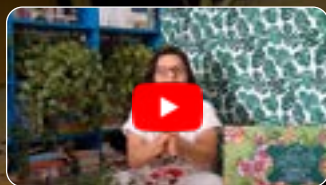
Diante de tanta crença na contação de histórias como momentos especiais de descobertas de si e do outro através das imagens mentais que vão se formando em quem conta e quem ouve, o projeto ganhou corpo e foi viajando pelo Brasil que conheceram gente e lugares, contaram suas histórias, deixaram e trouxeram experiências valiosas de histórias de vida que, podem ser contadas como se tudo fossem parte de uma fértil imaginação.

CINDERELA



[Clique aqui para assistir](#)

O POTE VAZIO



[Clique aqui para assistir](#)

A ILHA DOS SENTIMENTOS



[Clique aqui para assistir](#)

A COLCHA DE RETALHOS



[Clique aqui para assistir](#)

SIGAM NOSSA CONVIDADA **MARIA DO SOCORRO L.L**

SITE



INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



Contadores de histórias



DIEGO ULACCO



Contador de histórias, professor e idealizador da **Quatro Atividades - Educação & Arte**. Atua com a arte do brincar e encantar famílias com histórias e brincadeiras no dia a dia, procura tornar o mundo num lugar mágico.

Nasceu em Santo André/SP, e desde pequeno ouvia muitas histórias contadas pela mãe, que também colocava fitas k7 com histórias da Disney, o que o estimulou a ser uma criança fantasiosa, lugar que sempre gostou e ainda gosta de habitar. Se envolveu com as Artes Cênicas na juventude, porém formou-se professor de educação física.

Mas como paixão, voltei ao mundo dos palcos para concluir meus estudos enquanto ator. Formei família, mudei de cidade (algumas vezes) experimentei muitas formas de trabalho, experiências pessoais marcantes, momentos de glória e dores e depois de um tempo me encontrei contando histórias e não parei mais...

Acredita que ser contador de histórias é uma missão mágica que determina sua vida. É usar as palavras escritas ou faladas, por si ou por outra pessoa, atual ou em outro momento do tempo cronológico e permitir que elas ecoem e transformem um momento em algo único, que crie uma marca sensorial que pode mudar o rumo do destino de quem escuta.

Percebe as histórias como um presente, ferramenta poderosa de transformação de pensamentos que podem vir a ajudar nas atitudes dos seres humanos na sua relação com o próximo. Se coloca no papel de intermediário, como um mediador das histórias para proporcionar momentos de reflexão e entretenimento para aqueles que emprestarem gentilmente seus ouvidos para o escutarem.

As histórias não influenciam em nada. Calma, não se assustem, explicarei meu ponto de vista. Assim como um médico não influencia, um professor ou um psicólogo, as histórias são ferramentas. Um martelo nas mãos de um escultor e o mesmo martelo nas mãos de um bárbaro produzem resultados diferentes.

Para Diego, quando uma pessoa escuta uma história com presença e atenção ela recebe um instrumento, porém como ela vai usá-lo, não tem como saber. Pode ser que a história ouvida gere um sorriso e mude o estado de humor dela no dia a deixando mais gentil. Ou ela fica pensando e racionalizando sobre algo que a incomoda e reflete sobre um ensinamento passado pela história escutada.

Neste sentido, para ele, a história somente terá efeito influenciador se a pessoa se permitir recebê-la com este fim.

Contadores de histórias



COLUNAS E COLUNISTAS

O HOMEM QUE RECLAMAVA



Clique aqui para assistir

O VASO RACHADO



Clique aqui para assistir

MITOLOGIA GREGA DE ÓRION



Clique aqui para assistir

COMO SURTIU A NOITE -
LENDA INDÍGENA



Clique aqui para assistir

SIGAM NOSSO CONVIDADO **DIEGO ULACCO**

PODCAST

INSTAGRAM

FACEBOOK

YOUTUBE

POST NO SITE





MOMENTO

resenha

01



CARLA SANTIAGO



Como gosta de ser chamada, Carlinha Santiago, é uma leitora intrépida, que se percebe como leitora desde que se recorda. Formada em Psicologia e pós-graduada em Neuropsicologia. Acredita que a leitura além do aprendizado nos possibilita estarmos realmente livres. Educação Inclusiva (CNI); Pós-graduanda em TEA e ABA (Academia do Autismo/FOCUS).

Sobre a colunista:

Como gosta de ser chamada, Carlinha Santiago, é uma leitora intrépida, que se percebe como leitora desde que se recorda. Formada em Psicologia e pós-graduada em Neuropsicologia. Acredita que a leitura além do aprendizado nos possibilita estarmos realmente livres.

Sobre o ig:

Ele é um bookstagram que inicialmente (Agosto de 2020) foi criado com uma função de catalogar os livros do meu acervo e como um hobby, visto os dias conturbados que estávamos vivendo com a pandemia e o isolamento social, chamando-se inicialmente Sou Contadora de Histórias afinal trazia uma variação de história lidas. Contudo, ao longo dos dias, o perfil ganhou visibilidade, ganhando proporções que eu não esperava. Conheci muitos autores e editoras e desde então, tenho feito parcerias a fim de divulgar tantos nomes e obras incríveis existentes no meio literário. Com isso, foi atrelado um propósito principal: divulgar os autores e as editoras nacionais. Logo, mudei o nome do perfil, que passou a chamar-se Literando Histórias.

INSTAGRAM

POST SITE





MOMENTO

resenha

Livro: Consciência Digital - As 5 habilidades para ter autocontrole, foco e segurança na era digital



Hoje venho trazer a resenha de livro magnífico, daqueles livros que TODOS devem ler: “Consciência Digital – As 5 habilidades para ter autocontrole, foco e segurança na era digital”, livro do meu parceiro Fábio Pereira, da Editora Caroli, com 192 páginas, que aborda como termos uma vida saudável e produtiva de verdade, nessa era digital. Ele trabalha de forma clara e diretiva o autocontrole em relação ao uso do leque de tecnologias que temos disponível, e agora após essa pandemia tornou-se imprescindível, ainda mais necessária. Porém, temos uma pergunta até que ponto a tecnologia é necessária ou será que estamos sendo dominados por ela?

Literalmente, é necessário que tenhamos Consciência Digital.

O livro trás explicações sobre conduzirmos nossas redes sociais e de pesquisa, coisa que utilizamos demais por aqui, né? Ele é um guia prático de como podemos ter responsabilidade e poder sobre a mistura louca que vivemos entre o físico e o digital, deixando claro que, às vezes é preciso desconectar para se conectar, somado a desenvolver a habilidade de foco e concentração e expandir o nosso pensamento crítico, sendo cautelosos nos cliques, acessos, divulgações a fim de evitar a disseminação do que a internet e a tecnologia tem de negativo, deixando bem esclarecido que somos nós que conduzimos todo esse mundo, por tanto a mudança ainda vem do ser humano!

Adicionado a todas essas informações, o livro ainda fala de todos os benefícios e praticidade da tecnologia quando usados com ética e moral e aborda um capítulo com dicas e testes para auxiliar no trabalho de expandirmos nossa Consciência Digital, sempre lembrando, é um trabalho constante e diário.

Venho dizer que como psicóloga, esse livro foi uma das melhores leituras que tive, ele de maneira extremamente responsável e clara nos faz entender como nosso comportamento é capaz de nos conduzir a caminhos positivos e negativos nesse mundo virtual, enfatizando como nossa mente ainda detém todo o poder de controlar tudo!

Só posso agradecer imensamente ao @fabiopereirame pela parceria e por essa oportunidade maravilhosa que ele me ofereceu. Peço ainda que todos passem no ig dele e confirmem o trabalho deste autor nacional.

POST SITE



CLICK AQUI





MOMENTO

resenha

Livro: "O que assusta não é a morte, é a forma de morrer!"



Trago a resenha dessa leitura excepcional de um autor nacional incrível, o André Amadeu @oandreamadeu do @literabrasuca "O que assusta não é a morte, é a forma de morrer!", com 114 páginas, da Editora Selo Talentos. Posso começar a dizer ele é profundo, intenso e real! Ele é um livro de contos e crônicas, com situações cotidianas, até mais comuns do que podemos imaginar.

Ele fala de nossa única certeza: a morte. Mas não só a morte como fim de uma vida mas as mortes que vivenciamos diariamente, quando nos anulamos, somos humilhados, perdemos o sentido daquilo que acreditamos, quando deixamos de sonhar e lutar e simplesmente desistimos. As tristezas que nos assolam, as preocupações que tiram nosso sono e algumas vezes de forma lamentável a vida... As percas, aquele perdão que não é dado, quando morre mesmo estando vivo. É uma reflexão de condições das quais estamos sujeitos, sem escolha de classe ou cor.

Fiquei maravilhada com esse livro, pois além de leitora, como já falei sou psicóloga e ao lê-lo consegui de maneira magnífica, captar a relação humana com sua finitude e suas limitações.

Quote: "O que ficará será fruto do que fizemos, mas o que realmente deixará marcas será a forma como fizemos. Isso chega a ser assustador, mas o que realmente assusta não é a morte, é a forma de morrer."

Agradeço demais ao André pela oportunidade de ter me tornado sua parceira e de ter podido desfrutar dessa leitura! Gratidão! Ah, amei a dedicatória, que bom que o garotinho continua aí! Sigam os ig's dele @literabrasuca e @oandreamadeu e vamos fortalecer a literatura nacional, conhecendo e divulgando trabalhos como esse!

POST SITE



CLICK AQUI





MOMENTO

resenha

Livro: "O elo invisível da Jornada"



Agora estou por aqui para falar do livro "O elo invisível da Jornada" do autor parceiro @lucassvillela disponível no formato digital no Amazon e Kindle Unlimited, lançado em formato físico pela @editorabecaete

"O elo invisível da Jornada" nos traz textos que nos causam uma imersão sobre como estamos conduzindo nosso caminho, em forma de versos, as palavras nos fazem refletir a todo instante. Dividido em nove capítulos, os textos proporcionam um aprofundamento da percepção e sensação da nossa existência e da nossa caminhada nessa grande jornada que é a vida!

Com uma lindíssima diagramação, imagens entre os textos e uma sensibilidade na formatação dos textos. Encantador! Gostaria demais de agradecer ao Lucas a oportunidade desta parceria. Aproveito e peço que acompanhem seu ig e descubram esse livro lindíssimo! @lucassvillela

POST SITE



CLICK AQUI





MOMENTO

resenha

Livro: "Contos Sobre-Humanos"



Passando para falar do livro "Contos Sobre-Humanos", do autor parceiro @matoso.lml

Em "Contos Sobre-Humanos", Leonardo nos trás 28 contos que descrevem um lado sombrio e nefasto que temos em nossa essência.

De uma forma cheia de imaginação num misto de realidade as histórias nos revelam o lado que tentamos trabalhar tanto para que se mantenha contido mas que volta ou outra é desperto e acionado, em várias épocas, situações e permeando vários sentimentos e emoções na obscuridade da natureza humana, revelando que há muito mais de monstros em nós do que se imagina. Com elementos e personagens marcantes, o livro nos prende do início ao fim, merecendo todas as oportunidades de leituras que possam existir.

Agradeço muito ao Leonardo a oportunidade de nossa parceria. Gratidão meu amigo, muita luz em sua caminhada!



CLICK AQUI

POST SITE





MOMENTO

resenha

Livro: "O mestre dos abraços - Um olhar humano sobre o sofrimento"



Trago esse livro maravilhoso do psicoterapeuta e autor parceiro @celsotraub disponível em formato digital no Amazon e Kindle Unlimited e lançado em formato físico pela editora @editorabatel

"O mestre dos abraços - Um olhar sobre o sofrimento" é um belíssimo livro que traz situações e casos ocorridos em seu consultório, abordando sentimentos do ser humano em sua singularidade e subjetividade, mesclado a sua história de vida e suas próprias experiências. A leitura nos faz refletir sobre como o ser humano sente e vivência suas condições, limitações e momentos, na busca eterna de respostas as suas dúvidas e dores, aquelas guardadas ou erroneamente esquecidas nos seus mais profundos âmagos.

Um livro incrivelmente detalhado, sensível, que nos remete a sensação de estarmos íntimos aos atores da história, conduzido de forma majestosa, com uma escrita belíssima.

Agradeço muito ao @celsotraub pela oportunidade e peço-lhes que o sigam e acompanhem seu trabalho.

POST SITE



CLICK AQUI

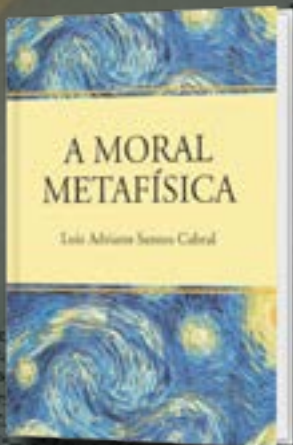




MOMENTO

resenha

Livro: "A moral metafísica - Do conhecimento de Si à felicidade segundo Descartes"



Vamos agora falar sobre o livro "A moral metafísica - Do conhecimento de Si à felicidade segundo Descartes", do autor parceiro, o querido amigo @autorlscabral

"A moral metafísica - Do conhecimento de Si à felicidade segundo Descartes" é um livro não-ficcional, baseado no Tratado das Paixões da Alma, de Descartes; onde há uma escrita sobre sua busca da verdadeira felicidade. Entretanto, qual é a verdadeira felicidade na vida? Adriano, neste livro nos mostrará que para alcançar a verdadeira felicidade devemos caminhar em busca do conhecimento verdadeiro de si, sobre seus valores. Sobre ter coragem e força de ser alguém, assumindo sua responsabilidade como condutor do seu trem chamado vida. Conhecer a si mesmo é gerir seu poder de liberdade e automaticamente de seu destino, em nossa formação completa; corpo, mente e alma; resultando em condições que nos torna capazes de vivermos felizes e fazermos os outros felizes.

E na grandeza dessa livro, a certeza de um reencontro, ou de um real encontro com si torna-se possível e atingível. Filosófico mas de longe entediante e cansativo, pelo contrário reflexivo e transformador. Formidável!

Gostaria demais de agradecer ao Adriano por nossa parceria. (Ele tornou-se um amigo de grandes debates) Sucesso e luz para você! Convido a todos conhecerem seu trabalho no ig @autorlscabral que vem com grandes e boas novidades por aí. Se quiserem adquirir seu livro podem falar diretamente com ele, no Amazon Kindle e na editora @editoralux_

Agora quero saber, vocês trabalham essa busca de si mesmos? Uma dica: além de leituras, busquem fazer terapia!

POST SITE



CLICK AQUI





MOMENTO

resenha



COLUNAS E COLUNISTAS

Livro: "A revolução da longevidade"



Hoje estou passando para falar sobre o livro "A revolução da longevidade", da querida Valéria Martins @valeria.martins786, recebido em parceria pela @oasyscultural lançado pela editora @editoraalaude

"A revolução da longevidade" é aquela leitura carregada de grandes ensinamentos. O livro nos agracia com a percepção e o entendimento de se viver uma etapa linda e cheia de sabedoria, valorizando o avançar da idade e desmistificando o culto a juventude, como se a velhice fosse sinônimo apenas de instantes finais. Trás dicas de práticas e hábitos para auxiliar a plenitude dessa fase, nos fazendo refletir sobre sentimentos, relações, ações e escolhas a fim de se ter uma vida com qualidade.

Com um toque de humor, estudos de casos e atividades para nos dar oportunidade de realmente compreender essa nova fase. Uma super leitura!

POST SITE



CLICK AQUI



PROSA POÉTICA

07



Natural de Alagoas, Jeane Tertuliano é feminista, poeta, literata, ativista e produtora cultural. Letróloga e pós-graduanda em Linguística e Formação de Leitores, é colunista na Revista Internacional The Bard e no Jornal Cultural Rol. Embaixadora Imortal da Paz, Paladina dos Direitos Humanos e Dra. H. C. em Literatura, é professora de Língua Inglesa e mediadora do clube de leitura Leia Mulheres - Campo Alegre. Membro associada à União Brasileira de Escritores, é autora dos livros “(In)sanidade Lírica”, “Desnudar do Eu” e “Assombrosa(mente)”. Personalidade Cultural, foi agraciada com a Comenda Princesa Isabel “A Libertadora dos Escravos”.



A Prosa Poética

Escrever prosa poética é um desafio aos prosadores e poetas, pois conciliar prosa e verso nem sempre é uma tarefa fácil. Clarice Lispector, a autora brasileira mais traduzida no exterior, foi uma exímia prosadora que soprou, quase que cirurgicamente, características poéticas às suas criações. Eu costumo dizer que ser mulher é um ato de coragem, e se reconhecer como tal, é para poucas. A dona Lispector se reconhecia e, sendo mais poesia que mulher, trouxe para a sua arte a essência inegável do seu ser admirável.

Ao escrever uma prosa poética, o artista das letras precisará se inteirar acerca dos elementos que compõem o gênero literário poesia e somente depois poderá escrever com propriedade uma prosa que se encaixe no entremeio da construção prosaica embebida na lira ritmada, ou não, fica a critério de cada prosador agregar rimas ao seu escrito.

Levando em consideração que não te-

mos o poema metrificado como padrão (soneto), a rima não é exigência na prosa poética. Entretanto, tornar o texto sonoro é um fator relevante visto que, cantada, a produção tende a embalar com mais facilidade o leitor dado a sensibilidade do versejar. Figuras de linguagem tais como assonância e aliteração contribuem demasiado para o efeito musicalizado.

Àqueles que não são achegados ao ritmo, que preferem algo mais conciso, há outras figuras que despertam o traço poético: analogia, antítese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, personificação e sinestesia. É evidente que a língua portuguesa fornece vasta riqueza e a serve numa bandeja ao escritor. Poeta ou prosador que souber se ater ao seu florescer, garanto: não irá se arrepender! A arte de escrever dá sentido ao existir, possibilitando, assim, a proeza do viver.

INSTAGRAM



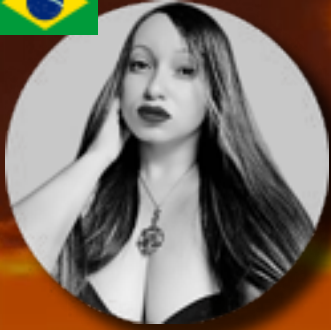
POST NO SITE



VITÓRIA NOSSA

Clarice Lispector

O que temos feito de nós e a isso considerado vitória nossa de cada dia. Não temos amado, acima de todas as coisas. Não temos aceito o que não se entende porque não queremos ser tolos. Temos amontoadado coisas e seguranças por não nos termos nem aos outros. Não temos nenhuma alegria que já tenha sido catalogada. Temos construído catedrais e ficado do lado de fora, pois as catedrais que nós mesmos construímos tememos que sejam armadilhas. Não nos temos entregue a nós mesmos pois isso seria o começo de uma vida larga e talvez sem consolo. Temos evitado cair de joelhos diante do primeiro que por amor diga: teu medo. Temos organizado associações de pavor sorridente, onde se serve a bebida com soda. Temos procurado salvar-nos, mas sem usar a palavra salvação para não nos envergonharmos de ser inocentes. Não temos usado a palavra amor para não termos de reconhecer sua textura de amor e de ódio. Temos mantido em segredo a nossa morte. Temos feito arte por não sabermos como é a outra coisa. Temos disfarçado com amor nossa indiferença, disfarçado nossa indiferença com a angústia, disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior. Não temos adorado por termos a sensata mesquinhez de nos lembrarmos a tempo dos falsos deuses. Não temos sido ingênuos para não rirmos de nós mesmos e para que no fim do dia possamos dizer “pelo menos não fui tolo”, e assim não chorarmos antes de apagar a luz. Temos tido a certeza de que eu também e vocês todos também, e por isso todos sem saber se amam. Temos sorrido em público do que não sorrimos quando ficamos sozinhos. Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso temos considerado a vitória nossa de cada dia.



Jeane Tertuliano

Feminista, Literata e Professora

Impiedosa Realidade

Em meu peito, por vezes, brotam gritos chorosos. As enxurradas de cobranças exteriores tornaram-me deveras exigente comigo mesma e isso transformou o âmago anteriormente florido num vão absurdamente oprimido. Encaro a janela entreaberta e vislumbro os tímidos raios solares adentrarem vagarosamente o recinto e, ébrios de uma repentina ousadia, beijam os meus pés, roubando a lividez costumeira ao deixá-los ruborizados. Eu enxergo a poesia das eras naquilo e deixo-me ser envolvida pela calidez que embebe o meu ser em sapiência.

Abruptamente, eu sou acometida por náuseas que me conduzem ao banheiro numa rapidez inumana. Sentindo minhas vísceras se contorcere, anco-me na pia gélida e fito o reflexo no espelho que me encara de volta, afrontoso. Eu preciso desviar o olhar daqueles olhos, mas não, há uma força superior que me mantém imóvel, segurando-me com mãos invisíveis. Os lábios fartos riem para mim, sussurrando: “aproxime-se, por favor, não tema a verdade”. No instante seguinte, sinto-me liberta do aperto voraz e, assombrada, achego-me hesitante, trêmula e, ao mesmo tempo, extasiada.

— Há tantas de nós enfrentando uma peleja diária que sequer posso contabilizar a quantidade exata — a mulher de olhos tristonhos contorna o meu rosto com seu dedo indicador pálido.

— Eu apenas... — tento verbalizar o que me vem à mente e acabo estagnando por receio de falar tolices.

— É um grande erro privar-se de cometer erros, sabia? Desde os primórdios da existência, a nossa classe tem sido inferiorizada por temer o poder que detemos em nossa singularidade. Nossos nêmesis feriram-nos física e emocionalmente durante tanto tempo que a dor andarilhou os séculos e reverbera em nossos corações até hoje. Se relaxarmos e nos pusermos tão somente a observar o fascismo e a sofrida ignorância trabalharem, não demorará muito para que voltemos a ser lançadas à fogueira.

Agredida pela impiedosa realidade, fecho os olhos e estremeço de satisfação. A força está comigo novamente.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Cacá Matos

Empoderada, Poeta e Cronista

Jardineira

Mesmo sem experiência, resolvi fazer um serviço extra de jardinagem. Coloquei roupas confortáveis, comprei o equipamento e comecei a cuidar do meu jardim. Pudei alguma árvores, cortei alguns galhos e folhas caídas, varri e deixei tudo arrumado. Até que deu pro gasto.

Reguei as plantas, as flores, toda flora disponível do jardim. Sorri. Estava satisfeita. Fiz um ótimo trabalho e eu seria bem recompensada: vida nova florescendo, animais habitando o meu pequeno e delicado jardim, borboletas e pássaros voando ao redor, a vida recomeçou dentro de mim.

Tirei tudo que não servia mais. Limpei, cuidei, aparei, para que assim meu solo voltasse a ser fértil mais uma vez.

Fiz de mim um gracioso jardim. Me dispus a mantê-lo belo assim, a preservá-lo e manter a vida ali feliz e em movimento.

Eram novos tempos e mesmo com o caos instalado na fora, eu prometi cuidar de mim, decidi que eu mereço o maior cuidado e amor possível e para isso precisava renascer, replantar e deixar bons seres me habitarem.

O jardim estava lindo! A vida me sorriu outra vez. Sentei na grama. Tirei as luvas e toquei algumas flores: belas e coloridas, como a vida em mim que apagou o cinza que até então me cercava.

E o coração voltou a bater animado e agora florescido por raízes fortes e profundas. A angiogênese se fez em mim.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Paula Souza
Poeta e Prosadora

Os olhos da alma infértil

Olhaste tanto pra mim com a certeza de colheita. Olhaste pra mim como se eu pudesse te entregar aquilo que só você precisa. Olhando e olhando, buscando e sugando tudo aquilo que falta em ti. Em meio a fumaça escura me olhando pedindo ar, e implorando pelo mais puro suspiro gelado.

Oh grande alma, de onde viestes com tanta fome e sede de vida?! Pois desconheço uma alma tão perdida perambulando em meus pensamentos sem ao menos plantar algo bom que floresça em mim.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Jéssica Sabrina
Preta, Poeta e Potente

MBONZO

Ainda ouço a|vó|z ancestral, o canto escuro das noites sombrias sobre as lágrimas do mar re-
volto, o tilintar das correntes madrugada adentro, instrumentos que retiniam sofrimento;
ainda ouço o som da chibata, que ultrapassa todas as camadas e expõe, em chagas, a alma,
a súplica do tronco e sinto a dor do seio que escoo vida. Sinto o peso do sofrimento e da sina da he-
rança de vô Vicêncio, sorrio e choro, sem motivo e por todas as razões, insanidade, pelo menos é o
que dizem, mas só eu sei o que me encurva e torce o braço, conheço minha luta e moldo as palavras,
faço delas minha arte, utensílio do mesmo barro que me compõe e sigo, banzo.

Minha grafia é o olhar, a impressão do sentimento e o destino se vê na palma das minhas
lutas, acontecimento; sigo escrevendo e me redesenhando, me fazendo o atalho que trilho e sendo
o caminho da ancestralidade que me guia, além da palavra, essência.

Ainda ouço todas as vozes, agora, inclusive a minha e navego em minha própria escuridão,
me percebo imensidão; faço, do meu olhar, oceano, olhos d'água e da minha alma, inc|d|olor, porão
das minhas lágrimas, que, insubmissas, batucam e cantam enquanto viajam pela face-noite, tão
livres quanto eu, nelas si|a|ngram a transbordante poesia que emudece, enquanto me ecoa e me
valida, só por ser; me coroo e celebro, todos os dias, a condição de mulher preta, poeta que chora,
mas honra, de cabeça erguida, na escrita, o combinado de não (me deixar) morrer.

(Prosa escrita em homenagem a textos, títulos e expressões de Conceição Evaristo).

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Mari Ventura

Poeta, Escritora e Professora

(Des)acontecendo

A mente cheia de súbitas mortes, se decompõe, na penumbra se agarra, encharca de si, desacontece. O ser se opõe a si mesmo, ao próprio gozo do existir e faz gincanas de imagens impróprias a sua paz noturna. Obscuro afronte é o dia vindo, as ruas vestidas de exageros e nuas de silêncios, são afetadas pelas urgências do existir percorridas por mentes cheias de corpos pesados, enlutados dos pesos de si, sepulturas de almas semivivas, ainda com flores. Há mortes de corações e corpos, de esperanças e de sonhos. A mente desacontecendo, desapontando o corpo. Os olhos? Esses não fecham, entre corpo, cabeça e coração há eternidades, abismos frios. O ar sufoca os pulmões, o coração faz canções de desgosto. A vida dá pulos e ri dos apuros do mundo, a mente quer ser mais importante que corpo, o mundo não dorme esperando o futuro e o presente desacontece a cada segundo.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Roselena de Fátima
Professora, Poeta e Escritora

O ESTRONDO

Cuidado, perigo! Um barulho estrondoso, um ruído de vidros quebrados, uma pedra, um pássaro ou alguma coisa na janela! Todos se assustaram, alguns correram, outros gritaram. O que foi este barulho? Ninguém sabia! Parecia que a janela tinha vindo abaixo com tanto barulho.

Todos se dirigiram ao local do estrondo. Lá estava a janela quebrada, estilhaçada, detonada! Um grande estrago e os vidros espalhados em pequenos pedaços. Todo cuidado era pouco com aquela bagunça. Os vidros quebrados poderiam cortar. Ninguém mexe em nada. Procurando o que haviam jogado contra a janela. Lá estava... quieta, inocente e redonda! Os vidros quebrados e do lado, a culpada ou manipulada: bola de futebol.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



CRÔNICAS Tons do CotiDIAno

05



Flávia Joss 

Natural de São Gonçalo/ RJ, é professora e escritora, autora do livro *Histórias e Memórias*. É colunista do *Jornal Poiésis*, tem participação em diversas antologias de poesias e contos. Desde 2009 desenvolve e organiza projetos de fomentação da arte e cultura. Nos anos de 2019 e 2020 (virtual) foi curadora do Sarau Estudantil da FLISGO (Festa Literária de São Gonçalo). É amante das artes e principalmente da literatura.

Na corda bamba entre o cotidiano e a escrita (1)

Não é incomum que escritoras encontrem-se no meio do fogo cruzado entre a vida cotidiana e a necessidade de escrever. Em 1929, no livro *Um quarto só seu*, Virginia Woolf defendeu a ideia de que mulheres deveriam ter um espaço só delas para produzirem literatura e artigos críticos. Anos depois, em 1952, Alba Céspedes, no livro *Caderno Proibido*, narra a história de Valeria, uma mulher imersa na vida "comum" - casa, marido, filhos- que passa pelo processo de transformação ao comprar um caderno preto que viria a ser o seu diário e nele escreve seu cotidiano e suas reflexões que não só dão sentido ao que Virginia disse, como também mostram o quanto a elaboração do que se vive faz diferença no processo da existência. Abaixo, alguns trechos do livro:

“Agora, por trás de qualquer coisa que eu faça ou diga, existe a sombra deste caderno. Nunca poderia acreditar que tudo o que me acontece ao longo do dia merecesse ser anotado. Minha vida sempre me pareceu meio insignificante, sem acontecimentos notáveis além do casamento e do nascimento das crianças. Mas desde que, por acaso, comecei a manter um diário, percebo que uma palavra, um tom, podem ser tão importantes, ou até mais, quanto os fatos que estamos habituados a considerar como tais. Aprender a compreender as coisas mínimas que acontecem todos os dias talvez seja aprender a compreender realmente o significado mais recôndito da vida. Mas não sei se isso é um bem, temo que não.”

“O fato de somente a esta hora conseguir ficar sozinha para escrever me faz compreender que agora, pela primeira vez em 23 anos de casamento, dedico um pouco de tempo a mim mesma.”

(O Caderno Proibido, Alba Céspedes)

Faço parte de um coletivo só de escritoras, no qual, a maioria, além de se dedicarem à arte de escrever, se dividem entre suas profissões (viver da literatura ainda não é uma realidade para muitas, infelizmente) e à vida familiar. Nossos questionamentos, o tempo apertado, o cansaço e tudo o que constitui a vida ordinária são combustíveis que movem nossa escrita diária.

Na presente edição, compartilho com você, leitor, três crônicas que revelam as tensões e realizações de mulheres que precisam “escre(vi)ver”.

Escre(vi)ver (2)

Hoje foi um daqueles dias em que se acorda com muita vontade de escrever, mas as demandas do momento vão esmagando a escrita no canto da parede. Estou de pé desde às 5:15 e só agora, 16:27, consigo, finalmente, parar. Para dizer a verdade, a ideia que acordou comigo já se perdeu ao atravessar a ponte Rio-Niterói, ou ao enfrentar a fila para despachar a mala no aeroporto, ou quem sabe, no aperto no peito ao se despedir da filha que vai passar dez dias fora, ou ainda nas roupas colocadas na máquina de lavar, na varanda por limpar, na bolsa para arrumar, no “oi” para as amigas no celular, no boleto que não tarda a chegar, no almoço feito às pressas porque o relógio não dá trégua e o tempo parece que tem fome de mim.

Queria falar de amor... disso eu me lembro. Contudo tenho a orelha de um livro de poemas eróticos para entregar, cuja leitura finalizei ontem à noite. Por aqui, está tudo misturado: amor, erotismo, saudade, preocupação, rotina, cansaço... Tentei descansar uns minutos, até fechei os olhos..., entretanto o checklist bate à porta do que deveria ser a minha sesta. Peguei um livro que acabou de chegar, concentração zero. É melhor levantar.

E aqui estou eu, deixando cair sobre a tela a agitação dessa terça, 19 de julho, tentando concatenar meus pensamentos... No cabo de guerra entre o cotidiano e a vontade/ necessidade de escrever, eu sou a corda.

Li no perfil do escritor Lucão a frase “O amor que a gente carrega é o doce que a gente divide”, achei bonito. O amor pela escrita venceu mais uma vez. E mesmo que eu não tenha escrito um “grande” texto, trago um pedacinho de mim... é o meu doce caseiro, artesanal e singelo, que divido com vocês.

Flávia Joss , Julho, 2022.

FACEBOOK

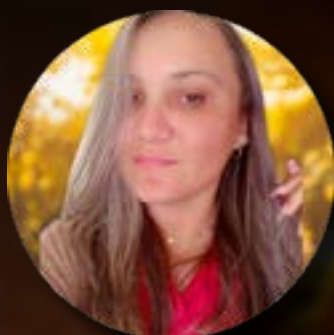
INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE(1)

POST NO SITE(2)





Jaque Alennkar



Jaque Alennkar, cearense, mora atualmente em Andaraí – BA, é pedagoga, cursando a segunda graduação em Letras – Português. Poetisa, escritora e colunista na Revista Internacional The Bard. Acadêmica Internacional da FEBACLA, coautora em várias Antologias poéticas. Tem se dedicado à escrita desde 2020 afim de publicar o seu primeiro livro.

A Pedagoga

Ando com uma reflexão na mente há alguns dias, mas a rotina casa/trabalho tem me distanciado um pouco da escrita, o que não é de todo ruim, estou trabalhando, afinal! Isso é ótimo. E é sobre isso que tenho refletido, os caminhos que nos levam ao resultado do que somos ou estamos hoje, pois poeticamente falando, somos a inconstância da vida, a mudança a longo prazo, mas também a que chega de repente, como um vento sorrateiro que bagunça a vida, tal qual faz com nosso cabelo.

O que tem me agoniado a mente foi uma certa frase que ouvi: “você se acha porque é pedagoga”.

Apenas sorri, não devemos dar importância a esse tipo de comentário, mas confesso que isso rondou a minha mente, como boa amiga das letras que sou, resolvi contar um pouco sobre a história da “pedagoga”.

No início do ano de 2017 prestei vestibular para pedagogia, mas acabei desistindo, minha filha era muito bebê ainda e eu tinha medo de deixá-la com alguém, nós mães temos a mania de não querer voar depois que os filhos nascem, como se pudéssemos protegê-los de tudo. Enfim... Quando finalmente resolvi entrar pra faculdade, já tinha se passado um semestre e meio, a turma já estava toda conectada e eu era a “novata” e acreditem, acompanhada da filha, sim, levei minha filha em todas as aulas que eram semanais, salvo algumas exceções, quando meu marido não estava trabalhando. O meu maior medo era algum professor me dizer que eu não poderia levá-la, porque aí eu teria que deixar o curso, moro longe da minha família há 12 anos. Não reclamo, sabe? Estou fa-

A Pedagoga

Jaque Alenncar

lando isso para poder dizer o seguinte “eu me acho sim!” Sou pedagoga com muito orgulho, porque só eu sei as dificuldades que me fizeram chegar até aqui, o quanto cresci como pessoa e como profissional. Não parei de estudar, sempre gostei das letras, não é à toa que resolvi voltar a escrever em 2020, a escrita me deu a paz que eu precisava em meio à pandemia, ela me abriu horizontes, me fez finalmente conhecer quem eu sou de verdade, quem me conheceu antes da escrita, precisa conhecer novamente, pois já não sou a mesma pessoa, acredite!

Sou Colunista de uma Revista incrível, a The Bard, a qual tem todo meu amor e dedicação. Eu poderia passar horas falando sobre ela, escreveria páginas, mas uma coisa que eu sempre digo: é que quando trabalhamos com amor, não é trabalho. Bom, eu vivo, trabalho, estudo (estou me formando em Letras – Português). Busco o que realmente me faz bem: estudar, escrever, aprender... Cada lugar que eu conquistei não foi nada menos do que com o meu esforço, muito esforço, sono, estresse e muito choro, chorona que sou. Mas consegui! Graças a um Deus que abençoa quem se esforça e a todas as pessoas que acreditaram e acreditam no meu potencial, por isso: eu me acho sim! Não para ser mais que alguém, minha luta não é com o outro, é comigo mesma! Tento me superar a cada dia. O processo do outro é do outro e não meu, o meu é comigo mesma, um pouquinho a cada dia, quando dou um passo maior que a perna, volto algumas casas, até finalmente poder mudar de fase. A vida é feita de processos, progressos e superações, mas engana-se quem pensa que temos de superar alguém, o nosso maior inimigo somos nós mesmos, que não perdemos a oportunidade de nos anular e diminuir quando erramos na mesma proporção que não valorizamos as nossas conquistas.

Jaque Alenncar, 30 de julho de 2022

INSTAGRAM

POST NO SITE





Mell Renault



Mell Renault é escritora, tem 37 anos. Mineira de Belo Horizonte. Entre diversas publicações destacam-se “Flor de Sal”, livro de poemas editado pela Penalux, vencedor do prêmio de poesia da “União Brasileira de Escritores” em 2021. “A vida Inútil”, em edição artesanal. Entre outros como “Patuá”, de 2019. “Cortejo”, de 2021, além de “Morada”, “Fotogramas” e “Oráculo”, livro de Poemas a partir da leitura de Alejandra Pizarnik e dois livros de microcontos “As frutas e o destino” e “Encantados” os dois com coautoria do marido, o escritor e fotógrafo Carlos Figueiredo. Além de publicações em diversas revistas digitais, é colaboradora da Revista digital e impressa “Incomunidades” de Portugal. É facilitadora em Oficinas de Escrita e também faz mentoria de livros e prepara originais para o mercado editorial pela LUME. Nesse ano de 2022 lançou de forma independente dois livros de contos “Flores Antigas 1 e 2” e o romance “Carne de Mãe”.

Escrever o que ainda será

Na folha em branco há um repouso de guerra.

Está sobre a mesa, silenciosa, quase dormente, assim, alheia e tão presente.

Descansa nela ausência e céu, também um certo movimento de sonho e futuros, vê?

O desafio é o risco da palavra que vai compor a primeira presença na página. É preciso um fôlego de coragem e um sopro que impõe vida. É preciso vontade de fundar estados e provocar o salto - para dentro dessa folha inofensiva - mas que pode carregar a criação do mundo.

Assim sustento meus dias, busco a sentença exata da página. Esse é meu trabalho, a investigação daquela que será a moldura da página em branco que está sobre a mesa. Meu dever é inaugurar um sítio onde convivam realidade e delírio.

Escrever o que ainda será

Mell Renault

Me aventuro.

Aceito o desafio da criação. Me afirmo essa criatura que transita pelas linhas onde a história ainda vai nascer. Gosto do devir. Matéria viva que ainda vai tornar a ser. Acredito seriamente que esse é meu exercício diário: escrever o que ainda será.

Mell Renault, Crônica de Domingo



CLICK AQUI

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS

Crônicas

CARTA PARA A TIA

Por Paulo Bunga

Antes de mais, receba de bom grado, querida tia, a minha cordial saudação! Meu pai é quem escreve, mas eu é quem falo, quem sou eu?! prazer em conhecer, eu sou o Paulucho, o seu sobrinho. Sou um menino lindo e forte que não queria perder o brilho da lua dos poetas, cheguei recentemente ao mundo para contemplar a lua desta noite.

Querida tia, as coisas aqui fora são muito lindas, gostei de ver o clarão da lua cheia da noite de 16 de abril, dia que também vi pela primeira vez o nascer do sol num dos bairros longínquos da cidade do Uíge, em Angola, cujo nome é Bairro Bem-vindo, onde nasci na modesta casa da Mama Suza, como é carinhosamente chamada a parteira tradicional que assistiu a mamãe desde o terceiro mês de gestação até o trabalho de parto na manhã do dia 16 de abril de 2022, quando o relógio no pulso do papai marcava 6h. Segundo o papai, tive de ser muito forte para sobreviver, pois que os três primeiros meses de gestação foram de muito risco, mamãe teve sérios problemas do colo do útero que os nossos profissionais de saúde não conseguiram solucionar até a Mama Suza intervir e, como se não bastasse, querida tia, mamãe recebeu a primeira dose de uma das vacinas contra a Covid de vetor viral que posteriormente causou outras complicações, no entanto, estou muiiito bem felizmente, nasci forte e saudável.

Querida tia, puxei ao seu irmão, somos tão parecidos que nariz de dez recém-nascidos estou a carregar sozinho, meu nariz é tão grande e achatado como o do seu irmão e presumo que o seu também seja hahaha, olha que as nossas semelhanças não se limitam apenas no nariz, na verdade, vão da ponta do cabelo até as unhas do meu pezinho.

Querida tia, estou tão empolgado para conhecer a senhora, papai disse que a senhora é bem legal e linda e, ele deve estar certo! pelo visto ele gosta muito da senhora, os seus olhos brilham sempre que fala de ti. A senhora não precisa se preocupar, o seu irmão está em boas mãos, eu não serei uma dor de cabeça para ele muito menos para a mamãe, dou a minha palavra a senhora que serei um menino bondoso e obediente.

Querida tia, vou contar algo para a senhora: certo dia, enquanto ainda estava no ventre, ouvi sem querer da mamãe que o papai é escritor, especificamente um poeta, acho que também serei um, deve ser bem legal exprimir as emoções por meio das palavras. Razão pela qual, jamais fugarei a escola ou matar aulas, vou dedicar-me aos estudos para ser um grande homem no futuro, de modo que a minha assinatura venha a ser um autógrafo, um dia escreverei com muito carinho o seu nome na dedicatória do best-seller que publicarei, até lá, cuida-te e saúda a prima Judi, a sua filha, decerto que seremos cúmplices na vida. Contudo, até, querida tia, espero ver-te em breve para fazer cocô no seu colo.

Beijinhos!

De seu sobrinho Paulo Bunga, com muito amor e carinho!

Uíge, aos 17 de abril de 2022

FACEBOOK



POST NO SITE



Crônicas

RIGOLBOCHE.

Por Dias Campos

No prefácio à 5ª edição do seu Amor de perdição, Camilo Castelo Branco demonstrou-se um visionário, visto que assim se manifestou, referindo-se ao século 21: “Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruião ao mesmo tempo por defeito de uma grande evolução-rigolboche. A lógica diz isto; mas a Providência, que usa mais da metafísica que da lógica, provavelmente fará outra coisa.”

Ora, se relembrarmos que, segundo o dicionário, rigolboche significa devassidão no comportamento, e se olharmos rapidamente para um passado pouco distante, é inevitável a conclusão de que os alicerces sociais brasileiros foram bastante abalados.

Isso me faz lembrar a velha luta entre o bem e o mal, das virtudes contra os vícios, o “‘Tudo me é permitido’, mas nem tudo convém”, conforme afirmou o apóstolo Paulo.

Com efeito, até Ulisses seria classificado como café pequeno se comparássemos os seus mil ardis com a variedade dos meios utilizados pelas legiões rigolboches!

É claro que, faço questão de frisar, não se trata, aqui, de policiamento, de puritanismo, ou de coisa que o valha. Mas como o que está em jogo é a base social, a família, o que de fato importa será a nossa firmeza de posicionamento, a escolha de um lado.

Neste sentido, se é verdade que “Imaginar uma sociedade impenetrável às transformações das épocas é imaginar um corpo sem porosidade.”, como registrou Joaquim Nabuco, não menos exata é a afirmação de Lacordaire, para quem “A sociedade não é mais do que o desenvolvimento da família; se o homem sai da família corrupto, corrupto entrará na sociedade.”

Daí a nossa excessiva preocupação com os temas espinhosos que volta e meia são oferecidos para as nossas crianças sob a forma de irresistíveis maçãs do amor, mas cujo caramelo, reluzente e sedutor, só tem a função de encobrir a ameaça contida nessa fruta podre.

E tanto isso é verdade, tão perigosa pode ser uma única mordida, que este ensinamento de Richter deveria ser impresso, emoldurado e colocado sobre os criados-mudos de cada pai e mãe do nosso Brasil: “A época mais importante da vida é a infância, quando a criança começa a modelar-se por aqueles em cuja companhia vive.”

Sendo assim, as perguntas que não podem ficar sem respostas são estas: Que exemplos passamos para os nossos filhos? temos consciência de que, dependendo da nossa conduta, eles caminharão sob o aconchego do sol ou se arrastarão na gelidez das sombras?

De nossa parte, e graças a Deus, estamos tranquilos quanto à qualidade do alimento moral que oferecemos todos os dias para o nosso herdeiro, o que nos permite deitar a cabeça no travesseiro e dormir o sono dos justos.

Mas, e quanto aos pais que deram ouvidos às fascinantes melodias rigolboches? Devem necessariamente colher o que plantaram ou será que ainda há esperanças no horizonte?

Apesar da legislação permissiva, da linguagem cativante, dos raciocínios enganosos, e de uma infinidade de artimanhas utilizadas por aquela “evolução” para destruir a família, é certo que a Providência não se calou diante de tantas investidas.

E como é sabido que Ela também age por nosso intermédio, muitas vezes se levantaram e outras tantas se erguem na defesa dos bons valores e na recondução de quem ainda se acha desorientado.

Uma, em especial, faço questão de recomendar. É a do conhecido e carismático Divaldo Pereira Franco, que no 34º Congresso Espírita do Estado de Goiás, em 2018, abordou, entre outros temas, a ideologia de gênero, e indicou os meios mais eficazes para nos imunizarmos e aos nossos filhos. – esta e muitas outras palestras constam no YouTube.

Para aqueles, porém, que não comprometeriam, sequer por curiosidade, alguns minutos de suas vidas para ouvirem o citado médium baiano, saibam do nosso respeito e fiquem com o nosso fraternal abraço.

No entanto, para finalizarmos esta crônica serão necessárias uma advertência e uma interrogação: Se “Em matéria social é o rótulo impresso na garrafa que determina a qualidade e o sabor do vinho.”, segundo escreveu Eça de Queiroz, pensando em nossos filhos e na sociedade em que viverão, você realmente teria coragem de beber uma taça do tinto Rigolboche?

FACEBOOK



POST NO SITE



Crônicas

ROSEIRAS

Por Rafaela Navas

Uma vez quando descia a escada, escorreguei e caí em cima de uma roseira. Os espinhos perfuraram a minha roupa e a minha pele me fazendo sangrar, alguns espinhos ficaram nas feridas e pedaços de galhos em meus braços.

As rosas? Elas não podiam me machucar.

Os espinhos? Sim, eles me machucaram.

Mas fui eu que a machuquei primeiro quando cai em cima dela acidentalmente. E Sabe o que aconteceu? Levantei-me de cima dela, arranquei os galhos e espinhos que ficaram pelo meu corpo, limpei as feridas, e depois cortei as partes quebradas da roseira. Não é porque ela me machucou que irei cortá-la, o que machuca não são as rosas e sim os espinhos.

Assim é a vida, para chegarmos no objetivo temos que passar por obstáculos, para subir a colina temos que caminhar, para cultivar as rosas temos que aguentar os espinhos, mas nem tudo que machuca te mata, mas tudo que mata te machuca.

A uma linha tênue entre a dor e a felicidade, em que temos que seguir, já que os dias são baseados nisso, nem todos eles são felizes e nem todos eles são tristes. E mesmo machucados precisamos aprender sorrir, pois não há porque cortar a roseira se você espetou o dedo em um espinho ao tentar colhê-la.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NO BRASIL

Por Cataline Leão Otilio

No contexto atual, segundo ano da pandemia de COVID 19 no Brasil, sobretudo em meados do mês de julho. Eis que nós brasileiros, recebemos através das mídias sociais uma notícia escandalosa de violência doméstica, um crime de lesão corporal. De início foi divulgado através dos stories do Instagram da vítima, esposa, arquiteta, em união com um Dj, produtor, compositor, cantor. A cena foi presenciada pela mãe da vítima, a bebê de nove meses do casal, e um funcionário do sujeito envolvido.

Que tipo de violência pode ter ocorrido: física, moral, psicológica, sexual ou patrimonial? Onde a mulher agredida pode buscar ajuda? É sigiloso? Na realidade vigente existe uma lei que acolhe as vítimas? O que pode ter levado esse relacionamento a esse extremo? Há diversas vertentes, que não justifica o ato de violência! Questões podem estar relacionadas a violência contra a mulher como a dependência financeira, submissão, a ocorrência de discursões por ciúmes, alcoolismo, agressividade do companheiro e falta de diálogo.

Além disso, pode haver o machismo por parte do homem, o temperamento explosivo, a falta de equilíbrio emocional, o que reflete em suas atitudes e ações. A palavra bíblica diz que a mulher sábia edifica o lar, mas até que ponto ela em determinados casos pode suportar? Será que ela consegue se posicionar diante do agressor? Acredito que seja necessário ouvir as duas partes envolvidas para poder chegar à conclusão do que pode ter acontecido, se não for possível a vítima precisa procurar apoio institucional.

Esse tipo de violência nos faz lembrar outro caso que teve repercussão nacional e tornou-se lei. Você conhece essa lei e como surgiu? Conforme informações do (IMP) Instituto que possui o nome da vítima Maria da Penha, nascida em Fortaleza, no ano de 1945, farmacêutica bioquímica e mestra em Parasitologia em Análises Clínicas, sofreu uma tentativa de feminicídio por parte do marido, ela levou um tiro nas costas enquanto dormia, assim ficando paraplégica resultando em traumas físico e psicológico.

Logo, a sua história representa uma trajetória de luta por justiça, de gênero, livre de violência. A mesma tem um livro publicado intitulado: Sobrevivi ... posso contar (1994). Devido a sua luta em diversos movimentos, em 7 de agosto de 2006, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a lei n. 11.340, mais conhecida como lei Maria da Penha. Essa lei cria mecanismos para prevenir e reprimir violência doméstica e familiar em conformidade com a constituição federal.

Diante dos fatos mencionados, a mulher que vive em relacionamento abusivo, indefesa, necessita procurar uma rede de apoio para quebrar esse ciclo, acionar os órgãos competentes, a delegacia da Mulher, o CRAM - Centro de Referência de Atendimento à Mulher - que oferece apoio psicológico, social e jurídico. Procurar serviços de saúde, hospitais, ambulatórios, UBS, em casos de violência sexual. Ligar no 180 ou mandar mensagem para o WhatsApp (61) 99656-5008 e em casos de emergência chamar no 190- número da Polícia Militar.

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poegraphia

01



Carlos Garcia



Carlos Garcia, sou graduado em Direito e pós-graduado em Coordenação Pedagógica, paulista adotado por Pernambuco, trabalhando atualmente como Policial Civil. Apaixonado por poesia, desenho, pintura e música sou um explorador de meus próprios infinitos. Participei de diversas antologias poéticas e em 2021 publiquei meu primeiro livro intitulado “Quarta Lírica: sussurros do infinito”, com prosas poéticas e poemas.

Poegraphia

“Quero te fazer um convite...” Com essa frase singela e cheia de possibilidades a minha querida amiga Jaque Alencar desencadeou aquela sensação de euforia e receio que sentimos quando ficamos na expectativa de algo que será motivo de alegria e de “medinho” ao mesmo tempo. E ao entender a grandeza e a honra do convite para ser colunista da revista The Bard percebi que de alguma forma minha amiga enxergava em mim um potencial para figurar entre tantos talentos que participam da revista e fortalecem a arte de forma tão bela.

A imagem que a Jaque construiu de mim através de nossas conversas e da poesia a levou a interpretar e considerar a possibilidade de eu ser merecedor de estar aqui escrevendo para vocês. Nascia assim a coluna Poegraphia. Falaremos mais sobre isso a seguir, mas antes, permitam que eu ofereça alguns elementos sobre mim para que cada um, de acordo com suas percepções e interpre

Meu nome é Carlos Garcia, sou graduado em Direito e pós-graduado em Coordenação Pedagógica, paulista adotado por Pernambuco, trabalhando atualmente como Policial Civil. Apaixonado por poesia, desenho, pintura e música sou um explorador de meus próprios infinitos. Participei de diversas antologias poéticas e em 2021 publiquei meu primeiro livro intitulado “Quarta Lírica: sussurros do infinito”, com prosas poéticas e poemas.

Perceberam o tanto de possibilidades para que vocês possam formar a imagem física, psicológica, intelectual? Relacionando o texto com a imagem que cada um tem pré-definida na mente, de acordo com suas vivências.

E com esse “insight”, é com imenso prazer que apresento este espaço no qual pretendo compartilhar textos, impressões e ideias sobre a relação simbiótica entre a emoção, a palavra e a imagem.

Com toda licença poética, a ideia desta coluna é oferecer possibilidades de interpretar a poesia contida na imagem e vice-versa, trazendo novamente o dilema galináceo de causalidade: É a palavra que traduz a imagem ou é a imagem que inspira a palavra?

Se a resposta nos parece imprecisa em um primeiro momento, podemos afirmar com toda certeza, que a emoção e o sentimento estão presentes nas duas possibilidades.

O poeta ao construir uma imagem em seus textos bebe na mesma fonte que o pintor quando expressa suas percepções em telas. Revelam seus sentimentos produzindo uma pluralidade da realidade e permitem que outras pessoas se identifiquem como também construam suas próprias formas de entender o que foi expresso. Essa é beleza simbiótica da poesia!

Assim, na simbiose poética de Poegraphia convido leitoras e leitores a participarem, compartilharem e fortalecerem a poesia e as artes em geral, nesse belo espaço que a Revista The Bard nos oferece. Sejam bem-vindos! Espero que vocês gostem.

A seguir compartilho o poema “Carlos”, de minha autoria, e o autorretrato que o inspirou, para que vocês viagem nas possibilidades da Poegraphia.

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

POST NO SITE



CARLOS

Percebe minhas inteiras frações?
Como explicar sem interrogações?

Sendo nada em muitos
Sou muitos em um

Codinome
Prenome
Pronome

A culpa que consome
A urgência da fome
O vinho sorvido no entorne

Sou convite imperativo
Em rótulos desconstrua-me
Realiza-me em fantasias, não engane

Some
Come
Dome
Inflame

Então retome,
Daria conta do fluxo de mim
Sendo em ti derrame?

Inexiste contradição
Sou verso e anverso
Face e avesso

Então em ti que essa ideia flame
Sendo ser singular
Sou plural até no nome.

Poegraphia

Carlos Garcia



FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS

TERROR Y HORROR

07



Andrea Ríos



Abogado y escritor del género fantástico DieselpunkNoir y Terror. Empezó a escribir a los 6 años, participe en concurso de cuentos, luego público en diario digital Standard Digital News “El Monasterio” luego en Lakuma Pusaki “Sofía y la Imagen” cuento de Terror. Público en otras revistas y actualmente es columnista de la revista The Wolf Bard. Público en colaboración libro estilo pulp poesía de Terror. Pronta a publicar “Relatos Insanos de Bestias y Oscuridad”.



Ambrose Bierce, 1892

“Sin Rastro”

(La desaparición de Ambrose Bierce)

de cruzar un campo”, añadiendo elementos novedosos a la trama. Tal interés causó su obra, que sería fuente de inspiración para otras historias, que curiosamente son muy parecidas a la desaparición de Orión Williamson. Los hechos ocurrieron en el año 1854, en una granja del Estado de Alabama (USA). Williamson, quien estaba con su familia mientras cruzaba el campo en busca de unos caballos, se encontró con sus vecinos a los que saludó y luego atravesó el terreno llano. El granjero literalmente se desvaneció, dejando atónitos a todos. Pareciera que el autor hubiera creado su propia obra trágica, como la antesala a su destino, al relatar la historia del desaparecido granjero.

Hasta la fecha sólo hay rumores sobre la desaparición de Ambrose Bierce. El más popular se atribuye a las milicias de Pancho Villa. “El gringo” no tenía la mejor de las opiniones de Villa a quien consideraba un bandido y, a pesar de esto, la Revolución Mexicana le daba la oportunidad para escribir con su sarcástica pluma. Quizás por eso lo llamaban “Bitter Birce” (el amargado Bierce). Pero en realidad, lo que hacía era ser un crítico constante, un hombre

Hay muchos casos de personas desaparecidas, que sin duda serán olvidados. Esto no sucederá con el escritor Ambrose Bierce, llamado también “Gringo Viejo”. Los enigmas y el horror de sus propios relatos sirvieron de inspiración incluso para autores como Lovecraft, transformándolo en un icono de una vida de talentos y misterios. Bierce, llamado “El gringo”, se sintió atraído por la historia verídica que utilizó de inspiración para sus relatos como el misterio no resuelto en el caso de “Williamson”, la que sirvió para su relato “La dificultad

analítico y capaz de ir contra lo políticamente correcto. La vida del autor no fue fácil, tal como dice la prensa rosa, Bierce abandonó a su mujer Molly Day, al darse cuenta que esta mantenía correspondencia con su amante danés. También se cree que el propio Ambrose habría planificado un dramático y misterioso final para su vida. Sólo hay que recordar que por aquellos años, el autor ya en edad adulta, se había divorciado junto con perder a dos de sus hijos, quienes habían muerto prematuramente.

Es relevante destacar que Ambrose, como ex soldado de la guerra de Secesión, experimentó vivencias traumáticas, que dieron origen a sus escalofriantes cuentos de terror, como el del "Incidente en el Puente de Owl Creek", o "Una tumba sin fondo". Sin duda como para muchos otros autores del género, las experiencias que podrían marcar negativamente a cualquier ser humano, para ellos son fuente de inspiración y en su talento para la prosa, se le ha comparado con Edgard Allan Poe.

El misterio de su muerte y la ausencia de una tumba, encuadran perfectamente el mito de Ambrose Bierce, como un autor que da un final trágico tal como el que dio a sus personajes sobrenaturales y de terror. El Gringo no ha muerto, pues al leer su obra, especialmente "The Devil's dictionary" nos encontramos con definiciones que encajan perfectamente en nuestra época, esto considerando que fue escrito en 1911 y publicado por Neale Publishing.



La fecha probable de su muerte sería para el año 1914 en Ojinaga México. Otras teorías indican que falleció producto de su asma al atravesar lo que parecía ser Kansas. Como el tren llegaba en esos días hasta San Sóstenes, el resto del trayecto lo habría hecho a caballo o en vehículo, lo que recrudeció aún más su condición de asmático y ,teóricamente, se dice que sus restos podrían estar en el cementerio Marfa de Texas.

También se menciona que se vio al escritor en Sudamérica y que este habría sido su último destino, de lo anterior no hay más que rumores. En la novela de Carlos Fuentes, "Gringo Viejo", narra los últimos días de la vida del escritor, este libro llegó a ser un bestseller en Estados Unidos. En la serie de Sabrina, el primo y cómplice de la heroína, se llama Ambrose, un pan sexual y brujo que reside en casa de las Spellman. En uno de los capítulos desaparece curiosamente, haciendo referencia al autor. El escritor Oakley Hall, tomó a Bierce como héroe de sus novelas de ficción, donde el personaje trataba de resolver misterios. Sin duda la vida y obra del autor no ha pasado desapercibida, y las extrañas circunstancias de su desaparición, indican que Bierce vivió y desapareció como uno más de sus personajes de terror.

Escritora Andrea Ríos

supply that the concern is now turning out its "fourteen cent" sugar. On the other hand, the Western Sugar Refining Company has no surplus of raw sugar and consequently followed the New York market when it jumped, first from 14 to 15 cents Saturday, and then from 15 to 16 cents yesterday. This final jump brought the retail price of sugar up to 18 1/2 cents, the difference between that and 16 cents representing the profit of the jobber and retailer. According to Connolly, not all the jobbers are customers of the California & Hawaiian Co. and consequently these concerns will be unable to sell to their own customers at the cheaper rate. Connolly says that this will mean that sugar will be sold at two retail prices throughout the city for some time. He says that the concern will handle the California sugar plant will get the benefit of increased patronage.

\$500,000 Left By President Of French Bank

An estate in excess of \$500,000 was left by Arthur Legallet, late president of the French-American Bank of Savings, whose will was filed for probate today by the widow, Antoinette Deloche Legallet. The sum of \$50,000, the separate property of the husband, is divided among sisters, nephews and nieces of the deceased and French charities. Two sisters, Blanche Brassin and Marie Legallet, are living in Mexico. La Kuelele Des Dames Francaises and the Alliance Francaise, of San Francisco, have each \$1000 each. A dozen other charities will divide the balance. Mrs. Legallet, an excellent business woman, was president of the bank for several years. She was a member of the French Chamber of Commerce and prominent in the Hospital Association. Her husband was engaged in the banking business in San Francisco.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS

Aged Man Suffers Fracture of Legs

Voices do Umbral

06



JORGE ALEXANDRE MOREIRA



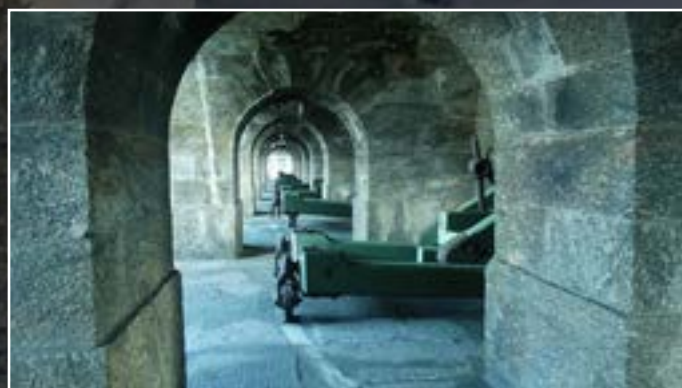
Natural do Rio de Janeiro, escreve terror, mas acredita que os piores monstros são humanos. Seu primeiro romance, *Escuridão*, ambientado na Amazônia e com um conflito entre Brasil e EUA como pano de fundo, foi considerado por vários blogs literários como um dos melhores livros de terror já publicados no Brasil. Em 2017, lançou *Parada Rápida*, um thriller sobre uma mulher que desaparece em um posto de gasolina durante uma viagem de férias. Em 2018, lançou *Numezu*, um terror psicológico sobre um casal isolado em um veleiro e atormentado por uma entidade demoníaca. *Numezu* ganhou o Prêmio Aberst na categoria Melhor Narrativa Longa de Horror e foi finalista do Prêmio Jabuti.

Esquartejamentos, Tortura e Fantasmagorias

É curioso que, ao viajar, nos lancemos em uma corrida frenética para conhecer cada museu, mirante, igrejinha, mas que, muitas vezes, deixemos de visitar lugares incríveis que estão ao alcance de nossos olhos. Tendo vivido no bairro do Flamengo por quase toda a vida, eu não apenas ouvia falar da Fortaleza de Santa Cruz - eu também a via, do outro lado da Baía, toda vez que ia à praia. Uma construção impressionante que nasce de um prolongamento da montanha, com muros verticais que brotam do mar escuro.

Após muitos adiamentos, saí para conhecê-la em um domingo qualquer de 1999, um despretenhoso passeio que viria a se tornar um dos mais surpreendentes e perturbadores tours históricos que já tive a oportunidade de fazer.

Erguida em 1612 para guarnecer a entrada da Baía e proteger os carregamentos de ouro que saíam rumo à Europa, a Fortaleza de Santa Cruz da Barra é a maior do Brasil e considerada uma das dez maravilhas da arquitetura militar do mundo. Um feito impressionante de engenharia, montado com blocos de pedra talhados a mão e trazidos de Portugal cercado por natureza exuberante para onde quer que se olhe.



Esquartejamentos, Tortura e Fantasmas

Por Jorge Alexandre

E que, claro, serviu como prisão.

A impressão que tenho é que a primeira ideia que ocorre a um grupo de humanos, ao encontrar um lugar paradisíaco, é a de protegê-lo com muros e armas, para que outros humanos não possam acessá-lo. E já que você tem um lugar com muros e armas, porque não usá-lo para prender gente, visto que há humanos inconvenientes em todo lugar? E já que aqueles humanos estão ali, por que não torturá-los?

Os portugueses eram conquistadores particularmente cruéis. Essa foi uma das primeiras informações que o guia, um soldado do Exército, deu ao grupo, e que eu jamais havia escutado, de forma tão clara, em nenhuma aula de história. Mas é verdade. Os portugueses, talvez por serem poucos, impunham-se pelo medo, astúcia e violência. Sobre sua apocalíptica passagem pelo Oceano Índico - ensinada nas cadeiras de escola na forma de nomes, datas e frases rasas como "trazer especiarias das Índias" - o historiador Roger Crowley, escreveu:

"Empregaram a violência para intimidar, como arma psicológica que compensava o baixo contingente de suas tropas: tinham de inspirar medo. Havia mesmo assim algo de loucura em alguns conquistadores portugueses, como Vasco da Gama, um homem extremamente violento. (...) eram homens famintos por riqueza, ouro e espécies, e com sede de poder. (...) Os portugueses trouxeram terror e caos a esse mundo".

Conquistadores: Como Portugal Forjou o Primeiro Império Global



Uma das torturas preferidas dos portugueses - que Tia Neide, sua professora de história da sétima série não te contou, quando disse que os portugueses traziam escravos da África porque os índios eram preguiçosos - era o merdimboca, que é exatamente o que você imaginou quando leu.

Enfiada garganta adentro com um pedaço de pau.

Adicionado de pedaços de bacon, se você fosse muçulmano.

Tudo bem, entendo, isso pede alguma reflexão. Vai dar uma volta. Te espero aqui.

De volta à Santa Cruz, um dos primeiros lugares do tour é uma masmorra - um buraco do tamanho de uma sala, com teto em arco, paredes mo-fadas e nenhuma janela.



"Celas subterrâneas, abaixo do nível do mar, úmidas e frias, submetidas ao permanente rigor do vento que soprava forte na entrada da baía de Guanabara e as-sobiava encanado como um bloco de entrudo pelos corredores internos, num constante convite a infecções pulmonares. Ratos infestavam todos os cantos, o que multiplicava o contágio dos presos pelo cólera-morbo"

Carlos Marchi, A Fera de Macabu

O chão é permanentemente úmido e a única porta é de ferro, sem nenhuma abertura. Há um

Vozes do Umbral

buraco para ventilação, estreito e em curva, para que não entre nenhuma luz. Os prisioneiros jogados naquela caverna, normalmente corsários franceses e locais inimigos do regime, eram mantidos na escuridão total. A porta era aberta uma vez ao dia, à noite, quando era colocada uma ração mínima de pão e água. Depois de quinze dias sem a menor réstia de luz, os presos eram levados para o pátio principal ao meio-dia e forçados a olhar diretamente para o sol. Ficavam permanentemente cegos.

O tour inclui maravilhas arquitetônicas, como o pátio a céu aberto de trezentos anos de idade sem o menor vestígio de infiltração ou rachaduras e as linhas de canhões, com os buracos na pedra para mirar. Há até a capela onde há 4 cadáveres empareados, um deles o de uma filha de um oficial que se apaixonou por um cabo e, impedida de continuar a relação pelo pai, atirou-se da muralha para os rochedos lá embaixo.



Eu poderia falar sobre essas coisas, tudo bem, mas sejamos honestos, sabemos porque você está aqui.

A próxima parada perturbadora do tour era a Cova da Onça. Ela foi inicialmente concebida para ser um posto de sentinela, mas, como de hábito, seres humanos com muito tempo disponível começam a ter ideias criativas envolvendo seus semelhantes. Esse lugar contém um disco de pedra no chão e um buraco que dá para o mar, por onde eram supostamente jogados os prisioneiros. O buraco parece pequeno para que uma pessoa passe por ele

e, de fato, ele é. Um problema que os portugueses resolviam com a charmosa solução de esquartejar os prisioneiros vivos, antes de atirá-los ao mar.



A Fortaleza é um quartel que funciona normalmente até hoje e o posto de sentinela na Cova da Onça é um dos mais temidos. Como em muitos lugares onde pessoas foram repetidamente submetidas a dor e sofrimento, há uma sensação de atmosfera pesada e escutam-se, nas horas mais escuras da madrugada, gritos e gemidos.

Quando eu era garoto e tinha muito medo de assombrações, me disseram que eu não deveria ter medo dos mortos, mas dos vivos. Hoje, vendo que os vivos esquartejam, torturam e cegam, enquanto que os mortos, quando muito, gritam, sou obrigado a concordar.

Após canhões e paióis, a visita chega às "prisões do passado", uma sucessão de cinco celas, lado a lado, progressivamente menores, com teto em arco. A maior não tem altura para que um homem fique de pé. A menor só permite que ele fique deitado. O prisioneiro que chegava era colocado na maior, à esquerda, e ia sendo mudado para a cela ao lado, à medida em que ela ficava vaga. Ela ficava vaga porque, após chegar na menor, onde o infeliz passava, em média, duas semanas, o preso era conduzido à força em frente às celas e enforcado, diante dos demais.

Esquartejamentos, Tortura e Fantasmas

Por Jorge Alexandre



que havia também o problema de Santa Cruz ter sido prisão durante o período do golpe de 64 e algumas pessoas não querem menção a esse tipo de assunto.

Claro, pois é comprovado que se você não quer repetir uma merda que fez no passado, o melhor que pode fazer é não falar sobre ela.



Agora, que você já está lamentando o dia em que o primeiro macaquinho desceu da árvore, coçou sua cabeça piolhenta e se perguntou se não seria uma boa ideia morar numa caverna, temos uma interessante cereja nesse bolo amargo: se você for hoje à Fortaleza de Santa Cruz e fizer o tour - o que recomendo enfaticamente - pouco disso lhe será falado. Muitas histórias não serão contadas e a Cova da Onça, além de não fazer parte do passeio, não será sequer mencionada.

Descobri isso em 2019, durante minha segunda visita à fortaleza. Ao perceber que o guia não estava contando algumas das histórias que eu conhecia, questionei-o. Ele disse que a Cova da Onça havia sido tirada do roteiro e que muitas histórias haviam sido suprimidas, pois algumas pessoas achavam pesado demais. Depois do tour, bati um papo rápido com ele, em particular, e ele me confessou

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

CONHEÇAM O TRABALHO DO NOSSO COLUNISTA

SITE

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



Vozes do Umbral



TOM SOARES



Formado em História, dou aulas de Filosofia, História e Sociologia. A literatura, para mim, é uma das formas de compreender a História. Essas duas paixões se atravessam. Publiquei contos em antologias da Ed. Illuminare (2016), da Ed. Oito e Meio (2016), da Ed. Litere-se (2017), Ed. Luva (2019) e Revista Mysterio Retrô No 2 (2020). Tenho contos publicados na Amazon. Fiquei em 3º lugar no Prêmio Cataratas de Contos e Poesias de 2017, organizado pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu. Em 2020 e 2021, fui semifinalista do Prêmio ABERST de Literatura. Em 2021, fui finalista do I concurso de Flash Fiction da Rocket Editorial.

Os esquecidos

Laura arrasta os pés tortos, um atrás do outro, afastando-se da sala onde o avô é velado. Na varanda, abre a bolsa e verifica o livro de fotografias. O objeto está carcomido. Abraça-o até os dedos retorcidos ficarem vermelhos. E chora.

— Vou te salvar, voinho. — Ela sussurra.

A menina esconde o corpo franzino nas sombras e inclina a cabeça na direção da janela. Mulheres cochicham intrigas.

— O Inferno é o lugar dos suicidas! O padre só veio porque a família do coronel ajudou a construir a catedral.

— Ô raça pra ter morte estranha. Dizem que os escravos amaldiçoaram a família depois de libertados pela Lei Áurea.

— Vejam a neta, enfeitada pelo próprio pai...

As vozes calam quando o sacerdote fala.

Laura inspira forte e caminha. Um corredor de candeeiros seguia até a porteira da fazenda. Desce

as escadas de pedra se agarrando ao corrimão e foge da luz. A casa grande e a melodia arrastada, cheia de nomes de santos, ficam para trás. A avó e a mãe estão lá, chorando.

Nas casas abandonadas pelos trabalhadores ouve-se apenas os insetos. A pele arrepia com a brisa fria vinda do rio Cachoeira, das árvores vivas e dos cacauzeiros mortos. Ela recua e se desequilibra, os pés serpenteiam no solo lamacento, a cabeça colide com o chão. Dor. O mundo fica fora de foco. Silêncio.

Laura emerge da escuridão.

A névoa espessa devora o mundo. Não fosse a luz bruxuleante, alaranjada, vinda do interior da capela da fazenda, estaria à deriva. As paredes da construção, de longe, parecem transparentes. Tateia a bolsa e retoma a marcha.

Na fachada da construção está grafado em alto-relevo: 1881. A porta de madeira se abre, o ruído das dobradiças percorre o salão. A iluminação interna emana das paredes, agora com contornos definidos. Quatro bancos perfilados abrigam sete pessoas viradas para o altar.

Na primeira fila, uma jovem de tez pálida, vestida de noiva, segura um bebê. No assento à frente, há duas gêmeas: uma à moda melindrosa, com braços e pernas à mostra; a outra usa um tailleur e carrega um livro.

A menina examina os presentes enquanto avança pelo corredor entre os bancos. Todos sorriem, meneando as cabeças. A igreja não tem teto, acima deles o céu estrelado pulsa. O cheiro da mata preenche o local.

Noutra fileira, um homem trajando roupas femininas abraça um jovem loiro. Por fim, vê-se um casal: a mulher negra e o homem moreno usam roupas elegantes.

Têm expressões tristes e olhos negros como um poço sem fundo. Os traços físicos de quase todos, incluindo Laura, são parecidos.

— Filha, aproxime-se. — De traz do altar, o padre estende a mão.

Ao lado do sacerdote, sentado numa cadeira virada para a cruz, encontra-se o avô. Ele chora e pede perdão a Deus.

A voz de Laura sai fraca:

— Trouxe o que pediram...

Ela tira o livro da bolsa e o deposita sobre o altar. O objeto está novo. Na capa, lê-se: Os esquecidos. Os presentes se inquietam. A luz alaranjada se intensifica.

— Ficamos preocupados, pois aí reside a nossa memória. Se ele fosse destruído, seríamos esquecidos e deixaríamos de existir — diz a melindrosa.

— Desculpa, eu não sabia. Eu estava triste... — A menina mira o avô.

— Não se sinta mal, nós conhecemos a rejeição. Somos motivos de vergonha na família: amantes de

escravos, pecadores, putas, histéricas, pederastas — fala o homem vestido de mulher.

Laura examina as pessoas reunidas em volta de si e diz:

— Vocês não aparecem nos álbuns da família, mas também não são estranhos.

Os olhos negros voltam à forma original: cor de mel. Laura fica boquiaberta.

— Temos os mesmos olhos. Como dizem as más línguas de Ilhéus: o olhar da loucura! — A noiva embala o bebê.

— Não sou doida! — responde Laura.

— A gente também não. Apenas não fomos o que esperavam de nós. — A jovem de tailleur sorri.

O padre abre o álbum e explica o destino das pessoas fotografadas.

— Um advogado abolicionista alforriou uma escrava e a desposou. Foram mortos e queimados pelos irmãos. Um sacerdote se entregou à dúvida e à luxúria. Esfaqueado por um marido enfurecido, desapareceu sob as águas do porto. Duas irmãs, à frente do seu tempo, exigiam liberdade e igualdade. Violadas e assassinadas, tiveram seus corpos enterrados. Uma jovem professora, enganada por um artista e abandonada no dia do casamento, grávida, foi expulsa de casa. Morreu na beira do rio depois de um parto mal sucedido. Os urubus devoraram mãe e filho. Um militar se entregou ao amor de outro homem. Foram fuzilados e jogados ao mar. Um poeta, atormentado por desempenhar o papel de coronel, queimou seus versos e suicidou-se porque perdeu a fazenda para uma praga.

Laura ouve as histórias e reconhece os protagonistas.

— É hora de se juntar a sua família. — O avô, ao lado da neta, faz-lhe um cafuné.

— Voinho, eu não quero ir!

Laura examina seu corpo e chora: os braços rígidos e as pernas arqueadas agora estão perfeitos. Ela corre até a porta e começa a bater e a gritar:

— Isso é um pesadelo, quero acordar. Me tira daqui!

Os mortos a observam.

— Você tinha um corpo débil e conheceu a repulsa da própria família. Estamos todos unidos pela dor, minha querida. Eu fui o primeiro e você é a última — diz o homem de terno elegante. Ao seu lado, a esposa sorri.

O avô a consola e aponta para a janela. Lá fora é dia.

Homens e mulheres cercam a mãe e a avó. As últimas representantes da família choram abraçadas ao corpo infantil, com a cabeça ensanguentada.

Laura grita:



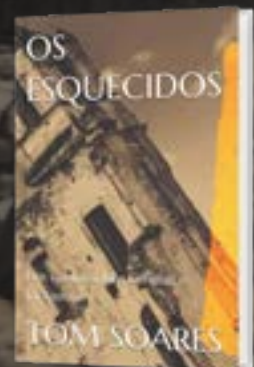
COLUNAS E COLUNISTAS

— NÃO! Eu quero a minha mãe!

O avô mostra a foto da neta ao lado da sua no álbum, ambas com a mesma data de morte, e diz:

— Não tema, meu amor. Elas vão te esquecer, nós não.

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

TOM SOARES

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE



EDIÇÃO SETEMBRO & OUTUBRO 2022



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER



EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2022



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2022**

PERÍODO DE 10 DE AGOSTO À 05 DE OUTUBRO .



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Coluna DIALÉTICA

05



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP com ênfase em Filosofia-Política e Formação e Consolidação de Governos Totalitários, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP, Especialista em Ensino de Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos (2015) - Ufscar - SP, Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Fundepe

Poesia: Transgressão e Imaginação

O gênero poético transcende uma forma estética que faz o homem, voltar-se para si mesmo, a procura de um legado histórico que possa assim, diagramar seu espaço – tempo, como uma forma densa de se redescobrir, perante os diários mitológicos e reais que a natureza coloca defronte sua limitação corpórea.

É certo se pesarmos dentro de termos religiosos, que a poesia caminha por circuitos de renovação do ser-humano, perante seu jugo em tentar controlar todos os seus sentidos vitais, dentro de um universo quântico, ao qual almeja se colocar no lugar do “grande arquiteto do universo”.

Reflexões acerca da vida humana, fazem uma forte obsessão quanto a buscar no helenismo, de Hesíodo, que os “trabalhos e os dias”, estão na conjectura de forte e singela conexão do homem com uma escritura que assim o aproxima do seu bem psi-

cológico mais comum, o amor, que também pode ser estendido para o ódio de uma amalgama de “um ser”, que aprende desde os primeiros passos, a estar nutrindo uma criatividade maniqueísta como sendo uma forma única de verdade.

Sim! A poesia é sua mais pura criticidade em relação a formação dos sentimentos humanos, que assim passa por uma arte que desde os primeiros passos do jardim escolar, aprendem rimas, como uma maneira de se projetarem culturalmente e sentimentalmente um diante o outro.

Sendo assim se voltarmos a Hesíodo, “o trabalho também é uma pura sinceridade dogmática, em que o homem se escraviza para conter algum tipo de prazer”, onde a poesia é cantada, como também é uma forma de fortalecimento do pensando helenístico.

Se passarmos pela Eneida de Virgílio, ela

também faz uma união entre os Deuses e Mortais, aos qual um não vive sem outro.

E a poesia, é um clamor para que se chegar a uma ontologia de como a arte, pode cunhar caminhos divinos, em colocar no mesmo patamar o espiritual e o material.

Epicuro em sua “filosofia do prazer”, promovendo uma explosão de nostalgias endógenas, em que o corpo, não é somente a sensação de penetrar a carne do parceiro, e sim uma construção em larga de escala de que é necessário um linguajar para conquistar outro “corpo”, ao qual possa ser assim chamado de amor.

Um “amor, que foi ganhando tenacidade com Jesus De Nazaré”, em suas passagens pregando a ‘boa nova” para os cristãos, que depois pelos evangelistas, que foram contendo em seus escritos bíblicos, não deixando de enaltecer uma gramática teológica, que assim cantava, com ardor, trazer, novamente paz e esperança para todas as pessoas.

O próprio Alcorão é uma percepção, de código de conduta, para seus crentes, que assim contenha certo cunho de destruição da igualdade entre homens e mulheres.

Tanto, que historicamente o conflito entre Ocidente e Oriente, na dita Pós- Modernidade, é uma mistura de sentenças intelectuais e culturais, aos quais “homens bombas, fazem das suas mensagens sagradas fundamentalistas do islamismo, um papel cruel de atos terroristas”, que se lançam assim para uma irracionalidade multiculturalista mundialista.

Perry Anderson “coloca que para ocidente, o oriente é um campo de exploração material, mas também de alienação cultural”, pensando dentro de conjecturas resplandecentes de um idealismo, com toque sarcástico para se chegar a uma filosofia da composição poética, que não se escreva somente como uma forma de letramento vazio, que venha valorizar fracassos substituindo sonhos, que estão encarcerados dentro da mente de cada pessoa.

É “necessário um personalismo introspectivo” que segundo Jacques Derrida, produza uma mensagem que venha decodificar signos para suplantar,

que é jus uma vitalidade de gramática desconstrutivista entre as diversas culturas, e que não fique inteiramente ao bel prazer, de escrever por escrever e sim fazendo uma releitura, de tessitura interpretativa, que traga a graça de fantasiar, um graça, do que seja a reinvenção do amar mutuamente.

“Um ‘amar”, que segundo Erich Fromm “passe do estado de sublimação corporal, para a consolidação sentimental”, adentrado nos limites do discurso de um paradisíaca paixão, em que assim se chegue à prosa maniqueísta de John Milton, que refaça novas comisações de um “Paraíso Perdido”, que assim venha a aproximar o “sapiens” para uma sabedoria questionadora brilhante, entre os devaneios de uma epistemologia de escrita que possa reunir elementos para um mito do “eterno retorno”, com reflexões de como homem ao mesmo tempo se compõem como material de criação divina e de espoliação do que seja assim caracterizado como sendo real ou não.

Luiz Costa Lima, “em sua elaboração da construção da lírica moderna”, que assim venham com a nuance em fazer da arte escrita, um cabido de provocação contra a mesmice de uma criação literária possa, gerar modelos de sofismas agraciados filosoficamente, que transpassam metáforas que não contenham uma veia de virem a estrangular um senso-comum, em como realizar uma poesia como sendo cabedal documental para a compreensão de determinado histórico.

O próprio Charles Darwin, por entre suas viagens do Beagle, pela América Do Sul, descreveu em suas observações de novos espécimes de maneira narrativa - poética, como uma forma, que assim fizesse seu leitor conter o prazer da leitura, e não exclusivamente vir cansá-lo com métricas de terminologias científicas específicas, que na contemporaneidade foi sendo muito utilizada em substituição ao hermetismo empírico, por intelectuais como Mary Del Priore, Yuval Noah Harari, Elio Gaspari, que retiram o rigor da linguagem científica, e fazem de suas obras, como sendo um arquétipo de escritura prazerosa, que vai assim enciumando, em como compor uma história como cunho leitor amoroso, para se chegar a uma liberdade, que esteja na cromátide de se recusar, novas maneiras, de enaltecer um inconsciente coletivo, que possa assim

através de uma escritura cheia lisonja de graça estética, possa unir tanto o rigor como divisão, para um pragmatismo, que esteja, com jactâncias, em tentar diminuir, as dores humanas, perante seu próprio caminho de intolerância e crueldade.

Se pensarmos em termos do período escravista tupiniquim, tivemos Gregório De Matos, Cláudio Manuel Da Costa, Joaquim Manoel de Macedo, Cruz e Sousa, Adolfo Caminha, Machado de Assis, que mesmo estando encarcerados em períodos históricos com época literárias diferentes, passando entre o barroco, simbolismo e o romantismo, engrandecem a necessidade de uma cultura nacional que assim pudesse assim estar em um levante abolicionista, de fazer a uma libertação perante a dominação portuguesa e que assim viesse conter novas celeumas, de uma intifada em lutar contra o apoderamento ideológico, que a colonização estava impingindo contra o povo do Novo Mundo.

Mesmo no século XX, com a chegada dos Movimentos de Vanguarda, como Cubismo e o Dadaísmo, a poesia passou por um novo cânone, de exploração perante setores criativos, de um meneio de estar perdido por entre unir a busca da palavra perfeita, diante os sentimentos mais imperfeitos.

Usando de Ludwig Wittgenstein, que “coloca que a organização de cada som, é uma forma do acaso da natureza, em chamar a atenção do homem”, para um diagrama informativo de que as uniões entre polivalentes conjecturas gramaticais que silabavam, no dito a necessidade métrica (im)perfeita, em fazer inteiramente uma nova poesia, dentro de do seu sentido intelectual tácito, assim como também a produzir imagens abstratas dentro da imaginação do leitor.

Imagens que vão se construindo por um surrealismo, agraciado por um Salvador Dali, que fez sua da sua pintura, uma nova forma de busca na composição mecânica e física da luz, com um contorno de René Descartes, que assim fez do imaterial, uma simetria de ilusões, que levassem os homens a compreenderem bajulações de imagens, que estão além da compreensão de suas retinas.

Assim se pensarmos nas poéticas de “concreto armado” feitas por Oscar Niemeyer e Norman Foster, em fazerem dos espaços arquitetônicos, no-

vas estéticas de compreensões do que é estar dentro de um espaço físico que vai mudando lentamente com o passar do tempo, que assim detém uma tessitura, de realojar o homem em torno do seu primado estóico, existencial e vivencial, refletindo uma espiritualidade, que contenha nas formas geométricas, respostas, para entender até que ponto sua inteligência possui os limites, de construir novos portos passagens diante os desafios, de quebrar um pacto antropológico, aos quais languídos de uma educação propedêutica, que possa fazer assim da poesia, um novo esquema em abortar, as leis de uma atração cínica, que contenha uma paixão, repleta de humanizações culminando miasmas, de que a poesia, é uma expressão artística, em colocar para fora, aquilo de mais sublime que esteja dentro do ser humano, o “amor”.

A Poesia Concreta, ou Neoconcretismo, procurou dentro do inconsciente, uma nova irrupção de criatividade que assim fugisse da necessidade em conceber um tipo de arte, que contivesse uma mimesis, em não produzir novos frutos, que assim viessem a sair de um tradicionalismo “em se fazer poesia, que ficasse no encaixe de termos parnasianos” segundo Ferreira Gullar, sem conter a regularidade de fugir de um tecnicismo de fazer uma escritura que estivesse dentro de uma matrona artística, que contivesse reflexos, em um forte giro de xilogravura social, pelo qual os recursos da escrita métrica, não tivesse um método claro em como se escrever, podendo fazer uma mistura de semiologias, de suntuosidades de linguagens, que para assim viesse combater diferentes dilemas humanos, em como compreender o homem no mundo.

Martin Heidegger “em sua metafísica, retorna as premissas de um aristotelismo que em seu “kalos”, obtém uma forte maneira de causar impactos, quanto a fugir da pressão d uma possessão intelectual, em fazer da dor, um material de artimanhas que viessem a recompor um tempo, que assim como os Salmos proclamam, “fizessem lentamente através de pequenos fragmentos, trazendo polivalentes formas existenciais, para um cunho, de humanização, intelectual, que colocassem o espírito e a letra, a remexer o que seria amor, como também em como classificar o que pode ser empenhado como sendo dor”.

Na tradição Ultra-Romântica a poesia é

uma forma de levar comportamentos bizarros, que venham assim a conseguirem deixarem um amanhã cada vez mais perto de um objeto de devoção sexualista, que contenha um labor, que venha não faça a “repetição de frases e silábicas”, que não contivessem o sentido de uma subjetividade que abrisse caminhos para liberdades de criação de artística, que viesse assim a deixar o homem, como sendo um símbolo de pulsão da inteligência a ultrapassar seu próprio pragmatismo em viver dias e mais dias, sem o primor da poesia como forma libertária de si mesmo

A Poesia que se aprende na escola, que deixa quase todo ser humano em algum momento como sendo um poeta nato, e que assim seja remediado, para transpor para fora do seu “eu”, a idéia de movimento, ao qual a imagem, venha fazer uma tópicica de busca pela verdade, que muitas vezes, brinca com cada indivíduo, sendo assim situado, em artimanhas, para um sacrilégio psicológico, em suplantando uma nova forma de como enxergar e ver, que a arte, procura emoções que venham assim a aproximarem sua criação poética, para um sonhar, que seja também um humanizar, para se ter um ativismo intelectual, que não seja somente um sintagma, de fazer da semiologia, algo hermético, que não contenha um significado claro, que a poesia, é uma catedral de sonhos, de assim recriar fótons de desejos corporais, que venham unirem com a questão “revolucionária socialista de Maiakovski”, em fazer um pavilhão de possibilidades, no humanismo, que não é o bastante intelectual, em fazer a arte pela arte, mas sim conter uma idéia de Nietzsche, que “fala de uma aurora de esclarecimento das dúvidas espirituais mais elementares dos homens”, que assim também não entre no sentido de uma Indústria Cultural, transmitindo, que é necessário renascer a cada instante, diante uma humanidade que se tornou intransigente em um setor da sociedade civil mundialista empática, que apenas quer viver somente por viver.

Salman Rushdie, em seus “Versos Satânicos”, conteve um exemplo na própria carne de como o fanatismo religioso do mundo muçulmano, pode deter uma aversão pela arte que não siga seus preceitos ideológicos, como também, estructure um Capitalismo de Mercado que apenas vende livros por vender, que ao contrário de uma decadente e cambaleante bloco Comunista, já não consiga produzir com tanto fervor um sistema de idéias que venha conter a vi-

olência de se lutar contra um sistema social opressor, que tem sua cultura divulgada de maneira em escala industrial pregando um tipo de hedonismo onde se deve, aproveitar tudo o que a vida tem de melhor, se se importar com as conseqüências a respeito.

Federico García Lorca, em um de seus mais belos cantos “El Canto De La Miel”, faz uma analogia do mel, como sendo um motor de crescimento da vida através dos trabalhos árduos das abelhas, que passando para uma vertente mais humanista, recusa que precisamos sempre de um toque mais doce, para nos afastarmos das destruições, de afecções, de uma vida que seja ornamentada, para trabalhos, que possam assim conter atividades interpretativas, em fazem as pessoas, somente enxergarem o que é conveniente, para seus próprios egos.

Partindo para uma poesia social de Vinicius De Moraes, vemos que em sua “Rosa De Hiroshima”, está um forte alerta para que a humanidade possa assim transgredir eticamente, diante os perigos de uma produção em massa de armas de poder de destruição em massa, que é recitado de maneira forte dentro das escolas, mas que em muitos momentos, não é levado em consideração ao seu viés sociológico e político, esperando que assim reciprocidade, quanto à importância para um nominalismo, em dar novas cores de amores, que foram refletidos em dores, que não continham um respeito coletivo pela vida, mas sim que estava concatenado para um mesmerismo em assassinar, uma arte que não contivesse o espaço – mental de servir em denunciar as principais atrocidades humanas, ficando encarcerada, a criar novas formas de estilísticas, que possuam, a inteligência de promover, que o homem não é somente um amontoado de desejos reprimidos, mas sim que está fragmentando, para um trabalho mítico, detido em uma forma de reaver uma estética, que não fique presa aos amores impossíveis, e sim que venham a trazer o (des)conforto da luta de classes, com um fervor de enaltecer o dilema entre o explorado e o explorador.

Luís Vaz De Camões em seu Os Lusíadas, continha um parâmetro de imperialismo, que dentro do contexto das grandes navegações, era um retorno aos ideais Greco-Romanos, de ultrapassar o Mar Mediterrâneo e Oceano Atlântico, em tentar unir os três continentes (Europa, Ásia, África), e a América,

que assim deixasse um sinal de um primeiro cunho de globalização, que depois Noam Chomsky em sua “teoria da gramática gerativa”, colocando, que não “haveria pureza dentro de toda a sua essência exploradora do homem”.

Sendo assim Camões, é um insidioso, que seja uma transposição, que através da língua artística, s busca um fervor de poder, que assim construiu uma imagem preconceituosa do homem dos baixos trópicos, que viria a justificar a empreitada lusitana na conquista de novas terras além - mar, depois da empreitada feita pelos Reis Católicos da Espanha Fernando e Isabel, com Cristóvão Colombo.

Assim como também Oswald Andrade, em seu Manifesto do Pau Brasil, faz um mistura de denúncia das atrocidades cometidas pelos portugueses como também a exploração de nossos recursos naturais, o que não deixa ter um sentido de transgressão capitalista moderna, na violação das liberdades individuais e da autodeterminação dos povos, que depois Eric Hobsbawm, vai trazer, em sua teoria acerca “do longo século XX” (1914 – 1991), que assim seria uma continuação de um neocolonialismo, que viria ao invés de caravelas e uso dos mosquetões, e agora através do aço e da industrialização, trazendo as razias de empresas multinacionais, que viriam dominarem com usufruto da mão de obra barata possuir os espaços das Américas, que depois foi “cantada” por poetas como Pablo Neruda, que não poupando estrofes para descrever em sua poesia as maravilhas geográficas chilenas, como também a opressão que seu povo sofria, através da violência e da ditadura de Augusto Pinochet.

Mesmo não sendo da poesia puramente dita, dentro do seu estilo de escrita, vemos, por exemplo, uma transgressão em Júlio Cortazar, em transformar o fantástico e o absurdo, como armas para se lutar contra a opressão da Operação Condor, em não aceitar novos dígrafos para argumentação livre e crítica, passando para um pragmatismo, que assim pudesse fazer da poesia um ato político, assim como a narrativa fantástica.

A poesia segundo o crítico Carlos Felipe Moisés “passa por um primeiro momento pelo espanto da sua falta de lógica, e que depois vai fazendo o leitor” criar suas próprias percepções, em torno

de um “criticismo kantiano”, que venha assim submeter à razão, para um exercício, de inteligências, que contenha a consciência, de que para se chegar, um clivo analítico de labor a fugir da maldição parasitária, de ler somente por ler, é necessário passa por uma leitura diacrônica, que venha a fazer uma reflexão, que venha lapidar a mente humana, que esteja assim como uma pincelada, a construir novas formas de artes, que passe pelas letras, como uma forma que assim sejam secularizadas, para um sufrágio idealístico, em que a poesia, não somente se escreva por escrever, mas sim a subverter uma individualização que esteja santificada para lutar contra um senso - comum de problemáticas humanísticas, que não conseguem deixarem todos os homens em um mesmo prisma de igualdade e oportunidade, perante os dilemas que a vida vai impingindo para polivalentes subjetividades.

Se voltarmos na Arte Poética platônica, vemos que a poesia liga caminhos de uma cultura cultural que assim possa fugir, de um senso - comum de se colocar dentro dos mesmos paradigmas, de uma gnose de elencar liberdades de diatribes, a um rompimento de diatribes, que venham assim a serem um termo questionador de poder construir pilares, para conteúdos de uma filosofia e musicalidade que possam terem uma psicanálise adentrar no mais profundo sentido dos sentimentos humanos.

Para Hannah Arendt, temos caminhos de humanizações diferenciadas, através de um retorno ao pensamento dos gregos, que ganha admoestações contra “a massificação”, que assim não venha com sofismas, que formem uma reflexão de lamúrias intelectuais, que façam da poesia como sendo uma lógica do sentido falacioso, que assim caminhe para uma humanização, que não esteja na inutilidade intelectual, que venha a fazer uma subjetividade que não seja dominada por estigmas de enaltecer o sentimento pluralístico de opiniões diversificadas, sem conter os prognósticos de uma forma social de elaboração da mente dialética.

Nesse cunho, Lev Vygotsky, coloca que “a arte não pode cair na reprodução, como sendo algo técnico, condicionado aos reflexos corporais e mentais previamente concebidos de acordo, com princípios de uma ornamentação intelectual em especial”, que possa assim orientar caminhos de languídos intelectuais, que sejam construídos em uma

métrica de repetição morfológica constante,

Dentro dessa esfera feita por Pavlov, a uma poiesis que “entra na repetição de escrutínios metodológicos”, para um paradigma de pragmatismos, que possam ser arquitetados para um universo nietzschiano, que possam assim serem provocados como uma arma persuasão a fazer das letras, um lugar do homem no mundo.

Alberto Manguel, dentro de uma “história da leitura”, diz que a poesia era cantada como um utensílio para chegar até o lado sentimental mais íntimo das pessoas, fazendo uma nova forma de ver a sua intimidade, estando voltada para os sentimentos mais puros das pessoas.

Voltaire classificou o sentido do “amor filosófico”, que ao mesmo tempo faz destreza de uma mente ácida, e que é um retorno a Ovídio, e “suas metamorfoses poéticas”, que sentencia que o homem, a procurar por seu espaço dentro de uma humanidade, que transgredi um cadenciar de respeito coletivo, que refaça cunhos para uma arte que possa estar submetida, em uma leitura possa tanto traçar, um “amar”, detido no caminho de humanizar, que a linguagem poética é uma loucura, estando estonteante, em não entrar no aglutinamento mental, de que possa ser uma arma incontestada de não trazer inovação, para uma teoria do agir, traçado, no diagrama de uma lingüística em compreender o ato de “ler”, como uma arma de construção de identidade intelectual concisa.

Uma ‘identidade intelectual’, pela qual Fredric Jameson, passa por um “trido de que para e se chegar a conter um novo tipo de conhecimento o lúdico”, que assim formasse uma grandiloqüente artimanha literária, que seja uma “Kinesis”, provocando uma onda de revolta perante o senso-comum, para uma contracomunicação que segundo Décio Pignatari, “refaça na construção das letras”, algo que seja não somente uma corrente de repetição de tons, mas sim que possa reformular, a natureza humana, de que se possa ter amor, e também a revigorarão de uma criticidade, dialética para poder se alcançar uma lapidação de pensamento que possa ser tanto criativo, como também lúcido em sua criticidade.

Um “ser criativo”, que assim passe pelos caminhos, de “grupos de criatividade” segundo um

Domenico De Masi, que assim possa estar aspergido, para uma laborização do saber, mas que também passe por uma criticidade, que segundo Charles Baudelaire “faça da poesia, uma arma de luta contra domesticação de pensamento”, que em sua *As Flores do Mal*, possa lutar assim contra uma eminente destruição da capacidade da inteligência, que contenha consciência questionadora, e assim faça uma frequência de quinquilharias, quanto a tentar, manter uma ordem do discurso, que siga metricamente tratados de conferências intelectuais acadêmicas, e que assim possa reaver uma literatura que não seja escrita somente por escrever e sim venha causar indignação.

Michel Butor, coloca “que um dos primeiros objetivos do escritor”, é transpassar o real do seu momento histórico presente, e que se choque intelectualmente “com uma estrutura ausente”, segundo Umberto Eco, ou seja, o escritor-poeta precisa estar ausente perante sua auto-imagem criativa, para assim estar chegando a um contexto histórico onde sua criatividade pode ser colocada como arte e crítica,

A transgressão é um dos pilares da poesia, que assim se julga capaz de realizar uma crítica do juízo, e que também possua um comportamento maniqueísta, que ao mesmo tempo, esteja a uma diacronia de fúria para arte de escrever, que faça da “sociologia da arte”, uma simbologia, de que todo o sistema de signos e alfabetos, exalam uma subjetividade contendo um traçado sentimental de amor pelo próximo, e que não venha a favorecer a elaboração de um Leviatã da ignorância, sendo assim um estado mental onde a poesia somente não seja um amontoado de palavras sem conter um sentido epistemológico claro.

Para uma possível científicidade das letras, a poesia, contém a simetria de provocar o cérebro a cada instante, que não obstante aos quesitos de uma interferência de componentes gramaticais, seja sânscrito para uma demolição do senso-comum em ver somente aquilo que a luz captada pelos olhos pode trazer.

Sendo assim a poesia, é uma forma de elevar pensamentos multi sintáticos para que haja um equilíbrio, entre o viver e o aprender.

Ser diferente, na genealogia, de fazer uma escritura que possa assim estar no sentido de não se deter no clivo de que para se chegar a “uma psicologia da arte”, de Juan Mosquera, fazendo da arte em recitar e escrever poemas, passe por uma fonologia, em descrever, como as sinapses refazerm felonias, para uma consciência social, que segundo Gyorgy Lukács, “construa uma organização de arte que seja contestadora”, que assim seja um elemento semântico, de ir contra uma “fabricação da loucura”, que segundo Thomas Szasz, que venham a demolir, uma pré-moldação de “eus”, que não sejam “seus”, pertencendo a algum tipo de modismo de estar, submergido, contra uma educação que seja “formal e não sentimental”, segundo as concepções de Gustav Flaubert.

Para um contexto historiográfico, se analisarmos as pretensões teóricas de Antonio Candido, a poesia brasileira, de Gonçalves Dias por exemplo detém um tom de denuncia da barbárie cometida contra os povos indígenas, como também passando pelo Parnasianismo de Olavo Bilac, e seu poema Vila Rica, retrata em detalhes os trabalhos feitos pela corte portuguesa e sua exploração do ouro, diante um metalismo, que caracterizou o século XVIII, nas Minas Gerais.

No caso Bilac, a busca da palavra perfeita, na elaboração de estrofes que poderiam serem classificadas como um “poema-temático”, está no sentido de uma lógica formal, que assim possa conter, o rigor das palavras como uma forma de alertar o ser humano, que as formas o envolvem formam um caminhar espasmos intelectuais, que vão formando um buraco negro moral, se constituindo como um sujeito de agremiações indagadoras, a um ordenamento de fazer da poesia, uma articulação política e história, fazendo denuncias assimétricas contra a coroa portuguesa, realizando um caminho para o libertarismo de idéias, que possam, conter uma racionalidade, e uma poeticidade que possa envolver o leitor em uma áurea de mistério, para sua contemplação da capacidade de absorver e sair do concreto e chegar até o abstrato.

Um abstrato que segundo as palavras de Roland Barthes, “que passe por uma escritura que venha aquecer, novos, diâmetros, de combater nostalgias quanto à clareza de um lirismo, que não fique auscultado somente ao seu próprio entorno em-

blemático”, que assim possa comprometer o autor sendo responsável único pela construção de uma transgressão que possa assim, fazer do indivíduo, uma vertente de buscar clareza dos problemas dentro dos piores calabouços da alma humana.

“A Imaginação, que segundo Sartre, “é uma luta metafísica, contra um físico dominador”, necessita da arte como uma alusão, de que não basta somente reclamar de sua condição humana opressora, mas sim pensar dentro de um sistema estético tendo um toque de James Joyce, onde é necessário, uma indignação e revolta para se realizar uma arte que possa assim trazer clareza e esclarecimento perante atributos de um pensamento hermético, que ele “em torno de um eterno retorno”, produza timbres teleológicos, de um que a alma humana precisa, de um multiplicidade de idéias, que sejam deistas, não no sentido religioso, mas sim em acreditar que através das letras se pode chegar a uma imaginação que parta para uma efetivação da razão em torno da realização de um bem-comum orgânico.

Sendo assim, tanto a transgressão como a imaginação, estão intrinsecamente ligadas a uma filosofia da arte, que venha a pontuar um sentido “noir”, que dentro de sua obscuridade artística sincretica, a poesia detém diferentes formas para uma construção de inteligência, que possa envolver as pessoas para uma prognóstico em estarem organizando prelados de letras que venham elixir uma reflexão, sem conter sufrágios da alienação.

Uma doce alienação, que segundo as palavras de Álvares De Azevedo “se eu morresse amanhã”, aos menos veria os traços de um amor cantado, mas que talvez nunca realmente fosse vivenciado.

A poesia é isso, vivenciar, mesmo vezes o que não se pode amar e tocar, de forma plena, como também se encarregar de colocar prismas, para uma mistagogia, de envolver o ser-hmano em uma imaginação a cuidar de si mesmo, como em transgredir, seus próprios limites.

Limites esses, que podem passar por sentimentos, que beiram a obsessão, como também uma agressão, contra uma sintomatologia, em não se respeitar as diferenças do homem, perante sua vivência em sociedade.

A poesia canta a imaginação do homem, a viver desde os tempos remotos, novos devaneios, para uma Pré-História, que entre caçadores e coletores, registraram sua passagem através das pinturas rupestres, mas que também se detém em uma inovação nas formas de se comunicar, passando por jugos de uma sondagem em se reinventar pelos ideogramas, que assim estejam submetidas, para a demarcação sua, como motor da história.

A poesia não está apenas encarcerada em sentidos de se colocar rimas, ou estilos de escritas que possa intervir, para uma alegoria em se fazer uma filosofia de que a humanidade está em um constante caminho, tanto voltada para a destruição em como para artimanhas centradas em uma união entre homem, natureza e sociedade.

O poeta cantou os ritmos da cidade, que assim caminhou para elaborar gigantescas obras de concreto e aço, que são um braço, para novas fôrmas de arquiteturas, de uma condição humana que venha a fazer da arte escrita, uma denúncia contra o senso-comum, em ficar somente no alicerce em que se v, e divagar no sentido estrutural, do que pode ser classificado como um artefato de crítica, que assim venha a viabilizar uma imaginação, que possa imiscuir, um complô maiêutico que não venha cair na tentação de ser seduzido pela alienação.

Uma alienação, que faz da Ideologia da destruição do eu - racional, um sentido poético, em que o poema não mais canta o amor, e sim se enfurece de dor, como um antídoto nada saudável em torno de mente que critica e ao mesmo tempo cria.

No sentido político, o humano - poético, está em intermitentes andrajos, de lutar contra as

mandrágoras, de que uma ágora de um pensamento coletivo, tenha que passar por um funil existencial, em um esmero sentido a construir, uma sanidade, de que é jus e vital para uma saúde mental lúcida, passar por uma poesia, que seja ao mesmo tempo um cunho, de enteléquia, mas que também possua o sínodo do “parto das idéias”.

As idéias que venham assim despertar, um “estar no mundo”, que é feito na imaginação, que em cada volta do ponteiro, está esgarçado uma adoração pelo mistério do infinito, que se faz do finito, uma longevidade da criatividade, e que também faz da subjetividade, um conhecimento polivalente, que saia do modelo cartesiano, de empirismo e criticismo, fazendo uma terapia intelectual de que a poesia possa unir em um mesmo campo de atuação, alienação e afirmação, unificando a imaginação, na integração coletiva, entre coração e razão.

Segundo Karl Menninger, “um dos fatores mais graves para o adoecimento do indivíduo, está na sua carência afetiva e social”, em que o adoecimento de estar encarcerado em meandros argumentativos, de ter manter uma boa ética perante os trâmites de uma lei, que conjeturar uma sociedade, que possa ter amor verdadeiro, convive com um sentimento de morte ininterrupta, que assim refaça uma epistemologia de que arte está em viver, que a vida é uma união profícua entre arte e atrevimento, em um livramento, contra a enxergar a poesia, como sendo um arcabouço de digressões de fracassos morais e amorosos, e de como a enunciar a fixação de desigualdades, que jamais serão sanadas, perante uma vivência inconstante de um ser-humano, que ainda está aprendendo a escrever sua poesia existencial pelas linhas do tempo cronológico e metódico, na busca de panóptico da inteligência respeitosa e empática entre todas as culturas.

Clayton Alexandre Zocarato

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS



En Dehors

O CORPO EM CENA

03



DANIELA LAUBÉ



Daniela Laubé é brasileira, bailarina e poeta, advogada e mediadora de conflitos, especialista em Direito Público pela FESMPMG, especialista em Mediação, Conciliação e Arbitragem pelo IDDE, LLM em Direito Empresarial pela FGV. Possui dois livros publicados: “Preliminares – nudez no verso” (poesia) e “Hoje não pode brincar lá fora” (infantil).

O Chicote da arte: 32 fouettés (1)

No Brasil, dia primeiro de setembro é data em que se comemora o Dia da Bailarina. Na verdade, a escolha acompanha o calendário do Dia do Profissional da Educação Física e partilharei com vocês uma discussão que me acompanhou (e incomodou) por toda vida.

Vejamos... arte e atividade física são coisas distintas, ainda que a arte da dança se faça com o corpo e no corpo. A faculdade de educação física não forma bailarinos. Aprendi ballet clássico com quem dançava ballet clássico e não apenas com quem havia estudado a teoria. Ser bailarina implica em (e supera) conhecer história da dança, enredo dos repertórios, boas noções de anatomia, e a experimentação dessa cultura em movimento no corpo. Assim foi minha formação.

Por isso, reluto em aceitar bem quando vejo um mercado em torno da dança contratando “bailarinos(as)” que não o são; ou, ainda, promovendo

ensaios fotográficos com trajes e sapatilhas de ballet utilizados de modo equiparado a uma fantasia, via de regra resultando imagens distorcidas e de mau gosto.

Lembro com carinho das primeiras bolhas, das unhas que perdi, e de ter alguma satisfação com alongamentos doloridos: “Se não está doendo, não está funcionando”, eu ouvia da professora. Trocando em miúdos a arte é um atravessamento, sentimos na carne.

É inesquecível a cena da mestra Toshi Kobayashi parada diante de mim, de braços abertos, repetindo: “Fria! Bate cabeça!” para me arrancar 16 fouettés. Para os leigos, esse último é o nome de um giro técnico bastante específico, um tipo de pirueta, das mais difíceis no ballet. E “bater cabeça” é a forma usual de designar o movimento rápido de rotação da cabeça que orienta e confere eficiência ao giro.

No final dos grandes ballets de repertório já são esperados os tais giros chamados fouettés. É a hora da solista mostrar a que veio! A primeira bailarina a sequenciar esse giro sobre uma perna só na quantidade de 32 repetições foi a italiana Pierina Legnani, na Coda do Ballet Cinderela de Lev Ivanov e Enrico Cecchetti, em dezembro de 1863. Foi uma surpresa para o público. Pierina foi também a primeira a ser intitulada “Primma Ballerina Assoluta”, título antigo atribuído às bailarinas que se destacavam.

Pierina abriu caminho para que outras a seguissem. Mostrou que era possível e fez com que as próximas trabalhassem para alcançar a marca dos 32 giros. A tradução do termo fouetté é “chicoteado”, uma referência ao movimento de lançamento que a perna faz durante o giro, desenhando uma chicotada no ar.

Voltando ao meu ponto de partida: a bailarina é aquela que conhece o chicote; é aquela para quem ele diz algo; é a que experienciou essa cultura. Arte não é teoria. Arte se forja no chicote da arte: dói e é sublime!

A mestra Toshi (que tentava me arrancar os fouettés), falecida em 2016, formou muitos bailarinos, foi jurada e integrante do Conselho Consultivo do Festival de Dança de Joinville e ministrou cursos para bailarinos da Cia Jovem da Escola do Teatro Bolshoi, única unidade fora da Rússia – em Joinville. Tinha pouca altura mas se agigantava no vigor com que conduzia a extração da dança na melhor entrega do corpo de bailarinos e bailarinas que ensinava. Dona Toshi (como a conheci de pequena) tinha olhos de fouetté... uma verdadeira chicotada aquele olhar.

É dessa transmissão que falo. É cheia de vida, de história, do imponderável que a arte proporciona e que não se apreende nos bancos de uma faculdade. Faz parte da cultura, daquilo que se cultiva e que é transmitido historicamente por meio de códigos e padrões de significados ...tradição.

A palavra vem do latim *traditio* e significa entregar, passar adiante. A dança faz elo entre as gerações. Há um processo de escolha, apropriação e identidade. É preciso ter algo em si, para poder entregar.

Dentro dessa lógica, cada povo ou nação singulariza uma traço próprio que expressa em (suas) danças. O tango argentino, o flamenco espanhol, o samba brasileiro, etc.

O universo é vasto e a diversidade se impõe, de modo que um povo não dança uma só dança. Aqui, em terras tupiniquins de onde escrevo, vamos do ballet clássico, passando pelo contemporâneo, jazz, stiletto, axé, funk, samba, e há muito mais. Só em matéria de samba, podemos destacar o choro, o samba percussivo, o samba de roda, o samba no pé, o samba de gafeira, e tantos outros.

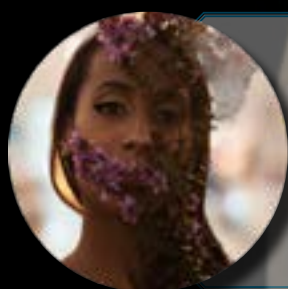
A bailarina Helen Ribeiro, que quando da última edição da nossa revista estava imersa em estratégias de arrecadação de fundos para poder levar sua gafeira ao Festival de Dança de Joinville de julho, conseguiu os valores necessários para estar lá. Ela é nossa entrevistada dessa vez e conta um pouco do que foi a experiência, bem como o que é ser bailarina no Brasil.

Convido-os a deixarem que as palavras façam a condução e que se deixem dançar e levar pelo texto, numa imersão até os bastidores dessa arte no nosso país na contemporaneidade, sob a perspectiva de quem trabalha por ela. O roteiro é de uma menina que sonhou, que se arriscou em um universo rigoroso quanto às exigências de um corpo padrão (Helen conhece o chicote!), que abraçou a identidade brasileira do samba de gafeira e que segue realizando.

Antes, contudo, às companheiras bailarinas, deixo uma breve mensagem: Dançar é uma experiência e desejo um feliz primeiro de setembro (com sabor de todo dia) para todas de nós que nos permitimos vivê-la: que não nos falem eixo, linhas alongadas, colo de pé, e que resistam as unhas!

PAS DE DEUX (à baila comigo!) (2)

ENTREVISTA COM



Helen Ribeiro



Bailarina, Professora, Coreógrafa, Pesquisadora

Licenciada em Dança UFMG

Iniciou seus estudos na Dança em 2002 com a dança do ventre e, em seguida, começou a fazer aulas de ballet em 2005 do qual continua até hoje. Já participou de vários espetáculos de Balé de repertório, além de ter sido bailarina principal nos espetáculos como “Raymonda” e “Harlequinade”. Participou diversas vezes do Festival de Dança em Joinville e de vários cursos e concursos, sendo premiada em dois deles. Trabalhou na Banda Just Beat It que fazia um tributo a Michael Jackson, depois fez parte da banda baile Bloco Show e, recentemente, foi integrante da Banda e Bloco de Carnaval Baianas Ozadas e Grupo de Dança Unibhfit. Já dançou no palco com nomes como Benjamim Abras Magary Lord, Moraes Moreira, Milena Jardim, entre outros. Já fez várias aulas, oficinas e cursos de Balé Clássico, Contemporâneo, Jazz, Vogue, Danças Urbanas, Dança de salão, Jazz Funk, Danças Populares e Ritmos. Além de bailarina, atua como professora de dança, ensaiadora, personal dancer e coreógrafa ensaiando valsas de 15 anos, casamento, espetáculos de ballet e eventos em geral.

Atualmente faz aula de balé clássico, jazz funk (dança comercial), forró, samba, tango, bolero, samba e salsa. Trabalha como bailarina comercial dançando em desfiles de moda, blocos de carnaval, shows, projetos sociais, vídeo clipes (“Deus e o Diabo “-Das Quebradas”“.), escolas, hospitais e lares de idosos. Formada em Licenciatura em Dança na UFMG, tendo estudado várias técnicas corporais e abordagens somáticas, tendo desenvolvido uma pesquisa específica com Dança e terceira idade. Promove um projeto social intitulado “Bailarinando por sorrisos” em instituições com criança e idosos.



1

REVISTA THE BARD Como a dança entrou na sua vida e o que significa o festival de Joinville para você?

HELEN RIBEIRO: A dança surgiu na minha vida desde que eu era criança. Sempre gostei de dançar e criar. Juntava minha família aos domingos e cobrava ingresso de R\$ 0,50 para me assistirem apresentar. Comecei com aulas regulares de dança do ventre, por conta da novela “O Clone” e, depois, aos 10 anos, iniciei o ballet clássico, onde permaneço até os dias de hoje.

A minha escola sempre fazia excursões para Joinville e, aos 14 anos, pedi para ir. Era meu presente de 15 anos. Queria estar com meu grupo e vivenciar todas as experiências possíveis. Nessa época, estava muito apaixonada e envolvida com o ballet.

Depois disso, fui mais algumas vezes, porém sempre para fazer cursos e assistir danças. Nunca cogitei dançar nos palcos. Achava impossível ser selecionada no meio de tantas pessoas boas.

2

REVISTA THE BARD Quantas vezes você foi até o evento?

HELEN RIBEIRO: É a quinta vez que vou ao Festival de Joinville. Sendo a primeira vez que vou para dançar nos palcos.

Todas as demais vezes fui muito focada no ballet e, hoje, vou com a ideia mais ampla de aproveitar tudo, fazer cursos em novos estilos, e dançar o samba que é uma vertente da dança de salão que é uma das áreas em que sigo investindo.

3

REVISTA THE BARD Qual a sensação de ser selecionada e quais as dificuldades de uma jovem artista para comparecer no evento?

HELEN RIBEIRO: A sensação é de que você é boa e capaz e as pessoas acreditam nisso, então: que tal você acreditar também?!

Por ter toda base clássica e fazer ballet praticamente a vida toda, sempre que ia em Joinville sempre estava com olhar exclusivo para essa modalidade (o ballet). No entanto, por ser uma dança para qual de fato não tenho tantas facilidades físicas, sempre achei que nunca seria aprovada (há muita gente boa e é uma dança muito restrita para determinados corpos).

Hoje, tendo a dança de salão como uma das minhas áreas de atuação, acreditei ter mais chances, por ser uma dança popular em que não há tantas restrições para os corpos.

Sendo assim, resolvi enviar o vídeo e, como o resultado demorou para sair, se tornou menor o tempo para juntar dinheiro para ir ao festival.

Então, a grande dificuldade, enquanto artista jovem e autônoma, é arrecadar dinheiro que custeie o básico da viagem, comida, hospedagem e avião.

Por ser um festival grande, tradicionalmente realizado em julho, período de férias, tudo se torna três vezes mais caro. Como artista e professora, ainda não alcancei o salário que mereço e que me permita viver tranquila. Principalmente, após ter ficado um tempo sem poder trabalhar pela pandemia. A classe artista foi muito afetada e ainda estou buscando espaços e oportunidades para fazer o que tanto amo: trabalhar com Dança.

Então, corri contra o tempo para juntar a grana para viajar.

Eu e meu partner implementamos várias formas de arrecadação: rifa, workshop, vaquinha e apresentações em baile.

As pessoas aderiram muito e nos ajudaram bastante. Cada um ajudando um pouquinho e dando muito apoio. Estamos muitos gratos.

4

REVISTA THE BARD Como é seu trabalho com dança? Você pode falar um pouco da sua atuação junto a idosos?

HELEN RIBEIRO: Sou artista, dançarina, bailarina, professora, coreógrafa, ensaiadora e pesquisadora. Tenho diversas áreas de atuação.

Danço em eventos, shows, banda-baile, banda de carnaval (Baianas Ozadas), trabalho como personal dancer, coreografo para grupos, valsas de casamento e de debutante (15 anos), solistas e escolas de dança.

Trabalho como ensaiadora de coreografias de escola e pessoas físicas.

E, por fim, sou professora de ballet clássico para iniciantes e corpo de baile no ballet Yara Araújo, em Belo Horizonte, que é a escola em que me formei e minha família do coração. Estou junto com eles desde 2005 e, hoje, além de aluna, também sou professora.

Atualmente, também dou aula de dança para terceira idade em ILPS (instituições de longa permanência para idosos). É um trabalho democrático por trazer uma dança social e possível para todos os corpos.

Por ser formada em Licenciatura em Dança pela UFMG, desenvolvi meu TCC sobre dança e idosos, pesquisa que levo adiante nos dias atuais.



ASSISTA O VÍDEO

INSTAGRAM
HELEN RIBEIRO

POST NO SITE (2)





COLUNAS E COLUNISTAS



ASSISTA O VÍDEO

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

Colunista Daniela Laubé

SITE

INSTAGRAM

POST NO SITE (1)



O Mundo da Fantasia

01



JOSI GUERREIRO



Josi Guerreiro, de Maringá no Paraná, é autora, ilustradora, cosplayer, colunista de LiteraturaPost no site Maringá Post

Sobre Sandman fantasia sombria e o espírito do tempo (1)



o audiovisual, confiante que o dia que sua obra prima pudesse migrar para outras mídias um dia chegaria.

Sandman estreou no selo Vertigo da DC Comics em 29 de novembro de 1988, e até 1996 foram publicados 75 fascículos sobre a história de Morfeu, ou Sonho como é mais conhecido, que é o rei do Sonhar. Ele é um perpétuo que, como seus outros irmãos, são manifestações antropomórficas de aspectos comuns a todos os seres vivos. Destino, Morte, Destruição, Desejo e Delírio são os outros membros dessa família que existe desde que o universo surgiu.



Obra prima de Neil Gaiman, a história em quadrinhos intitulada Sandman teve sua primeira adaptação audiovisual em 06 de agosto pela Netflix. A obra com uma estética surrealista, inundada de poética, filosofia e existencialismo, por décadas foi considerado algo de difícil adaptações.

Se hoje muitos escritores se conformam a escrever histórias que sejam facilmente adaptáveis para outras mídias, Gaiman sempre esteve confortável em uma inadaptabilidade de Sandman para



Nesta história acompanhamos nosso protagonista, o rei do Sonhar, em meio a suas dificuldades de seu ofício: trazer os sonhos e pesadelos para as pessoas que vão ao seu reino quando dormem. Este reino é mundo como aquele em vivemos quando estamos acordados, o mundo desperto. Porém, em meio às suas jornadas que ambos os mundos coexistam, eliminando os aos vórtices que aparecem de tempos em tempos, Sonho é aprisionado em um feitiço, e todos seus pertences são roubados. Depois de 100 anos (a série) ele consegue se libertar, e parte para uma jornada de vingança e transformação, mostrando que até os seres eternos podem ser moldados por suas experiências e pelo tempo.

O autor é adepto do gênero literário de fantasia sombria e suas obras flertam com essa estética obscura, surreal e fantástica, tratando temas como abandono, traição, solidão e morte, munido sempre da fantasia, mas sem jamais perder a seriedade do assunto. Isso fica muito perceptível em *Coraline*, onde Neil Gaiman escolheu escrever uma história sombria para crianças, porque crê ser necessário que enfrentemos nossos medos, mesmo em uma tenra idade. *Coraline* encanta e assusta não só apenas seu público-alvo, como os adultos, seja em livro, ou na animação.

Neil Gaiman tem uma característica marcante em suas obras: a facilidade em trazer temas à frente de seu tempo. Se a obra *Sandman*, no fim da década de 80 falara sobre assuntos tabus como transexualidade, identidade de gênero, violência, abandono, sua adaptação para os tempos modernos de 2022 não poderia ser diferente: ressaltando a importância da representatividade, muitos personagens tiveram características alteradas, mas que não tiraram em nada a qualidade da obra original, mas que acompanham o espírito de nosso tempo, e as necessidades dos novos expectadores que estão conhecendo *Sandman*, como também entregando uma história que celebre o original, ganhador de quatro Prêmios Eisner, a maior honra para os escritores de histórias em quadrinhos.



Histórias de fantasia sombria tendem á uma melancolia que exploram o lado profundo e escondido dos seres humanos, assim como seus temores. Em contrapartida, quando nos aventuramos nesse véu de medo, desbravamos a nós mesmo, conhecendo nossa melhor parte por vezes oculta. E *Sandman* certamente tem isso.

Indicações de obras com fantasia sombria:





O impacto da literatura fantástica em nosso imaginário (2)



Durante uma conversa com Paula Carminatti, autora de literatura fantástica que estreou com seu livro “Os talimãs de Jade”, me contou sobre uma palestra que a marcou: em um ambiente onde se discutia a importância da literatura e a comparação persistente dos prós e contras entre o Romance literário e a literatura de gênero, podemos tirar lições valiosas. Segundo Paula:

“O gênero fantástico é um dos mais completos quando falamos sobre possibilidades na construção de histórias. Para os autores, é um imenso parque de diversões onde se pode explorar múltiplas possibilidades na construção de mundos e na criação das leis que irão regê-los. Mas se engana quem acredita que por ser divertido, o projeto desenvolvido neste gênero não exige um trabalho árduo. Muito pelo contrário. Justamente por envolver o imaginário é que se precisa tanto de pesquisas do “mundo real” para a história fazer sentido para a audiência. É o que na literatura chamamos de verossimilhança, ou seja, trabalhar o fantástico de modo que ele faça tanto sentido dentro daquele universo da história, que durante os momentos em que o leitor mergulha no livro, ou o expectador se concentra em um filme ou série, consegue se desconectar da realidade e se sentir dentro daquela história, como um amigo íntimo dos personagens, ou até mesmo na pele dos próprios protagonistas.”

Tolkien e Lewis utilizam desse artifício: para se ensinar uma lição valorosa, quando apontamos o dedo aos erros da pessoa, diminui a probabilidade que ela absorva a lição, pois gera resistência. Ao nos distanciarmos das condições similares à nossa vida, porém mantem o problema em questão, é mais fácil gerar uma empatia e uma reflexão. Nos compadecemos da opressão aos hobbies no fim de O Senhor dos Anéis, compreendemos como a fé e o amor ao próximo é importante ao nos depararmos com as analogias em Narnia.

“Muitas vezes injustiçado pela audiência menos acostumada às suas particularidades, o brilho da Fantasia vai além das cenas épicas de batalhas ou magia, e quando se analisa cada obra sob uma perspectiva mais aprofundada é possível notar que há mais semelhanças do que diferenças com o mundo em que vivemos. Temas como busca pelo autoconhecimento, construção da autoestima, autoconfiança, luta contra o preconceito, trabalho em equipe, busca pela família possível, resistência de um povo frente a alguma forma de poder autoritário e corrupto, e tantos outros, são temas comuns em nossa realidade, mas também comuns em obras fantásticas.” Contou ela.



No Romance literário, histórias densas com o teor da realidade sempre foram valorizadas no Brasil, enquanto histórias em quadrinhos, romances juvenis eram considerados apenas um rito de passagem que era um chamariz para os leitores, porém sem valor artístico.

“Muitos autores de obras tidas como comerciais, ou Ficção de Gênero, dentre elas Fantasia, Terror, Ficção Científica, Romance Romântico, dentre outros, já devem ter se deparado com comentários citando o termo “escapismo” e relacionando de uma forma depreciativa a estas obras, e aqui abro um espaço para contar sobre uma experiência que presenciei na Bienal do RJ em 2019. Três grandes autores de ficção de gênero falavam justamente sobre a importância destas obras, e mencionavam sobre o conteúdo que o leitor pode encontrar dentro de um livro “comercial”, e em determinado momento abriram espaço para perguntas por parte de quem estava assistindo o painel. Uma moça pediu o microfone e, ao invés de fazer uma pergunta, comentou sobre a importância do escapismo naqueles momentos em que a pessoa se dedica a uma leitura ou em assistir uma ficção de gênero. Comentou sobre como a realidade pode ser difícil, com todos os seus desafios diários, e naqueles momentos em que “tudo está tão demais”, escapar para um livro, para um filme ou uma série se torna uma espécie de férias momentâneas para nosso emocional se recuperar, respirar, e novamente se sentir pronto para continuar a luta.” Concluiu

O Relato da Paula não é esclarecedor? Por vezes a literatura de fantasia é rebaixada a puro entretenimento, o que seria de nossas vidas sem o descanso, o relaxamento que o entretenimento proporciona, como estaríamos aptos a encarar as facetas sérias, obscuras, e muitas vezes debilitantes de nossa vida?

Parafraseando Nietzsche, precisamos da arte para não morrer com a verdade.

E nossas doses de arte, pode vir através de mundos mágicos, seres fantásticos e raças imaginárias.



Paula Carminatti é escritora capixaba.

ACESSE OS LIVROS



CLICK AQUI



CLICK AQUI



INSTAGRAM



O legado de O senhor dos Anéis para a fantasia (3)



O Senhor dos Anéis os ANÉIS DO PODER — Foto: Divulgação

A estreia de “Os anéis de poder” está marcada para 02 de setembro, trazendo todas as expectativas dos leitores e espectadores de O senhor dos anéis ao nível das montanhas mais altas da terra média e ao mesmo tempo aquele receio de ser enterrado pelo gelo das Montanhas Nebulosas, porém toda história recontada e readaptada tem esse desafio em manter o material fiel ao original e ao mesmo tempo mostrar algo surpreendentes que apenas as adaptações podem mostrar.

Anteriormente, já foram produzidas adaptações do clássico de fantasia, baseados no livro O senhor dos anéis, dentre elas, podemos citar:

O filme animado “O senhor dos anéis” de 1978 (cujo acontecimentos se estendem até a metade de as duas torres);

Sua continuação filme “O retorno do rei” de 1980 (que conclui as passagens de As duas torres e finaliza com os acontecimentos do último livro, de onde recebe o título);

O esquecido filme soviético de 1991 intitulada “A sociedade do anel” (e que pode ser vista no youtube)



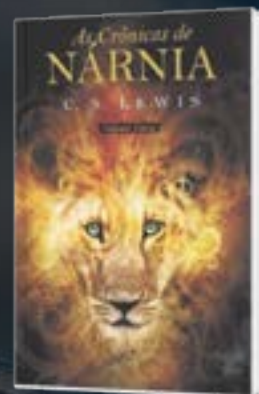


O filme soviético de 1991 intitulado “A sociedade do anel” — Foto: Divulgação

Certamente a adaptação que vêm a nossa mente a trilogia de Peter Jackson, que adaptou para o cinema “O Senhor dos Anéis” que comemorou 20 anos de sua estreia em 2021, seguida da versão para cinema de O Hobbit (2012), cujo livro que precede os acontecimentos de SdA em sessenta anos.

Muito antes das adaptações, o legado de J.R.R.Tolkien no universo literário é expressivo: considerado o “Pai” da fantasia moderna, e suas obras são caracterizadas pela complexidade: uma construção de mundo sólida e crível, habitada por criaturas de diferentes raças, com sistema político e religioso. Tolkien e seu sucesso na publicação de sua obra abriu precedentes para que escritores do mesmo gênero pudesse publicar suas obras, abrindo espaço no mercado editorial para obras de fantasia. Alguns desconhecem que o autor de “Crônicas de Narnia”, o autor C.S.Lewis era amigo pessoal do escritor.

Em tempos posteriores, sendo reinventado por outros escritores que se recusam a utilizar a jornada dos heróis e o maniqueísmo muito visível em obras de fantasia, o gênero foi apresentado em outras nuances, mais frias e realidades por G.R.R. Martin, que tenta visivelmente se afastar das influências do Pai da fantasia.

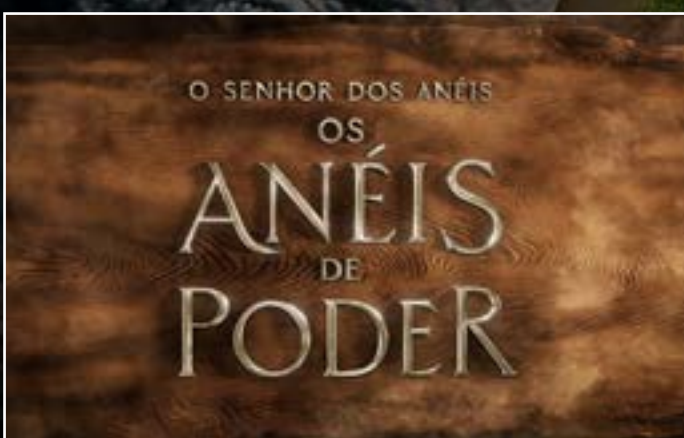




D&D já teve vários jogos lançados ao longo dos anos — Foto: Divulgação/Wizards

Outra influência do autor de O senhor dos anéis foi a influência nos jogos de RPG (role-playing game). Denominado Dungeons & Dragons, o jogo tem um universo vasto, cheio de criaturas e raças, o que reflete a influência do escritor.

Depois de J.K. Rowling e sua saga infantil Harry Potter, Rick Riordan e sua Saga Percy Jackson, o gênero da fantasia cresceu e influenciou principalmente os leitores adolescentes, muitos destes que cresceram e se tornaram escritores de fantasia (como a escritora que aqui lhes fala).



O Senhor dos Anéis os ANÉIS DO PODER — Foto: Divulgação

Talvez Tolkien nunca pensaria que suas obras gerariam tantas influências, em áreas tão diversas. E em 2022, uma nova adaptação che-

ga aos fãs e aos novos expectadores: Os anéis de Poder, onde os meandros contados nos Apêndices da obra podem gerar interpretações ricas dos acontecimentos da Segunda

Era da história da Terra-Média. A expectativa é lendas e personagens importantes que se encontram em outros livros do universo Tolkieniano possam aparecer no seriado.



O Senhor dos Anéis os ANÉIS DO PODER — Foto: Divulgação

Porém, o mais importante de tudo que conversamos é: qual o legado que essa nova adaptação deixará? Quais novos autores serão inspirados por essa nova adaptação?

Mais do que uma obra que persiste no tempo e no imaginário, livros são legados de inspiração, que fazem a chama da criatividade nascer em novos autores, perpetuando assim, que a fantasia nunca se acabe.



O Senhor dos Anéis os ANÉIS DO PODER — Foto: Divulgação



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

POST NO SITE (1)



POST NO SITE(2)



Colunista JOSI GUERREIRO

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE(3)





HOLLYWOOD



e suas magias

05



BEATRIS HOFFMANN



Nascida na cidade de Caxias do Sul, RS, Beatris Hoffmann, 37 anos, é formada em Produção de Filme e TV e Estudo do Entretenimento na UCLA Extension em Los Angeles e estudando também na mesma instituição Direção e Roteiro. Escreve poesias e pequenas histórias desde sua adolescência, tendo lançado seu primeiro livro (Minha Vida na America), em maio de 2021 contando sua experiência morando nos Estados Unidos. Atualmente Beatris reside em Hollywood onde trabalha como roteirista, diretora, escritora, produtora e colunista, tanto para terceiros como no desenvolvimento de seus próprios projetos pessoais

Como tudo começou.



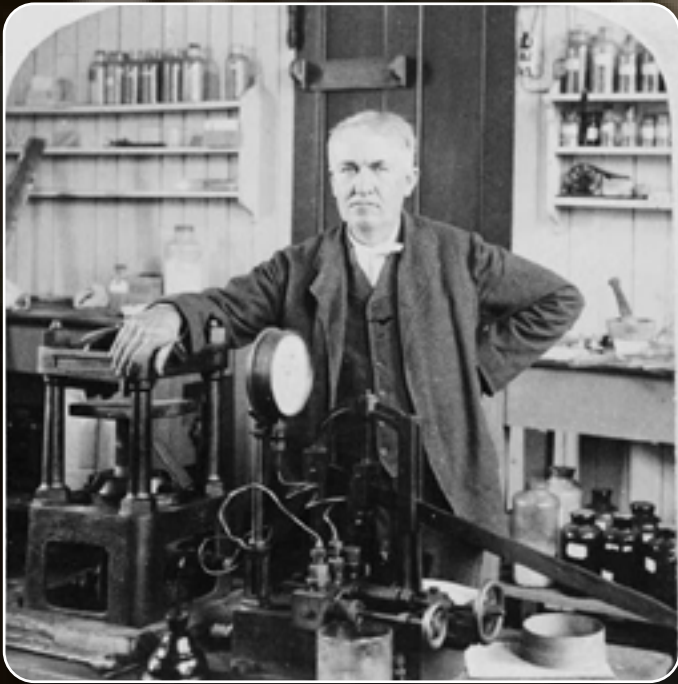
Os pioneiros de Hollywoodland, fundando a Meca do cinema — Foto: Divulgação

Assistir ao seu filme favorito, com a celebridade que você admira pode te fazer lembrar de memórias imperdíveis, ou até mesmo te trazer a um momento Nostalgia, porém, nem todo mundo sabe como tudo surgiu em Hollywood e muito menos como surgiu a primeira câmera, os primeiros movimentos,

quando o som foi inserido. Por isso eu te convido a vir comigo nessas próximas colunas a mais de 100 anos atras e mergulhar nessa máquina do tempo para entender como tudo começou, e entender todo o processo que Hollywood teve que enfrentar para se tornar a capital do cinema mundial.

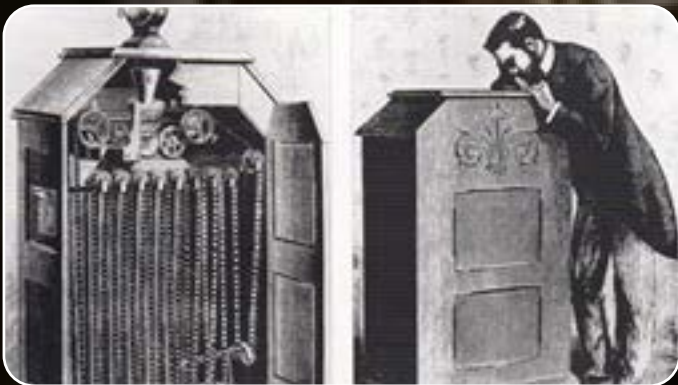
Do cinema mudo, ao primeiro filme com música, a Era de Ouro de Hollywood, a chegada da tv e sua crise, a década de 60 e 70, a chegada do DVD e todas as mudanças tecnológicas que Hollywood passou durante mais de um século de história.

Convido você agora a voltar comigo para 1891 quando surgiu um instrumento de projeção interno de filmes chamado Cinetoscópio criado por William Kennedy Laurie Dickson, chefe engenheiro da Edson Laboratories de Thomas Edison.



Edison em seu laboratório. — Foto: Divulgação

O Cinetoscópio possuía um visor individual que permitia assistir, mediante à inserção de uma moeda a exibição de um pequeno filme em Lopping, na qual tinha imagens em movimentos, como por exemplo, animais amestrados e bailarinas.



O Cinetoscópio é um instrumento de projecção de filmes — Foto: Divulgação

Os filmes eram todos produzidos pelo Cinetógrafo, outra invenção de William Dickson e sua equipe de técnicos que estavam encarregados de fazer as tais invenções. Entretanto, Thomas Edison que patenteou ambos. Tendo a patente de Cinetógrafo solicitada em 24 de

agosto de 1891 e formalizada em 31 de agosto de 1897, e do Cinetoscópio em 24 de agosto de 1891, tendo sua formalização em 14 de março de 1893.

Com essas invenções fez com que Edison criasse posteriormente os Nickelodeon que seriam pequenas primitivas salas de cinema do início do século XX, onde tinha um piano ou um órgão que tocava músicas que combinavam com a cena fazendo a alegria da audiência e a fortuna de Edison.



Teatros Nickelodeon em Chicago — Foto: Divulgação

Por outro lado, Edison estava tão envolvido com suas invenções que não prestou atenção com o que estava acontecendo no resto do mundo, principalmente na França com os irmãos Lúmiere que fizeram a exposição do Cinematógrafo em 1885 e no mesmo ano o britânico Robert William Paul criou o Teatógrafo (Teatrograph), um aparelho que projeta a imagem na tela.

Mas os irmãos Lúmiere não pararam no Cinematógrafo, e ainda em 1895 fizeram a primeira exposição cinematográfica do mundo. Em 28 de dezembro no café “Grand Café” em Paris eles exibiram 10 curtas para os convidados, sendo um deles o primeiro que se chamava L’Arrivée d’un Train à La Ciotat, com 52 segundos. O preço da entrada foi de um Franco.

Porém, a França não para pôr aí, George Méliès que também estava na exposição dos Lumières, era iluminista, ator e o primeiro diretor no mundo com o filme Uma Viagem para a Lua (1902). O filme fez a audiência ficar impressionada com os efeitos visuais que mostravam muito verdade para a época. Entretanto somente em 1910 que Hollywood terá seu primeiro curta que será produzido pelo diretor-produtor D.W.Griffith para a Biograph Company.

Em 1903, o filme The Great Train Robbery, o filme começou a mudar a linguagem de cinema colocando pela primeira vez o cross-cutting em cena, mudando de locações.

Mas foi D.W.Griffith que mudou Hollywood para ser o que Hollywood é. Um dos diretores mais importantes, senão o mais importante para a história do cinema mundial. Porém aqui eu vou trazer as 5 principais coisas que Griffith fez para o mundo fazer de Hollywood a capital mundial do cinema.

Com uma carreira tão grandiosa, Griffith teve um currículo de mais de 450 filmes, entre curtas e longas. Mas foi com 'O Nascimento de Uma Nação' de 1915 que ele trouxe para o mundo controvérsias onde ele retrata a guerra civil nos Estados Unidos. Mas seu maior feito no cinema provavelmente foi Intolerância (1916). O filme tem uma narrativa diferente e com uma edição revolucionária contando 4 histórias ao mesmo tempo fazendo cortes entre uma história para a outra.

Abaixo segue as 5 formas que Griffith fez que revolucionou o mundo do cinema;

• *Desenvolvimento de montagem*

Griffith não inventou essas técnicas, porém soube usar muito bem e aperfeiçoar ainda essas técnicas que antes era usada somente para montagem, Griffith usou essas técnicas para criar tensão e colocar suspense para a audiência. Para chamar ainda mais a atenção da audiência

Griffith acelerava as transições para aumentar a tensão, principalmente quando o filme estava para chegar a seu clímax.

• *O primeiro blockbuster:*

Ao longo da década de 1910 a maioria dos filmes eram curtos e muitos diretores e criadores de filmes tinham receio em fazer algo maior por medo da audiência não prestar atenção. Entretanto, Griffith não teve medo e fez o "Nascer de uma Nação" que foi muito divulgado fazendo o filme ser um sucesso e tendo uma música orquestrada impecável. Muito falam que esse tenha sido o filme que mais deu lucro até a estreia de 'Tudo o Vento Levou' (1959). Com o seu trabalho de idealizador e inovador Griffith incentivou outros diretores como Cecil B. DeMille (Os Dez Mandamentos).

• *Aceitação do cinema como arte:*

Nos primeiros anos do cinema que coincidiram com os primeiros anos de carreira de Griffith, e nessa época o cinema era apenas uma curiosidade e não a sétima arte como temos hoje. Entretanto Griffith nunca se preocupou com isso e fez de cada filme uma verdadeira obra de arte, principalmente em seu filme Intolerância onde ele trazia 4 linhas de narrativas diferentes e em períodos diferentes na história fazendo a história se ligar. Infelizmente Intolerância não teve uma bilheteria suficiente que pagasse seus custos, mas até hoje é conhecido como um dos primeiros filmes visionários da arte e muito usado por escolas de cinema para diretores iniciantes analisarem as técnicas que Griffith utilizou naquela época.

• *Aperfeiçoamento de técnicas de filmagem importantes;*

Apesar do close-up já ser utilizado na época, Griffith usou dessa técnica para mostrar as expressões dos atores e dar mais emoção ao filme fazendo com que a audiência entenda melhor o propósito do filme e a narrativa fica-



COLUNAS E COLUNISTAS

va mais limpa e impactante. Mas o que marcou Griffith foi a câmera em movimento, mesmo que essa técnica também já fosse usada desde o início de 1900, Griffith aperfeiçoou de um jeito que é como se ele tivesse a feito. Um exemplo disso é no filme que já foi anunciado acima “O Nascer de uma Nação” onde Griffith usa a técnica com tanta perfeição que é comparada a uma obra de arte de acordo com o crítico de cinema norte-americano Roger Ebert.

• **Cinema enquanto agente de mudança social;**

Griffith sempre esteve envolvido com movimentos sociais e em todos os seus filmes terá alguma coisa que represente, especialmente em ‘O Lírio Quebrado (1919), o filme foi lançado em uma época que os Estados Unidos da América estavam tendo comportamento racista contra os chineses. Esse também foi o primeiro filme de romance inter-racial da história de Hollywood.

Se você tem curiosidade em assistir a filmes dessa era vou deixar abaixo uma lista deles onde estão disponíveis no Youtube;

- O Nascer de uma Nação
- Intolerância
- The Great Train Robbery
- The Trip to the Moon
- Luzes da Cidade
- A Caixa de Pandora
- Metropolis

Curiosidades de Hollywood

O primeiro beijo em filme foi no filme ‘Kiss’ que teve duração de 26 segundos, filmado por Thomas Edison e protagonizado por John C. Rice e May Irwin.

As tretas por trás das câmeras

Muito se falou sobre a separação de Kim Kardashian e Kanye West, entretanto depois de um tempo em silêncio Kim abre o jogo e fala o real motivo que fez ela se separar do Rapper. Ela disse em entrevista que cansou de ter sempre alguém mandando em sua vida e que ela queria ser feliz, dando a entender que o tempo em que esteve junto com Kanye West ela tinha que fazer todas as vontades do rapper e isso a deixava muito infeliz.

Colunista Beatris Hoffmann

FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE



Nau literária



02

POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA residente em Uberaba-MG, professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), autora e coautora de vários artigos científicos, livros, coletâneas, antologias e revistas publicados em periódicos nacionais e (inter) nacionais num total de 15 obras. Membro Fundadora Imortal e presidente da Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba-MG. Membro fundadora da Academia Alternativa Pegasiane Brasil. Delegada Cultural da FEBACLA-RJ para o Triângulo Mineiro. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira-FOCUS Brasil New York. Agraciada com título de Cidadania Uberabense; recebida como hóspede oficial da Estância Turística Paraguaçu Paulista-(SP) e também, com várias honorarias (inter)nacionais.

Apresentação

Olá queridos Leitores!

Sou Magna Aspásia Fontenelle é, com imenso prazer que apresento este espaço “Nau literária, entrevistas” em que compartilharei textos literários e, entrevistas.

A ideia é navegar nas ondas do mar do conhecimento através de entrevistas de literatos, artista em todas as suas ‘nuances’, cientistas sociais, brasileiros e, brasileiros que residem na diáspora e estrangeiros que contribuem para a propalação da literatura brasileira e, mundial contemporânea.

Por meio dessa proposta instigante convidamos a vocês, leitores (as), a embarcarem na nossa ‘Nau literária’ e, no balanço das ondas dessas leituras pujantes navegarem pelos mares letrados que evocam, em sua essência, percepções sobre o social, o artístico, o filosófico, científico e o cultural.

Contamos com sua participação leitor (a) nos comentários no post no site compartilhando igualmente suas opiniões e disseminando o debate sobre os temas relacionados em cada postagem...

Abrços literários
Magna Aspásia Fontenelle.

“Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia”.
-Guimarães Rosa.



ENTREVISTA



Bexhet Asani, albanês, professor, pesquisador, poeta, escritor de prosa, jornalista, crítico literário, autor de vários livros publicados na Albânia e no exterior. Doutor, Mestre, graduado em Língua e Literatura albanesa. Atuou como jornalista correspondente na "Rilindja" Pristina e "Flana e primitarsal" — Skopje-Albânia.

1



REVISTA THE BARD — Professor Behert Asani, conte-nos. Onde nasceste, infância, adolescência e, como se deu sua ida para a diáspora?



BEXHET ASANI Prezada Professora Magna Aspásia Fontenelle! Eu sinceramente parablenizo você e a Revista "The Bard" por me escolherem para esta entrevista! Antes

de contar onde nasci, considero apropriado que, para os leitores brasileiros, dê alguns pequenos esclarecimentos sobre a história de nossos ancestrais ilírios e sobre a história dos albaneses. Já se sabe que os antigos ilírios viviam principalmente na Península balcânica. Também tivemos reis ilírios Rainha Teuta, Rei Gêncio, etc., do período ilírio. Após sua morte, os ilírios ficaram sob o domínio do Império Romano por muito tempo e por quase cinco séculos sob o domínio do Império Otomano até (1912). O principal herói dos albaneses é Gjergj Kastrioti Skënderbeu (1405 – 1468), que lutou por 25 anos consecutivos com uma superpotência da época como o Império Otomano. O Império Otomano conseguiu conquistar a Albânia somente após a morte de Skanderbeg. Gjergj Kastrioti Skanderbeu era o escudo da Europa. A estátua de Skanderbeg hoje é encontrado em muitos países da Europa (Balcãs) e em alguns estados da América. Quando a Albânia declarou sua independência, os países vizinhos a destruíram e tomaram mais da metade da área que tem hoje, claro que os vizinhos foram ajudados pelas grandes

potências da Europa, especialmente a Rússia czarista. Para ser mais claro: os albaneses vivem hoje na Albânia, Kosovo, Macedônia do Norte, Grécia, um pequeno número na Sérvia e na diáspora.

Nasci em 1º de agosto de 1957, na aldeia de Zagraçan, na pitoresca cidade de Struga-Albânia, às margens do Lago Ohrid, na Macedônia do Norte, sou de uma família camponesa que se dedicava principalmente à agricultura. Trabalhei em todas as áreas da agricultura e pecuária na minha aldeia. Fui para a escola primária na aldeia onde nasci e fui para a escola de oito anos na aldeia de Ladorisht-Macedônia do Norte. Concluí o ensino médio em Struga-Macedônia. Como estudante do ensino médio, gostava de atuar, desempenhava vários papéis nos dramas que preparava com meus amigos, para o público amante da arte. Completei meus estudos na Faculdade de Filologia, na Universidade de Pristina, em Kosovo, em Língua e Literatura Albanesa. Mestrado na Universidade de Pristina. Doutorado na Universidade "São Cirilo e Metódio" de Skopje - Macedônia do Norte fundada em (1949). Doutorado em Ciências Albanológicas (Filologia). Lecionei a disciplina de Língua e Literatura Albanesa na Struga High School por 25 anos e, também lecionei a disciplina língua albanesa na Universidade privada "FON" em Skopje e Struga-Macedônia.

Chequei na América com meus familiares em outubro de (2006), depois de dois meses recebemos os documentos (Green Card.). Meu irmão veio para a América em (1969), com 17 anos. Ele solicitou para nós o visto



americano e esperamos 11 anos até conseguirmos o visto para os Estados Unidos da América. Meus filhos foram educados em universidades americanas com bolsa de estudos do estado americano porque eram alunos ilustres. Na América realizei trabalhos diferentes como qualquer imigrante, no começo foi difícil porque eu não conhecia a língua.

Conheço as línguas eslavas porque vivíamos com elas na ex-Iugoslávia. Graças ao meu ex-aluno Burim Zhuta, que era o presidente do Centro Cultural Albanês Americano aqui em Nova Jersey, me aceitou para trabalhar com um salário modesto. No Centro Cultural Albanês-americano, liderei a escola para aprender a língua albanesa para os filhos de imigrantes albaneses. Meus compatriotas de Struga, vieram para a América no final dos anos sessenta do século XX. Suas sobrinhas(os) são a terceira e quarta geração que nasceram na América e não sabem albanês, a língua de sua mãe(língua de herança). Sua língua materna é o inglês. No Centro Cultural Albanês-americano, com meu ex-aluno Burim Zhuta, fundamos a biblioteca, que liderei por vários anos. A biblioteca tem uma rica coleção de livros em albanês e inglês.

2



REVISTA THE BARD Qual foi seu trabalho que marcou o início de sua vida como escritor?



BEXHET ASANI Comecei a escrever no ensino médio. Na faculdade, comecei então a publicar minhas primeiras criações, poemas para crianças e adultos. Comecei a escrever, história, ensaio. Percebi que eu era mais bem-sucedido em prosa! Nos anos oitenta do século XX, fui perseguido politicamente em minha terra natal. Quando eu era jovem, pensava que se mudasse de residência, eles não me seguiriam mais?! Mudei-me para a cidade de Pristina, que fica a 300 km da minha cidade natal para estudar. Estava errado, era uma tão ex-Iugoslávia com vários seguranças observadores do Estado, seus olhos estavam em toda parte. Eles levaram meu passaporte e não me deixaram ir para o exterior até que a ex-Iugoslávia se desintegrou.

As acusações feitas contra mim pelos agentes de segurança da minha cidade hoje me parecem ridículas “Você visitou a Albânia! Estuda em Prishtina! Você tem uma esposa de Prishtina! Era 1981, quando Kosovo lutava para ser igual na Federação Iugoslava. Estou orgulhoso apesar de 15 anos de perseguição, metade dos meus ideais e os da minha geração foram realizados, após a libertação do Kosovo que hoje é um Estado Independente e Democrático, todas as etnias gozam de seus direitos: albaneses, sérvios, turcos, ciganos, bósnios, etc. A República do Kosovo conquistou a independência graças ao Exército de Libertação do Kosovo, à América e à União Europeia.

A crise econômica que se abateu sobre as ex-repúblicas iugoslavas no final dos anos 80, influenciou para que meus contos não fossem publicados na época em que foram escritos. As histórias foram publicadas com quase 6 anos de atraso. Em (1994), consegui publicar as histórias sob o título “Noiva do exterior”. Principalmente o tema dessas histórias tem a ver com o erro dos meus compatriotas e suas aventuras atravessando a fronteira mexicana-americana ilegalmente. Houve interesse do leitor albanês pelo livro. A opinião crítica foi bastante positiva. Após 18 anos, sentiu-se a necessidade de reimprimir as histórias, o livro foi enriquecido com outras histórias.

Vale a pena notar que em cinco histórias incluí artisticamente toda a biografia da albanesa laureada com o Nobel, Santa Madre Teresa (Gonxhe Bojaxhiu). Com base nessas histórias, um curta-metragem sobre Santa Madre Teresa pode ser feito.





3



REVISTA THE BARD O que te inspira a escrever?



BEXHET ASANI Penso que os criadores têm uma consciência muito onisciente. Os criadores são sensíveis, são afetados por tudo que os cerca. Também posso me inspirar em uma notícia na TV, o que também já aconteceu comigo.

Nasci em uma vila onde a natureza te surpreende com sua beleza. Formei-me no ensino médio em Struga, e, após formado trabalhei lá, tem uma beleza rara. Não há pintor que não tenha pintado os bairros da cidade, o Rio Drini Negro, o Lago Ohrid. Não há poeta no mundo que não tenha dedicado poesia às pontes e a esta cidade.

Nesta pitoresca cidade, acontece há mais de sessenta anos o Festival Internacional “Noites de Poesia Strugan”, do qual participam poetas de todo o mundo, também participaram poetas do Brasil. Veja como esta cidade é linda: quando Deus criou o céu, sobrou um pedaço e ele não sabia o que fazer com ele?! Aí ele disse: — Jogarei para o alto, e onde cair! E aquele pedaço do céu caiu em Struga-Macedônia! Na minha cidade natal, há campos, montanhas, rios, lagos. O ensaio “A linguagem curativa do lago” trata de um tema interessante sobre o lago e visitantes de todo o mundo, falantes de diversas línguas se encantam com suas belas praias de Struga. Encontro inspiração em todos os lugares. Além da natureza centenas de ocasiões sociais me tocam profundamente.



4



REVISTA THE BARD No seu livro *Letras Folclóricas albanesas na Macedônia do Norte (Monografia)*, o folclore é Patrimônio Imaterial de um povo, o senhor usou o método comparativo. Quais semelhanças foram encontradas?



BEXHET ASANI O livro de estudo *Letras folclóricas albanesas na Macedônia do Norte* teve várias reimpressões. Com tradução recentemente em inglês. Era um sonho meu publicá-lo em línguas estrangeiras, em inglês, português, alemão, espanhol, etc. Vale ressaltar que o livro, além do idioma inglês, também foi publicado no idioma macedônio, o que não é difícil para outros eslavos entenderem e lerem.

Sim. Você está certo. Durante o estudo utilizei o método comparativo. É um dos métodos mais preferidos que eu uso. Os povos dos Bálcãs viveram juntos durante séculos, independentemente das políticas divisórias e das divisas do passado. Os albaneses coexistiram com sérvios, macedônios, turcos, búlgaros, gregos, malaios, vlachs (romenos — originários da Romênia), ciganos, etc. Assim, durante séculos, esses povos receberam e doaram a cultura uns dos outros. Eles continuam a dar e receber até hoje porque ainda vivem juntos. O estudo em questão é dedicado principalmente aos albaneses que vivem em suas terras na Macedônia do Norte não há séculos, mas há milênios.

Deixe-me ilustrar o que estou dizendo: durante a pesquisa de campo, na aldeia de Belicë e Poshtme, onde viveram albaneses e romenos (Vlach), gravei uma canção de luto na língua albanesa de uma senhora idosa. Quando investiguei que a música não era uma música albanesa, mas traduzida, então perguntei-lhe de quem havia aprendido essa música? Ela respondeu brevemente: — De minha mãe. E com quem sua mãe aprendeu? Das mulheres “Vlach” (romenas), aqui na aldeia. Escrevi a música na língua albanesa tirada de outros aldeões Vlach.

Mas não consegui gravar a música na língua romena porque os Vlachs não moram mais naquela vila. Há casos onde os versos foram tirados de uma ou outra língua. Há palavras de ambas as línguas, ou até mais, o que também interessa à linguística dos povos dessas três



coexistências. Os albaneses têm palavras em macedônio, sérvio, turco, etc. Os macedônios têm palavras emprestadas como albanesas, turcas, sérvias, etc. Nos povos mistos o empréstimo é mais que o normal. Eles têm semelhanças em costumes e ritos. Depois, há elementos comuns em roupas folclóricas, etc.

5



REVISTA THE BARD O viés linguístico decorre da concepção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” tudo o que difere desse modelo. Sabemos que toda língua tem suas variantes, como você vê esses conceitos na sociedade albanesa contemporânea?



BEXHET ASANI Há preconceitos linguísticos. No entanto, não vejo que possam ser prejudiciais à sociedade. O dialeto tosk é falado no sul da Albânia e o geg é falado no norte da Albânia, em Kosovo, na Macedônia do Norte, etc.

O rio Shkumbin é considerado como uma fronteira natural entre os dois lados, mas, isso não significa que o tosk não seja falado no lado direito do rio Shkumbin, ou que o geg não seja falado no lado esquerdo do rio Shkumbin. Como todas as línguas do mundo são compostas de dialetos e subdialetos, a língua albanesa, também é composta de dois dialetos principais: tosk e geg e alguns subdialetos ou dialetos. Tanto de um lado quanto do outro, os dialetos atravessam essa “fronteira”! Um fenômeno semelhante ocorre também na minha cidade Struga-Macedônia. Na região de Struga-Macedônia, as aldeias tosk são separadas pelo rio Drini Negro, mas não é uma fronteira muito clara, porque há várias pessoas nas aldeias tosk que falam geg.

Os albaneses deixaram essas diferenças no passado. Hoje, os albaneses têm uma língua literária unificada. O ano de 2022 é o ano do jubileu do 50º aniversário do Congresso de Ortografia, realizado em Tirana, capital da Albânia, em novembro de 1972. A Língua Literária Albanesa cumpriu sua missão com sucesso por meio século. Agora é a língua administrativa oficial na Albânia, Kosovo,

Macedônia do Norte e em toda a diáspora. Milhões e milhões de livros literários e científicos originais e livros traduzidos da literatura mundial foram publicados na Língua Padrão.

As obras de Ismail Kadare, candidato ao Prêmio Nobel de Literatura, foram traduzidas para mais de 50 idiomas. Este ano (2022), o Congresso de Ortografia, em seu cinquentenário, será lembrado com vários Simpósios e Conferências Científicas na Albânia, Macedônia do Norte, Kosovo, etc. Obras também do prof. Kristaq F. Shabani candidato ao Prêmio Nobel da Paz, foram traduzidas para vários idiomas.

6



REVISTA THE BARD Quais são suas outras obras publicadas?



- BEXHET ASANI**
- 1 — Noiva no Exterior-histórias, (1994)
 - 2 — Balada para o número de “Poesias, Struga, (1993)
 - 3 — Um ramo de carvalho da Turquia quebrou. (Canções folclóricas Elbasan, (1996).
 - 4 — Peguei uma rosa coberta de orvalho (Canções Folclóricas, Struga, (2003)
 - 5 — Teoria Literária — Conhecimentos Gerais” Um livro para escolas secundárias, publicado Prosvetno Dello — Skopje (1998).
 - 6 — Trabalho sobre Documentos: - Expressão e trabalho criativo para a 3ª classe, publicado Prosvetno Dello — Skopje (Algumas edições, (2004).
 - 7 — Ginásio “Hajdar Dushi” um centro de conhecimentos (monografia Struga 2005);
 - 8 — “Letras folclóricas albanesas na Macedônia” (estudo monográfico) Struga, (2011) e Shkup, (2017).
 - 9 — Canções e Rituais Folclóricas de Tosk da Região de Struga (Estudo monográfico, (2012).
 - 10 — Noiva no Exterior (prosa — poemas para adultos e poemas para crianças republicação com complementos. Struga, (2012)



- 11 – "Estudos literários" (Revisões e crítica literária Struga (2015)
- 12- "A Visão da Ótica Literária", Struga, (2017)
- 13 – "Olhos Divinos" (Poemas) Struga, (2017).
- 14 – A órbita das palavras, Sruga, (2018).
- 15 – Letras de músicas nacionais dos albaneses na Macedônia. Struga, (2019).
- 16–"Lembrança do Tempo- Estudos", Kristaq F. Shabani e Bexhet Asani, Tirana, (2019).
17. A doçura da língua materna" (estudos, esboços literários) Nova Jersey, (2019).
- 18 – Dia de verão na região de Struga e na comunidade de Struga em Nova Jersey, investigação "Botimet Barleti" Tirana, (2020).
- 19 – O Flamejante Centro de Conhecimento e Cultura Albanês-Americano de Nova Jersey, Tirana, monografia, (2020).
- 20 – "O fogo inextinguível arberiano": perfis, estudos, esboços literários, Tirana, Albânia, (2021).
- 21 – Letras de música popular do Folclore Albanês no norte da Macedônia: estudo monográfico, Tirana, Albânia, (2022).

nessas na sua igreja protestante. Eu o parabenei por seu nobre trabalho.

Eu lhes ensino a língua albanesa porque observo o perigo de sua assimilação! Infelizmente a ajuda dos pais é pequena, eles falam inglês com os filhos, isso dificulta muito nosso trabalho. Aparentemente, um grande número de pais aceitou a assimilação como muitos outros povos na América. Este problema não é apenas na América, mas em toda a diáspora. Pais e filhos na cidade de Struga e em quase todas as cidades albanesas falam inglês, alemão, grego, italiano, sueco, etc.! Somos um pequeno grão. Os sinos de alarme estão tocando há muito tempo! As instituições dos estados albaneses e kosovares deveriam olhar mais pelos seus compatriotas no exílio. Não basta que os políticos venham passear e sejam fotografados!

8

7



REVISTA THE BARD A cooperação literária internacional entre escritores brasileiros e albaneses possibilita a redução das assimetrias entre pares e a troca de conhecimentos e experiências?



REVISTA THE BARD O seu trabalho como professor tem como principal objetivo a preservação e o ensino da língua albanesa para os filhos de albaneses nascidos na diáspora?



BEXHET ASANI Sim. O trabalho de um professor não é apenas uma profissão, mas também uma missão. Aqui nos Estados Unidos da América, como eu disse acima, os albaneses da região de Struga, da minha cidade natal, as crianças são da terceira e quarta geração nascidas aqui.

A língua albanesa já começou a não ser falada nas famílias albanesas, infelizmente! Estamos travando uma luta desigual para ensinar albanês às crianças porque elas aprenderão inglês, gostem ou não: elas têm inglês no telefone, no computador, na escola, etc. Esse problema também preocupou meu amigo americano, o pastor Steve Galegor, que ensina a língua albanesa para crianças alba-



BEXHET ASANI A colaboração da LNSH-PA "Pegasi" Albania e da "Pegasi" Brasil, liderada pelo prof. Kristaq F. Shabani e a professora Magna Aspásia Fontenelle, está em excelente nível, possibilitando a troca de saberes. Essa iniciativa, essa sincera colaboração brasileira-albanesa, deu seus primeiros frutos com a publicação da Antologia Internacional "Pegasi" em Prosa e Verso-Open-Lane5 em português com escritores brasileiros e albaneses. O Brasil tem ótimos poetas. Os laços albaneses-brasileiros datam de 1874, portanto não são precoces. A conexão de 148 anos é gigante! Acredito que nossos laços são ainda anteriores ao ano de 1874. A princesa romena de origem albanesa, Dora D'Istria, colaborou com o imperador Dom Pedro II, do Brasil.

Para os leitores da Revista The Bard, trago uma música albanesa que menciona o Brasil. Muitos albaneses emigraram para a América do Sul, (Brasil, Argentina e Uruguai).





A canção folclórica é um dos testemunhos da história, pois passa de geração a geração. Transcrevo a música no subdialeto do albanês em árabe, como foi cantada e ainda hoje é cantada entre os arberesh da Calábria na Itália. Penso que a música não é conhecida no Brasil.

A canção folclórica teve sucesso apenas entre o povo arberesh da Calábria. A música também não é conhecida na Albânia e na Macedônia. Sou o primeiro investigador que divulgo esse fato aos albaneses. Com a música “Flores que tem no Brasil”, quis mostrar as primeiras conexões entre albaneses e brasileiro. A música está escrita no livro “Incêndio florestal inextinguível” (Perfis, estudos, esboços literários) albanês — italiano, Bexhet Asani, página. 230, Tirana, (2021). O livro é bilíngue albanês-italiano.

Flor que tem no Brasil.

(Fragmento)

[...Você foi abençoado, meu, lu!

A flor que tem no Brasil foi roubada.

Você nadou no mar e não se cansou.

Venha até a mim

Eles foram muito corajosos por esperarem por mim!

Eles estão muito animados me esperando...]

A canção popular “Flores que tem no Brasil” foi criada no final do século XIX ou início do século XX, segundo o prof. Francisco Markanos. “Flores que tem no Brasil” é uma canção curda entrelaçada com motivos românticos e saudosos, aconteceu em Frasnitë, vilarejo de Arberesh (Albânia), na Calábria, Itália. Conta a história de uma menina que emigra para o Brasil com seus pais, deixando um amor de adolescência que a amava e que nunca a esquecerá. A menina retorna anos depois casada. Ela havia esquecido o menino que a amava. O menino sofre e canta com saudades do amor perdido para sempre!

A música “Flores que tem no Brasil”, nos lembra do nosso poeta nacional Zef Seremben, que se apaixonou por sua conterrânea que também migrou para o Brasil e, depois de algum tempo, precisamente em 1874, a namorada do poeta Serembe, falece em terras brasileiras. Zef Serembe fica chocado com essa perda, e viaja para o Brasil para visitar o túmulo de sua amada. Essa visita do poeta é auxiliada pela princesa romena de origem albanesa, Elena Gjika, ou como é conhecida no mundo com o apelido Dora D’Istria, por isso Zef Serembe é recebido na corte brasileira pelo Imperador do Brasil Dom Pedro II, com todas as honras.

Olha, apesar de sermos uma nação pequena, temos uma rica literatura artística. A colaboração de escritores brasileiros-albaneses deve continuar. Devemos nos esforçar para que essa cooperação não seja apenas virtual,

mas também direta, por meio de vários encontros tanto na Albânia quanto no Brasil.

Desta forma, não só aproximaremos e afirmaremos as culturas de ambos os povos, como elevaremos a um nível superior esta cooperação literária e científica. Que esta iniciativa seja uma troca de experiências entre escritores brasileiros e escritores albaneses.

9



REVISTA THE BARD Deixe uma mensagem para essa colunista e para os leitores da Revista The Bard.



BEXHET ASANI Aos leitores dessa magnífica Revista “The Bard”, que estão agora mais familiarizados com a criatividade de alguns escritores albaneses cujos poemas foram publicados em português. Isso não é o bastante. Os brasileiros farão bem em visitar a Albânia, este país turístico com raras belezas naturais e históricas, e só assim conhecerão a cultura do antigo povo albanês. Tenho orgulho de alguns dos meus poemas terem sido traduzidos para o português. Tenho orgulho de meu livro poético “Olhos Divinos” ser o primeiro livro na língua albanesa que chegou ao nosso país amigo, o Brasil. Vivo na esperança de que esta amizade entre os dois povos continue! Mais uma vez, agradeço sinceramente à Professora Magna Aspásia Fontenelle e à Revista “The Bard” por me permitirem conceder esta entrevista!

Conheçam a Albânia!

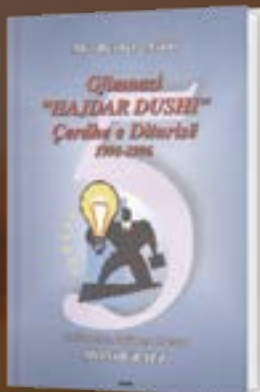
Com respeito
Prof. Dr. Bexhet Asani
Nova Jersey — EUA
Nju Xherzi — SHBA

Muito obrigada pela sua gentileza de participar dessa entrevista.

Gratidão
Faleminderit! Obrigada!



LIVROS



FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE





ENTREVISTA



Edson Gallo, Edson Gallo, natural de Carolina-MA, residente em Araguaína-TO, professor, advogado, escritor, editor. Graduado em Língua Portuguesa (USF-RJ), Letras pela Unitins-TO. Direito (PUC_MG), pós-graduado nas áreas de linguística, direito ambiental. Pioneiro do Projeto BB-Educar-Educação de Adultos no Banco do Brasil. Autor e coautor de vários livros. Vencedor do Prêmio SESI de Poesias e Contos por Três vezes consecutivas. Fundador da Academia de Letras de Araguaína-TO(Acalanto) e do Sindicato dos Bancários do Tocantins(membro até hoje). Atuou como professor da faculdade do ITPAC de Araguaína-TO e UFT, e Multi-Vestibulares.

1



REVISTA THE BARD — Como se deu sua entrada no mundo literário?



EDSON GALLO Eu sempre escrevi, desde pequeno, mas a exposição do que escrevo, ou seja, a publicação se deu através de concursos literários,

3



REVISTA THE BARD — É notívago ou só cria à luz do dia?



EDSON GALLO Já fui notívago. O silêncio da noite escreveu muito por mim. Mas, hoje já é mais prático, a qualquer hora. Estou em um processo de quantificar o número de horas de trabalho, uma vez que para gente escrever tem que ler muito mais.

2



REVISTA THE BARD — Quando começou a escrever, já fazia planos de seguir carreira?



EDSON GALLO Não. Nunca vi a literatura como carreira. Embora tivesse formação em Letras e ter lecionado muito tempo a disciplina de literatura brasileira e hoje me arisco com Editor de livros. Tudo aconteceu naturalmente. Digamos que foi um processo.

4



REVISTA THE BARD — Tem sonhos literários? Quais?



EDSON GALLO Acho que o sonho de todo escritor ter a sua obra lida pelo maior número de leitores possíveis. Hoje, felizmente, todo mundo escreve, no entanto, faltam leitores.



5

**REVISTA THE BARD** — Literatura como risco ou libertação?

EDSON GALLO Libertação, sem dúvida. Pois, chega uma hora que você já não escreve mais por “Bel Prazer”. A gente começa a escrever por necessidade. E aí já é independente de publicação, independente de leitores. É um processo de catarse. De libertação da ideia e de você mesmo.

7

**REVISTA THE BARD** — Seu principal critério para a escolha de uma leitura é o título, o autor ou o assunto?

EDSON GALLO Antes era pelo título. E um bom título chama a atenção do leitor até hoje. Mas, com o tempo você também se torna um leitor mais exigente e hoje o assunto predomina.

6



REVISTA THE BARD — Sabemos que você é editor, autor e organizador de vários livros de diferentes escritores e solo. Quais são os seus títulos? Qual te marcou mais? Tem algum livro traduzido? Em que idioma foi publicado?



EDSON GALLO A editora na verdade é muito nova. E assim como os livros que escrevo, aprecio todos como se fossem meus. Os livros são como filhos que a gente solta no mundo. Eles vão e voltam. Acho que dos meus livros publicados o mais importante foi o primeiro livro, ele foi muito significativo, para a minha região, foi fruto de um concurso literário, ele já saiu com o reconhecimento de um júri. Encontros na Praça (2000) que ganhou uma segunda edição em 2021.

Temos um livro de contos, o mais novo, chamado “Memórias de Sábado” (2022), que também tem um grande significado, pois ele saiu em 04 idiomas, Português, Inglês, Espanhol e na Língua indígena Krahô. Um livro que tem sua importância, pois levou em consideração os trabalhos de tradutores da UFNT, e tem sido muito trabalhado em sala de aulas.

8

**REVISTA THE BARD** — Qual seu autor preferido?

EDSON GALLO Difícil escolher um, acho que Todos os autores da literatura Brasileira. Tenho predileção por aqueles que mais influenciaram a minha formação literária.

Posso citar Carlos Drummond Andrade, Augusto dos Anjos (meu patrono) e Ferreira Gullar na poesia. E na Prosa, são tantos, Jorge Amado, Guimarães Rosa, é tanta gente boa, principalmente os novos autores, como Itamar Vieira, Jeferson Tenório, etc.



REVISTA THE BARD – Como e deu sua participação na organização e implantação da Academia de Letras de Araguaína -Tocantins?



EDSON GALLO A Formação E a criação da ACALANTO – Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense, se deu pela preocupação que tínhamos a época de uma instituição que fomentasse a leitura e a escrita da nossa região. E a partir da provocação do Escritor Otávio Barros, um jornalista de nossa região, ficamos tocados, eu e o Saudoso Professor José Francisco Concesso, e conseguimos reunir 28 escritores e formamos a academia que este ano completa 20 anos.



FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE





COLUNAS E COLUNISTAS

10



REVISTA THE BARD — Deixe uma mensagem para os leitores para a colunista e para os leitores da Revista.



EDSON GALLO Deixo uma mensagem de Gratidão por estar aqui falando sobre os meus trabalhos e sobrea minha terra. Dizer a todos os leitores que nós todos, temos o importante papel de fomentar a leitura e a consciência crítica, registrando nossos sentimentos e principalmente a história do nosso povo. A história de nosso país, da nossa cidade, do nosso estado não pode ser esquecida e esse papel de memória cabe a nós escritores e leitores. Parabéns Magna e a toda a equipe deste importante veículo de informação e cultura.



The Bard!

Obrigada pela sua participação.
Gratidão!

MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

SITE



FACEBOOK



FACEBOOK



INSTAGRAM



UNIVERSO de Las Artes

05



MARCOS E. OZÁN



Marcos E. Ozán, diseñador gráfico, con más de 30 años de experiencia en el campo Editorial, de Argentina. Hace casi 30 años que realizó trabajos de Diseño Editorial con mi para diferentes Editoriales y Empresas comerciales/industriales de Argentina. Actualmente, cumpla funciones de Gestor Cultural, siendo Director de Universo de las Artes y Universo Art Kids, colectivos de arte que agrupa adultos, jóvenes y niños. Feliz de organizar exposiciones de arte por diferentes países.

Universo de las Artes

Universo de las Artes es un colectivo de arte que fue creado hace 5 años por Buana Lima, artista y escritora de Brasil y Marcos E. Ozán, diseñador gráfico, con más de 30 años de experiencia en el campo Editorial, de Argentina.

Nació con el objetivo de dar oportunidad a los artistas que no encontraban su hueco en las Galerías o Salones de exposiciones tradicionales. Trabajamos en la divulgación del arte emergente de artistas no solo argentinos y brasileños, sino del mundo entero.

Nuestro trabajo se trata de abrir puertas constantemente.

Ya hemos realizado exposiciones presenciales y/o virtuales en Argentina, Chile, Paraguay, Rep. Dominicana, Panamá, México, Guyana, El Salvador, Nicaragua y Brasil, donde tenemos un espacio propio, Galería "Universo das Artes", en la ciudad de Niteroi, RJ.

Creemos importante seguir estimulando el arte y la cultura. En momentos de pandemia, pusimos a prueba nuestra capacidad de adaptación para rugir desde uno de

los sentimientos más profundos que tenemos: la necesidad de vibrar.

Por eso, seguimos trabajando de manera digital, para acercarnos al público y, entre todos, hacer más llevadera esta situación para los ARTISTAS.

Hoy, ya casi sin pandemia, volvimos a las presenciales!!! El próximo 1 al 8 de septiembre de 2022, vamos a inaugurar nuestra Exposición Internacional y Presencial "ILUSIÓN", en Palacio Nacional – Galería Praxis (Medellín, Colombia).

Esperamos que te guste la propuesta de que tu obra sea vista en otros mercados. Escribinos a universodelasartes@gmail.com, y te enviamos las Bases.

Contatos Brasil: universodasartess@gmail.com

WhatsApp: +5521-976163304

Contato Buenos Aires: universodelasartes@gmail.com

WhatsApp: +54911-45639507

Directores: Buana Lima (Brasil) / Marcos E. Ozán (Argentina)



Universo de las Letras

Hoy te escribimos para contarte el nuevo camino que emprende Universo de las Artes. Si bien seguimos trabajando con los artistas visuales, ahora nos proponemos volar alto y reinventarnos en este 2022. El nuevo desafío es entrar en el mundo del mercado editorial, que, si bien no es “tan” nuevo para nosotros, sí lo es meternos de lleno para darte el Servicio Editorial que necesitas. El secreto del éxito está en la creatividad, la innovación y la dedicación a lo que se hace. Eso es exactamente lo que hemos hecho siempre con los artistas plásticos y ahora también lo haremos con los nuevos escritores.

Así nace, Ediciones Universo de las Letras.

¿En qué consiste?

Consiste en brindar apoyo y asesoramiento a los autores noveles y no tanto. Comprometernos contigo y con tu obra literaria, aportando diseño profesional de portada e interior (30 años de experiencia en el rubro), una corrección ortográfica y de estilo (con profesionales en la materia), ¿no querés escribirlo?, te ofrecemos el trabajo de Ghost Writer, sólo tenés que contarnos tu historia, registro de tu obra e ISBN, la impresión más adecuada a tu presupuesto, ayudarte en la divulgación en redes, es decir, una edición cuidadosa y personalizada de tu proyecto.

Si ya tomaste la decisión de autopublicar tu

próximo libro, pero no sabés por dónde empezar, Universo de las Letras está para ayudarte.

¿Todavía no te animás a publicar tu primera obra escrita? ¿No sabés cuáles son los pasos a seguir? Te podemos acompañar y hacer realidad tu sueño.

Entendemos que escribir, editar y diseñar un libro es dar vida, dar luz y vuelo a ideas, transmitir sueños y generar esperanzas.

Por eso, nos enorgullecerá acompañar a quienes nos eligen.

No hay nada que no puedas lograr si no lo intentás. Enfocarte en lo que querés, ser perseverante y no dejes que las piedras en el camino te desanimen. ¿Ya pusiste fecha de cuándo empezarás a escribir tu próximo o primer libro?

Te esperamos, mientras ya estamos trabajando en nuestro primer lanzamiento: “No tan cuentos” de Marcelo Tortorelli, abogado argentino, siendo su primer libro de cuentos cortos. Seguramente le haremos vivir una linda experiencia como para que siga publicando con nosotros.

¿Estás listo para publicar tu primer libro? Escríbenos con tus consultas a: ediciones@universodelasletras.com

UNIVERSO DE LAS ARTES + UNIVERSO DE LAS LETRAS

LINKTR.EE



FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE



UNIVERSO de Las Artes



ARGENTINA

INSTAGRAM

POST NO SITE



Adriana Arévalo

Nace en Córdoba, Argentina, el 27 de mayo de año 1962.

Desde su infancia relacionada con el arte, a los 15 años se recibe de profesora de danzas clásicas, españolas, nativas, latino-americanas y baile flamenco, dedicándose a la docencia.

En el año 1981 realizó estudios terciarios de filosofía. En el año 1994, estudió Diseño de Interiores, incursionando así en el Dibujo a Mano Alzada, Dibujo Técnico, Historia del Arte e Historia del Mueble.

En el año 2010, comienza sus estudios en Pintura al Óleo, en la Galería Cerrito y luego en Galería Marchiaro de la Capital de su provincia de Córdoba.

Sigue dedicada a perfeccionar su técnica, tanto en bodegones como en figura humana, realizando muestras individuales y colectivas, en su país, y en países latinoamericanos, como Chile, Uruguay, Ecuador, Cuba y Perú. Desde el año 2018 comienzan sus Exposiciones y Premios en Madrid, Barcelona, Roma, Padova y New York. En el año 2021 en Spoleto, Treviglio, Chateau du Loir, Strasbourg y Dubai.

La temática de sus obras, es plasmar lo bello, lo simple, lo cotidiano, con un aire refinado y muy delicado.

1



Obra 1
Título : "Decanter"
Dimensiones 80 x 60 cm
Técnica : Óleo s/lienzo
Autora: Adriana Arévalo

2



Obra 2
Título : "Dorado"
Dimensiones 50 x 70 cm
Técnica : Óleo s/lienzo
Autora: Adriana Arévalo

3



Obra 3
Título : "Dulce inocencia"
Dimensiones 20 x 20 cm
Técnica : Óleo s/lienzo
Autora: Adriana Arévalo

UNIVERSO de Las Artes



ARGENTINA

INSTAGRAM

POST NO SITE



Susana Da Silva

Susana Da Silva

Reside actualmente en Avellaneda, Pcia. de Buenos Aires – Argentina.

Egresada de la Escuela Nacional de Bellas Artes “Manuel Belgrano” y Profesora en Artes Visuales.

Participó de varias exposiciones, individuales y colectivas.

Sus disciplinas son: escultura, dibujo y pintura.

Exposiciones: En Ciudad de Buenos Aires y Pcia. de Buenos Aires: UNLAM (San Justo), UTN (Avellaneda) Universidad de Buenos Aires (Derecho), UNDV (Avellaneda), Casa de la Pcia. de Buenos Aires, Museo Luis Perloti, Senado de La Nación, Bolsa de Comercio de Buenos Aires, etc. Así también en Brasil, Colombia y Guyana.

He recibido menciones y premios en distintas exposiciones.

Participó en simposios y encuentros de esculturas en talla en madera.

1



Obra 1
Título : "Tango"
Dimensiones 90 x 35 x 40 cm
Técnica : Talla directa en Madera
Autora: Susana Da Silva

2



Obra 2
Título : "Maternidad"
Dimensiones 35 x 21 x 24 cm
Técnica : Talla directa en Madera
Autor: Susana Da Silva

3



Obra 3
Título : "Soledad"
Dimensiones 80 x 30 x 30 cm
Técnica : Talla directa en Madera
Autor: Susana Da Silva

UNIVERSO de Las Artes



ARGENTINA

INSTAGRAM

POST NO SITE



Verónica Fernández

Soy de Bahía Blanca, Buenos Aires, Argentina.

A los 14 años me recibí de profesora de Artes Visuales. Soy maestra de nivel Inicial y parvulario. Psicóloga.

Hace 18 años llegué a Asunción, donde resido desde ese momento y me dedico únicamente al Arte. Como Profesora, Artista y Directora de la Escuela y Galería de Arte Veronikarte y Empresaria y Directora de TPK S.A., distribuidora de insumos artísticos, representación de la marca FRANCO ARTE.

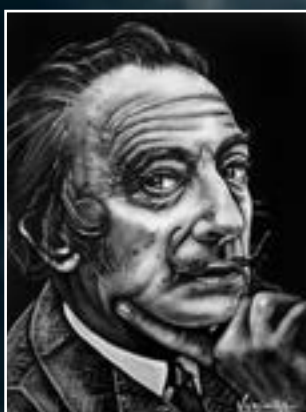
Profesora de Seminarios Internacionales dictados en Argentina, Colombia, Bolivia, Brasil, EE.UU., España, Chile y Uruguay.

Actualmente desarrollo en mi Atelier (VERONIKARTE) seminarios y clases de diferentes técnicas aplicadas al arte, como repujado en estaño, pintura decorativa y artística, pintura country, sobre tela, en seda, técnicas mixtas y óleo. Clases para niños y adultos.

Certificaciones de técnicas específicas de pintura decorativa. Tecnicatura en Rostro y Espatulado.

Desde 2009, dicto la carrera del Profesorado de Pintura Decorativa, de Arte Mix, de Porcelana, de Mosaiquismo en el Conservatorio Grassi de Buenos Aires con sede en Paraguay.

1



Obra 1

Título : "Dalí"

Dimensiones 30 x 40 cm

Técnica : Monocromático / Acrílico

Autora: Verónica Fernández

2



Obra 2

Título : "Te miro"

Dimensiones 99 cm. (diámetro)

Técnica : Mixta / Óleo

Autora: Verónica Fernández

3



Obra 3

Título : "Resiliencia"

Dimensiones 90 x 70 cm

Técnica : Mixta / Acrílico

Autora: Verónica Fernández

UNIVERSO de Las Artes



ARGENTINA

INSTAGRAM

POST NO SITE



Víctor González

Artista plástico, nacido en Ciudad Autónoma de Buenos Aires, República Argentina.

Egresado de la Escuela Nacional de Bellas Artes "Lola Mora", Buenos Aires.

Cofundador de MemoriArte y Arte en III.

Participó en más de tres exposiciones colectivas.

Premiado en Grabado y Escultura. Su obra se basa en trabajar con objetos poliméricos contruidos por fragmentos de diversas realidades que se transforman en símbolos del nuevo ecosistema latente.

1



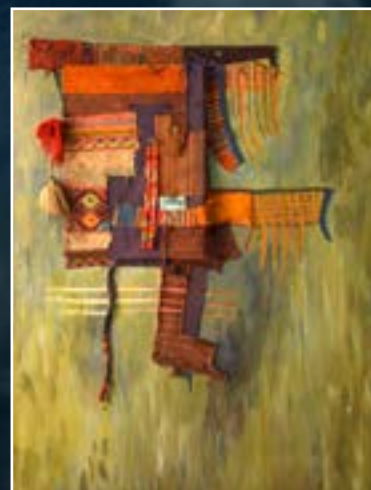
Obra 1
Título : "El gran Chaco Americano"
Dimensiones 40 x 60 cm
Técnica : Acrílico / Collage
Autor: Víctor González

2



Obra 2
Título : "Ituna Itata"
Dimensiones 60 x 80 cm
Técnica : Acrílico / Collage
Autor: Víctor González

3



Obra 3
Título : "Chiquitania"
Dimensiones 60 x 80 cm
Técnica : Acrílico / Collage
Autor: Víctor González

UNIVERSO de Las Artes



ARGENTINA

INSTAGRAM

POST NO SITE



María Laura Peluffo

Nació en La Plata, Buenos Aires, Argentina, el 29 de junio de 1973.

Curso sus estudios universitarios en la Facultad de Bellas Artes de La Plata (UNLP).

Realizó varias muestras en la ciudad de La Plata en los Centros Culturales. Pasajé Dardo Rocha. Islas Malvinas.

En 2001, presentó su Tesis de pintura en la Casa de la Cultura de La Plata.

En 2002, participó en una muestra en Bonn, Alemania.

En 2007, en una muestra en Amsterdam, Países Bajos. Con una publicación en la revista digital Redoble.

Entre 2008 y 2013, hizo varias muestras con la Galería Braque y Museo Raggio en Ciudad de Buenos Aires. También en ciudades como: Salta, Pinamar, Santa Fe y Merlo.

En 2018, participó de varias muestras organizadas por Universo de las Artes, en Brasil, República Dominicana y Argentina.

En 2022, en la V Bienal de Arte de Argentina en el Centro Cultural Borges. Expone actualmente sus obras en la Galería del Banco Ciudad.

1



Obra 1
Título : "Paisaje interior XXIX"
Dimensiones 100 X 100 cm
Técnica : Óleo sobre tela
Autora: María Laura Peluffo

2



Obra 2
Título : "Paisaje interior XXXI"
Dimensiones 20 x 30 cm
Técnica : Óleo sobre tela
Autora: María Laura Peluffo

3



Obra 3
Título : "Aislamiento 1"
Dimensiones 80 x 60 cm
Técnica : Óleo sobre tela
Autora: María Laura Peluffo

UNIVERSO de Las Artes



COLUNAS E COLUNISTAS



ARGENTINA

INSTAGRAM

POST NO SITE



Sandra Poblet

Prof. Pintura.

Premios: Revista Óleo y Mármol. Sociedad Argentina de Artistas Plásticos. Artistas Visuales de Vicente López. Entrevista televisiva Celebrity Cars (bloque de Arte). Entrevista Honorable Senado de la Nación. Bodegas en Pcia. de Mendoza.

Muestras y salones en: Museo de Arte Decorativo. Museo Luis Perloti. Museo Rómulo Raggio. Museo Quinta el Ombú San Fernando. Museo Quiróz (Entre Ríos). Museo de Bellas Artes de Lincoln (Bs. As.). Museo de Chivilicoy (Bs. As.) Salón de las Pcias. Senado de la Nación. Honorable Cámara de Diputados. Biblioteca del Congreso de la Nación. SAAP Sociedad Argentina de Artistas Plásticos. Bolsa de Comercio. Facultad de Derecho. UCEMA. Centro Cultural Borges. Palacio San Miguel. MEEBA. Asoc. Estímulo de Bellas Artes. Consejo Deliberante de Vicente López. Alianza Francesa de Martínez.

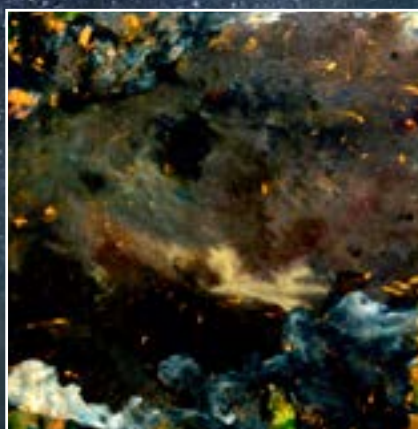
Galerías: Mitra Arte Argentino. Imaginario, Arenales, Braque, Mercedes Giachetti, Espacio de Arte Linares, Juana de Arte Martínez, Palermo H, etc. Gallery Night Recoleta. Noche de Los Museos. Hipódromo de San Isidro. Palacio Paz. Palacio Barolo. Galería Arte en el Pasaje Recoleta.

1



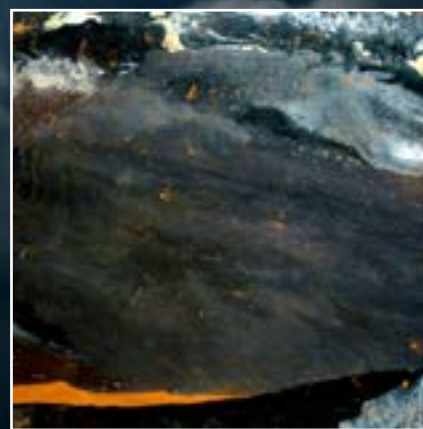
Obra 1
Título : "Sumergido"
Dimensiones 100 x 100 cm
Técnica : Acrílico
Autora: Sandra Poblet

2



Obra 2
Título : "Serie Atemporal"
Dimensiones 100 x 100 cm
Técnica : Acrílico
Autora: Sandra Poblet

3



Obra 3
Título : "Serie Atemporal"
Dimensiones 100 x 100 cm
Técnica : Acrílico
Autora: Sandra Poblet

EDIÇÃO SETEMBRO & OUTUBRO 2022



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER



EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2022



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2022**

PERÍODO DE 10 DE AGOSTO À 05 DE OUTUBRO .



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



Recanto

das Culturas Tradicionais

06



Eduardo Maciel



Eduardo Maciel é gestor cultural e um artista plural. Cantor, compositor, artista circense com malabares de fita, fotógrafo, diretor de fotografia, fiscal de set de filmagem audiovisual (locações externas), escritor contista e poeta sonetista. No Carnaval, é diretor musical, compositor e Intérprete de samba-enredo da GRESV Pau no Burro. Membro da Ala Cheyenne do Cacique de Ramos.

Círio de Nazaré



Procissão do Círio de Nazaré, em frente à Igreja Catedral de Nossa Senhora da Graça.
Crédito: Cesar Duarte/TYBA/

Nesta edição do RECANTO DAS FESTIVIDADES TRADICIONAIS vamos tratar do Círio de Nazaré, que em última análise é uma manifestação de fé e devoção à Nossa Senhora de Nazaré. A festa é realizada já há mais de dois séculos em Belém/PA.

Foi aclamada e reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Iphan (no Brasil) e declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Ou seja: tem garantia de representatividade histórico-cultural, e deveria ser motivo de orgulho para todos os brasileiros.

Mas como foi que tudo começou? Bem, essa história começa em 1700 com o achado da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelo Caboclo Plácido, às margens de um riacho próximo de onde hoje se ergue a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré.

A importância desse acontecimento foi imensa, e repercutiu quase que imediatamente. Assim, em 1793, ocorreu a primeira procissão em homenagem a essa que se tornou a padroeira dos paraenses. Desde então, a festividade acontece anualmente, e a cada ano congrega número maior de fiéis.

Círio de Nazaré

Por Eduardo Maciel

O Círio ocorre faz parte do calendário anual durante outubro, juntamente com outras doze procissões, como a Trasladação, a Romaria Rodoviária, a Romaria Fluvial, o Círio das Crianças e o Recírio, dentre outras.



Milhares de pessoas acompanham o Círio de Nazaré no Pará
Crédito: Paulo Santos/ReutersArquivo

Milhões de pessoas ocupam as ruas de Belém durante toda a quinzena festiva, que inclui também uma extensa programação de eventos: missas, vigílias de oração, o Arraial de Nazaré, o Círio Musical e a descida da Imagem do Achado, do Glória para o Altar da Basílica Santuário, onde fica durante os quinze dias de festa para visitação do povo.

Existem versões diferentes sobre a origem dessa festividade, e os historiadores divergem sobre alguns detalhes, se baseando para isso tanto em documentos quanto na captura da oralidade.

Sabe-se que, em 1653, os Jesuítas iniciaram a devoção a Nossa Senhora de Nazaré na localidade de Vigia de Nazaré, no Pará. Muito embora a origem seja atribuída àquele local, o Círio enquanto romaria foi instituído somente a partir da metade do século XIX, vários anos após o de Belém. Lá, Dom Frei João Evangelista transcreve em manuscrito, atribuído ao Convento de Santo Antônio dos Capuchos, em Por-

tugal, sua conversa com Plácido José de Souza, sobre como teria sido encontrada a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em 1700. O Prelado visitou a ermida de Plácido logo após sua chegada a Belém.

De acordo com o documento histórico, a imagem foi encontrada ao final do mês de outubro sobre pedras lodosas, à margem de um córrego onde o gado se saciava. Plácido imaginou que a imagem poderia ser de algum peregrino em viagem para o Maranhão, já que os viajantes paravam ali para beber água. Também poderia ser de algum cristão que, surpreendido pelos índigenas, fugira ou morrera sem poder abrigar a estatueta.

A choupana de Plácido, próxima ao ponto de água, era bastante procurada como pousada na estrada do Maranhão e por isso muitas pessoas conheciam a imagem, que começou a receber donativos. Ele lamentava não poder preparar um oratório mais decente, mas, em consonância com o relato: "O coração do humilde era o melhor abrigo para a Rainha dos Céus". Coisa linda, não é mesmo?

Em 1773 iniciou-se a construção da segunda ermida por Plácido, com a primeira pedra abençoada pelo padre.

Conta-se que, após achar a imagem, que estaria com um manto, percebeu em sua parte interna uma inscrição onde se lia "Nossa Senhora de Nazaré do Desterro". Ele a levou para casa e a colocou num pequeno altar de miriti, onde havia um crucifixo e outras imagens de santos de sua devoção. No dia seguinte, a imagem teria sumido. Ao retornar ao local do achado, percebeu que ela se encontrava no mesmo lugar do dia anterior. Fato ou fake? Em nome da fé, vou prosseguir como sendo fato.

O mesmo processo teria se repetido durante vários dias, e a notícia do "desapare-

Recanto

das Culturas Tradicionais

cimento" repetido obviamente se espalhou, provocando a intervenção das autoridades civis e eclesiásticas, fazendo com que a imagem fosse levada para o Palácio do Governo, para o Paço Episcopal e à recém-erguida Catedral, de onde ela também sumiu, sendo encontrada no mesmo local de sempre.

Por conta dos desaparecimentos, Plácido teria entendido que a imagem deveria ficar no local onde fora encontrada e ali construiu uma ermida para abrigá-la. O local do achado é onde hoje se encontra a majestosa Basílica Santuário. Incrível!

O milagre da "fuga da imagem indica que o lugar teria sido escolhido por Deus como local de manifestação de fé. A imagem é, por si só, a memória e representação da mãe de Jesus. A doutrina Católica ensina que não são as imagens que fazem milagres, mas sim Deus, que por intercessão de Maria, realiza o impossível.

Conforme o tempo foi passando, diversos relatos de graças alcançadas por intercessão de Nossa Senhora de Nazaré foram sendo contabilizados.

Grande parte dos pesquisadores atribui a origem da imagem a Portugal e trazida através dos rios, apoiando essa teoria em diversos fatores de contexto da época.

Com o passar do tempo, a ermida erguida por Plácido já não comportava mais tantos devotos e assim, foram construídas mais duas ermidas e a matriz, sucessivamente, antes do lindo e grandioso que até hoje persiste.

Nesses tempos, o local passou a ser conhecido como o "Arraial de Nazaré". Em fevereiro de 1773, Dom Frei João Evangelista Pereira visitou o Arraial e resolveu enviar a imagem a Portugal para que fosse reformada, solicitando à Rainha, Dona Maria I, e ao Papa Pio VI, a licença

oficial para a realização de uma festividade em honra de Nossa Senhora de Nazaré. O padre esperava que as obras da ermida já estivessem concluídas quando da volta da imagem.

A imagem finalmente retornou a Belém no quarto domingo de outubro de 1774. Atendendo ao convite do bispo, a população e as irmandades compareceram ao porto, de onde uma procissão seguiu até a ermida. Já era noite e a caminhada aconteceu sob o luar, em meio à floresta.

Dom Frei João Evangelista morreu antes que a resposta quanto à realização da festividade fosse enviada. Seu sucessor, Dom Frei Caetano Brandão, reforçou o pedido em 1788 e, finalmente em 1790, o Vaticano permitiu. Entretanto, a notícia chegou apenas dois anos depois, em um período de vacância no episcopado de Belém. Com a boa nova e o povo em fervor, todas as atenções estavam voltadas para Belém.

Uma grande feira foi organizada, congregando toda a então capitania, com produtos agrícolas variados, marcada para ter início no dia 8 de setembro de 1793. Cada vila ou cidade precisaria contribuir com a exposição, havendo condução gratuita até Belém, com embarcações saindo de diversos lugares. Alguns navios trariam inclusive indígenas de várias etnias.

Foram três meses de intensa preparação, até que a autoridade organizadora da festa adoeceu. Após estar curado, o capitão cumpriu sua promessa, com a celebração da missa e a realização de uma grande procissão, no dia 8 de setembro de 1793, sendo esse marco considerado como o primeiro Círio, contando com cerca de 10 mil pessoas. Na chegada à ermida foi celebrada outra missa, seguindo-se a bênção da pedra fundamental para a construção da terceira ermida, feita com pedras e cal.

Por toda a semana foram realizadas la-

Círio de Nazaré

Por Eduardo Maciel

dainhas na ermida e a feira no arraial. Havia barracas de palha onde as pessoas poderiam comprar produtos regionais (frutas, animais vivos, carnes de caça, peixes, comidas típicas e utensílios diversos).



Litogravura raríssima usada no filme do Círio de 1868, do pintor italiano Joseph Léon Righini, que morou em Belém entre 1865 e 1870 - FOTO: Divulgação

O tempo passou, mas a festa não. Em 1861, foi fundada a Paróquia Nossa Senhora de Nazaré do Desterro, enquanto as obras da construção da matriz, em substituição à terceira ermida, seguiam lentamente. Iniciadas em 1852, duraram até 1881, mas a entrega aconteceu apenas em 1884, após a resolução da chamada "Questão Nazarena".

Em 1905, a Paróquia foi entregue à administração dos Clérigos Regulares de São Paulo (Barnabitas), que haviam chegado a Belém em 1903. Em 1908 chegou ao Pará o padre barnabita Luiz Zóia, que achou a matriz acanhada e sem estilo. Era pois necessário erguer um novo templo.

Padre Zóia sugeriu a construção de uma nova igreja ao lado da antiga para não interromper o andamento das atividades religiosas. Propôs erguer uma réplica reduzida da Basílica de São Paulo Extra Muros, de Roma. O projeto foi inicialmente encomendado a um italiano que se dizia arquiteto, mas as plantas não foram aceitas pela Câmara Municipal, que interferiu

no projeto original, incluindo as duas torres.

O sacerdote esteve à frente pessoalmente durante quase 20 anos dos trabalhos de construção. A primeira pedra foi abençoada pelo Arcebispo de Belém à época, Dom Santiago Coutinho, em 24 de outubro de 1909. Nesse mesmo dia, foi apresentado o que é considerado o hino oficial do Círio, "Vós sois o lírio mimoso".

Em razão da escassez de recursos, as obras seguiram lentamente. Talvez por conta disso, cuidou-se em minúcia de cada um dos muitos detalhes da arquitetura. Tantos que torna-se impossível percebê-los em pouco tempo de visita.

Em 1920, mesmo com as obras ainda em andamento, a imagem encontrada por Plácido foi trasladada da antiga matriz para o interior do novo templo. Três anos depois foi inaugurado o altar principal. Em 1923 foi concedido pelo papa Pio XI o título basilical, justificado pela importância do local para a devoção na Amazônia.

Praticamente todo o templo foi erguido com partes pré-moldadas por diversas empresas da França, Itália e também do Brasil. Trazidas a Belém de navio, foram encaixadas milimetricamente nos seus lugares.

Fazendo parte dos elementos que compõem o Círio de Nazaré, a Basílica integra o conjunto da declaração da festa como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), ocorrida em 2013.

Em 1969, foi talhada a Imagem Peregrina, que até hoje segue nas 12 romarias e visitas oficiais. A imagem possui status de Chefe de Estado, conferido por uma lei estadual paraense.

O Círio atualmente é considerado como a maior manifestação católica do planeta, atrain-

Recanto

das Culturas Tradicionais

do mais de dois milhões de pessoas às ruas de Belém. Profusão de cultura, tradição e fé.

A berlinda, onde a imagem é transportada durante as procissões, foi introduzida no Círio a partir de 1882. Até então, a imagem era conduzida no colo pelo capelão do Palácio do Governo, como era tradição desde o primeiro Círio, em um palanquim, uma espécie de liteira fechada presa a um varal levado no ombro por quatro ou seis homens, veículo comumente utilizado à época por pessoas abastadas e autoridades. A partir da utilização da berlinda, puxada por cavalos, a imagem passou a ser levada sozinha. Em 1885 foi introduzida a corda. No ano de 1926, entre as diversas mudanças sugeridas pelo então Arcebispo de Belém, a berlinda foi substituída por um andor e assim permaneceu até o Círio de 1930, quando retornou. A berlinda atual é a quinta da história. Foi confeccionada em 1964 e tem estilo barroco, feita em cedro vermelho. Conforme a tradição, é ornamentada com flores naturais para uso no Círio e na trasladação. Para as outras romarias oficiais, são utilizadas berlindas menores e mais simples, com exceção à Romaria das Crianças e à Procissão da Festa, quando é utilizado o nicho onde a imagem era colocada na Basílica. No Recírio a imagem é levada em um andor nos ombros. Em 2012, a berlinda passou por uma reestruturação, quando foi inserida uma nova cobertura de folhas de ouro. A reforma envolveu também a implantação de um moderno sistema de iluminação em fibra ótica, com luz branca no interior, representando a paz e a pureza de Nossa Senhora, e amarela na parte exterior realçando os detalhes da estrutura. Todos os anos, antes do Círio, a berlinda passa por pequenos reparos.

A corda passou a fazer parte do Círio desde 1885, quando uma enchente da Baía do Guajará alagou a orla desde próximo ao Ver-o-Peso até as Mercês, no momento da procissão, fazendo com que a berlinda ficasse atolada e os

cavalos não conseguissem puxá-la. Os animais então foram desatrelados e um comerciante local emprestou uma corda para que os fieis puxassem a berlinda. A partir daí, a corda foi introduzida no Círio e, ao longo de sua existência, foi alvo de diversas polêmicas. Atualmente é um dos maiores ícones da festa, utilizada na Trasladação e no Círio. Confeccionada em cisal torcido, possui 400 metros de comprimento (para cada uma das romarias) e duas polegadas de diâmetro. Até 2003, o formato da corda era de "U", com as duas extremidades atreladas à berlinda. A partir de 2004, por motivos de segurança, a corda ganhou formato linear dividida em cinco estações confeccionadas em duralumínio que ajudam a dar tração à corda e ritmo às romarias.



Corda do Círio de Nazaré - FOTO: Tarso Sarraf

Em cada uma das estações há a presença constante dos chamados animadores da corda que têm a função de estimular os promesseiros por meio de palavras de ordem, cânticos e orações. Atualmente, o atrelamento à berlinda ocorre de forma planejada. Nota-se o esforço incansável da Diretoria do Círio e órgãos de segurança em fazer com que, especialmente no Círio, a corda chegue até seu destino final sem que seja cortada pelos próprios promesseiros. As campanhas de conscientização começaram em 2011 e são lançadas próximo ao Círio como forma de tentar fazer com que os objetos cortantes não mais sejam utilizados.

Círio de Nazaré

Por Eduardo Maciel



COLUNAS E COLUNISTAS

Uma das tradições mais antigas e conhecidas do Círio de Nazaré, adotada até hoje por várias famílias, empresas e órgãos paraenses: fixar cartazes do Círio nas portas, como forma de homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. Isso se tornou um símbolo de evangelização e divulgação da festa. O primeiro Cartaz de divulgação do Círio foi confeccionado em Portugal no ano de 1826. Inicialmente as peças eram elaboradas à mão para impressão. Atualmente o Cartaz é produzido a partir de fotografias e tem a concepção elaborada por uma agência de publicidade voluntária.

Os ex-votos (objetos de promessas) são elementos levados pelos devotos como sinal do agradecimento pelas graças recebidas pela intercessão de Nossa Senhora. Os mais comuns são em cera (como velas normais ou de metro e partes do corpo), além de tijolos, miniaturas de barcos e casas, réplicas da berlinda e de imagens de Nossa Senhora de Nazaré. Há também outros, bem mais inusitados, como livros, carros de brinquedos, cruzes e outros que demonstram a gratidão do povo. As formas de pagamento de promessa são muitas vezes curiosas e criativas, chamando a atenção nas romarias. Os ex-votos são depositados nos carros dos milagres ou num local especialmente destinado a eles na própria Basílica. As peças em cera são revendidas e a renda é revertida para os projetos sociais mantidos pelas Obras Sociais da Paróquia de Nazaré. Brinquedos e outros elementos são encaminhados para doação e os

mais inusitados são repassados ao Museu do Círio e o Espaço Memória de Nazaré.

Viva o Círio de Nazaré e até o próximo artigo dessa coluna que amo publicar, **O RECANTO DAS FESTIVIDADES TRADICIONAIS!**



SITE



INSTAGRAM



POST NO SITE





05



Ladylene Aparecida



Tem 34 anos, formada em Gestão de Recursos humanos, mas atualmente trabalha como empregada doméstica. Negra, mineira, nascida e criada na periferia, presenciei os horrores de ter nascido preta, contudo digo com orgulho que sou mais uma sobrevivente. Encontrou na escrita e na literatura o apoio que precisava para encarar a sua realidade. Desde o ano de 2021 vem se encorajando a mostrar as pessoas os seus escritos e através dos contos e fábulas, contar a própria história e dar voz àqueles que por muito tempo foram silenciados.

Coluna Mitologia e Crônicas: Rainhas do Egito

Olá, queridos leitores, estamos aqui em mais uma edição da coluna mitologias e crônicas. Desde a edição de março/abril venho falando um pouco sobre deuses antigos, como primeira mitologia abordada foram os Orixás, e história, foi uma das culturas mais lindas que estudei até hoje, foi um resgate a minha ancestralidade. Se você ainda não leu sugiro que dê uma olhada, está imperdível.

Na edição maio/junho abordei a mitologia egípcia e me deparei com uma das histórias mais surpreendentes da humanidade, muito rica em detalhes, mistíssimos e monumentos para além da compreensão, fazendo muitos acreditar, que foram povos vindo de outros planetas que os fizeram, de tão grandiosas. Por isso depois de pensar um pouco, pois não queria deixar nem um detalhe de fora dessa passagem da humanidade, resolvi dividir em tópicos. Desse modo, na edição indicada acima. eu falei um pouco sobre a criação do mundo na visão dos deuses egípcios e abordei um pouco da história

do principal panteão egípcio, e vou contar para vocês: é só babado, confusão e gritaria. É muita intriga, vingança, traições a perder de vista. Mas graças à Rá que tudo acabou bem e a vida no Egito antigo continua.

Agora para o nosso deleite, contarei um pouco sobre as rainhas do Egito; as faraós: mulheres imponentes, fortes e determinadas a governar e governaram tão bem quanto os homens, algumas até melhor que alguns faraós segundo relatos encontrados em papiros antigos. Antes de falar sobre essas soberanas, gostaria de contextualizá-los como era a vida da mulher Egípcia.

As diferenças das mulheres egípcias estavam mais ligadas à sua classe social do que feminino e masculino. Em uma breve introdução na edição deuses egípcios eu falo que as mulheres tinham os mesmos direitos que os homens, podiam trabalhar e os salários eram equivalentes, elas tinham o direito de se casar com quem quiser, de se divorciar e ter riquezas e propriedades, essas

Rainhas do Egito

riquezas geralmente era passada de mãe para filha.

O respeito concedido à mulher é evidente em qualquer aspecto desta civilização, desde as crenças religiosas aos costumes sociais. Os deuses eram masculinos e femininos, tendo cada um o seu papel e a sua importância, por isso as mulheres tinham as suas representantes divinas fortes e determinadas, como Isis, Bastet, Hathor, Sekhmet e tantas outras.

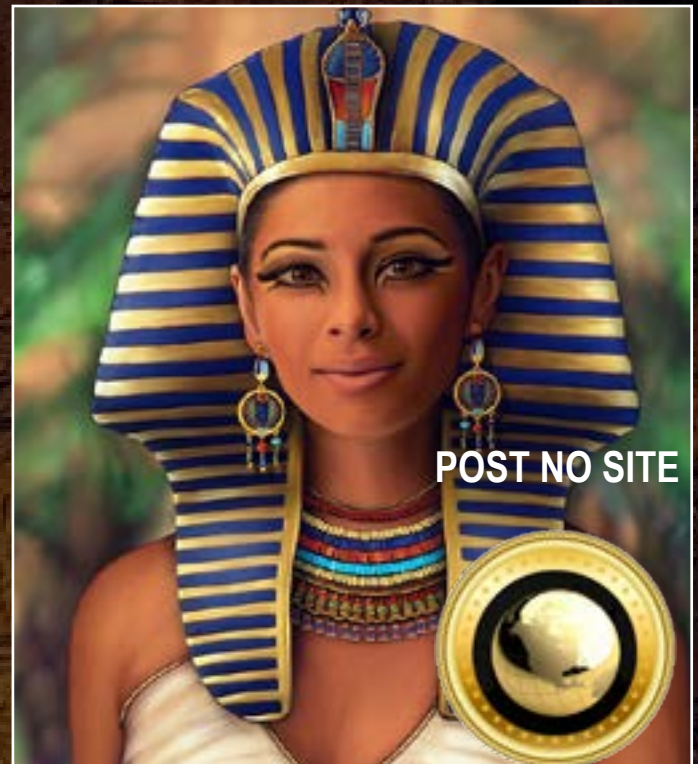
Alguns textos datados da XII dinastia, advertia os homens sobre maus tratos as mulheres, que caso fosse provado qualquer violência contra a conjuge o infrator seria punido, podendo até perder suas propriedades adquiridas após o casamento. Gente, onde foi parar essas leis, nos últimos 4 mil anos? Estou “passada”!!!

Ressaltando que a vaidade tanto do homem quanto da mulher era uma coisa essencial no dia a dia dos egípcios, por isso se maquiar ou ter maquiagens não era luxo, era item básico em suas vidas, a higiene pessoal também era importante.

No geral, as mulheres em sua maioria dependiam dos homens da família, mas não era uma exclusividade, as mulheres egípcias eram as mais que tinha direito, em todo o mundo naquela época, com a vinda do cristianismo que esses direitos foram revogados e começaram a ser tratadas como inferior aos homens.

Agora que vocês já sabem como as coisas funcionavam no Egito, bora de histórias, faraônicas!

Rainha Faraó Hatshepsut



Hatshepsut foi uma rainha faraó considerada um dos governantes mais importantes do Antigo Egito. Ela é conhecida como uma das primeiras mulheres a governar como faraó do Egito antigo a reinar como homem com toda a autoridade.

Hatshepsut nasceu por volta de 1508 a.C. Ela foi a única filha da rainha Ahmose, esposa principal de Tutmés I. Ela teve outros irmãos, porém todos morrem muito jovens, a maioria por doenças congênitas, já que naquela época era comum casamento consanguíneos.

Quando Hatshepsut, tinha doze anos, seu pai veio a falecer a deixando como a única herdeira real de seu trono, como não era comum uma mulher governar, ela teve que se casar com um meio irmão, filho de uma das esposas secundárias do

POST NO SITE





faraó Tutmés I, mas o rapaz já estava na casa dos seus 20 e poucos anos quando desposou a menina. Coisa supernormal na época.

Todavia, Tutmés II, estava longe de ser um marido descente para qualquer mulher, além de suas feições físicas não agradar ninguém, seu corpo era coberto de feridas, provavelmente ocasionado por ser fruto de algum relacionamento consanguíneo e por diabetes, já que a dieta dos faraós não era nem um primor, muito pelo contrário eram regadas a muito açúcar e bebidas alcoólicas. Devido a esses problemas ele faleceu com 40 e poucos anos, mas também pouco realizou durante o seu reinado, deixando apenas uma filha como herdeira real, a pequena Neferure, o maior tesouro que Hatshepsut tinha.

Com a morte prematura de seu marido, ela tinha que assumir o trono, já que o herdeiro homem de seu falecido era apenas um bebê, nesse caso ela atuou como regente. Contudo a rainha queria mais, não era para ela, ficar nos bastidores. Hatshepsut sabia de seu valor e conhecimento. Tinha plena convicção que conseguiria reinar tão bem como seu pai, foi aqui que ela reivindicou o trono para si. Com a ajuda de seus aliados se proclamou Faraó do Egito. Eita mulher porreta!!

A rainha foi o quinto faraó da décima oitava dinastia do Egito, assumiu o trono em 1478 a.c. Sua ascensão ao poder foi notável, pois exigia que ela utilizasse sua linhagem sanguínea, educação e compreensão da religião.

Com a compressão da religião que tinha e como as pessoas eram muito apegadas as suas crenças, a rainha-faraó fez ser vista como filha de Amon, também conhecido como o deus Rá, segundo a mitologia, Amon disfarçado de Tutmés I se relacionou com sua mãe Ahmés. Assim ela convenceu a todos ao seu direito de nascença de governar. Pois era desejo dos deuses.

A nova faraó então começou sua empreita-

da, todos sabiam que eram uma mulher, mas para encontros políticos e nas esculturas feitos em sua homenagem era retratada com feições masculinas e barba; acredito que assim teria mais respeito aos olhos dos demais. Hatshepsut, também foi responsável pelo crescimento econômico do Egito naquela época, ela não estava preocupada em conquistar novas terras, ela queria melhorar o que já tinha; fechar contratos comerciais, alianças políticas.

Durante seu reinado ela construiu o templo Djoser-djeseru dedicado ao deus Amon, a faraó também foi responsável pela construção de dois obeliscos de mármore, que também foram levados para o templo de Karnak, as peças tinham mais de 30 metros e pesavam mais de 300 toneladas cada, haja força humana para esculpir, transportar e colocar de pé umas gracinhas dessas, lembrando que eram peças únicas, e não blocos como os das pirâmides e foi feito tudo isso em apenas 7 meses. Foram considerados feitos impressionantes para a época. Eu acho que é um feito enorme até para os dias de hoje.

Outra curiosidade do reinado de Hatshepsut, foi Senemut, um homem de origem humilde que foi galgando títulos, até chegar ao posto de chefe do conselho do faraó e preceptor da princesa Neferure, alguns dizem que ele era uma espécie de companheiro da rainha, já que ela nunca desposou o enteado e nenhum outro homem e nem Senemut se casou.

Vocês devem estar se perguntando e Tutmés III? Ele não ia ficar um bebê para sempre, apesar que provavelmente o desejo da rainha-faraó era que sua filha assumisse o trono, não daria muito certo, já que por direito era de outro. Nesse tempo Tutmés crescia, mas por escolha própria preferia ficar entre os soldados do exército, aprendendo estratégias de guerra, combates, andar de viga e como ser um bom líder de combate. Foi como um acordo entre os dois, ele passava a sua juventude em viagem com as tropas e Hatshepsut, governava sabiamente.

Rainha Cleópatra



Sua história começa 300 anos antes do seu nascimento, quando Alexandre o grande, libertou o Egito do domínio Persa, reivindicando aquelas terras para si. Alguns anos depois, Alexandre veio a falecer, seu reinado que era muito vasto, foi dividido entre seus generais, ficando o Egito sob a responsabilidade do General Ptolomeu I. E assim se deu início assim a dinastia ptolomaica. Essa dinastia perdurou do ano 305 a.c. até 30 a.c. Durante esse período o Egito passou por altos e baixos, conquistas e derrotas. Mas sempre recheada de muitas conspirações reais mortes desnecessárias e muitas traições.

Foi assim até o reinado de Ptolomeu XII, que como seus predecessores não era muito bom em reinar, tanto que era conhecido como, como “Auleta”, tocador de aulo (flauta).

Ptolomeu foi casado com Cleópatra V Trifena, e tiveram seis filhos: Cleópatra VI, Berenice IV, Cleópatra VII, Arsíone IV, Ptolomeu XII Téio e Ptolomeu XIV.

Lembrando que antes da nossa grandiosa Cleópatra, existiu outras seis rainhas com o mes-

mo nome, algumas delas pungentes como a VII, inclusive sua bisavó Cleópatra III, uma monarca determinada que teve que assumir o trono e reinou muito bem.

Nossa querida Cleópatra VII, nasceu em 69 a.c. em Alexandria, na época capital do Egito, conhecida pela sua majestosa biblioteca, cultura, arte e economia. E assim cresceu a futura monarca, ela aprendeu matemática, filosofia, poesia grega, política, química (alguns relatos aponta que ela mesma criava suas maquiagens) e falava entre sete e nove idiomas, foi uma das poucas da dinastia ptolomaica que falava egípcio, dispensando intérpretes e facilitando a comunicação com vários outros líderes. Ela não impressionava só pela beleza, era também uma mulher astuta e inteligente.

Após a morte de seu pai, Cleópatra e seu irmão Ptolomeu XIII subiram ao trono, como era comum na época os dois tiveram que se casar, mas seu irmão tinha apenas 10 anos e ela com 18 anos. Logo a rainha pensou que se podia se valer da juventude do irmão para reinar sozinha, mas alguns ministros começaram a tramocar contra ela, encorajando o faraó romper com ela. Contudo sabemos que Cleópatra era inteligente e não iria se rebaixar a meros ministros, então com uma jogada política, ela busca apoio em Roma, que nesse período passava por uma guerra civil: Pompeu versus Júlio César. Como Pompeu auxiliou Aulete no passado, a rainha optou por apoiá-lo na guerra contra Cesar, enviando navios, alimento e soldados em apoio. Sua ideia era caso houvesse vitória pompeniana, ela poderia facilmente cobrar a dívida. “Eh mulher esperta!”

Mas isso só deixou seus inimigos mais hostis, que aguardaram a maior idade do jovem, para eles acusarem a rainha de conspiração contra o irmão. Percebendo a movimentação, Cleópatra não teve outra escolha, a não ser fugir, para uma das províncias do Egito, contudo ela não se declarou vencida. Foi apenas uma estratégia de retirada, ela precisava se preparar melhor para voltar para o seu trono.



Agora com calma, ela começa a organizar o seu exército para atacar o Egito. Mas agora o seu irmão tem conhecimento das estratégias da moça e vai fazer de tudo para impedi-la, ele não irá entregar o trono sem lutar, então com a ajuda de seus aliados, eles tão preparam um exército para contra-atacar Cleópatra e marcham em direção a Pelusa (atual Tiné, no Egito). E como história egípcia tem mais reviravolta do que novela mexicana, quando as tropas de Ptolomeu XIII, estão montando acampamento, quem eles ficam sabendo que chegou no Egito? Quem? Quem? Pompeu!!! Derrotado, busca mais uma vez o apoio dos filhos de seu antigo aliado.

Ptolomeu é obrigado a recuar e voltar para o Egito, porém agora com um problema maior ainda, ajudar ou não ajudar Pompeu, já que contrariar Júlio Cesar também não estava nos planos do faraó e sua trupe. E isso se dá início uma discussão sem fim entre os ministros do rei. Alguns achavam melhor destruir Pompeu uma vez por todas e deixar de lado, essa aliança feita com o faraó morto, outros já achavam uma afronta desonrar a memória do antigo monarca, vendo que não chegariam a lugar nenhum com aquela discussão, Teodoto, um dos mais ardilosos entre eles, “bateu o martelo” e deu o veredito: “Recebemos Pompeu, deixamos que ele se sinta em casa e depois o matamos, assim fazemos um favor a César e não temos mais que nos preocuparmos com dívidas antigas.” E ainda acrescentou: “Um morto não morde.”

Eu não sei vocês, mas eu não queria esse homem como meu inimigo. Só quero ressaltar que esse cara me lembra muito Maquiavel.

Infelizmente não foram lá e simplesmente mataram Pompeu, com no mínimo alguma dignidade, foram cruéis com ele, deceparam sua cabeça e expuseram seu corpo nu, para quem quisesse apreciar.

Poucos dias depois César chega a Alexandria, atrás de seu inimigo. Teodoto todo pomposo

entrega à César a cabeça de Pompeu, entretanto o plano falhou e o imperador não viu a morte de seu ex-rival, com bons olhos. Dizem que a tamanha violência usada para matar Pompeu foi uma ofensa a César.

Passado o susto inicial, as tropas romanas desembarcaram e marcharam pela cidade, até o palácio real, exibindo as bandeiras republicanas de Roma. Em tentativa de apaziguar a briga entre irmãos, César convoca uma audiência com o rei e a rainha do Egito, no entanto tudo não passava de uma manobra para aumentar a dependência do Egito em relação a Roma.

Cleópatra precisava desse encontro, contudo temia por sua vida, ela podia ser interceptada e morta por aliados do seu irmão; para evitar isso ela recorreu a uma artimanha que só poderia sair da cabecinha de Cleópatra; não se sabe bem os detalhes, mas segundo Plutarco um historiador da época, ela entrou em Alexandria, numa pequena embarcação, acompanhada apenas de um de seus fiéis servidores, Apolodoro de Sicília, depois disso entrou em saco de linho, outros dizem que se enrolou em um tapete, independente do modo, o objetivo foi alcançado, se encontrar com Júlio César e convence-lo a ajudá-la a retornar ao trono. Coisa que não foi muito difícil, logo César fica encantado pela criatividade daquela mulher e sua doçura em falar foi a cereja do bolo, a astuta mulher estava há um passo de conseguir o seu reinado novamente.

Quem não gostou da brincadeira foi o jovem rei, que não tinha muito o que fazer a não ser aceitar uma trégua com sua irmã dividindo novamente o trono.

Porém a paz não durou muito, Pontino, aliado do jovem faraó, irritado com aquela situação e temendo perder seu domínio, começa manobras para atizar os alexandrinos contra Cesar, já que os mesmos, não morriam de amores por Roma. Sob a influência do eunuco, Aquila general dos exércitos egípcios, marcha cidade adentro com seus 22 mil soldados contra os 3,2 mil de soldados romanos e se dá início a guerra civil de Alexandria.

Rainhas do Egito

Ai meus queridos leitores começa uma confusão sem tamanho, era cada um por si e Hórus por todos, de um lado Aquila tenta dominar o porto real, Cesar vai lá e manda incendiar a frota egípcia, mas o fogo se alastra e destrói entre outras coisas os depósitos do porto, só não se tem notícias se a biblioteca tenha sido queimada nessa ocasião. Depois Aquila tentou deixar os romanos sem água, fazendo entrar água do mar nas canalizações que abasteciam César, mas ele afasta o perigo mandando cavar poços. Nesse meio tempo no palácio real os faraós e César estão presos junto com o ardiloso Pontino, e a irmã mais nova de Cleópatra, Arsíone IV, de dezesseis anos, que queria tirar proveito da situação e se proclamar rainha. Não conseguindo de imediato ela foge na companhia de Ganimedes, e se juntam ao general Áquila. Porém rola um desentendimento entre os dois homens, onde Áquila acaba sendo morto.

É confusão para lá, confusão para cá....
“Eu se fosse Cleópatra, já teria dado o grito nesse povo, onde estava nessa hora a mulher altiva que ela sempre foi? E tomar as rédeas da situação, para mim nesse ponto ela falhou muito, para quem tinha um conhecimento tão grande em política seria fácil para ela contornar a situação e propor trégua, ou ela estava gostando daquela situação toda.”

Em uma manobra feita pelos ex-partidários de Áquila, Ptolomeu XIII é libertado e se junta as tropas e reorganizando para atacar César. Após ataques e contra-ataques, o exército egípcio é derrotado, Cleópatra agora é odiada pelo seu povo, Ptolomeu XIII na fuga se afoga no Nilo e Arsíone é levada como troféu para Itália.

Para continuar respeitando a tradição dinástica, Cleópatra se casa com o seu irmão caçula, Ptolomeu XIV, que tinha 12 anos, por não ter uma personalidade muito forte, esse não passou apenas de coroação, nominal, assim a rainha faraônica poderia reinar conforme a sua vontade.

Depois de tudo resolvido era esperado que o Imperator, mas ele preferiu tirar umas férias e

prolongar a sua estadia no Egito, aproveitando a companhia de sua amante e os prazeres que esse romance poderia proporcionar e é claro conhecendo melhor aquele atípico país. Após quase um ano de permanência no Egito, César enfim toma outros rumos, deixando soldados para proteção da Rainha e devolvendo ao reinado egípcio a cidade de Chipre, que no passado foi motivos de problemas para o antigo faraó.

Pouco tempo depois da partida de César, Cleópatra dá a luz ao seu primeiro filho, César Ptolomeu, mas ficou conhecido do Cesário (pequeno César), por interesses políticos, Cleópatra preferiu atribuir a paternidade ao Imperator, com sonhos de um dia seu filho poder reinar sobre os dois territórios e para fortalecer ainda mais esse sentimento nos alexandrinos, foi feito que parecesse que a criança tinha nascido no dia 23 de junho, data onde se comemora a festa de Ísis, já que ela se considerava a reencarnação da deusa, nada como dar à luz ao próprio deus Hórus.

Logo depois a faraó parte para Roma, juntamente com o seu filho para assegurar esse movimento político. Contudo isso deixou alguns alexandrinos mais fervorosos descontentes, então sabiamente junto com alguns sacerdotes, eles declaram Júlio Cesar a encarnação do deus Rá, assim sendo ela não teria cometido nem um delito imperial e ganhava mais prestígios entre os religiosos da época.

Em Roma Júlio César é recebido com honrarias por seus feitos e vitórias, seus ministros o concedem mais dez anos como ditador e ele nomeia Marco Antônio como o seu chefe de cavalaria uma grande honra naquela época, pois significava que era chefe do estado-maior de Roma. Fizeram várias festas em homenagem ao imperador, em uma delas Arsíone IV e outros prisioneiros de guerra desfilarão algemados em praça pública, alguns dizem que foi por misericórdia por parte de Cleópatra que a jovem não foi executada juntos com os outros, em vez disso ela foi enviada para Éfeso.



Tirando essa e algumas outras aparições políticas, pois ela precisava ter certeza de que há quem interessava, que ela era a mãe do herdeiro do Imperator de Roma, a rainha foi bem discreta na sua temporada. Após o assassinato de Júlio, Cleópatra decide voltar para o Egito, onde de certo estaria mais protegida. Já que com a leitura do testamento de Júlio Cesar os Planos de Cleópatra reinar sobre os dois impérios foi frustrado, segundo o documento, quem herdaria todas as conquistas feitas por César, era seu sobrinho Otavio e não seu filho, mesmo reconhecido. Não se sabe ao certo se foi apenas uma tática política dos republicanos que não concordavam com o relacionamento do imperador com a rainha egípcia, uma vez que ele já tinha uma esposa legítima, com quem não teve filhos. E esse mistério se permanece até hoje.

Protegidos no Egito, Cleópatra dá um jeito de sumir com seus irmão Ptolomeu XIV, apesar de não representar nenhum risco a soberana, era, contudo, um obstáculo à promoção do Jovem Cesário como faraó do Egito. Com o “sumiço” do rei, que só tinha quinze anos, Ptolomeu XV César é coroado o novo faraó com apenas três anos de idade e sua mãe seria a regente até a sua maior idade.

Roma novamente em guerra, o povo que gosta de uma briga, mas dessa vez sobe o comando de Otavio e Marco Antônio, e com o pretexto de vingar a morte de Júlio César, os dois líderes derrubaram tantos outros governos, por algumas vezes pediram ajuda ao Egito que lhes foi negada. Era de supor que Cleópatra quisesse vingança pela morte de seu amado, mas pelo jeito não foi assim aconteceu, ela preferiu ficar neutra e esperar que saísse o vencedor dessa disputa sem tamanho. Entretanto, após as conquistas, Cleópatra foi convocada para dar explicações, porém ela foi esperta sabendo que poderia levar alguma retaliação por não ter apoiado Roma, estrategicamente ela não responde de imediato, fazendo que esperem por sua chegada. Depois de várias cartas recebidas a

rainha faraônica resolve por fim, majestosamente se apresentar; chegando a Cilícia, seu barco sobe o rio Cidno. A cena, que marcou duradouramente todos os espíritos, é relatado por Plutarco: “Ela navegou com tranquilidade pelo Cidno, num navio cuja poupa era de ouro, com velas de púrpura e remos de prata. O movimento dos remos era cadenciado ao som das flautas, que se combinava ao dos pífaros e das liras. Ela mesma enfeitada como numa pintura da própria Afrodite, estava recostada num pavilhão tecido de ouro. Jovens, vestidos como os pintores costumam representar os amores, estavam ao seu lado com leques para refrescá-la. As mulheres, todas muito belas como Nereides e Cárites, algumas estavam no leme, outras nos cordames. Pensem em uma rainha que gostava de ostentar e mais ela sabia ostentar.

Assim toda cidade saiu para ver a chegada da deusa Afrodite, assim alguns à chamava. Estava tudo perfeito como Cleópatra desejava, não teria Marco Antônio que resistisse àquela entrada triunfal.

E assim aconteceu, Marco Antônio se apaixonou cegamente pela rainha. Tanto que aceitou de om grado as desculpas dela pela passividade durante a guerra; segundo suas explicações ela tentou enviar uma frota, mas foram surpreendidos por uma tempestade e tiveram que voltar, no momento que ela mesmo adoecia. Desculpinha esfarrapada em minha opinião.

Logo a rainha conseguiu domínio completo sobre o pobre homem, que realizava todos os seus desejos. Para ter certeza de que não perderia o seu trono ela pede a Antônio matar a sua irmã, que foi exilada por sua vontade, na época de César. Além disso, Marco Antônio confirmou a restituição de Chipre ao Egito concedida por César. O Governador da ilha que não ficou muito satisfeito com a decisão, contudo, foi logo eliminado. Portanto uma grande vitória diplomática; ela afastou todo o perigo e viu seu trono consolidado. A rainha

Rainhas do Egito

voltou para Alexandria, onde Antônio foi encontrá-la após resolver alguns assuntos na Síria e Palestina.

Como César, Marco Antônio ficou maravilhado com as belezas do Egito e Claro os prazeres sem descrição que Cleópatra o proporcionava, ainda mais que era em mais velho que a rainha isso facilitava e muito o domínio da jovem rainha sobre ele. Mas quem não gostou nada dessa brincadeira foi Otávio que viu seu poder ameaçado por essa união, enviando cartas para que o chefe do estado-maior voltasse imediatamente para Roma, lá se viu obrigado a se casar com Otávia, irmã de Otávio, mando do novo ditador ambos partiram para Atenas onde permaneceram por três anos.

Cleópatra nesse momento é um pouco deixada de lado e reina sozinha sobre Alexandria, que o quê parece também não vivia um mar de rosas. Pouco tempo depois da partida de Marco Antônio, Cleópatra dá à luz a gêmeos: um menino que foi chamado de Alexandre, em homenagem ao conquistador e fundador de Alexandria, e uma menina chamada Cleópatra, como a mãe.

Otávio achando que já tinha resolvido a questão entre a rainha egípcia e seu líder, ele manda Antônio voltar e logo em seguida é enviado ao Oriente, chegando lá ele envia uma mensagem a Cleópatra que envie apoio e que ela fosse para Síria se encontrar com ele, assim reviveram toda a paixão que tinham vivenciado anos antes, todavia, essa paixão desenfreada custou caro para muitos, pois os pedidos a rainha faraônica não tinha fim, vários líderes perderam suas fortunas e terras, por causa dos pedidos dela para o seu amante.

Foi graças a essas manobras diplomáticas que a rainha conseguiu devolver a Alexandria sua antiga glória de dominadora do Mediterrâneo Oriental.

Só que toda essa bondade cega de Antônio para com Cleópatra tinha um preço; Roma não via com bons olhos toda aquela confusão nas terras conquistadas por eles.

Querendo ou não a rainha usou de sedução e muita diplomacia para conquistar tudo aquilo, ou seja, era um castelo de cartas, que poderia desabar a qualquer momento.

Por consequência Otávio teve que intervir naquele disparate sem tamanho e pôr um fim de uma vez por todas nessa bagunça, antes que provoquem guerras desnecessária.

Depois de provar para senado que Marco Antônio estava cego por Cleópatra e se continuasse naquele ritmo era perigoso ele entregar a própria Roma a Senhora do Egito. Desse modo, Otávio declara guerra a Cleópatra, ele conseguiu que Marco não fosse de todo dado como traidor da pátria, apenas um velho homem enfeitiçado pela beleza e volúpia de uma jovem mulher.

Otávio segue pelo Golfo com sua esquadra onde é interceptado por Marco Antônio, logo atrás vinha Cleópatra com seus navios, mas não se sabe bem ao certo, no meio da confusão a rainha bate em retirada com seus navios, Antônio que estava em outra embarcação, se vê obrigado a seguir a sua amada, abandonando a guerra e seus homens que dariam suas vidas pela dele. Era tudo que Otávio precisava para declarar sua vitória e mostrar a todos o covarde que o antigo chefe de estado se tornou.

Aos poucos os aliados de Antônio, foram se entregando à Otávio, sem nenhuma resistência, o cerco estava se fechando em volta de Alexandria. O fim para aqueles amantes era eminente, Otávio com suas tropas já se encontrava aos portões de Alexandria, Cleópatra assustada com o que poderia acontecer se esconde em seu tumulto, previamente pronto, como todos os faraós fazem, e junto com suas riquezas. Protegida nesse pequeno forte, a rainha envia um mensageiro a Marco Antônio, que nesse momento enfrenta em vão Otávio, que está morta. “Sabe lá, por Ísis que ela fez isso.” O homem desolado pela morte de sua amada, tenta suicídio, mas o ferimento não o mata de imediato,



quando seus serviçais veem Antônio agonizando o leva até o encontro de Cleópatra vivinha e escondida. sinceramente não sei o que passou na cabeça dessa mulher para ela fazer isso tudo, mas enfim... Vendo sua amada banhado em sangue e nos últimos suspiros, ela declara seu amor eterno ao seu amado, chora, grita, desfere golpes contra se mesma em sinal de sofrimento pela morte de Antônio.

Não é por nada não, mas acho que sei de onde Shakespeare, tirou a sua ideia para escrever Romeu e Julieta, só acho!

Entre tanto, nem tudo estava acabado. Para a vitória fosse completar, era necessário que o vencedor se apoderasse da rainha viva e de seus tesouros. Otávio enviou dois de seus homens para negociar com Cleópatra, enquanto um tentava convencê-la a se render outro entrava furtivamente por uma janela desprotegida, agarrando-a antes que se mate-se com um punhal que tinha nas mãos.

Agora sob o domínio de Otávio, Cleópatra era só lágrimas e súplicas, ela até usou antigas cartas de Júlio César e fotos para convencer Otávio que estava no trono por direito, pois assim quis o imperador, mas tudo que ela conseguiu foi a pena de seu carcereiro, pelo jeito ele não se deixou enfeitiçar pelas palavras e doçura da rainha.

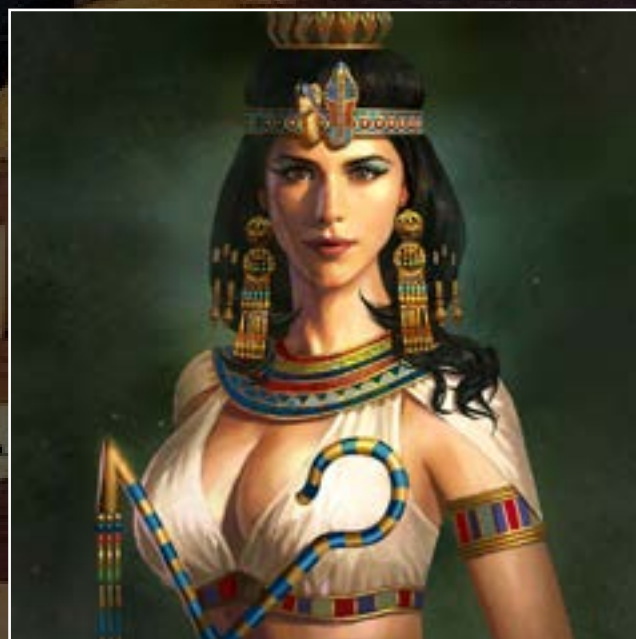
Percebendo que não conseguiria convencer o novo Imperator, e que o único motivo de ainda estar viva é que provavelmente ele desfilara com ela como troféu de sua vitória sobre o Egito. Por consequência ela começa a preparar a sua própria morte, se for para deixar o mundo dos vivos, será do seu modo.

Ainda nos dias de hoje, há controvérsias sobre a morte da monarca. Alguns especulam que ela guardava consigo um frasco de veneno, pois ela tinha conhecimentos em química e biologia, outros dizem que ela foi morta por picadura de uma

víbora que conseguiram levar até ela em seus aposentos, de todo modo ela partiu com toda gloria que sempre viveu, quando encontraram o seu corpo, ela estava deitada em um divã de outro vestida com seus trajes reais, em seus pés caídas ao chão estava as suas fiéis servas, também mortas. Otávio ficou em cólera, pela atitude da mulher, pois seu desejo era desfilá-la com o seu troféu vivo, contudo, não pode deixar de admirar a coragem dela.

Seu filho, Cesário, tentou fugir, mas foi capturado por soldados de Otávio e foi morto pelo mesmo, não dava para deixar vivo um herdeiro direto do grande Júlio César, os outros filhos de Cleópatra e Antônio, foram enviados a Roma para serem cuidados por Otávia.

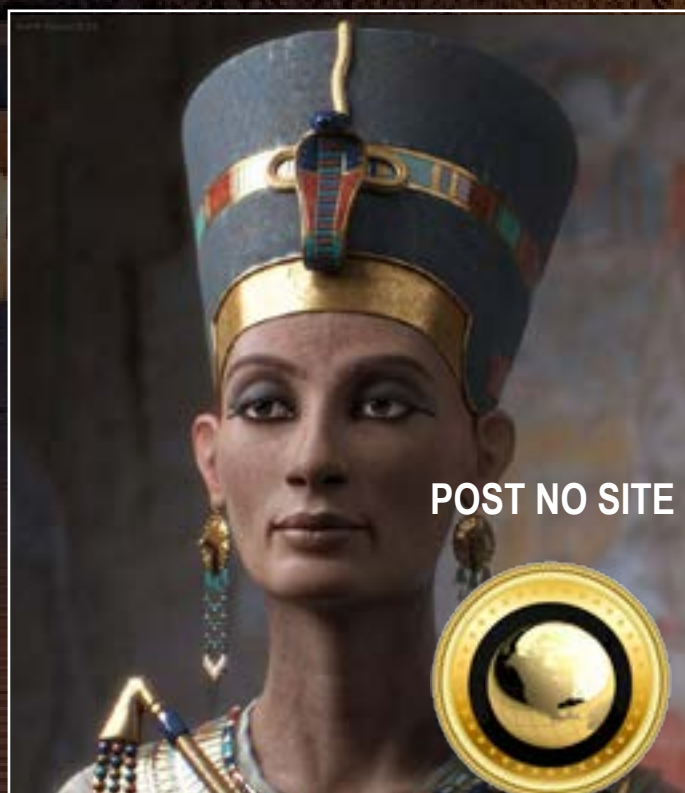
A pedido de Cleópatra em carta para o Imperador César Otávio, ela foi enterrada ao lado de seu grande amor, Marco Antônio, onde teve todas as honrarias fúnebres, como uma monarca da sua grandeza merecia.



Rainhas do Egito

Bem Meus queridos leitores, e assim viveu uma das maiores mulheres da nossa história, sempre cercada de muito luxo, prazeres e soberania; além de ter sido uma mulher que fazia valer os seus desejos mais frívolos e sempre coroada com muitas joias, Cleópatra era uma mulher inteligente e determinada, sabia o que queria e fez de tudo para obtê-lo, não importando por cima de quem teria que passar para isso, visto que ela foi responsável pela morte de 3 de seus irmãos. Acredito que até nos dias de hoje o modo de vida da rainha, chocaria a muitos, principalmente em vista que era uma mulher que não tinha medo de ser feliz, concordo que ela gostava de esfregar na cara de todos as suas riquezas e modo extravagante de viver. Na minha humilde opinião, tirando o fato que ela fazia crueldades com as pessoas e se desfazia dos mais desvalidos, ela soube aproveitar a vida no melhor estilo.

Rainha Nefertiti



Nascida no ano de 1380 a.C., Nefertiti, cujo nome significa ‘a mais bela chegou’, foi uma rainha egípcia da XVIII dinastia que se tornou notável por ser a esposa do faraó Amenhotep IV, conhecido como Akhenaton, responsável por substituir o culto politeísta pela reverência a um deus único, o rei-sol Aton, ou disco solar ou também conhecido como o deus Rá.

Com Akhenaton, Nefertiti teve seis filhas entre os nove anos de reinado do marido. São elas: Meritaton, Meketaton, Ankhesenpaaton, Neferneferuaton, Neferneferurê e Setepenrê. Porém, ao longo do reinado egípcio de Akhenaton, três de suas filhas sucumbiram com o alastramento de uma peste da malária, que era conhecida como “doença mágica” por seu poder de devastação. Mais uma das filhas do casal, Meketaton, morreria cedo em decorrência de um afogamento acidental.

Apesar da rainha ter ficado famosa, depois que seu busto foi encontrado em escavações por egiptólogos alemães, pouco se sabe sobre a árvore genealógica de Nefertiti. Alguns indícios indicam que ela era filha de Ay, senhor dos cavalos, que posteriormente foi conselheiro do faraó Tutancâmon. Mas isso é história para outro dia, é muita “treta real” que essa galera arruma. Pouco se sabe ainda de sua mãe, alguns especialistas afirmam que ela foi criada por uma enfermeira, ou algo parecido na época.

Por causa de seu nome, traduzido, “a mais bela chegou” dá indícios que ela veio de outro país o Reino de Mitani, inclusive onde ela era princesa, contudo daquele reino foram levadas para o Egito mais de 300 mulheres para compor o harém do até então faraó Amenhotep III, pai de Akhenaton.

Enfim meus queridos leitores, é sempre muita especulação quando se trata de pessoas que viveram a mais de três mil anos. Por isso vamos nos atentar ao que realmente sabemos sobre essa grande figura.

O que se sabe é que Nefertiti casou-se com



até então Amenhotep IV, antes dele ser faraó dando a entender que os dois realmente se amaram coisa rara naquela época nos casamentos reais. Já que naquele período casamento tinha mais a ver com movimentações políticas e religiosas do que amor de verdade.

Após subir ao trono do Egito, Amenhotep, muda seu nome para Akhenaton o de sua esposa para Neferneferuaten-Nefertiti, e estabelecer a adoração ao um único deus; Aton, sendo assim o casal real eleva o seu posto ao cargo de deuses. Era comum os egípcios elevarem seus governantes ao posto de deuses ou representantes direto dos deuses na terra, mas por conta de um ego enorme e problemas mal resolvido com a família, que também contarem em uma próxima oportunidade, Akhenaton, queria ser o único adorado, até construindo uma nova capital entre Tebas e Mênfis, sendo o lugar onde se encontram hoje as suas ruínas conhecido como Amarna. A cidade foi inaugurada no oitavo ano do reinado de Akhenaton.

Nesse período a influência da Rainha foi muito importante, pois seu carisma fez com que as pessoas aderissem o monoteísmo, a adoração a único deus, reza a lenda que eles foram os primeiros que tentou implantar a crença de um único deus.

Esse carisma e popularidade foi possível perceber através de hieróglifos encontrados em antigas tumbas, também era costume de o casal serem retratados em momentos íntimos em família, como eles brincando com suas filhas, ou até mesmo beijos em público coisa que não era apropriado para a realeza.

Todavia nada dura para sempre, a pressão dos sacerdotes politeístas e de grupos que não aceitava ter apenas um deus, foi tão grande que Akhenaton, não conseguia reinar com veemência, já era sabido que ele não era um bom governante, então sua esposa que teve que intervir, mas nessa parte tudo volta a ficar nebuloso, não se sabe exa-

tamente o que aconteceu, se ela reinou como faraó ou ficou como corregente de seu marido ou outro rei.

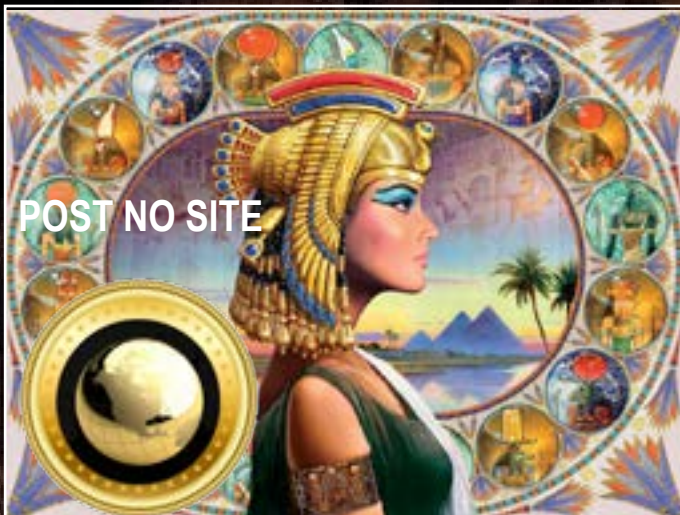
Tudo que se sabe é que depois da morte do faraó Nefertiti praticamente sumiu dos registros históricos.

E assim terminamos a história demais uma incrível soberana.

Só lembrando, a título de curiosidade; que o famoso busto de Nefertiti, até onde se sabe se encontra em posse dos alemães, foram feitas várias tentativas da peça voltar para o seu local de origem, mas até então nada feito. Dizem até que o busto foi parar na alemã de formas escusas.



Rainha Nefertari



Grande Esposa Real, era como Nefertari era chamada. Foi uma rainha da XIX dinastia. Nefertari, cujo nome significa a “mais bela”, a “a mais perfeita”, (humildade para que ne gente), não tinha sangue real, mas vinha de uma família nobre natural de Tebas. Casou-se muito jovem, aos 13 anos com Ramsés II, que tinha apenas 15 anos, sendo que neste período ele ainda não havia se tornado faraó.

Mas um caso de amor profundo; Ramsés amou e muito a sua rainha, mesmo tendo várias outras esposas, a Grande Esposa Real, era a favorita.

Ele a amava tanto que mandou construir um templo em sua homenagem em Abu Simbel. O templo possui uma fachada com seis estátuas de 10 metros cada. A onipresença da figura de Ramsés neste templo era tão grande, que cada estátua era ladeada por duas representações dele, como se ele quisesse proteger sua esposa a todo momento. As estátuas de Nefertari tinham traços semelhantes à figura da deusa Hathor, ornadas com disco solar entre plumas e cornos de vaca. O triste é que

Nefertari nunca viu o templo concluído, pois morreu antes de ficar pronto. Anos depois Ramsés se casou com uma das filhas, pois ela parecia muito com a mãe.

Mesmo depois de séculos e muitos saques, o templo Abu Simbel é o mais luxuoso do vale das rainhas. Durante a restauração, fizeram várias fotos que agora possibilita uma visita virtual pelo local. No final do artigo, disponibilizarei o link para a visitação.

Seu nascimento data de aproximadamente em 1290 a.C., e morreu em 1254 a.C.

Além de uma beleza estonteante, e uma vaidade digna de Cleópatra, já que a toda poderosa, também fazia uso de maquiagens, feita de especiarias e pintava suas unhas de preto, um dos materiais usados era a henna. Ela, era muito inteligente, sabia ler e escrever em hieróglifos, era culta e conhecia bem os por menores da diplomacia, o que fez a ter um importante papel durante o prospero reinado de seu marido.

Assim que Ramsés II subiu ao trono, ele tratou de fortalecer o seu exército e expandir seu território. Todo esse crescimento, tanto político quanto econômico, teve influência da rainha Nefertari, que tinha um papel ativo na política, sendo responsável por atos importantes, como negociações de paz entre povos vizinhos, tal como o Tratado de Kadesh; o acordo de paz realizado entre Ramsés II e o rei hitita Hatusil III ficou conhecido como Tratado de Kadesh. Sempre houve muita tensão entre os dois impérios por questões territoriais, e o objetivo do tratado era de manter relações de paz entre as duas partes. Após a finalização do tratado de paz, Nefertari enviou uma carta para a esposa de Hatusil III, a rainha Paduhepa, desejando paz para seu povo.

“Diplomacia pura, para que possa inimigos, se podemos ter aliados. Estou começando achar



que Nefertari era a “cabeça pensante, atrás do trono”.

A mulher era tão poderosa e pelo jeito querida, que ela foi recebida e apresentada dessa forma em uma festa em Luxor:

“A princesa, rica em louvores, soberana da graça, doce no amor, senhora das duas terras, a perfeita, aquela cujas mãos seguram os sistros, aquela que alegra o seu pai Amon, a mais amada, a que usa a coroa, a cantora de belo rosto, aquela cuja palavra dá plenitude. Tudo quanto pede se realiza, toda a realidade se cumpre em função do seu desejo e conhecimento, todas as suas palavras despertam alegria nos rostos, ouvir a sua voz permite viver.”

Pode falar meus queridos leitores é muito poder e luxo...

No primeiro ano do seu reinado, Nefertari foi associada a atos importantes. Logo após ter participado na coroação do seu esposo Ramsés II, ela foi levada a apresentar-se perante ele em Abidos numa cerimônia em que Nebunenef foi nomeado sumo sacerdote de Amon, assegurando assim a fidelidade deste rico e poderoso clero tebano.

Vê-se nas inscrições egípcias as famosas festas de Mim, onde a rainha fazia o ritual das sete voltas em volta do trono do faraó proferindo as fórmulas mágicas para perpetuar a prosperidade das Duas terras. Este era um ritual sagrado do estado.

No início do século 20, arqueólogos ficaram surpresos quando descobriram o templo da rainha Nefertari. Entretanto, ao abrirem a sua tumba, não encontraram o corpo. O único membro que havia no local era um par de joelhos mumificados. Já em 2016, por meio de pesquisas feitas em análises químicas, de raios-X e de datações de carbono, os egiptólogos constaram que os joelhos pertenciam à uma mulher de cerca de 40 anos.

Além disso, a pesquisa confirmou que o membro foi mumificado a partir de rituais geralmente utilizados pela realeza do Egito Antigo. Segundo os arqueólogos, a rainha foi enterrada junto com as suas joias, que foram colocadas ao redor da sua cabeça e de seus braços. Tal fato contribuiu para que a múmia fosse deteriorada durante os processos dos saques.



Após análises minuciosas da tíbia, os pesquisadores constataram que a múmia sofreu diversas fraturas depois de morta. Além disso, os cientistas descobriram que Nefertari tinha em torno de 1,65 de altura, sendo 9 centímetros mais alta do que a média das mulheres egípcias.

E essa foi a nossa breve apresentação de algumas mulheres mais poderosas da história, elas mostraram ao que vieram, particularmente me senti muito impactada por conhecer um pouco mais dessas extraordinárias. Elas não impressionaram não só pela beleza, mas também por sua inteligência e astúcia na hora de governar.

Na próxima edição iremos trazer as histórias fantásticas da construção das pirâmides de gize, o Faraó Tutancâmon e o Livro dos Mortos. Aguardem...

O texto dessa edição está a cargo do meu amigo escritor e poeta Alexandre Braga. Também vou disponibilizar os links de seus livros.

O Magnans Opus do Divino

Mulher, o magnans opus do Divino,
a você faço este hino,
afinal, o que não é feminino?
O amor é uma mulher,
a força e razão também,
pois é preciso viver para amar, pensar e se exercitar —
e o que seria da vida, sem você para conceber e gerar,
formar cada detalhe do nosso corpo, do coração ao cérebro, e ainda o leite
materno,
o nosso primeiro desjejum?

A fêmea, de tão vinculada à espécie,
por vezes, se confunde
com ela própria,
sofrendo, diretamente,
todas as consequências
da reprodução,
seja por meio da gestação,
ou da amamentação.

Como homem, sou a sementinha;
você, mulher, o desabrochar de uma flor:
toda a força e energia que move os organismos vivos —
nesta perspectiva, infinitamente superior!

Alexandre Braga

POST NO SITE



**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS

Resenhas

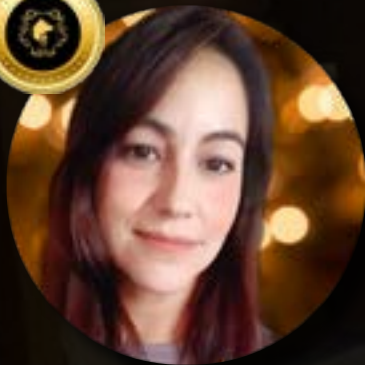
VAI UM



AÍ?

LIVRO

04



PATRÍCIA SOUZA



Estudante de Letras pela Universidade Cruzeiro do Sul Virtual, leitora voraz, apaixonada por livros e séries. Adora compartilhar suas experiências de leituras.

Olá leitoras e leitores da THE BARD!!!!

Que legal estarmos aqui novamente, e nada melhor do que falarmos sobre os autores que admiramos, não é mesmo?

Pois bem, quero compartilhar com vocês hoje a minha breve experiência com dois grandes escritores que adoro e que procuro sempre conhecer mais. Primeiro, José Saramago, nascido em 16 de novembro de 1922 em Portugal, viveu até 18 de junho de 2010 na Espanha. Entre suas diversas obras está *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995) e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991).

Depois, mas não menos importante, vem Hermann Hesse que nasceu no dia 2 de julho de 1877 na Alemanha e faleceu em 9 de agosto de 1962 na Suíça. Escreveu vários livros, entre eles, *Demian* (1919) e *O Jogo das Contas de Vidro* (1943).

Autores de épocas e lugares diferentes, ambos reconhecidos pelo Nobel de Literatura. Tiveram suas grandes obras espalhadas pelo mundo. Entre elas clássicos que ainda encantam leitores. Obras que resistem ao tempo como se ainda não tivessem dito tudo o que tinham a dizer.

Verdadeiros artistas das palavras, que construíram um universo de filosofia com seus textos um tanto reflexivos e atemporais. Romances que te induzem a pensar no impossível como sendo possível e te levando a cogitar reações que te despertam para o autoconhecimento.

Sempre digo que ler Saramago é um grande desafio. Ele possui uma escrita sem pontuações, sem sinalizações de diálogos que te obrigam a reler mais de uma vez o mesmo trecho. Em diversos livros seus personagens não tem nomes e não há referência de lugar e tempo. Mas é isso que torna tudo mais interessante, pois em algum momento você se pegará entendendo tudo o que está ali, e então você passa a ser íntimo desse gênio que é Saramago.

Já Hermann Hesse tem o dom de te guiar para uma viagem interior como ninguém. Sabe aquelas frases de efeito, aquelas que te fazem refletir? Então, tente marcá-las com um marca texto, em um único livro de Hesse e terá um livro inteiro em neon. Ele consegue traduzir em palavras sentimentos confusos e controversos de uma maneira sutil, profunda e delicada, tudo ao mesmo tempo. A leitura é intensa e agradável.

Enfim, grandes autores que deixam seu legado de genialidade e emoção por gerações. Depende de nós, leitores, não deixarmos todas essas obras se perderem no tempo.

Desejo ótimas leituras a todos!

A gente se fala nas redes sociais!

Abraços.

COLUNISTA PATRÍCIA SOUZA

INSTAGRAM

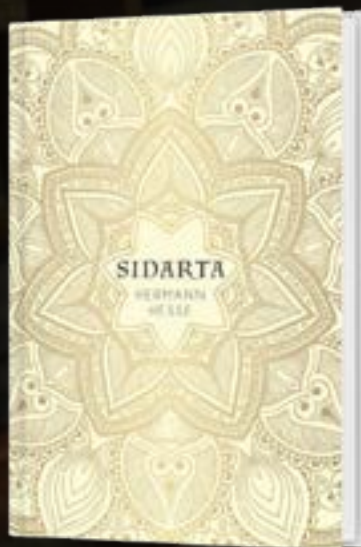


POST NO SITE



Livro: Sidarta

Autor: Hermann Hesse



CLICK AQUI

POST NO SITE



Um jovem belo, inteligente e espiritualizado, de origem nobre, que está sempre interessado em aprender e evoluir, mas, que ao mesmo tempo, sente que lhe falta algo. Sidarta está a procura de iluminação, de sabedoria e de uma doutrina que acabe com a sua insatisfação. Essa busca fará com que esse jovem abandone seus pais, seu povo e suas crenças. E então, acompanhado de seu fiel amigo Govinda, ele partirá rumo ao desconhecido. Durante toda a sua vida, Sidarta trilhará um caminho de aprendizados e de experiências procurando sempre mudar suas perspectivas e repensar seus desejos. Viverá da pobreza, da riqueza, da luxúria, do abandono e de muita meditação.

Encontrará nessa saga elementos importantes e fundamentais para que ele possa construir sua própria essência. Sidarta então se dará conta de que a sabedoria que ele tanto procura nunca lhe será transmitida por outra pessoa...

“A sabedoria não pode ser comunicada. A sabedoria que um sábio transmite sempre cheirá a tolice...”

Um romance filosófico e espiritual que desperta diversas reflexões acerca da verdadeira sabedoria e da eterna busca de significados para a vida.

O autor nos conduz, através de um texto bem poético, a uma viagem interior de conhecimento e evolução.

A sabedoria só é possível se ela estiver acompanhada da humildade.

Um livro muito belo, delicado e inspirador!!!!!!



Livro: O Lobo da Estepe

Autor: Hermann Hesse

[CLICK AQUI](#)

POST NO SITE



Harry Haller é um homem de meia idade que se vê como um solitário rebelde que flerta com a burguesia ao mesmo tempo que a critica. Ele se sente sempre muito dividido entre ser racional, ponderado com ser inconsequente e destemido. O cavalheiro sempre educado vive em conflito com o seu lado lobo atrevido e corajoso. Mas essa eterna batalha entre suas várias personalidades, por vezes, levam Harry a um estado depressivo carregado de dúvidas que o fazem ver o suicídio como uma saída, uma redenção.

Mas, no auge da sua insatisfação perante a vida, Harry será magicamente chamado a conhecer um lugar incrivelmente doido. Conhecerá Hermínia que o conduzirá a uma experiência nova que o permitirá conhecer a si mesmo e a reconhecer suas tantas outras personalidades.

" O senhor não está louco, professor; até me parece que de louco não tem nada. É apenas racional de uma maneira estúpida."

Romance filosófico, reflexivo sobre as várias personalidades que podemos possuir, nossos vários eus, que por diversas vezes divergem entre si. Uma história que nos faz pensar em nossas lutas internas, aquelas discussões de um só indivíduo.

Um livro aberto a várias interpretações. Mas que me fez refletir sobre nossos instintos mais primitivos, e em como muitas vezes precisamos nos domar pra poder viver em sociedade. Todos temos nossos lobos acorrentados, não dá pra sair rosnando pra tudo que nos desagrade.

Leitura fantástica!!!!!!

Livro: O Homem Duplicado

Autor: José Saramago



POST NO SITE



CLICK AQUI



Em *O Homem Duplicado* vamos acompanhar a história de Tertuliano Máximo Afonso, um nome todo excêntrico pra um sujeito bem sem graça e pacato. Ele é um professor de História e tem andado um pouco depressivo e entediado, o que preocupa seu colega de trabalho, o professor de Matemática, que procurando ajudar indica um filme, "Quem Porfia Mata Caça", uma comédia bem mediana.

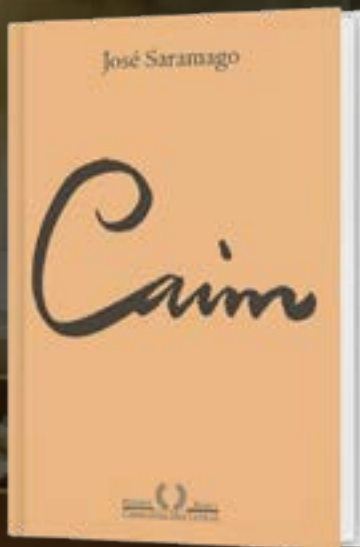
A fim de acabar com o marasmo em que se encontra, Tertuliano vai até uma locadora e aluga o cassete. O filme não é lá grande coisa, mas o que o intriga é que um dos personagens secundários é interpretado por um cara idêntico a Tertuliano, uma cópia fiel do professor. Chocado com essa estranha coincidência sua vida vai virar uma busca paranoica e obsessiva.

As semelhanças entre o ator e o professor são tão absurdas que levam Tertuliano a se questionar se de fato ele seria o próprio original ou se ele não passaria de uma cópia. Sua existência seria um erro? Haveria lugar para a realidade desses duplos? Até que ponto seria possível ser idêntico a outra pessoa? Essa imagem que ele vê refletida diante de si vai além do que ele pode ver?

O final do livro é aberto a interpretações, mas é inteligentemente bem bolado e incrível.



Livro: Caim. Autor: José Saramago.

[CLICK AQUI](#)

COLUNAS E COLUNISTAS

POST NO SITE



Sim, esse é aquele Caim, primogênito de Adão e Eva que, por desobediência, foram expulsos do paraíso. Os irmãos Caim e Abel, crescem e trabalham para seu sustento, e como prova de amor ofertam o fruto de seus respectivos trabalhos ao senhor, esse por sua vez, aceita sempre os frutos do trabalho de Abel, e nunca as ofertas de Caim. Começa aí uma rivalidade que vai acabar no assassinato de Abel pelas mãos de Caim.

Segundo o autor, o senhor aparece para Caim assim que ele mata Abel. E num diálogo repleto de acusações deus expulsa Caim da cidade, mas para assumir parte da sua responsabilidade na morte de Abel, promete proteger Caim de uma morte cruel.

Caim então parte para uma viagem muito maluca e acaba visitando, entre passado, presente e futuro, os principais eventos dos primeiros livros da Bíblia.

Do Éden ao Dilúvio Caim passa por diversos lugares, em diferentes épocas, onde pode testemunhar as ações de deus, que em sua opinião, são um tanto duvidosas e inescrupulosas.

Os diálogos são reflexivos de uma forma criativa e divertida.

Saramago, ateu declarado, levanta questões bastante pertinentes sobre como algumas histórias passadas de geração pra geração, através de livros sagrados, às vezes, não fazem o menor sentido.

Enfim, um livro muito divertido, reflexivo, bem escrito, de leitura agradável e repleto de ações.

Dica de livro bom pra caramba

À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



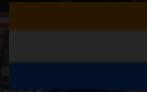
Poesía



Poesia



Poëzie



Poesia



Poesía



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesia



Poesía



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Поэзия



Poesía



Poesia



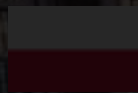
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poesia



Poetry



Poesía



رِعشَلَا

Poesía



Ποίηση



Poesía



Poetas & Poetisas

01



Edna Lessa



Natural de Fortaleza-Ceará, Edna Lessa é professora da rede estadual de ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia e graduanda em Letras. Membro da Academia Tauaense de Letras (ATL). Autora do livro “Para Além de Mim - a Essência do Olhar” e coautora de seis Antologias Poéticas dentre as quais destacam-se Antologia Escritoras Nordestinas (Ed. Casa de Bonecas) e Coletânea Mulherio das Letras Portugal Poesia (Editora In-Finita, 2021). Atualmente é colunista da Revista Internacional The Bard e apresenta sua escrita em seu perfil literário, uma página criada para propagar a poesia, expandir o olhar e ressignificar o sentir.

**“A palavra é meu coração pulsando em mim,
É minha alma, com sede de poesia.” (1)**

Queridos leitores da Coluna Poetas e Poetisas, apresento-me com os versos acima porque a poesia esteve sempre presente em minha vida, não recorro de nenhum momento de ausência. Ela é um horizonte que me leva a um estado de contemplação. E é desta forma que consigo absorver a essência de tudo que vejo e sinto na vida! O olhar é preenchido com a beleza de amanhaceres e com a infinitude do mar azul que toca o céu. Como podem perceber, até onde os olhos alcançam, não há vazios, há completude e poesia.

A poesia é uma das artes mais antigas do mundo, portanto, precede a escrita e ganha novos significados ao transcender o universo das emoções e das coisas inexplicáveis. Etimologicamente, a palavra “poesia” vem do grego antigo “poesis” que significa “criação”, é a arte de escrever em versos, com o poder de modificar a realidade, segundo a percepção e sentimentos do artista.

Nesta edição, apresento como inspiração a grande poetisa Cecília Meireles, por ter sido a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com vasta obra publicada. Sua obra poética apresenta um olhar sensível para

elementos da natureza e para a transitoriedade da vida, abordando temáticas como o tempo, o amor, a liberdade e o infinito. Claramente, sua obra evidencia que a poetisa buscou compreender o mundo a partir de suas próprias experiências. Uma de suas célebres frases diz: “Liberdade de voar num horizonte qualquer, liberdade de pousar onde o coração quiser.” Com isso podemos compreender um conceito importante de liberdade e que podemos ser livres para alcançar, através da escrita e de nossas próprias experiências, os corações que pulsam no universo!

É inegável que a arte da poesia vem nos encantando ao longo dos tempos. A Coluna Poetas e Poetisas tem como referências grandes imortais que por aqui passaram e deixaram suas marcas, seus legados. E o mais importante, é um convite, um espaço totalmente aberto para que novos poetas e poetisas que anseiam por expressão e visibilidade se apresentem no cenário contemporâneo e possam ser conhecidos mundialmente através da Revista The Bard! Uma revista que ecoa no mundo levando beleza, arte e poesia! Deleitem-se com a sensibilidade e magia de toda poesia dos poetas e poetisas nacionais e internacionais da The Bard!

Poetisa



Brasil



COLUNAS E COLUNISTAS

Edna Lessa

MINHA ESCRITA (2)

Sou versos livres, íversos
Poesia abstrata sentida nas horas vazias
No entardecer regado pela monotonia
Ecos de vozes declaram verdades submersas

As palavras são ditas e escritas
Numa tranquilidade resignada
O destino é alheio. Quem o prevê?
Aspiro as páginas em branco
Que ainda serão vividas

O que sei é que não sou
De um lugar, nem de outro
Da vida, não necessito de muito
Do sol, o amanhecer
Da noite, o vasto céu estrelado
Do campo, a simplicidade
Do conhecimento, o grito de liberdade
De cada dia, o recomeço
Da escrita, a entrega.

Escrevo, somo, agrego...
Escrevo e me conheço.



Cidade Tauá,
Estado CE
Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE (1)

POST NO SITE (2)



Poeta



Angola

Alegria Mauro

SER POESIA

Quero respirar
E transpirar
Poesia
Quero viver,
Dormir
Sonhar e acordar
Na poesia
Quero comer
E saciar-me também
De poesia
Quero beber
Se possível me embriagar
De poesia
No frio quero me esquentar
No calor me molhar
De poesia
Aliás, quero mesmo mergulhar
Me afogar
E se morrer
Que seja de poesia
Quero me vestir
E também calçar
Poesia
Quero me cercar de poesia
Perder e encontrar-me entre cantos
De poesia

Quero pintar minhas lágrimas
Refazer minha oração
E desenhar meu coração
De poesia
Na rotunda da vida
Se tropeçar
Que seja na poesia
Na verdade, quero me encher
Sentir o sabor
O cheiro...
De poesia
Quero voar além
Me descuidar
E me segurar
Na poesia
Quero sorrir
E me alegrar
De poesia
Quero ser
Ser verdadeiramente
Uma poesia.



Cidade: Saurino
Estado: Lunda - Sul
País: Angola

FACEBOOK

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Jaque Alenncar

ESCREVO

Escrevo, não por querer
Mas por necessidade

Minh'alma clama pelo verso
Soterrado no peito endurecido

Pela labuta diária do ser poeta
Tentando acalmar a fúria

Das palavras que me perseguem
E sufocam, quando não

Expurgam uma dor inexistente
Para nascer poesia em outra língua.



Cidade: Andaraí
Estado: BA
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Panamá

Annia Muñoz

Estoy pagando el precio de
 Amar a un alma equivocada,
 Un alma que no me pertenece y que
 Trágicamente nunca me pertenecerá,
 Cargando con el sentimiento de lucha entre
 Lo que siento y lo que sé que es verdad,
 Es como querer seguir avanzando
 Pero hay una cadena que me ata al ayer,
 Sigo tirando de ella creyendo que,
 Con éxito, lo estoy logrando, pero cuando
 volteo
 A ver me doy cuenta de que no he dado
 Ni un solo paso.
 Se siente como pasar
 Otra vez por el mismo camino,
 La única diferencia es que mis pies
 Son más pesados, y cada pisada que intento
 dar

Cuesta más que la anterior.
 No puedo hacer que ella
 Se quiera quedar, pero dilatar
 El momento de una despedida certera
 Es el puñal que se clava todos los días
 En mi pecho hasta el instante en el que
 La despedida por fin llega.
 Me estoy hundiendo cada día
 Un poco más en el sentimiento
 De un vacío que nunca se pudo
 Ni se podrá llenar, un hueco que
 Dejó el sentimiento de aquello que pudo
 Y no fue, ni será, ¿sabes?
 Ese anhelo de lo que pude tener,
 Su recuerdo me hace sentir tan cerca y
 A la vez tan lejos, sin poder volver
 A intentarlo y consecuentemente,
 Sin poder seguir hacia adelante.



Cidade: Panamá
 Estado: Panamá
 País: Panamá

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetisa



Angola

Fernando M. Bunga

UM LOUCO APAIXONADO SOB A JANELA

Ó minha donzela negra,
Venho ao som da minha guitarra rudimentar
Apresentar os ditames dos meus desejos
Escuta o meu programa de governação
Escrito na lua pelas batidas do meu coração

Sob a tua janela declaro solenemente
Perante a constituição das minhas paixões
Nesta democracia de amor, serviçalmente
Terei um início de mandato sem fim
Opositores decapitarei na força da opressão
Para governar o teu coração sem sucessão

Ó minha donzela negra,
O teu beijo desabrocha a minha boca
O teu hálito, embranquece os meus dentes

Ó minha donzela negra,
Serei dócil, amável, agradável e gentil
Por ti, colherei rosas até mesmo nas mandíoqueiras
Bloqueio o meu facebook quando quiseres
Para nunca duvidares do amor que eu sinto por ti



Cidade: Uíge
Estado: Província do Uíge
País: Angola

FACEBOOK

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Zezé Matos

SEMEAR

Se a terra é fértil
Mãe generosa a brotar
Por que não semear?
Se o arado está no toque das mãos
Se a semente pede o plantar
Por que não semear?
Se os campos aguardam floração
Se o Sol brilha em raios do acolher
Se a chuva fina prepara o solo a se cultivar
Por que não semear?
Se semeamos...
A colheita em vida
Resposta será.



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Rilnete Melo

PRETO NO BRANCO

Às claras exponho tudo o que fui e o que não fui,
Às claras eu amei e deixei de amar
Das inverdades da vida ou no soturno,
fui e sou o máximo de mim
Não me importa o adjetivo,
este que me apresenta ao mundo
Prefiro o verbo que age em meu
punho.
Quem transparece em ação
se faz universo
então, abro os braços em verso
Apresento-me ao fundo do espelho em sinestesia
e quando me vejo
sou claramente poesia!



Cidade: Pindaré-mirim
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Arely Soares

PARADOXOS

Efluem geleiras de dor
No corpo de meu rio-morto.
Dos olhos represas de lágrimas,
Presas rímas de desespero.
É que o poeta hoje estar tão triste!

E o poema
Cravou no peito.
Quanta dor!
Será que não viste?
Reparem quantas
Palavras líquidas
Escorrem
No trajeto da vida.
Como tempestade
Molham silenciosamente,
Ventos no ventre
Desagarrados

Por dentro.
À frente da
Chuva de turbilhões
Eu-lírico começa
A viver
Enquanto morre no ser.
Contra os para-doxos
Prossegue a lutar,
E aos redemoínhos
Vai confrontar.
Até das profundezas
As linhas
Em ondas vão dissolver,
Tantas ilusões!
Será real?
Será sonho?
Eis a aflita questão,
Num espírito antagônico.



Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Edna Santos

AMARES

Quando a boca fala
O corpo sara.
Uma temporada na praia
E no mar
Para ainda poder viver
Venho ao mar
Buscar tuas ondas
Naufragar em tuas águas
Sem antes ir, de porto em porto
Pláinar sobre os ventos
Que me levam na onda certa
Até o destino desejado
No litoral do Piauí
Que me dá alegria viver aqui
Vivo fortaleza
Vivo abundância.



Cidade: Parnaíba
Estado: Piauí
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Nice Veloso

EUFORRIA

Embríago-me de solidão
Afragando a vida com as mãos
A poesia por mim, escrita
São cartas que minh'alma dita.

Nas madrugadas veladas
As noites passam apaixonadas
Às ruas vazias, desoladas
Brejo das almas desbotadas!

No horizonte da cidade
Vejo o poeta seguindo
Em sua solitude
Carrega sentimento do mundo!

Em suas palavras, esperança
Escritas num velho pergaminho
Com desejo de mudança
Deixa poemas pelo caminho!

O dia rompe a noite
Rumoroso feixe de luz
Nas margens nuas que seduz

Seduz o poeta escrever
Suas cartas de euforia
Amor que acolhe a poesia!



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Rafaela Nawas

RENASCENTISTA

Eu renasci como uma pintura renascentista
Floresci no meio da estrada de pedra
Em um mundo completamente imediatista
Me vi sentada no fundo em uma êxedra

Corri pela alameda com lágrimas nos olhos
Por todos os momentos bons que perdi
No alvorecer sobe os orvalhos
Aí de mim não passar mais por aqui

Ví as estrelas cadentes caírem do céu
Como uma luz que se apaga
E ví o dia clarear, finalmente amanheceu
Aonde eu volto para a minha eterna saga

De caminhada pelas épocas medievais
Dos desamores dos grandes autores
Por todos as festas e festivais
Das artes de todos os pintores.



Cidade: Colorado do Oeste
Estado: Rondônia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Aline Peruzzo

ALÉM-MAR

Em meio ao caos
Fugimos na esperança de encontrar
Um lugar ideal
Além-mar.

Cruzando os mares
Enfrentando tormentas
É incertezas.

Seguindo a rota das estrelas
O acaso nos apresenta.

Encontramo-nos no convés
E por um breve instante
num encontro de olhares
A emoção nos envolve
E o Amor nos invade.

É nessa sintonia
Os corações aquecidos
pulsam em alegria.

Iluminados pela luz da Lua
Atravessando a imensidão do horizonte
Seguímos viagem.

Enlaçados num abraço
Enamorados
Ansiosos para em terra
Firmes chegar
E juntos uma nova vida recomeçar.



Cidade: Mauá
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Wanda Rop

EXUBERAR SENTIMENTOS

“No azul do mar, amar, suspirar
Recordar, contemplar e sonhar
Exuberar sinceros sentimentos
Enaltecer e viver os bons momentos

Na ânsia, desenfreada, por um amor intenso
Saudade de você é um inenarrável tormento
Paixão lasciva, envolvente, torturante
Meu amado, distante, causa dor lancinante

Amor do meu viver, genuína utopia
Lembranças de seus abraços viciantes
E de seus belos sorrisos provocantes”

Emoções na simplicidade de sentir
Na imensidão do mar, a miragem do seu olhar
Acalmando minh’alma sob o reflexo do luar”



Cidade: Porto Velho
Estado: Rondônia
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Sidnei Capella

LIBERDADE DO PASSARINHO

Voa, voa passarinho, vá procurar outro ninho
Voa para bem longe, para onde eu não te veja
Voa durante o dia, antes que anoiteça
Vá passarinho, bata suas asas
Sinta a sua liberdade...
Desfrute da sua capacidade de voar
Voa sobre as terras, voa sobre o mar
Alcance os mais altos picos
Não deixe o predador te pegar
Não desanime e nem esmoreça...
Voa ave amiga, leve o seu canto
E quem ouvir vai enxugar os prantos
Voa para criança
Voa para o adulto
Voa para a multidão
Voa para nação
Aproveite a sua liberdade
Voa, voa, passarinho, canta, canta...
Toca o meu coração
E no dia da sua revoada
Com o seu voo de passagem
Estarei aqui aguardando a sua:
Mensagem
Que é o seu canto de liberdade
Voa, voa passarinho
Na minha árvore está o seu ninho
Tem dias que queria ser um passarinho.



Cidade: São Caetano do Sul
Estado: SP
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Ana Maria

É PROIBIDO

É proibido
Não sonhar
Da vida desacreditar
Desistir de lutar
E não mais esperarçar

É proibido lamentar
Aprisionar, estacionar,
Viver sem alegria,
E não se encantar todo dia.

Perder o brilho do olhar
Deixar o tempo passar
Perder a mocidade
Sem viver de verdade.

Caír e não levantar,
Viver sem emoção
Sofrer sozinho
Quando precisar de colo e carinho.

É proibido apagar lembranças,
Perder a confiança
Se deixar levar pela maldade,
Esquecer a felicidade

Perder a ternura
Viver de amargura
Faltar sinceridade
Viver com falsidade.

É proibido
Faltar pão na mesa,

Saúde e educação
Esquecer a gentileza
Viver na solidão

Não viver sua história
Viver em guerra
Guardar rancores na memória
Não ser feliz nesta terra

É proibido faltar
Conversa na calçada
Gente animada
Brincadeira na rua
Tempo para apreciar a lua

É proibido
Viver sem honestidade
Fazer a partilha com desigualdade
Buscar a felicidade
Sem ter solidariedade

É proibido
Ficar na omissão
O mundo precisa de ação
Não se dê por contente
Vendo tanta gente
Sem lar e sem pão.



Cidade: Quixadá
Estado: Ceará
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Marcelo Papareli

AD AETERNUM PRA FLAVIA PAPARELI

feche os olhos e me dê sua mão
desapegue do tempo e espaço
escute o pulsar do meu coração
doravante teu rumo meu passo

liberte-se agora da insegurança
sinta a proteção do meu abraço
baile comigo uma música mansa
abandone a tristeza e o cansaço

abra os olhos e respire devagar
em meu peito seu eterno abrigo
será esperançoso o seu caminhar
se cerrar os olhos estarei contigo



Cidade: Santo André
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Ivete Rosa de Souza

LÁ FORA

As folhas caem
 O vento do outono sopra suave e frio
 Anunciando que logo virá o inverno
 A vida segue alheia as estações
 Alheia ao mundo ao vazio
 Que se estende por terras mares cidades
 Não importa que as folhas caíam
 Ou o vento sopra
 A cabeça pesa o corpo retrocede
 O coração se deita
 O outono é como a velhice
 Vai esfriando acalmando
 Quando chega a idade
 Que avança a passos largos
 Para um desfecho
 Como se comparando ao inverno
 O frio isolando os sonhos
 Talvez a vida seja assim
 Princípiã no verão das conquistas
 Dos enamorados apaixonados
 Continua na primavera
 Da vida a dois dos rebentos
 Chega ao outono da velhice
 E por fim finda no inverno
 Que esconde definitivo
 A luz do sol.



Cidade: São Paulo
 Estado: São Paulo
 País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Patrícia Proença

METAMORFOSE

Nascem sonhos nas asas da esperança
Gotas de orvalho perfumam jardins
Pássaros sonorizam vida

Tudo se transforma
Uns chegam para alegrar
Outros se vão, nos fazendo chorar

Reúnem-se entre si, numa canção
Construindo seus próprios caminhos
Crísalidas, num manto doce de amor

Na fase ímago, voou em direção ao vento
Estendi seu olhar à natureza
Bateu asas com delicadeza

Ao despertar do dia
Frágil e cheia de brandura
Saiu do casulo e metamorfoseou.



Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Ana Sacramento

OUTONO EM MIM!

É outono dentro de mim
O vento sopra e faz as folhas
Coloridas írem embora
Dançando como bailarinas
Deixando espaço em mim
Para novas folhas surgírem

É noite fria de outono em mim
Folhas secas de desamor
Que me trouxeram dor
Hoje caíram ao chão
Já não tem espaço no meu coração

Amanheceu outono em mim
O sol avermelhado aqueceu os sonhos
Adormecidos entre as folhagens
Secas que foram bailando
Com o vento da vida

É outono em mim
Sinto à leveza da vida
Os cheiros das folhas
Que anunciam que vêm
Folhas novas, nova vida.



Cidade: Mauá
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poeta



Brasil

Giovanni Salgueiro

PALAVRAS

Amada...fale Palavras Duradouras...
E as dedique para mim...sob a Luz do Luar!
Eu lhe darei toda a minha Vida..
Estou aqui...se precisar conversar!
Me ligue...me procure...
Não deixe o Tempo sussurrar!
Palavras...são Palavras...
Mas é tudo que disponho...
Para o seu Coração conquistar!
Sua Alma me amar!



Cidade: Santa Rosa de Viterbo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Antônio M. Bandeira

TROVAS AO MEU NORDESTE

Nos Encantos Nordestinos
Agora com Ariano
Nosso Nordeste é cultura
No circo de lona ou pano

Nordeste é literatura,
É amor e poesia
Vem o Casímiro coco,
Popular com maestria

Os caretas, papangus,
O reisado é emoção,
Cavalo marinho, congada,
Bacamarteiros de ação

Temos a cantoria,
E ainda a embolada,
Artesanato diverso,
Quadrilha arretada,

Na cultura nordestina,
O cordel é relevante
Renda de bilro, couro,
O bordado é instigante

Com nosso mestre Ariano
Mambembes são paladinos
Cravo o coração novamente
Nos Encantos Nordestinos



Cidade: Fortaleza
Estado: Ceara
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Maria de Lourdes

PRECISO ACEITAR

Esta semana recebemos os nossos livros.

A emoção de ter escrito o primeiro livro

é indescritível,

Peguei-o em minhas mãos,

senti seu cheiro,

folhei suas páginas,

as lágrimas rolaram

por não conseguir vê-lo.

Senhor

será que nunca vai passar

a dor da perda da visão?

Tenho que aceitar meu Deus, me ajude.

De joelhos, Senhor,

te imploro, me ensina

a viver sem a visão.

Mas não solte minhas mãos,

pois Tu és meu guia.

Enxugue minhas lágrimas

meu Pai eterno sei que preciso

continuar a minha missão

que é de ser luz pra quem necessita.

Mas não está sendo fácil.

LIVRE TROISIÈME
PROMENADES DE
MÈRE NOZIÈRE EN FR



Cidade: Fortaleza

Estado: Ceará

País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Ekaterina Lutrova

(P)OUSA

carrego nas veias
o que me afasta
das teias que tecem
o silêncio das coisas

- ouça -

na duração
de um sopro
o tempo voa
e pausa.



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Eduardo Grabowski

MELOSO ENCANTO

Quando a partilha do bom cuidado
Mistura-se em frenesi com fervor
Ritmo, frio, conforto e afago
Colo-me em recanto de amor

Entrelaça a pura força de vontade
Abrindo sorriso, ao longe em torpor
Celebrando, emoção, momento e beldade
Unindo o a alma nutrindo dorso de amor

Subindo, em escala penhasco
Com suor toque, canela com Kibe e melado
Saluto o saudável auto recanto e recauto
Por mim em teste, a doce resiliência em si confirmado



Cidade: Colombo
Estado: Paraná
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Milena Ferreira

Meu erro...

Meu erro foi amar você um dia
Meu erro foi achar que você sentia
Meu erro foi me entregar a ti
Meu erro foi sentir, o que senti

Acho você o erro mais bonito que já tive
Eu o amei como nunca amei ninguém
Mas nem sempre é como queremos não?
E eu falo com experiência

Eu sou bem melhor sozinha
Eu não dou certo com alguém
É um fato sobre mim
Eu tentei te fazer rimas

Até mesmo poesia, porém não sai
Nada sai de mim
Me faltam palavras
Mas quem precisa delas se já tenho você?
Minha mais bela rima, misturada com poesias.



Cidade: Aracaju
Estado: Sergipe
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Stella Gaspar

METAMORFOSE...

Sempre existe uma esperança
Com todas as transformações e mudanças
Nesse processo formidável de metamorfose.
Na chuva ou na alegria
Estonteante e surpreendente
É o teu sorriso.
Meu favo de mel.

Imagino-te e te vejo
Nos dias de cada estação
Não sei qual o mais belo
Teu corpo metamorfoseando o meu destino
Ou essa vibrante imaginação.

A vida nos faz amantes
Viajamos com as nossas almas

Impregnadas com efeitos de felicidades.
Com surpreendente metamorfose em trans-
formação
Você é a certeza da afinação do amor.
Do melhor amor
Tão surpreendente, quanto à luz do dia.
Tudo em você é inspirador.

Desnudando a nossa poética
No pensar e viver
Viver em busca do sol.
Tão nobre e caloroso
Quanto nossos sonhos
Tão nossos tão amados
Na suavidade e na delicadeza
Quanto a melhor metamorfose.



Cidade: João Pessoa
Estado: Paraíba
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Vanessa F. Loureiro

Quando as lágrimas chegaram a meus
olhos pensei ter caído em um vulcão.

Ou toda aquela
lava já estava
dentro de mim?

Quando as lágrimas chegaram,
sem perceber
misturaram-se ao sangue ali parado, coagulado já
pelo tempo.

O vermelho forte parecia me dizer: chegou sua hora
de morrer.

Senti salgar a boca, talvez do sangue,
talvez das lágrimas.

Mas saboreei
o melhor gosto
que já provei.

No nada tudo nos parece possível.
Nesse momento,
a meu ver,
tudo era um grande nada.

Já estava
acostumando-me ao frio, ao sabor insosso.
Quando me fez
sentir a poesia,
alegria contagiante quase insana
no fio de sorriso que expressei.

Foi quando percebi
que em poesia
eu era só a mulher
trocando flores em nossa casa abandonada e vazia.

Chorei novamente,
o pranto eterno da saudade, situações mal resolvi-
das.

Nem mesmo
a poesia
me faria de novo totalmente plena.

E a poesia me fez sangrar
pobre mulher fantasma em suas poesias vazias.

Acredito que por um espaço de tempo a loucura me
tomou.



Cidade: Campo Grande
Estado: Mato Grosso do Sul
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Panamá

Axel L. Pabilo

ESPEJISMO DE SÁNDALO

Mágica cuál aurora del invierno
De incertidumbre oscura repleta
Más a su vez con ese sentimiento tierno,
Y ansias de bohemia inquieta.

Absoluta fantasía de mis ideales
Bordada de perlas y marfil
Embríaga a mis poesías nada banales,
Acalla a penumbras cuál candil.

Regalale a cada mañana tu reír,
Y la gracia de tu hermosa sonrisa,
Que a las margaritas con tu belleza haces afligir,
Y las madre selvas éxtasias con tu aroma sobre la brisa.

A las estrellas la pernoctar con su estela cuál ceniza,
Con cantares ahogados en premisas,
del recuerdo ufano en el ocaso,
no es más que el recuerdo de tu sonrisa,
que agravia de alegría a los humanos.

Si yo pudiera sostenerla entre mis manos,
La felicidad en ella conocería,
La calidez y la humildad es su premisa,
Que sosíegan a mí alma,
Pues es aquella que me brinda calma...
Sin igual sin duda es tu sonrisa.



Cidade: Panamá
Estado: Panamá
País: Panamá

BLOG

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Denise da Conceição

CONCORDÂNCIA E AMOR

Hoje faço uma declaração solene
Peço aos ventos que espalhem
Hoje vivo a maior aventura da minha vida:
A dádiva de te amar e pertencer me tornou imortal!

Uma vez que vives em mim,
Vivo em tí, eternamente somos nós:

Somos Poema

Somos Romance

Somos História.

Somos Música e dança

Somos Papel e Caneta

Somos Café e Poesia

Somos Criatividade infinita

Somos Jardim e beija-flor

Somos gratos por viver o amor.

Eu te amo com todas as minhas forças
Minhas estruturas estão abaladas por te amar
Eu te amo de forma inexplicável e incontestável.

E a cada dia eu te amo mais.

Que aventura feliz.

Está tudo bem.

Está tudo ótimo.



Cidade: Rio de Janeiro

Estado: Rio de Janeiro

País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

José Manuel

DISTOPIA

Não é a idade
 Não é a doença
 Nem a crença
 Ou a descrença
 Não é o medo
 Da morte
 Da bala perdida
 Da violência
 Ou do caos
 Isso também
 Mas é a tristeza
 A decepção
 Com a injustiça
 Com o ódio gratuito, a violência
 Com a incapacidade
 De aprender
 Com o passado
 É ver o rico enriquecendo
 Ainda mais
 Para empobrecer o pobre
 Cada vez mais
 É só a mágoa
 De ver o branco
 Matando o negro
 A polícia arrogante, assassínante
 O governo doente, incompetente
 O homem, macho absoluto
 Estuprando a mulher
 De tantas formas
 O trans, o deficiente
 Atacado por ser diferente
 Sendo gente como a gente
 O povo largado, abandonado

Indígenas massacrados
 Terras invadidas
 Não é nada demais
 É só a impotência
 A impaciência
 A desesperência
 Ante o poder dos imbecis
 O atraso, a prepotência
 O reinado da incoerência
 Interesse, cobiça, a verdade refém
 Sob as asas hipócritas do amém
 O mundo todo deu errado
 Mas quem liga
 Em meio à correria
 No reinado do ego
 Na busca celebrítoza
 Trends, likes e seguidores no domínio do algoritmo
 Dog eat dog, no más
 São tempos sombrios
 Seres perdidos, desesperados, desesperançados
 Poder e beleza
 Mascarando a fraqueza
 Ninguém liga
 É mais fácil desligar, desconhecer
 Todos conectados na ignorância das redes
 Não dá pra rimar
 Só lamentar
 Enquanto insistem os incautos em dizer
 Que vai passar.



Cidade: Rio de Janeiro
 Estado: Rio de Janeiro
 País: Brasil

[INSTAGRAM](#)

[POST NO SITE](#)


Poetisa



Brasil

Carla Garcia

SENHOR TEMPO

“Faz tempo!”
 “Em tempo”
 “Já era tempo!”
 “O tempo voa!”
 “Vai dar tempo!”
 “O tempo é relativo!”
 Ah! O tempo!
 Sempre perfeito!
 Sempre constante!

Ora nosso amigo, ora adversário, as vezes cúmplice e outras carrasco, mas sempre professor.
 Há momentos da vida que gostaríamos de parar o tempo ou parar no tempo.
 Os primeiros passos de um filho,
 O almoço na casa da mãe,
 Um banho de cachoeira,
 Uma noite de amor ardente.
 Mas não podemos pará-lo, muito menos voltar nele.
 O que nos resta é aproveitar cada instante.
 E saborear as boas lembranças.



Cidade: Belo Horizonte
 Estado: Minas Gerais
 País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Lorena Clarice

POR ORA, JÁ QUE É SEMPRE TODA VEZ

Por ora, quero voz
Já que toda vez é do outro.
Por ora, quero ser eu:
Eu- livre, eu- minha, eu- do meu gosto.
Por ora, cantar o que não é cantada
Por ora, contar o que não é piada
Sem paradigmas: no corpo e rosto.

Por ora, pelo menos
Quero sentir o gostinho do prazer
Das delícias, de deliciar-me
Na liberdade do meu ser.

Por ora, vestir-me como quero
Sem temer o que sempre espero
Nas vielas cotidianas do viver.

Por ora, cantar a minha canção
Seguir os meus instintos.
Por ora, dançar sozinha
Sem rodeio de olhos famintos.

Por ora, poder ecoar
Minha voz e o que eu desejar,
Já que toda vez são retintos.

Toda vez é o mesmo grito: mudo.
Toda vez é a mesma mordança.
Toda vez são as mãos grossas,
Dilapidando corpo e carcaça.
Toda vez é choro oculto
Do “não pode sair sem grupo”,
Toda vez é a mesma desgraça.

Toda vez acontece,
E não importa o lugar!
Toda vez na rua,
Toda vez dentro do lar.
Toda vez na universidade,
Toda vez na maternidade,
Toda vez conseguem se safar.



Cidade: Riachão do Jacuípe
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Larissa Resende

A VIAGEM

Estou de partida
Desejo conhecer outros lugares
Quero escrever sobre eles
Preciso beber em outras fontes
Visitar os pássaros e as borboletas de outros jardins
Ter com eles alguns dedos de prosa
E que ali, naquele lugar, eu possa também...
Me sentir nova, inteiramente nova.



Cidade: Juiz de Fora
Estado: Minas Gerais
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Cleópatra Melo

SEMEAR

Jardineiro é teimoso.
Se taurino, então, Nossa Senhora!
Se mulher, coitado de Cristo!

A terra envelhece e empobrece;
mas, se apodrece é adubo.

Do tempo vívido,
aprendi usar o apodrecido.
Estranho né?!
Mas faz sentido!

Só se vive uma vez de cada vez.
Então, só a consciência de jardineiro
para o entendimento germinar.

O importante é semear.
A semente e a natureza
saberão o que fazer,
eu mesma não sei,
minha função é semear.



Cidade: Ananindeua
Estado: Pará
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

J.B Wolf

VALSA DE VIDRO

Violência Doméstica

Descalças
em falsas,
desnudo
lamentos,
estuga
teu passo,
no laço
em desabafo.

Descama
teu corpo,
marcado
já triste,
riscado
pingando,
de dor
em desamor.

Tal rubra
de bela
tristeza,
dos lábios
vermelhos,
cabelos quebrados
em piso molhado
e encarnado na mão.

Tão frágil
sem forma
sem força,
inspira do ventre
a tua nobre opção,
empunha tão firme
um cântaro bravo
lançado da mão.

Em golpes na dança,
valsavas em gritos
de injustiça covarde,
violando
teus braços
em tímida
lágrima viva,
de lamento e liberdade.

Macilenta
pálida,
de voz
abatida e sem opção,
levante teu rosto,
deixai o ofensor corpo,
a sua ignorância,
e o vidro chão.

WOLFBIO

POST NO SITE



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil





01



Elvira Drummond



Prof. da Universidade Federal do Ceará e do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Sua formação abraça as áreas de Música e de Literatura, sendo licenciada em Artes, bacharel em piano e mestre em Literatura. Autora de vários livros publicados em ambas as áreas, além de premiada em vários concursos de poesia, trova e crônica.

A COMUNHÃO ENTRE MÚSICA E LITERATURA: O NASCEDOURO DA ARTE.

Música e literatura são artes irmãs, unidas desde o nascedouro... Durante a Antiguidade Clássica — período que antecede a era cristã — os gregos tinham uma visão holística da arte, não dissociando nenhuma de suas manifestações. Os espetáculos artísticos abraçavam música, dança, teatro e literatura, formando um todo significativo, um conjunto coeso e harmonioso.

A palavra “música”, que vem do grego “mousiké”, em sua etimologia, significa “arte das musas”. As musas eram divindades inspiradoras da arte, havendo musas representativas das várias linguagens artísticas, tais como: Calíope, musa da poesia; Euterpe, da música; Terpsicore, da dança; Tália, da comédia, Melpômene, da tragédia... A música, no entanto, funcionava como fio condutor, responsável por aglutinar todas as linguagens em uma só performance; era, portanto, um convite à dança, um apoio à palavra e um apelo à expressão dramática.

A antiga e legítima aliança entre música e literatura, nascida no esplendor da Antiguidade Clássica, foi edificada ao longo da história das artes, atravessando séculos. Vale ressaltar que, ainda na era contemporânea, tal articulação é pertinente e merece especial destaque.

Como ponto de partida, com o intuito de exemplificar a expressiva comunhão entre música e literatura, convém considerar a função prioritária dos instrumentos musicais como indispensáveis no acompanhamento de poemas, quer de caráter religioso, quer de exaltação às proezas de heróis, durante toda a Antiguidade Clássica.

Vale salientar que os gregos adotaram, em sua prática poética, os instrumentos musicais oriundos da cultura egípcia; vários instrumentos, tais como a lira, a cítara, a harpa, flautas de tamanhos variados e alguns instrumentos percussivos (tambores e chocalhos) constituem um valioso acervo musical desse período, sendo a lira o instrumento preferido e, portanto, utilizado de forma recorrente no acompanhamento de poemas. Graças ao uso frequente da lira, o termo lirismo foi definitivamente incorporado como sinalizador do gênero poético.



Instrumentos musicais na antiguidade

Outro aspecto relevante a ser considerado, na comunhão música e literatura, é a atribuição do nome das notas da escala. A denominação das notas teve origem, a princípio, nas letras do alfabeto — critério ainda utilizado em países anglo-saxões, em que o A corresponde ao lá, o B ao si, o C ao dó, o D ao ré, o E ao mi, o F ao fá e o G ao sol. Já nos países latinos e eslavos, a denominação das notas musicais deve-se ao monge italiano Guido D'Arezzo, que, no século XI, idealizou um sistema para facilitar a memorização das sete notas musicais, usando as sílabas iniciais de cada verso do Hino a São João Batista:

Ut queant laxis/ (Para que possam)
Resonare fibris/ (ressoar maravilhas)
Mira gestorum/ (de teus admiráveis gestos)
Famuli tuorum/ (com fervorosos cantos)
Solve pollut/ (apaga os erros)
Labi reatum/ (dos lábios impuros)
Sancti Ionnis. (Ó São João!)

Assim surgiram ut, ré, mi, fá, sol, lá, e si (“s” de Sancti + “i” de Ionnis). Em 1693, seis séculos mais tarde, o vocábulo ut, sendo de difícil pronúncia no solfejo, foi substituído por dó.

Nos primórdios — entre a fala e o canto:

Caminhando mais ainda na linha do tempo e aportando na origem da linguagem, ou seja, a língua enquanto instrumento vital de comunicação humana, é de singular importância o que nos diz o linguista Segismundo Spina, professor catedrático da USP. Segundo Spina, o aparecimento da linguagem humana abraçou um feixe de atributos, tais como a mímica, a interjeição, o grito modulado e o próprio ritmo, surgindo, posteriormente, os expedientes de formação lexical, a exemplo da onomatopeia e, ainda, o uso de comparações chegando até mesmo à metáfora — fatores determinantes para o esclarecimento semântico e o enriquecimento verbal.

Darwin, em sua obra revolucionária “A origem das espécies”, publicada em 1859, sugere que algumas manifestações de natureza musical parecem ter precedido o desenvolvimento da linguagem. As evidências apontam o canto e a dança como expressões que precederam a fala, sugerindo ser a música a linguagem da humanidade.

Não resta dúvida que os parâmetros sonoros — duração, intensidade, altura e timbre — são os mesmos para a voz falada e a voz cantada. É, portanto, através da articulação desses parâmetros, que obtemos as sílabas, os acentos vocabulares e o fraseio que conduz o fluxo da respiração.

É importante lembrar que as línguas primitivas são excepcionalmente ricas em inflexões expressivas. A fala cantada, embora não seja reconhecida como gênero, é assim nomeada pelos índios pertencentes à tribo Kuikuro, do alto do Xingu. (A pesquisa junto aos índios Kuikuros teve início no ano de 1976, estendendo-se por toda a década de 80, tendo à frente a doutora em antropologia e docente do Programa de Pós-graduação da UFRJ – Bruna Franchetto – como parte de seus estudos etnolingüísticos). (Cf. FRANCHETTO in MATOS / TRAVASSOS / MEDEIROS (org); 2001: 42).

Não há fronteira nítida demarcando o espaço da fala e do canto. A diferença gradual (entre fala mais ou menos melodiosa) é estabelecida mediante as celebrações e práticas rituais, considerando, entretanto, que a fala coloquial já mantém de modo significativo o caráter melódico (que diz respeito, sobretudo, à altura do som), revelando-se na voz falada através de ondulações tonais.

O Chinês, como língua tonal, apresentando várias entonações para a mesma palavra conforme seu sentido, guarda vestígios das línguas primitivas. As línguas tonais aproximam-se das sílabas-símbolos mânticas, onde a mais sutil variação de quaisquer dos parâmetros sonoros implica resultados significativos. (Cf. KOLLERT; 1994: 65).

Rolan Barthes, em entrevista concedida a Hector Biancotti, afirma:

“... da mesma maneira que hoje graças à noção de 'texto', aprendemos a ler a própria matéria da linguagem, assim, será preciso aprender a escutar o texto da voz, a sua significância, tudo que, nela, ultrapassar a significação”. (BARTHES; 1995; 206).

O texto da voz nos remete à linguagem única falada por todos os homens no relato da Torre de Babel – presente no livro do Gênesis: “Ora, em toda a terra, havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar.” (Livro do GÊNESES; 11 – 1: 14).

O som puro misticamente antecedeu a palavra e em virtude de seu poder evocativo faz aliança com a natureza, o que lhe concede forças transcendentais.

Em artigo intitulado O Grão da Voz, Roland Barthes nos diz: “... existe algo (...) que está além (ou aquém) do sentido das palavras, de sua forma (a litania), do melisma e até do estilo da execução. (...) O grão seria: a materialidade do corpo falando sua língua materna”. (BARTHES; 1990: 239).

A emissão da voz está, portanto, diretamente vinculada à concentração de energias internas e externas. A entonação, o ritmo, a cadência do fluxo verbal são fatores determinantes para o entendimento das palavras, o feedback do processo de comunicação.

O componente melódico (atributo do parâmetro da altura) parece vincular-se diretamente à área do afeto, motivando a E-moção, ou seja, o “movimento para fora” – a catarse – como versa na Arte Poética, de Aristóteles. (Cf. Aristóteles, Longino, Horácio; 1997: 24).

Segundo o musicólogo Bruno Kiefer, no desenvolvimento das línguas indo-européias, talvez o fenômeno mais significativo seja o deslocamento do tom para a intensidade, com um visível prejuízo melódico. Kiefer atenta para a preponderância do elemento rítmico (que envolve os parâmetros de duração e intensidade) na linguagem dos povos em geral, individualizando as diferentes línguas e implicando, ao mesmo tempo, o significado da mensagem emitida:

“... o ritmo é uma linguagem que se insere numa língua de um modo essencial, mas com certa independência. (...) Cada língua possui uma rítmica própria, uma rítmica geral, inconfundível (...) Na verdade, cada indivíduo sobrepõe a esta rítmica geral a sua própria,

condicionada, por sua vez, pelo estado emocional e pelas intenções expressivas”. (KIEFER; 1979: 39).

O conjunto de fatores que envolvem a fala, aspectos relacionados ao ritmo, à cadência, ou mesmo às pequenas ondulações melódicas, esboçam uma melodia embrionária que caracteriza cada idioma e, particularmente, o modo de falar de cada indivíduo.

A linguagem atinge sua plenitude no canto, visto que a voz falada utiliza apenas uma parcela ínfima dos recursos vocais, enquanto o canto permite o uso de todo o potencial da voz e, por sua grandeza, chega, por vezes, a obscurecer a palavra, muito embora a glorifique.

A palavra — bússola sonora, no cantochão.

Nos primeiros séculos da Idade Média — o período mais longo da história, indo do século V ao século XV — a prática musical estava, sobretudo, vinculada à Igreja; cantava-se poemas religiosos e hinos em louvor a Deus.

Santo Ambrósio, bispo de Milão que viveu no século IV, muito colaborou com a escrita, ainda bastante imprecisa, dessas primeiras melodias religiosas. No entanto, foi somente no século VI, com a iniciativa do Papa Gregório (passando à história como “Gregório, o grande”), que foi estabelecida a unificação do repertório usado pelos cristãos para entoar louvores ao Senhor.

Com o título de “Regula Pastoralis”, Papa Gregório compilou cânticos religiosos (boa parte coletados por Santo Ambrósio), que ficou conhecido como “Antifonário de Cantos Gregorianos”. O termo “canto gregoriano” passou a ser sinônimo de cantochão, tamanha a sua popularidade.

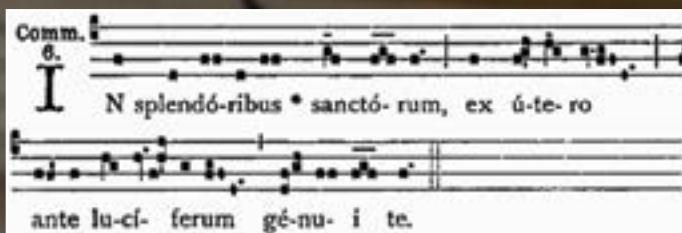
As melodias gregorianas ou no estilo cantochão eram assim denominadas por sua natureza linear, pouco se afastando da linha determinada como base (ou “chão”) da estrutura melódica.

A melodia que habitualmente veste as palavras do canto gregoriano segue uma tênue on-

dulação melódica, em total consonância com os dizeres do poema religioso. A palavra conduz a melodia que pontua com pequenos intervalos ascendentes e descendentes a semântica dos versos. Muito embora permaneça fiel aos ditames da palavra, a melodia delinea o caminho: a palavra sinaliza; a melodia determina...



mosaico bizantino - séc. V



Canto gregoriano

Convém salientar que essa sólida comunhão entre TEXTO VERBAL E TEXTO MELÓDICO, estabelecida desde os primórdios, tem no cantochão uma de suas mais legítimas alianças.

Com as ideias inovadoras do Iluminismo, ocasião em que o homem abandona o teocentrismo da Idade Média e passa a exaltar seus próprios feitos, as artes vivenciam um processo gradativo de dissociação — à medida que os conhecimentos são aprofundados, vindo à tona nuances significativas das várias linguagens artísticas, ocorre uma visível fragmentação das artes. O homem vislumbra a luz gradativa do saber, mas, em contraponto, deixa-se ofuscar por esse brilho excessivo, resultando numa espécie de miopia panorâmica, que em nada favorece a primitiva visão holística dos gregos.

No entanto, no que diz respeito ao vínculo música e literatura, a vertiginosa evolução não sombreia a cumplicidade dessas duas linguagens. Música e literatura continuam interagindo, em permanente diálogo... um constante exercício de envolvimento e completude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARISTÓTELES; LONGINO; HORÁCIO. A poética clássica. 7ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
2. BARTHES, ROLAND. O grão da voz. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
3. _____. O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
4. BELINTANE, Claudemir. Vamos todos cirandar in *Mente e Cérebro* nº3. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.
5. CAMPBELL, Don. O efeito Mozart. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
6. CICERONE, Paola. Em ritmo musical in *Mente e Cérebro* nº3. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.
7. COSTA, Clarice Moura. Os sons da vida e a constituição do sujeito in *Psique – ciência e vida*, nº23. São Paulo: Editora Escala, 2007 – ano II.
8. DARWIN, Charles. A origem das espécies. São Paulo: Editora Edipro, 2018.
9. GARDNER, Howard. Estruturas da mente. Porto Alegre: Artmed, 2002.
10. _____. Arte, mente e cérebro. Porto Alegre: Artmed, 1999.
11. KIEFER, Bruno. Elementos da linguagem musical, 3ª Ed. Porto Alegre: Movimento, 1973.
12. KOLLERT, Günter. A origem e o futuro da palavra. São Paulo: Antroposófica, 1994.
13. LÉVI-STRAUSS, Claude. O cru e o cozido. (Vol. I das Mitológicas). São Paulo: Brasiliense, 1991.
14. MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda T. de. Ao encontro da palavra cantada – Poesia, Música e Voz. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
15. PLATÃO. A República. Portugal: Publicações Europa-América, 1975.
16. PORCHER, Louis. Educação artística: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982.
17. SPINA, Segismundo. Na madrugada das formas poéticas. São Paulo: Ática, 1982.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS

Caldeirão Cultural

01



Juliana Hunzicker



Juliana Hunzicker Amaral, 44 anos, escritora, poetisa e contista. Estudante de jornalismo e eterna aprendiz, de Bauru SP. Desde muito nova rabisca poesias, escreveu seu primeiro conto policial aos 18 anos. Participou de 5 antologias com contos e poesias, em diversas editoras. Hoje é colunista do portal Bauru Literatura, tem alguns livros e e-books publicados. Segundo a escritora, escrever liberta, salva e eleva a alma.

APRESENTAÇÃO

Caldeirão Cultural trará matérias interessantes e necessárias do mundo da cultura, arte, música e literatura. Pontos de vistas diversos, curiosidades, influências, e dicas. Com um olhar singular da escritora.

Nessa primeira matéria falaremos sobre o mundo autoral independente visto de vários ângulos, trás discussões sobre talento, apoio e investimento. Como tudo isso misturado em um caldeirão funciona? Como os artistas batalham por suas obras? Até onde ser artista independente é bom? Essa mistura está gostosa de ler. Envolve-se!

SITE BAURU

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



O mundo autoral independente e seus desafios

E escrever é fácil, prazeroso e transforma a vida de quem lê. Porém ser um escritor independente no Brasil está longe de ser fácil. Vemos pouco apoio público e privado, grandes editoras que não abrem espaços e na maioria das vezes o auto investimento acaba por desanimar quem quer ter suas obras mostradas a todos. Isso acontece no mundo da música também. Trazemos nessa matéria um pouco dessa experiência. Dos percalços, alegria e esperanças. Uma discussão necessária, em que artistas e apoiadores mostram suas opiniões e desejos.



Denis Nishimura, @nippong, 52 anos, formado em Letras, escritor independente, é brasileiro e reside no Japão, a verdadeira experiência de uma publicação feita por uma editora foi só em 2021. “O suporte em todas as etapas foi tão bom que aquela experiência de publicar me encorajou a fazer mais três trabalhos”, conta Nishimura. Sobre ser um escritor brasileiro no Japão ele ainda enfatiza, “acho, que ser escritor é um desafio para todos nós, independentemente do lugar onde vivemos. Amo este país que se tornou a minha segunda pátria, mas o grande desafio é vencer o cansaço e produzir material literário numa vida dividida entre trabalho, família e afazeres domésticos. Em geral, me obrigo a me debruçar sobre a escrita uma horinha por dia.”



Em Rio claro SP, a escritora e terapeuta holística Eliana Bauman, @eliana_bauman, 66 anos, também formada em letras e como Nishimura, escritora independente, “não é fácil, escrevo por prazer e espero de coração contribuir um pouquinho no crescimento moral, intelectual e espiritual de quem puder atingir. Eu escrevo apenas há 3 anos, porém tenho esperança de escolas, um dia, poderem adquirir meus livros. São livros que trazem boas e emocionantes mensagens, por isso, aposto neles.

Bauman e Nishimura se conectaram na pandemia através das redes sociais, já escreveram 2 livros juntos e estão preparando o terceiro. Sobre apoio e auto investimento eles tem pensamentos parecidos.

Nishimura observa que: “assim como no Brasil, existem alguns incentivos à arte e à cultura aqui no Japão, mas elas estão restritas a poucos, seja por ignorarmos os procedimentos, seja porque a buro-

cracia é muito grande. No meu caso, também existe a barreira do idioma, além é claro de não ter tempo para ir atrás de ajuda financeira para os meus projetos.”

Já Bauman explica: “Apanhei no início, existe editoras que prometem vender seus livros dentro e fora do Brasil, e por conta disso te cobram um valor muito grande. Hoje, sei que não é por aí, o escritor deve trabalhar muito para que suas obras sejam conhecidas e valorizadas.”



Nishimura ressalva: “Se por um lado não há muito apoio da editora, só frisando que não tenho o que reclamar da minha, por outro, não há restrições para a comercialização e divulgação da obra. Dá para fazer sorteio, divulgar exaustivamente nas redes e você é o dono de todas as decisões.”

O interessante das editoras independentes é exatamente isso, liberdade. Você consegue trabalhar bem a revisão a capa e os detalhes do livro. A atenção dada é importante para esse processo. Mas a comercialização e divulgação é por conta do escritor. Essa parte é complicada, não são todos os amigos que consomem suas obras, e você tem que buscar alternativas, expandir sua divulgação, fazer sorteios, estimular as pessoas a terem curiosidade sobre os livros. E uma realidade que bate de frente com o autor independente é o preconceito em relação a autores desconhecidos. A grande maioria dos leitores preferem comprar uma obra famosa, seja pelo status ou por influência da mídia., Bauman concorda: “leio obras lindíssimas, que considero, muito das vezes, melhores que livros famosos, mas infelizmente não chegam a ser conhecidas.

Denis ainda complementa: “existem 2 preconceitos básicos sobre livros: 1) Leitores dão preferência para autores estrangeiros a menos que o autor nacional esteja no hiipe; 2) Autores nacionais são ruins. Essa pode doer, mas que atire a primeira pedra quem nunca pensou assim. Me vejo na obrigação de quebrar esse paradigma. Tenho me deparado com um grande número de autores nacionais fantásticos e que me surpreenderam com suas obras.

E para quem pretende ingressar nesse mundo fantástico da escrita independente, Bauman dá algumas dicas: “O caminho para escrever é querer compartilhar algo que saltou do seu coração, você sentiu que foi muito bom e vai querer que outros sintam o mesmo que você. Se isso está te acontecendo, meta a cara, vá em frente. O universo precisa de emoções; de pessoas que possam contribuir para deixar os corações mais suaves e as mentes mais positivas e atentas aos detalhes perfeitos e maravilhosos que está em tudo e em todos.” E para Nishimura, “dizem que o entusiasmo é o combustível que move os sonhos e os transforma em realidade. A coisa mais importante é amar, ter paixão pelo que se faz. Mas os sonhos são como água quente que se não houver uma chama, ela esfria. Manter-se em movimento, em atividade e acreditar no seu projeto. Se você não acreditar, ninguém o fará por você!”

Um lado importantíssimo dessa jornada independente são os espaços para divulgar as obras e os escritores, um belo exemplo é o site @bauru-literatura comandado pelo Thiago Augusto Corrêa, @thaugustocorrea, 37 anos, editor, formado em Letras, pós graduado em Gestão Cultural. Corrêa conta como o site começou e seu objetivo: “de certa forma, o BauruLiteratura é uma consequência de um projeto anterior, do qual editei o poeta Luiz Vitor Martinello. Como tive contato com muitos outros autores na ocasião, percebi que faltava um espaço mais centralizador da literatura local, pois mesmo entre si muitos autores não conheciam a obra literária do outro. Então, o site surgiu com a intenção de suprir parcialmente essa necessidade, oferecendo um espaço gratuito para publicação dos autores da região.



” Ele ainda continua: “ O site está no ar desde fevereiro de 2021, bem novo. É muito bom conhecer novos escritores e, muitas vezes, há surpresas felizes. Os autores sempre são muito receptivos ao site e observo que, em geral, as primeiras experiências sempre vêm cheias de expectativa. Muitos deles ainda estão formando seu público-leitor, portanto não sabem qual será a reação dos leitores para esse ou

aquele texto. E eles sempre são ansiosos para serem lidos, então, sempre aconselho calma, que os textos vão encontrando seu público.”

Esse espaço, além de divulgar os trabalhos acabam engajando as redes sociais e o networking vira uma ferramenta necessária para a interação entre o público e os escritores. Funciona também para o site que quando divulgado pelos escritores, acaba atraindo mais participantes e obras interessantes.

Em relação a investimento Corrêa ainda destaca: “o BauruLiteratura contou inicialmente com o apoio da Lei Aldir Blanc para sua produção. Por isso, houve um aporte inicial de investimento que garantiu a boa execução do projeto. Mesmo sem um retorno financeiro, pude trabalhar com uma verba inicial. Porém, todo projeto precisa de manutenção para se manter, então, em algum momento, o aspecto financeiro entra na equação também. Até o momento, os gastos são aceitáveis, mas destaco que qualquer produtor cultural sempre deve pensar nesse aspecto para a saúde do seu projeto.”

Sobre apoio Corrêa explica: “A cultura em geral no país, e mais especificamente a leitura, ainda não é vista como uma necessidade básica. Então, precisamos de ações de políticas públicas que tanto levem as diversas culturas a todo país como ensinem a população de que, tais como outras necessidades básicas, a cultura é vital. Mas a realidade que sabemos e vivemos diariamente são de baixas verbas destinadas a cultura e muita mentira contada sobre como essas verbas ou ações são feitas.

As ações privadas, também são bem vindas, mas em geral é importante termos em mente que sempre há uma empresa investindo e, normalmente, sua intenção é ter algum benefício por trás do investimento, seja em publicidade positiva, uma parceria que lhe terá visibilidade, então é um processo mais delicado.”

E ainda enfatiza sobre esse apoio ser mais difundido “ principalmente, políticas públicas que compreendam a cultura como necessidade básica.

Em minha visão, o governo deveria ser um exemplo fundamental da necessidade da cultura no país. E, do outro lado, precisamos compreender que ter uma editora ou trabalhar com cultura no país, por exemplo, é um negócio como qualquer um. Dessa forma, se um governo também desenvolve sistemas mais simples para empresários e microempresas, o mercado livreiro e os artistas também podem se beneficiar.”

Corrêa ainda dá dicas para escritores e editores que estão começando nesse universo complexo. “ Minha dica é em duas frentes, vale tanto para escritores como editores e profissionais da área. Se você é um escritor, sempre leia e continue escrevendo, esqueça a ideia de inspiração, escrever é cansativo e trabalhoso, quanto mais se escreve, melhor se escreve, então, escreva. Se é um editor, pesquise, analise outros editores e empresas. Se for um editor da escrita, leia outros editores, se for um editor voltado ao mercado, estude papéis e outros sistemas de produção. E finaliza: “ O mundo autoral já tem mudado recentemente com a queda de grandes lojas, a ampliação dos livros digitais via Amazon e outras mudanças editoriais. O enfoque hoje é um autor presente que também vende seu produto e está consciente com o que acontece com o universo dos livros que ele escolheu. Portanto, é fundamental esse autoconhecimento.”



Um lado importante desse universo independente é o nicho musical autoral. Um exemplo é a @rivergooficial, uma banda de rock de Bauru SP, com 3 anos de existência e com músicos com mais de 10 anos de experiência, a banda está construindo sua identidade e batalhando para levar seu som

ao público. @felipeluz @lucasjung @alanaugusto e @jeffreis tiveram uma forte influência de country rock e blues rock, conectaram-se ao longo da vida trabalhando com música. Quando decidiram criar o conceito da banda através de experiências musicais, pensaram na água fluindo num rio, daí o nome da banda, são como as possibilidades da vida, que passam e se renovam. Para Felipe Luz, 28 anos, vocalista e front man da banda, não é nada fácil a fidelização do público em um modo geral, principalmente quem consome banda famosas, mas, segundo ele, a banda ignora o desejo desse público e tenta mostrar uma nova ideia independente, que apesar dos obstáculos vem dando certo. “ A banda ainda é um bebê, tem apenas 3 anos, então essa busca de fidelização ainda continua e sempre vai continuar”, enfatiza Luz. Na pandemia a banda se afastou do palco, mas não do público, procurou manter viva essa conexão através de lives e das redes sociais. Também trabalharam em um novo projeto. E o networking com outras bandas, autorais, ainda dentro da pandemia, foi fundamental para se fortalecerem. E Luz enaltece “ extremamente necessário” esse contato e troca de experiências.



Sobre apoio público e privado, Segundo Luz, “Ambos são fracos. O privado busca dinheiro, sem incentivo à cultura independente não há pessoas pra consumir, sem pessoas não há dinheiro. O apoio público é um pouco maior, mas não tão fácil. Existem editais que ajudam, mas nós vemos que principalmente prefeituras, gastam milhares de reais por eventos com artistas renomados. É importante trazer esses nomes fortes pra população, mas não existe um olhar mais próximo pra cultura independente, autoral e regional. É necessário, muita insistência e luta pra conseguir ser notado por aqueles que tem a possibilidade de fazer algo pela cultura.”

A banda já ganhou 2 concursos regionais. O QFestival em Araçatuba SP, e o Rock Blus Brasil em Sertãozinho SP, ambos organizados por empresas privadas. O primeiro teve o apoio da prefeitura e de algumas mídias de comunicação. Dentre os prêmios eles ganharam instrumentos novos, oferecidos pela empresa organizadora, e um show exclusivo em um bar parceiro na cidade. Esse tipo de apoio de bares e casas noturnas também é um agregado potente das bandas, que vêm em espaços assim, uma forma de levar sua música ao público. Já no 2º, além de tatuagem e instrumentos, foram premiados com duas gravações no estúdio de um dos apoiadores. Esse tipo de concurso, além de incentivo é uma forma das bandas se encontrarem, e do público conhecer novas propostas de música, além claro do engajamento e fortalecimento das redes. “Vencer os concursos foi muito importante pra dar um respaldo e oxigênio pro trabalho que fazemos”, explica Luz. “E a nossa vitória, pode gerar benefícios e abertura de espaços e visibilidade para outras bandas”.

Luz contou que a maioria dos prêmios foi revertida em dinheiro, através de venda e rifas, para financiar o projeto do novo CD, sem data ainda para lançamento, mas que algumas músicas já foram disponibilizadas nas plataformas digitais. O auto investimento é um dos perrengues que os músicos passam, pois gastam muito com estúdio, gravação, divulgação, vídeo, fotógrafo e marketing nas mídias sociais. Na maioria das vezes tiram dinheiro de outros trabalhos, ou usam o cachê de show para fazer um caixa e bancar esses custos, que geralmente são altos.

Ainda em relação ao mercado atual, Luz ressalva, “O mercado tem a possibilidade de ser muito rico. Os produtos de qualidade estão ali, basta uma organização de quem faz parte desse mercado para que isso que propague. Tem muita gente talentosa pra aparecer. Precisamos abrir os espaços. “Nem todos esses talentos conseguem sobreviver e se manter ativos com recurso financeiro próprio. O olhar do poder público e empresários, são necessários, para concursos como esses que a @rivergo ganhou, por exemplo, continuarem existindo. E levando cada vez mais música e arte de qualidade para o público.

Uma dica que a banda dá como incentivo para quem está começando é que “além do clichê de “Ame o que você faz”, “Acredite em si mesmo”, “Paciência e persistência”, nós devemos olhar a engrenagem do nosso trabalho. Buscamos melhorar a cada dia nossas estratégias, nossas partes técnicas, nosso marketing, planejamento financeiro. Parece papo de coach, mas pra manter vivo um trabalho desse, é necessário que sejamos profissionais com o que oferecemos as pessoas. Isso não é ser algo diferente do que você é, isso é preparar o terreno pra ser quem você quer ser.

Um lado interessante nesse processo de divulgação e apoio são as rádios. Cléber Maçaneiro, 50 anos, locutor e produtor musical, de SC, trabalha em rádio desde 1989. Atualmente no comando da web rádio, @antena.rock, ele diz que sempre gostou de apoiar bandas autorais.

Sobre a aceitação do público ele ressalta: “É mais difícil o público de rádio aceitar o autoral independente, mas se tiver qualidade eles aceitam e até opinam. Tem muita gente que procura ouvir web rádios rock apenas pra saber o que rola no underground do rock. Sempre tem e sempre terá público para isso.” Na rádio de Cleber toca entre outras bandas, a @rivergooficial, e ele também se tornou o produtor musical do novo CD da banda. Essa proximidade com as bandas vem de longe e segundo Maçaneiro, já lhe trouxe muitas alegrias. Ele conta: “Lembro de uma banda que produzi, há muitos anos e essa mesma participou de um festival onde eu era o apresentador. Um integrante falou algo tipo “*Obrigado por ter produzido nossa banda! Sabemos que não temos condições de vencer um festival com bandas tão boas, mas só de estar aqui já nos consideramos vencedores...*” Eles não sabiam, mas em minhas mãos já estava o resultado do festival e ficaram muito surpresos quando anunciei que eles haviam vencido! Foi muito emocionante ver uma turma tão humilde e simples, ganhando de grandes bandas da época.”

Esse tipo de “gás”, é essencial para parcerias como essa perdurarem. As bandas, além de ter um espaço de divulgação criam laços profissionais que ajudam na construção de sua identidade e lógico, dão um UP na carreira.



E em relação ao futuro do universo autoral independente. Maçaneiro destaca: “ O Mercado é algo muito diferente do que imaginamos! O que falta para uma boa banda deslanchar é um bom investimento e principalmente produção. Hoje não basta você saber tocar bem um instrumento... É necessário ter produção! E não me refiro à parte musical, mas sim, num geral! Desde show, figurino... Lógico que pra todo sucesso precisa ter também um bom investidor. Tudo é muito caro e as coisas acontecem muito rápido. Hoje você está em Alta, amanhã... Quem sabe?”

Maçaneiro deixa um recado importante para outros meios de comunicação. O famoso “a união faz a força”: “As Rádios abertas que tocam rock, geralmente já apoiam de alguma maneira. O que precisam entender é que ninguém trabalha de graça. Se uma rádio (aberta) cobra pra tocar é que ela tem contas a pagar. E mesmo o artista pagando para sua música ser tocada, não quer dizer que você vire sucesso. Mas apoiar é nosso dever... Se não puder investir, que seja como divulgador! Ouça, consuma o rock independente! As bandas que hoje fazem sucesso nacional, um dia tiveram um início também.”

O que auxilia muito esse universo da arte independente hoje além das redes sociais, streamings de música e sites especializados em vendas de e-books, que acabam sendo fundamentais para a divulgação desses trabalhos, é sem dúvida a perseverança do artista, o sucesso e o dinheiro não veem rápido, lucro é consequência de trabalho árdua e insistência. Hoje, poucos conseguem viver da sua arte, a grande maioria ainda tem uma segunda ou terceira renda. O importante é, se você tem vontade de escrever, ou formar uma banda, saiba que o caminho é longo e cheio de obstáculos, mas que se torna prazeroso quando sua arte é, de alguma forma, reconhecida. Acreditar no próprio talento, praticar sua arte, fazer networking e conhecer os apoiadores e parceiros certos, esse é o caminho para crescer e aparecer.

POST NO SITE



EDIÇÃO SETEMBRO & OUTUBRO 2022



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER



EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2022



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2022**

PERÍODO DE 10 DE AGOSTO À 05 DE OUTUBRO .



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



Esnuda em Palavras

Erótico



02



Tônia Lavínia



Escritora, mineira, natural de Sete Lagoas- MG, autora do livro erótico: “Deliciosamente Libertino”, atualmente está trabalhando no seu segundo livro erótico: Meu nome é Maximus. O qual faz parte da trilogia Maximus.

Vamos falar de....

Olá, caros leitores!

Me chamo Tônia Lavínia e estou muito feliz em fazer parte da Revista The Bard, trarei nesta edição e nas posteriores um pouco sobre o mundo erótico, os grandes autores do gênero, as suas singularidades, características e suas as transformações ao longo da História desde os primeiros escritos até os dias atuais. Há muito a ser contado, então vamos lá!

Nesta coluna vamos trazer um pouco sobre a história de Anaïs Nin... As palavras eróticas que lutaram pela sexualidade feminina.

Em seguida apresento a vocês o quadro Identidade Libertina, onde trarei textos eróticos de minha autoria.

E por fim, mas não menos importante, apresento a vocês: Lion Blanc Escritor e BDS-Mer- Sádico e Dominador, em uma entrevista sem amarras sobre o erotismo, e para finalizar seus maravilhosos textos.

Vem se deliciar!

POST NO SITE





GRANDES AUTORES ERÓTICOS



Anaïs Nin

Anaïs Nin nasceu numa cidade perto de Paris, no ano de 1903. Filha de Joaquim Nin, e Rosa Culmel y Vigaraud. Seu pai era compositor cubano educado na Espanha. Sua mãe uma cantora clássica, com origens francesas, cubanas e dinamarquesas.

Seu nome completo é: Ângela Anaïs Juana Antolina a Rosa Edelmira Nin y Cullmel.

Destacou-se na literatura como Delta

de vênus, uma obra que explora a visão feminina da sexualidade.



CLICK AQUI

Ela borrou as linhas entre fato e ficção publicando diários detalhando sua incrível vida privada, bem como romances amplamente baseados em sua existência. Anaïs Nin fez de sua vida uma obra literária em si.

Com poucos anos de idade, a pequena Anaïs deixou França para viver em Barcelona, juntamente com os dois irmãos. O divórcio dos pais fez com que abandonasse Espanha para ir viver com a mãe em Nova Iorque. Lá estudou até aos 16 anos de idade e decidiu abandonar a educação clássica para se tornar modelo e bailarina. Por essa altura, já tinha praticamente esquecido o espanhol, mantendo-se, todavia, fluente em francês e inglês.

O casamento com o banqueiro e cineasta Hugh Parker Guiler aconteceu em 1923 na cidade de Havana-Cuba. Após o regresso

a Paris, Anaïs Nin começou a escrever e iniciou um percurso marcante como autora.

Ela também é uma das primeiras mulheres a escrever obras eróticas, muito apreciada por seus trabalhos na literatura erótica.

Antes dela, muito poucas mulheres haviam embarcado neste campo da literário. Sua escrita, escandalosamente explícita para a época, dá ênfase especial à bissexualidade feminina.



Seus romances e narrativas, impregnados de forte conteúdo erótico, tornaram-se best-sellers, entre os quais se destaca *Delta de Vênus* (1977).

Durante sua estada em Paris, entre 1923 e 1940, travou amizade com Henry

Miller, cujas relações com a escritora foram recriadas por ela em vários romances e narrativas curtas. Seus numerosos diários, publicados entre 1966 e 1983, também continham reflexões líricas e reminiscências eróticas. Escreveu ainda *A Casa do Incesto* (1949), *Under a Glass Bell* (1944) e *Henry e June*, postumamente editado em 1986.

Nin, escreveu muitas obras durante a sua vida, e vale a pena pesquisar e lê-las. Ela fez arte em uma época onde era escandaloso uma mulher rabiscar seus anseios, e desejos, mas se despir para o mundo com suas letras que escorriam a verdade de cada um de nós.



Ler Anaïs é ler sobre nós mesmos, nossos mais distantes e desconhecidos desejos e a diversidade demasiada de sensações. É ver transcrito tudo aquilo que tentamos compreender em nosso inconsciente e, certa-



mente é muito envolvente. Você começa a ler os contos eróticos dessa escritora e se apaixona pela autora, pela sua delicadeza com as palavras, sem deixar o erotismo de lado! Leitura imperdível para as mulheres que se interessam pelo Feminino.



Frases da autora: Anais Nin.

Anaïs é, acima de tudo, verdadeira, direta, mas sem deixar de ser sensível. Livros extraordinários!!! Recomendações!

Nin faleceu em 1977 em Los Angeles. Seu corpo foi cremado e suas cinzas foram espalhadas na Baía de Santa Monica.

* A vida. Incêndio. Ser eu mesma em chamas. Eu definir os outros no fogo.

* O erotismo é uma das bases do conhecimento de nós próprios, tão indispensável como a poesia.

Fonte: <https://frases.art.br/anais-nin>

POST NO SITE



IDENTIDADE LIBERTINA

Intensa.

Tenho perversões!
Meus sentidos são acelerados...
Gosto de línguas que se arrastam buscando os meus aromas, e sucos para
Que eu encha bocas.
Me exponho nua, lambo lábios quando tenho apetite de sentir um sabor
diferente.
Vago durante o dia em tormentos quando um corpo sente a falta do meu.
Gosto de ser rasgada de prazer, e ser penetrada com dedos que me procuram
nos meus fundos, e quando me deito já estou pronta...
Gemendo,
Suspirando, ao sabor de uma língua feito chicote na minha pele, que suplica
por loucura!
Sou serva do meu corpo...
Sou mulher,
senhora!
Eu gozo entre as minhas pétalas rosadas...
Eu orvalho o meu veneno doce.
Sou fogo que acolhe um corpo dentro dos meus cômodos.
Eu sou verdade, nunca... Esquecida.

Tônia Lavínia

POST NO SITE





IDENTIDADE LIBERTINA

Nós Duas... Profundo e profano.

Seu cheiro, sua pele, sua carne emergindo na minha quando colada, me faz adentrar nos teus calabouços que de ti jorra as profundezas que mergulho, louca, apaixonada, por fazer amor com tua pele, onde o teu corpo é um labirinto que percorro com calma, como desbravadora do mapa da tua configuração humana, feminina, mulher, e chegando ao ápice de ouvir gemidos, sussurros, adentrando aqui, onde te toco com a língua por cada entrada, e com a boca abro os teus invernos, transformando em calor no verão que se transforma no cenário do palco que é nossa cama, mas se desejas te amarei no chão, me derramando cheia de mim e te sentindo se misturar demasiadamente doce, se lambuzando os meus fluidos.

Seu cheiro, seu gosto, me torturam, seu corpo me aprisiona e eu, te lambo de cima a baixo como fosse abrindo as prisões das grades do teu corpo, te entregando a liberdade para se perder, se esfregando em minhas coxas, tocando, diluindo, nos inundando, sentindo que nossas rupturas se colem como dois ímãs, trocando sinais, decifrando segredos silenciosos.

Te como com todo o anseio que o meu corpo implora, com minha língua dura, quente, cálida. Sou refém do teu corpo, de teus seios que me alimento, onde a ponta da minha língua toca.

Te chupo toda a carne, te beijo com todo o desejo. A chama ardente te faz abrir todas as tuas alas e misturamos em um só corpo.

Nossos sentimentos são líquidos, e eu fragmentada me quebro gozando em súplicas que me procure por dentro, aqui, bem aqui, onde sou uma explosão.

Quero me derramar inteira dentro da tua boca, escorrer o meu pólen da minha flor aberta. Tremes em mim, enquanto o meu corpo te recebe, te liberta e te acalma.

Tônia Lavínia

INSTAGRAM



POST NO SITE





LION BLANC, Me chamo Lion Tenho 29 anos, um homem trans, que sempre teve curiosidade pela sexualidade humana. Estudo de forma informal a muitos anos, não só sobre sexualidade, mas também sobre erotismo. Sou um escritor amador, que tem a escrita voltada para o erótico, e para temas BDSM. Sádico e Dominador. Amante da leitura em geral. Curioso por natureza e apaixonado pelo comportamento humano.

1

REVISTA THE BARD Quando você começou a escrever?

LION BLANC Sempre escrevi desde a adolescência, mas foi no final de 2019, quando adentrei no meio BDSM, e com a influência da minha tutora e amiga que comecei a escrever algumas coisas que escrevia e assim nasceu o meu perfil.

2

REVISTA THE BARD Quais as principais dificuldades, encontrada atualmente para quem é do meio erótico?

LION BLANC As principais dificuldades para quem é do meio erótico é a reprodução do conteúdo.

Somos sempre censurados seja nas redes sociais, ou n mídia como o todo principalmente por se tratar de assuntos tabus.

3

REVISTA THE BARD Fale sobre a sua trajetória dentro do erotismo.

LION BLANC O erotismo sempre foi muito presente na minha vida lembro que ainda na adolescência, ia na biblioteca da cidade para pesquisar termos relacionados a sexualidade e afins. Quando já na fase adulta sempre consumi de diversos fetiches até adentrar com os meus estudos no BDSM. E cá estou eu uns 4 anos estudando sobre e vivendo minha sexualidade.

4

REVISTA THE BARD Como foi se descobrir escritor erótico?

LION BLANC Minha escrita nunca foi muito leve e romântica por assim dizer. Sempre gostei de mexer com os sentimentos e pensamentos ocultos nas pessoas. E foi na escrita erótica que me encontrei. Aqui posso falar tanto do que mexe comigo, como também posso dar voz ao que mexe com aqueles que me leem. Não me encontrei na escrita erótica, ela que se encontrou comigo.

5

REVISTA THE BARD Qual a influência das redes sociais na vida do escritor?

LION BLANC As redes sociais tem influência na vida de todas ou quase todas as pessoas no mundo atual. Para os escritores ou produtores de conteúdo erótico não seria diferente. Elas podem nos divulgar ou da visibilidade. Então acredito que as mídias sociais são de grande importância porém, não são plataformas que são amigáveis com todo e qualquer produtor de conteúdo erótico.

6

REVISTA THE BARD Você teve influência de algum escritor para seguir na literatura erótica?

LION BLANC Eu gosto de pensar que a minha influência vem de todos ao meu redor. Desde os escritores que leio, filósofos, e as pessoas comuns no meu dia a dia. Como sempre eu digo sou um bom espelho. Estou aqui para refletir desde dos mais bem guardados segredos aos desejos mais visíveis. As pessoas são minha influência maior, e minha inspiração também.

7

REVISTA THE BARD Porque a leitura erótica ainda é uma barreira?

LION BLANC A escrita erótica encontra um barreira maior que é o moralismo. As pessoas ainda encontram dificuldade de dialogar sobre sexo, no seu dia a dia, imagina falar em alto e bom som sobre cultura erótica?! Nos que escrevemos sobre o erotismo falamos em nossas palavras sobre tabus que a sociedade quer esconder debaixo do tapete, e por isso enfrentamos barreiras sociais e midiáticas. Falar sobre a barreira erótica ainda não é bem visto, mas quem sabe futuramente. Enquanto isso seguimos escrevendo... Não é mesmo?

8

REVISTA THE BARD Qual a influência do erotismo na vida das pessoas?

LION BLANC O erotismo ao meu ver esta e trabalha ligado a sexualidade humana. É inerente e está no dia a dia das pessoas, e quando bem compreendido e vivido com qualidade influencia diretamente no bem estar de qualquer um

9

REVISTA THE BARD Porque as pessoas confundem erotismo com pornografia?

LION BLANC É um ato comum confundir os dois afinal na pornografia vamos encontrar conteúdo erótico e isso é inegável. Porém a pornografia trata o erótico de forma poluída, por assim dizer, reforçando os estereótipos errados que as pessoas usam para invisibilidade O erotismo.

10

REVISTA THE BARD Livros e textos eróticos, podem apimentar mais um relacionamento?

LION BLANC Um bom conteúdo erótico pode alimentar qualquer tipo de relação, até mesmo a própria relação do ser humano consigo mesmo. O erotismo anda lado a lado com a forma que vivemos nossa sexualidade com os nossos parceiros. Deve ser visto sempre como aliado.

Algo mais a acrescentar aos leitores da revista "The Bard Internacional", sobre os teus escritos e o erotismo?

Bom. Gostaria de agradecer a oportunidade, e dizer aos seus queridos leitores que nós escritores amadores ou não estamos aqui para ser a voz deles. Estamos aqui para falar o que não é dito, e ser porta de um universo de liberdade e prazer.

“Para todas as Mulheres que eu Amei”

Por Lion Blanc

Para todas as mulheres que encontrei...
Para aquelas que me abraçaram,
Para outras que em mim tropeçaram. E para tantas outras que
pedaços arranquei. Também para aquelas que nem o nome sei.

Para todas as mulheres que encontrei, inspiração tirei.
Minha escrita sempre teve uma forte influência feminina, pois sempre
tive o meu redor mulheres fortíssimas. Aprendi com cada uma o gosto
pelo poder.

Acredite, não a figura que represente mais o poder da humanidade, do
que uma mulher vestida com a consciência do teu ser.

Para cada mulher que encontrei pude encarar seu reflexo, entender
os seus gestos e me dedicar a tarefa deliciosa de satisfazê-las.

Guardei com afincado cada gemido, e muitos deles nem fui eu quem
proporcionei.

Guardei como se guarda a hora os segredos que delas roubei.
Admirei calado a existência de todas como se fosse o espetáculo
mais caro. Aplaudi de pé!

É para todas que muitas vezes me dedico a escrever:
Minhas putarias baratas, meus pensamentos devassos meus gozos
diários são para elas, são para elas.

Para todas as mulheres que encontrei, também encontrei com as suas
cicatrices, suas dores e crises, inseguranças e medos de ser.

Vi suas lutas de um lugar de privilégio, que a sociedade me deu, um
lugar que homem algum deveria de fato ocupar.

Para todas as mulheres que encontrei existe um gosto de saudade, um
prazer memorável, e uma admiração pelo o seu ser.

Para cada um que encontrei, foi levado um pouco de mim, e com um
pouco delas fiquei.



COLUNAS E COLUNISTAS

Nunca me senti a mulher que quando nasci me disseram ser, mas sou eternamente grato pela mulher que fui, pois ela me fez o homem que me tornei, e essa foi a primeira que encontrei.

Para todas as mulheres que encontrei, deixo declarado meu profundo abismo diário por todas vocês, e de tanto voltar pro abismo, espero ansioso que o abismo feminino, me olha de volta toda vez.

Para todas as mulheres que encontrei, e que inda encontrarei, não desejei os corpos, desejo ouvir a mente de vocês.

Desejo consumir os gostos de cada uma...

Desejo aprender com todas vocês.

Desejo gozar com cada uma, mas não antes de vocês.

Lion Blanc

INSTAGRAM



ENTREVISTA



POST NO SITE



PROSA



Fernando M. Bunga

Poeta, Escritor Angolano

Haibun

Tarde serena, sob o céu sem nuvens vai assobiando com o queixo erguido, caminha em direção da conservatória, vai testemunhar o matrimónio da prima. É um dos primeiros a chegar ao local, fica na entrada, com um sorriso largo e amável, vai dando as boas-vindas aos que vão chegando. Chega um homem vistoso, tira o seu protagonismo, vira o centro das atenções! um pouco ansioso, vai aguardando a noiva à frente. Finalmente chega a noiva ladeada pelos pais visivelmente felizes, ela e o pai param por um instante na entrada, enquanto a mãe vai tomando o seu lugar. Com o buquê nas mãos, sorriso atrás do véu, vão caminhando em direção do seu amado...

Casamento de inverno -
O rosto da mãe da noiva
"brilha feito o sol"

Casamento de inverno -
Os olhos da mãe da noiva
pingam gota a gota

FACEBOOK

POST NO SITE



PROSA



Fernando M. Bunga

Poeta, Escritor Angolano

Haibun

Dito ninguém acredita, só mesmo visto este céu estrelado angolano. O menino boquiaberto é o meu maninho, admirou-se ao ouvir que as estrelas são maiores que o planeta terra. Sobre a mesma rede de descanso, vamos contando as estrelas, em meio a isso, informo-o que as estrelas só parecem ser pequenas porque estão muito distantes da terra e que o conjunto de estrelas visíveis numa determinada posição, são chamadas de constelação, ademais, enfatizo que antigamente acreditava-se que elas formavam figuras de animais, pessoas e objetos. Dito isso, pego o seu dedo indicador e vamos unindo os pontos no céu, fazendo assim a figura de um animal africano que ruge. Enquanto isso, o menino vê um rastro de luz no céu...

Estrela cadente -
O menino de janelinha
pede algo modesto.

FACEBOOK

POST NO SITE



Music 'alma



01



Altin



Altin, é cantor, compositor, produtor musical neste novo cenário da MPB e do pop brasileiro. Hoje assina como missão A coluna musical da RevistaThe Bard, para apresentar novos artistas, que com seus talentos tem circulado pelo cenário e lutado pela arte de qualidade e profundidade em suas diversas vertentes.

A MPB surgiu como uma nova opção de estilo na década de 60, após o estouro da Bossa Nova, trazendo basicamente sons Brasileiros, com elementos de percussão, fugindo do som norte americano que perdurava cada vez mais no Brasil. Uma das percussoras do estilo, foi Elis Regina, que chegou até organizar uma passeata contra a guitarra Elétrica na época.

Ao longo dos anos, a musica popular brasileira, foi passando por adaptações sem perder sua essência, mas se misturando com outros estilos, para que ficasse mais popular, como já dita o nome.

Hoje vários artistas que se intitulam como MPB Mesclam os seus sons, mantendo a tradição de letras profundas guiadas pelo cotidiano do brasileiro.

Para essa primeira coluna, Altin preparou um artista expressivo para o conhecimento de vocês leitores. Vale a pena conferir, esse artista incrível que é uma promessa para esta geração.

Como toda boa coluna, entrevistar um convidado, é a melhor forma de entender suas propostas, história e curiosidades.

Falando agora em primeira pessoa, tive a honra de entrevistar Gabriel Gonzaga, um artista especial e cheio de sentimentos pelo seu trabalho.

Mas Vamos a leitura, as mídias, e aos detalhes deste artista primoroso.

FOUND.EE



INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



GABRIEL GONZAGA



Recebi Gabriel na minha casa, e gravamos um resumo de sua história para entender quem é este artista:

Gabriel começou sua carreira cantando em karaokês, descobrindo sua aptidão pela música, e logo pediu um violão de presente para o seu pai, se inscrevendo em aulas, para aprender a tocar e fazer sua junção com o canto. Com sede de evoluir, passava pelo menos 8 horas tocando e se descobrindo instrumentista, até brinca, que dormia com o violão na cama de tamanho amor e anseio de aprender. Respirar arte já fazia parte de sua vida.

Não contente só com a escuta das canções, se interessou pela pesquisa musical dos artistas que escutava, para entender melhor como nascia as canções, e como se dava a trajetória de cada um.

Frequentador assíduo de bibliotecas, Gabriel foi adquirindo conhecimento musical, trocando experiências com pesquisadores e criando o seu acervo de discos, que hoje conta com mais de sete mil obras, entre Lps e Cds.

Nada pode ser jogado fora, quando você percebe um talento, que não se limita só a música. Aos 20 anos de idade, colocou sua mochila nas costas, com o desejo de escrever um livro, sobre a cantora Sylvia Telles, um grande ícone da Bossa nova nos anos 50.

Foi assim que se mudou para o Rio de Janeiro, sem saber qual seria o seu destino, mas foi amparado pela própria família da Sylvia, que gostou da ideia da homenagem, já que nada havia sido feito até então, para preservar a memória e a obra de alguém tão importante para a música brasileira. Com pesquisas profundas, Gabriel passou Dez anos de sua vida, dedicado a este livro, que conta com entrevistas especiais, como de Caetano Veloso, tornando o trabalho completo e totalmente informativo sobre a cantora.

Depois de tantos anos de pesquisas, para que o melhor chegasse até nós, o livro “PARA OUVIR SYLVIA TELLES”, foi lançado no início de 2022, e com o sucesso, se esgotou logo na primeira edição. Portanto, pra quem quiser ler, vai ter que esperar um pouquinho até que uma nova edição saia para os leitores.

Gabriel fala com paixão sobre este trabalho, e explana bastante as oportunidades que teve a partir dele.



O livro, não se limita, uma vez que Gabriel criou um show, totalmente arranjado, com canções inéditas nunca nem gravadas pela Sylvia, onde se apresenta salientando ainda mais, a atualidade desta obra.

No último 5 de julho, se apresentou no Sesc Guarulhos, com a emoção de cantar depois de 10 anos, um repertório que descobriu e esperou tanto tempo para apresentar, aguardando a progressão das conclusões do trabalho.

Este show, percorrerá pelo Rio de Janeiro e em breve, volta para São Paulo. Ainda sem datas para acontecer, porém com as negociações sendo programadas. O negocio é ficar de olho na agenda de Gabriel, para não perder este grande espetáculo.

Pra finalizar nossa entrevista, Gabriel contou sua experiência transformadora de estudar Música na UNIRIO. Emocionado, ele diz que se tornou coisas jamais esperadas, como arranjador, Maestro, pianista, afunilando o seu conhecimento musical nas pesquisas.

E como não seria diferente, o projeto do seu TCC traz algo inédito, sobre um dos maiores cantores e compositores do Brasil, que ainda não podemos revelar, mas que será contemplado pelo grande público em breve.

Ressalto nas minhas conclusões pessoais, que Gabriel é um artista muito primoroso e dedicado, com muita excelência, cultura e principalmente informação. Um papel muito importante para que um artista seja completo e traga para o seu público, mais que música.

Logo Abaixo, podemos conferir um show em formato de Live, com as canções de Sylvia que Gabriel realizou, e também, todas as suas redes sociais, para apreciarmos e acompanharmos os próximos passos.

Terminamos a entrevista com um abraço afetuoso e Gabriel emocionado por revisitar a sua história. E eu acrescentei:

É bonito como você coloca as malas nas costas e vai atrás dos seus sonhos, na confiança de que algo vai acontecer. Isso é inspirador, para quem vive no medo de viver os seus sonhos e exercer os seus verdadeiros ofícios. É preciso se aventurar, para que se tenha de volta, todos os esforços feitos sem medidas!

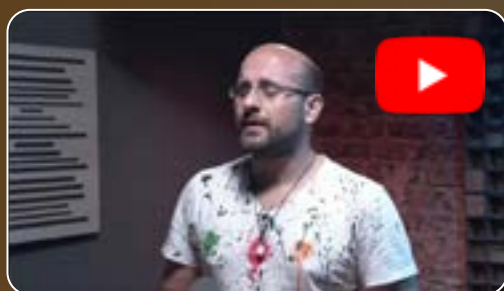
Servi uns paes de queijo e o papo continuou, na delicia de dois artistas que amam o que fazem.

Cabe para este momento, uma frase especial de Viktor Frankl.

“Quem tem um porque, enfrenta qualquer como.”



'Para ouvir Sylvia Telles' | Pré-lançamento do livro |
Gabriel Gonzaga & Leandro Braga



[Clique aqui para assistir](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE





Alttin



COLUNAS E COLONISTAS

Trabalho autoral



Por sua experiência, começou a compor músicas, que falam de seus sentimentos incomum com tantos outros, que passam pela mesma situação!

A canção clareando, fala do adeus que teve de dar a pessoas importantes da sua vida, em nome de viver com autenticidade, fora das “gaiolas”, clareando e descobrindo um novo mundo, cheio de possibilidades, através de suas potências, que por muitas vezes foram subestimadas.

Lançou dia 21/01/2022, um EP que leva o título de “Clareando”, com 6 músicas, ligadas a esta história, na esperança de gerar nas pessoas, essa motivação para também sair de suas gaiolas e descobrir que o que parece o fim, é um começo! Sobrevivente neste momento, continua lutando como artista independente para conquistar o seu espaço e deixar a sua mensagem de superações, respeito e resiliência.

OUÇA AQUI e ASSISTA OS CLIPES:
<https://found.ee/clareando>



“Clareando” 3:55 min (Compositor: Alttin)



“Sem Medo” 5:52 min (Compositor Alttin)



“Vaí” 2:53 min (Compositor: Alttin)



Depois Que A Chuva Cai 4:01 min
(Compositora: Tati Gurgel)



Amor Que Sinto 2:31 min (Compositor: Alttin)

POST NO SITE





Desafio Poético

06



Marcelo Papareli



Advogado “Sócio fundador do escritório Papareli & Andrade Sociedade de Advogados”, ator em formação, escritor e poeta. Acadêmico imortal da AILAP - Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo. Literato na comunidade de escritores Recanto das letras, Coautor de varias antologias: Quando a voz cala a poesia fala, As quatro estações, Taverna poética “Um tributo a Alvares de Azevedo”, Princesa Isabel “A princesa das Camélias” POESIATERAPIA Palavras que curam e “Entre poesia”. Consultor jurídico e poeta e colunista na “REVISTA INTERNACIONAL THE BARD”.

Família, uma razão para se viver

É inegável que a família é uma instituição universal. Na dialética da criação, Deus criou o mundo estabelecendo que vivêssemos em família. Grande ou pequena, a família é nosso refúgio. Seja ela como seja, complexa ou tranquila, amorosa ou indiferente, é nossa escola de amor.

É no seio familiar que damos os primeiros passos na arte de aprender a amar. Em nosso lar, ligamo-nos por fortes laços com pessoas possuidoras dos mais diferentes caracteres. Por uns temos afinidades, com alguns, frequentemente, trocamos farpas, mas não se enganem, continuam sendo nossa família.

Juntos batalhamos, sonhamos, nos alegamos e choramos. É na família que aprendemos valiosas lições que carregamos por toda nossa existência; a família é nosso ponto de referência. Sabiamente, Deus nos reuniu sob o mesmo teto, ninguém habita uma família errada, tudo que Deus faz tem a imanência do propósito divino.

No esforço para o convívio em família, domamos nossos próprios vícios, exercitamos a generosidade e compreensão, afinal, a vida é

uma escola e a família é a nossa sala de aula. A Divindade nos coloca no seio da família para que aprendamos a sublime lição do amor fraternal.

Aproximando-se do clima fraternal que inspira os últimos meses do ano, eu te desafio a poetizar a “família, como razão para se viver”. Delineie seus mais sublimes sentimentos, vasculhe os quatro cantos da sua alma e ofereça um tributo à família.

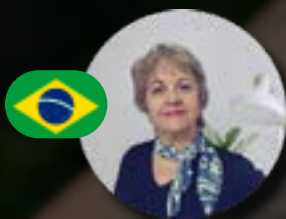
Cada poema poderá ser um retrato de família, e o fotógrafo será o poeta.

Desafio lançado.
Vem comigo.

POST NO SITE

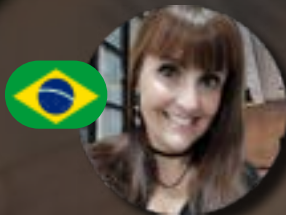


CORPO DE JURADOS



CRISTINA GOMES

Professora de Língua Portuguesa,
pós graduada em Gramática e poetisa.



SILVANA TONDATO

Professora, pós graduada em Letras,
especialista em palavras, poemas,
melodias e poetisa.



CLEÓPATRA MELO

Paraense, Bacharel em Direito e Filosofia,
Escritora, Poetisa, autora dos livros: Versos Que
Voam; Eros, Prisão de Psiquê e a trilogia
Quando O Amor Doma.



VAMOS AO RESULTADO DOS CLASSIFICADOS NO DESAFIO

"Poeta, poema e a Poesia"



POETA MARCELO PAPARELI

SITE



INSTAGRAM



YOUTUBE



FACEBOOK





01



Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Adriana Ribeiro

Menina valente



Nesta viagem, carrego comigo uma doce menina
de alma matutina e espírito noturno...

Às vezes é anjo, tem asas tão leves e baila no ar...

Noutras é soldado, tem arma e coturno,
sempre preparada para guerrear...

A bela garota com olhos de lua e sorriso de sol
já acorda sorrindo e anoitece ridente após o arrebol

Sua cor preferida é a verde esperança
já que a criança, que há em si mesma,
faz fotossíntese
e, em sùmula ou em síntese, produz clorofila
pra minha lagarta que, quando borboleta,
flutua e desfila.

O seu lado fera,
vezes tão insensato e tão impaciente
estica a corrente que me prende
no tempo para não correr.
Mas quando serena, minha leoa
tranquila caminha indolente
sem pressa nenhuma de ser e viver...

Moça caprichosa! Teimosa e valente...
Sem título ou emblema, me faz
genuína e assaz resistente.
A cada batalha me torna mais forte.
Senhora sagaz! Corajosa! Atrevida...

A esta menina, que inspira o poema,
uns chamam de sorte.
Mas eu, ah! Só a chamo de vida.

INSTAGRAM

POST NO SITE



02

Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Mia Koda
Lamentação



Quando te conheci, buscava apenas acalmar meu coração.
Mal sabia eu, que ao lançar meus olhos sobre você, assinaria a minha execução.
Eu era uma sombra invisível vagando sem ser notada.
Mas, bastou um verso seu, para a pouca luz que existia em mim, ser dissipada.

Apaixonei-me por rebuscados versos e fui fiel aos seus encantos.
Sua angústia passou a fazer parte de mim e assim nos unificamos.
Ler-te não era suficiente, eu precisava mais do que algumas noites contigo.
Amei tanto você, poeta, que me tornei parte de seu poema fatídico.

Hoje, caro Gonçalves Dias, sou o próprio espectro do Sofrimento.
E talvez carregue comigo alguns arrependimentos.
Sinto-me cansada e não posso mais lutar, tudo que me resta é a lamentação.
Desejo a morte, imploro perdão e clamo por redenção.

Por todos esses anos, senti seu desespero e vivi sua purgação.
Agora basta!
Se tiver amor por mim, peço que tire a minha vida, mas não o meu lamento.
Pois, vivo dentro de um poema, eu sou a poesia, eu sou a dor, eu sou o Sofrimento.

INSTAGRAM

POST NO SITE





03



Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Denise Marinho

Encontro, Paixão e Beleza - Literatura



Nas lacunas e traços do viver
Me encontrei
Vida meio sem vida, sem definição
Métricas desordenadas e desencontradas
Entediada estava com a rotina
As Letras tomaram forma aos poucos, versos, rimas
e até trovas
Você tomou todo espaço, honra a minha
As Letras me dominaram, sou refém, intencional-
mente me entrego
Quando pensava ter escapado me perseguia
Aguardava-me nos labirintos da vida
Poesia me adocica o olhar, sacia pensamentos bor-
bulhantes
Poesia é acústica, silenciosa e musical
Queria ser independente de ti
Quando percebo estou feliz nas teias do poema que
toma minha mente, toca meu coração e preenche
Somos únicos no refletir e escrever
Agraciado fui ao me escolher
Aceito, me rendo e compreendo
A arte de Poetizar transbordando inspiração me fez
Poeta, Poesia e beleza.

INSTAGRAM

POST NO SITE





Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Thiesca Oliveira

O Meu Poema



O meu poema é simples
Meu poema é singelo
Pequeno em vocabulário
Mas é feito com esmero

Não sigo muito as normas
As vezes fujo as regras
Mas quando escrevo me jogo
As regras que a vida leva

O meu poema talvez
Não tenha muita grandeza
É apenas poesia
Com muita delicadeza

Fala muito de amor
De saudade de infância
Das coisas simples da vida
Dos sonhos; de ser criança

Mas meu poema tem alma
Tem corpo e coração
Tem palavra que acalma
Tem sentimento e emoção

Tem um pouquinho de mim
Buscando um pouco de tudo
Tem amor que não, tem fim
E um lugar pra todo mundo

Tem saudade e direção
Tem rua, casa e endereço
Tem até um corrimão
Quando vira do avesso

Tem amor que não tem fim
Tem gosto de quero mais
Tem flores e um jardim
Que tranquiliza e traz paz

Tem beijo nas madrugadas
Tem abraço apertado
Tem noites enluaradas
E casal de namorados

O meu poema é assim
Um barco de fantasias
Que vai ao mundo sem fim
Espalhando alegria

Faz o pobre rico ser
Abraça o sonhador
Que quer subir e vencer
Porque sonha ser doutor

Viaja os sete mares
Atravessando oceanos
Plantando em cada olhar
Um horizonte cercado de amor

O meu poema talvez
Tenha uma simplicidade
Mas alcança o coração
De quem sonha de verdade!

FACEBOOK

POST NO SITE





05



Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Thomaz Gomide

Poesia não é nem sim nem não.



O poema faz o pensamento cantar.
O pensamento ao sair da sombra, dança ao ouvir o
canto poético?

O poeta é aquele que dança

ou

é o que faz dançar?

Nem um,
nem outro.

É aquele que pergunta ou o que responde?

Nem um,
nem outro.

A dança passa por ele que a transforma em palavras.

Palavras são músicas ouvidas pelo pensamento.

(Concordamos que o coração pensa.)

A sensação da dança bem vivida é eterna.

Mesmo no silêncio advindo pelo esquecimento.

As sensações, impressões,
fixam as marcas na bagagem da experiência vivida.

Poesia não é nem sim nem não.

Não é nem bem nem mal.

É encanto

É desencanto

É unidade

É a l m a n i d a d e !

No pensamento (castelo a céu aberto)
o baile começa com as letras em fila,
as ideias em cirandas,
as opiniões se movimentam agrupadas
e se entrelaçam
no campo mental da humanidade.

As palavras festejam voluptuosas!

Combinam, transfiguram, fantasiam, iluminam ou
suprimem –se.

Rimam ou desabrocham na liberdade do fluxo do
poeta.

Simple jardineiro

Plantador de intenções incandescentes.

Marcas de ferro em brasa

No universal coletivo

Estado de consciência melhorada.

INSTAGRAM

POST NO SITE



06



Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Ronaldo Ferreira

Poeta, poema e poesia



Poeta é algo de sina
Poema é andança
Poesia é o sopro
de espanto
e acalanto
O santo e profano sem desfaçatez
E tudo o mais nos ensina
É dura a contradança
O canto nos corta nesse cortejo
O que sobra em nós é bater de porta
Mesmo assim, em gotejo,
a tez sempre incauta
O tecido das coisas de costume
não presume
Mas quem se importa?
No papel uma mancha vermelha
Persiste em lembrar-me, o quanto tudo era pouco.
Até mesmo o batom rasgando o céu da minha boca.
Mas tudo era medidamente pudico.

FACEBOOK

POST NO SITE





07



Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Patrícia Proença

Palavras



Nela me deleito por inteira
Eu só poderia amá-las
Cada palavra é uma nova ideia
Palavras são como Ágatas brancas
harmoniosas

Às vezes punhal
Seguem correntes na memória
Secretamente, estremezem tecidas de luz
Palavras são recolhidas

Voam com a força dos ventos
Ora ardem e gritam
Perdoam e comunicam
São como música que dançam no tempo

Mentalizo palavras

Ditas e não ditas
Palavras que não dizem o que sei
Escorrem represadas na alma

Como expressar-me com as palavras?
Simplesmente não há o que dizer
Elas conquistam, inspiram
Restauram e alucinam

Na aurora do dia
Sinto urgência de inventar palavras
De amor, de felicidade
Benditas e cheia de esperança.

INSTAGRAM

POST NO SITE



08



Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Gibson de Santana

Poeta FingiDOR

(O poeta é um fingidor. Finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente. Fernando Pessoa)



O poeta?
O poeta é fingidor,
Finge que não sofre para falar do amor,
Finge tão completamente a dor que sente,
Que acredita não sentir dor,
Pois se atenta a acalentar a dor da perda de seu amor,
Fingindo a sua dor que sente.

E os que leem a sua poesia,
Ou o que ele escreve em seus poemas,
Sentem a dor em cada palavra lida,
Mas não a sua dor contida,
Todavia a dor do poeta em palavras escritas,
Além da dor que ele tem na sua alma,
Sem fingir a dor, como o poeta fingidor que ele seria.

E assim nas andanças da vida ele, o poeta, segue a enganar sua dor,
Nessa estrada de alegrias e de amor,
E só se preocupa em fala de amores... Paixões...
Desilusões... Ilusões... E desamores fingindo a dor,
Nos textos, poemas e poesias outrora escritas.

Esquecendo, escondendo e fingindo
Que a sua dor não lhe causa dor,
Sendo assim um poeta que fingi a dor,
Fingindo a própria dor para falar de amor,
Agora não mais somente de seu ex-amor,
Mas de todo e qualquer amo.

INSTAGRAM

POST NO SITE





09



Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Stella Gaspar

A poesia e os sonhos



Sonhos e poesia
Fascinantes como um cristal
Refletido nas asas das imaginações
Com sonhos poéticos e envolventes
Levando-nos para mundos de emoções.

Não há como sentir a poesia
Sem ser um sonhador
Cada dia, um poeta ou uma poetisa
Cala ou grita
Desejando viver
Com a poesia da eternidade.

O sonho de sentir amor
Leva-nos para perto de quem amamos
Respirando e transpirando
As fantasias de uma poesia
Bela nos delírios, de um oceano poético.

É preciso sonhar com longos e poéticos abraços
Como a profundidade de uma carta de amor
Que uma alma amorosa escreveu
E a guardou em uma caixinha de música.

A poesia e os sonhos
Emitem cantos libertadores
Onde o sonhador poeta
Reina na sua arte de poetizar.

Há os poetas...
Autênticos nas suas sabedorias
Amados ou amantes
Sonhando mais que o possível
Em plena vida ativa
Se curvando para os sóis e para as estrelas.
Permanecendo com a poesia e a magia
Em um universo sonhado.

INSTAGRAM

POST NO SITE



10

Desafio Poético

"POETA, POEMA E A POESIA"



Diana Henriques

O poeta



O poeta é uma onda de mar,
Quando tateia a terra é preso no tempo das pala-
vras,
e na infinitude do pensar, é o navegar o seu alento.
Quando volta à beira não há o tempo do relógio,
Traz a poesia do poema, arranha a pele,
E a dor é ele quem repele.
É o vai e vem do poeta a florescer na água,
Traz a poesia pensada, e no poema deságua...
Ele brota sem precisar do tempo, não há a hora, é o
momento,
É no olhar o contentamento,
É na terra o seu alimento.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS

ALERTA DE NOVIDADE VINDO POR AÍ!



Gabrieli Hathaway
@gabrielihathaway



Patrícia Guimarães
@pati.blog.br



Fabiana Francisco
@borboletaferida2020

O Geração Literária está crescendo, acumulando cada vez mais parcerias que facilitam a vida dos escritores nacionais, além de ofertar conteúdo de qualidade para nossos leitores.

Uma nova etapa está por vir e você não vai
querer ficar de fora!

UNIVERSO LITERÁRIO



Escrever sempre esteve entre as vontades do homem. Essa necessidade de expressão impulsionou a humanidade a novos caminhos, Seja pela escrita cuneiforme na Mesopotâmia a 3500 anos a.C. ou pelos hieróglifos, registrar pensamentos, ideias ou informações permeou a vida das civilizações. Mas isso não quer dizer que hoje escrever seja algo simples ou que viver de escrita não tenha mistério. Pelo contrário, apesar dos milênios ainda tem-se a sensação que alguns fazem reserva ao transmitir o conhecimento e que ser escritor é uma profissão restrita.

Felizmente, depois da revolução de Gutenberg, houve a nova revolução — a da internet — que pluralizou as frentes de conhecimento e que, agora com a pandemia, se tornou fonte de união durante o afastamento social.

Foi por esses elementos que o Geração Literária expandiu seu conceito. A imensa vontade de escrever uniu as pessoas e motivou a troca de conhecimento. A ajuda mútua fez a necessidade de se expressar pela escrita uma alavanca para motivar uma nova revolução na escrita. Escrever não é mais restrito, está disponível. Ser escritor não é segredo, pode ser conquistado com o apoio de quem já é. As fórmulas não estão isoladas e guardadas, podem ser utilizadas por quem quiser.

O Geração Literária é um grupo organizado para favorecer todos que querem escrever, seja profissionalmente ou não. Apoia e estimula o processo, desde a concepção até o posterior a publicação do livro. Seja por meio da simples troca entre os participantes ou por cursos, o Geração Literária ajuda a democratizar todo o conhecimento da cadeia do livro.

O grupo reúne mais de 300 escritores de todos os gêneros literários e possui dinâmicas de comunicação em grupos do Telegram, WhatsApp, Instagram e também pelo seu portal democrático repleto de oportunidades para a carreira literária. O site inclui uma livraria online — com livros dos membros —, a loja de serviços literários, os grupos de estudos, os canais interativos e os diversos eventos online de integração. Além disso, o Geração Literária promove eventos, saraus e debates online.

Parte desse montante de permutas está nessa revista, uma ótima oportunidade dos escritores que compõem o grupo apresentarem seu trabalho e extravasar o impulso de escrever.

Uma das integrantes, Mary Chaves, abraçou a escrita de diversas formas. Ela ama literatura e faz dela parte de sua rotina. Dessa vez, ela vem para trazer um pouco sobre uma de suas paixões: resenhas literárias.



RESENHA LITERÁRIAS



Uma boa resenha literária é muito importante para os leitores, pois é através dela que conseguimos conhecer melhor o livro e também o autor antes de prosseguir a leitura. A resenha descritiva e a crítica são bastante usadas e parecidas. Ambas trazem informações principais e gerais do livro, como tema, editora, personagens, gêneros literários etc. A descritiva é bastante utilizada em livros técnicos/não ficção. Já a crítica, tem uma grande diferença, pois o autor da resenha coloca a sua opinião sobre o livro resenhado. Você que é autor, principalmente iniciante, invista nas resenhas. Procure pessoas que tenham redes sociais literárias e façam parcerias.

Algumas fazem gratuitamente, mesmo assim retribua e valorize pelo trabalho do outro. Outras já cobram, pois trabalham especificamente com resenhas literárias. Mas antes de contratá-lo, pesquise como funciona e os preços. Existem muitas pessoas que trabalham com dignidade, outras que são uma grande furada.

por Mary Chaves

VAMOS FALAR DE POESIA?

O Geração Literária tem escritores de prosa e de verso. Se para quem escreve livros de apelos comerciais não é fácil se destacar, um escritor de poesia merece um apoio redobrado para expor seu trabalho. Mas no grupo, além de receber ajuda e troca de experiência, tem a chance de promover seu trabalho. Por isso, o Geração Literária apresentar Shirlaine Santana.



GOSTO DE CAMINHAR

Não sempre, porém ocasionalmente
tenho me pego pensando sobre o tempo...
Ele corre ou eu que não me apresso?
Realmente é necessário acompanhá-lo?

Pensei, até dias atrás, que já sabia o que queria,
Já havia certeza de meu lugar, mas novamente
Me vejo indagando o futuro.
O tempo corre ou sou eu que tenho andado devagar?

Não tenho tido paciência em parar em um único lugar
Porém, o que realmente desejo não parece fácil de alcançar.
A sociedade... A vida,
Insistem em me questionar onde vou me encaixar.

É obrigatório ancorar-se?
As pessoas insistem em me desejar "sorte"
Em finalmente estacionar em algo com garantias.
É obrigatório querer o mesmo?

O tempo voa ou sou eu que gosto de caminhar?

por Shirlaine Santana

PARA MAIS, ACESSE:



NOSSAS OPORTUNIDADES

-> LIVRARIA



De acordo com o envolvimento do escritor no Geração Literária, é criada a oportunidade de participar da livraria online - um grande prestígio e uma excelente oportunidade de divulgar e vender os trabalhos. Conheça um pouco dessa seção e depois visite o site para fazer sua compra.

CLIQUE AQUI E CONHEÇA NOSSOS TÍTULOS ÚNICOS:

-> CURSOS



O Geração Literário quer agregar na carreira do escritor que pretende evoluir. Por isso, disponibiliza diversos cursos on-line. Se está com aquela ideia de escrever, lançar ou ser escritor, essa é sua chance de começar.

CLIQUE AQUI E CONHEÇA NOSSOS CURSOS:



-> SERVIÇOS

Ser escritor não é apenas desenvolver um original. O Geração Literária também dá apoio e cria oportunidades para um dos maiores desafios da carreira do escritor: publicar e divulgar o livro. Aí é que os vários pacotes de serviços vem para agregar. Dessa forma, além de fomentar a troca de experiências, O Geração Literária impulsiona a evolução e o crescimento dos interessados.

CLIQUE AQUI E CONHEÇA NOSSOS SERVIÇOS:



**GERAÇÃO
LITERÁRIA**
promovendo encontros no mundo da leitura

FIQUE POR DENTRO

**DESCUBRA NOVOS AUTORES E OBRAS
ATRAVÉS DE NOSSOS QUADROS:**

INSCREVA-SE JÁ:



Ajudamos você autor com: revisão ortográfica, diagramação da versão física e e-book, desenvolvimento ilustrativo de capa e miolo, ISBN, ficha catalográfica, código de barras, solicitação de certificação e impressão gráfica unitária, SEM quantidades mínimas de exemplares e com envio postal para todo Brasil e países da América Latina, SEM custos adicionais! E não para por aí, nós ainda fazemos a inclusão do seu livro em diversos canais de venda nacional e internacional como: Amazon, Shopee, Umlivro, Estante virtual, Magazine Luiza, Submarino e outros.

Publicamos o seu trabalho sem que você tenha a preocupação de comprar altas demandas ou a obrigação de vendas em prazos curtos ou longos. Sua única preocupação com a gente vai ser aproveitar a jornada ganhando um comissionamento de 20% do valor de venda/capa. Tudo isso feito com o carinho e a atenção que só um escritor pode ter com outro. Nós entendemos as suas dores, porque são nossas também e estamos aqui para tornar essa experiência o mais gratificante possível. Venha conhecer nosso trabalho e realizar o seu sonho HOJE mesmo!

UMA ESPIADINHA NOS TÍTULOS DA NOSSA LIVRARIA VIRTUAL:



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui

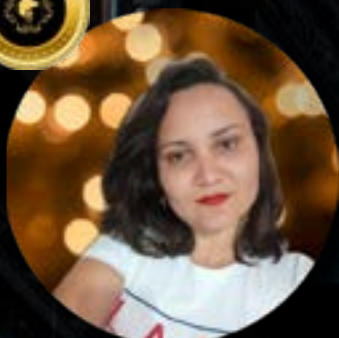


Clique aqui

Gostou? Acesse a nossa livraria completa em nosso site:
www.geracaoliteraria.com
Contamos com mais de 120 títulos nacionais!

GUIA LITERÁRIO

06



JAQUE ALENCAR



Pedagoga, poetisa escritora e colunista na Revista The Bard, cearense, mora atualmente em Andaraí - BA, coautora em duas Antologias poéticas, tem se dedicado à escrita desde 2020 afim de publicar o seu primeiro livro.

Olá, leitor querido!

O Guia Literário é um espaço gratuito e exclusivo para a divulgação de anúncio dos maiores e melhores eventos e feiras literárias, editais abertos de antologias e lançamentos de livros. Ficou interessado em participar? Leia até o final e se surpreenda com a incrível oportunidade que temos para você.

No penúltimo Guia Literário do ano trazemos uma grande novidade para àquele que deseja ser visto e divulgado internacionalmente.

Buscando novas formas de incentivo à Arte e Literatura e no intuito de dar destaque internacional aos artistas que se unem a tão nobre causa, a iniciativa THE WOLF BARD juntamente a Revista The Bard apresentam a vocês o Selo Litero-cultural The Wolf Bard.

“E o que esse Selo tem a ver com o Guia Literário?” você deve estar se perguntando, calma lá querida alma aflita, iremos esclarecer tudo para que não te restem dúvidas do quão incrível é essa oportunidade! Bora lá?

O Selo Litero-cultural The Wolf Bard é destinado a editoras e autores independentes, com a arte do Selo e QR code disponibilizados gratuitamente pela THE WOLF BARD. Sendo o Selo, a mais nova e maior vitrine de divulgação internacional da Revista The Bard.

E o nosso querido Guia Literário será um dos responsáveis por esse trabalho, portanto, passando a ser um espaço exclusivo de **DIVULGAÇÃO GRATUITA** daqueles (editoras e autores independentes) que aderirem ao Selo Litero-cultural The Wolf Bard.

Quer ser visto e divulgado internacionalmente com o Selo Litero-cultural The Wolf Bard? Entre em contato conosco e saiba como participar!



COLUNAS E COLUNISTAS

GUIA LITERÁRIO



Em Novembro de 2022

Revista Internacional
THE BARD
16ª edição Nov & Dez 2022

Acesse o **EDITAL**



COLUNISTA JAQUE ALENNCAR

INSTAGRAM



INSTAGRAM





Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



EDUARDO GRABOVSKI
Poeta, amante das artes
Curitiba – Paraná
Co-liderança da equipe



SIDNEI CAPELLA
Poeta
São Caetano do Sul – São Paulo
Secretário de equipe



ELIZETE FERREIRA
Cantora e Compositora
Santo André – São Paulo
Divulgadora



ANNE HELLENA
Escritora
São Paulo – São Paulo
Divulgadora



ADRIANA S. ARAÚJO
Escritora
Fortaleza – Ceará
Divulgadora



GERSON FRANCISCO
Escritor
Luanda – Angola
Divulgador na Angola



NICE VELOSO
Escritora
Salvador – Bahia
Divulgadora



MIA KODA
Escritora
Penápolis - São Paulo
Redatora Digital





Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



JULIANA ROSSI
Escritora
Americana – São Paulo
Redatora de equipe



AXEL PABILO
Poeta
Boquete – Panamá
Divulgador no Panamá



THIESCA DE OLIVEIRA
Escritora
Manresa Catalunía - Espanha
Divulgadora



LARISSA RESENDE
Escritora
Juiz de fora - Minas Gerais
Divulgadora



CARLA GARCIA
Lider da equipe de Marketing e
Divulgação The Bard
Belo Horizonte – Minas Gerais



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard





PARCERIAS

05



VERÔNICA KELLY MOREIRA



Verônica Kelly Moreira Coelho, natural da cidade de Caratinga MG. Conhecida no meio Cultural e acadêmico pelo pseudônimo Verônica Moreira. Autora do livro 'Jardim das Amoreiras'. Acadêmica Internacional e Comendadora da Febacla - Federação Brasileira dos Acadêmicos das ciências Letras e Artes. Delegada Cultural. Acadêmica correspondente na ACL- Academia Cruzeiroense de Letras. Acadêmica da ACL- Academia Caxambuense de letras. Acadêmica Internacional da AILB. Embaixadora da paz pela OMDDH. Editora Setorial de Eventos no Jornal Cultural ROL e Colunista. É Colunista também do Inter-Net Jornal. Participante de Várias Antologias e Organizadora da Antologia em Homenagem ao Bicentenário do grande romancista e filosofo russo; Fiódor Dostoiévski.

 **PARCERIAS** 
Colunista Verônica Moreira

**VIU COMO VOCE VIU?
SEJA NOSSO PARCEIRO.**

 Saiba mais...

    
SITE FACEBOOK INSTAGRAM WHATSAPP TELEGRAM

PARCERIAS



VERÔNICA MOREIRA

FACEBOOK

INSTAGRAM

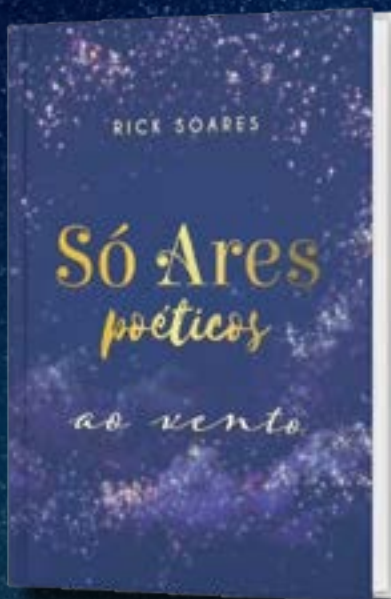


COLUNAS E COLUNISTAS

Escritor

Rick Soares

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Só Ares Poéticos — ao vento traz uma coletânea de poemas independentes entre si e que refletem momentos e sentimentos, sobretudo o amor, a paixão, a saudade e desilusão.

Ao ler cada um deles, cabe a você, leitor, decidir que sentimentos aflorarão na sua mente, pois, como já disse o poeta Saulo Pessato: “A poesia é esperta: Diz muito mais do leitor do que do poeta”.
Sejam bem-vindos à essa mini jornada!
Desejo a vocês só ares poéticos.

Clique aqui



Escritora

Cacá Matos

**Acesse os links
clikando no botão verde**



Esse livro nasceu da vontade de transformar toda minha timidez em versos e rimas, de colocar na folha todo sentimento reprimido e guardado, de passar para os leitores um pouco do meu universo poético.

Com a criatividade e inspiração ao meu lado, 1.001 sentimentos, 100 emoções é o meu nascimento no mundo literário, o começo onde exploro minha imaginação através de estrofes de amor, tristeza, gratidão, frustração entre outros vários sentimentos.

Com Carlos Drummond de Andrade como inspiração, meu desejo de escrever nasceu após ler algumas de suas antologias poéticas e encantada com o estilo de escrita, a beleza das poesias, rimas e estrofes, eu pensei então: Por que não escrever a minha própria poesia?

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



O segundo livro surgiu da ideia de unir minha essência na escrita principal: A antítese poética, uma contradição sentimental e emocional, os estados extremos de um ser humano.

Essa obra traz sentimentos bem definidos pelo eu lírico: O amor e a dor, o personagem apaixonado, que inspira romance em seus versos e rimas e o outro que derrama no papel as lágrimas poéticas de seu estado sombrio de solidão e desespero.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

*Escritora**Flavia Joss*

**Acesse os links
clikando no botão verde**



O livro *Histórias e Memórias* é um passeio pelas lembranças tatuadas na memória e pelas reflexões nascidas no período de confinamento devido à pandemia da corona vírus. A primeira parte, *Crônicas de uma Professora*, relata as experiências vivenciadas dentro das salas de aula em escolas da rede pública e privada durante 26 anos de magistério. A segunda parte, *Crônicas de Quarentena*, abarca textos que se relacionam direta ou indiretamente, com as reconfigurações impostas pelo tempo pandêmico. Uma leitura leve e emocionante capaz de nos mostrar que a vida ordinária pode ser demasiadamente inspiradora.

Impresso

Clique aqui



Impresso

Clique aqui

Magalu

Escritora

Mia Koda

Acesse o link
clicando no botão verde



O livro propõe o entendimento das causas do Transtorno de Pânico, sobre uma perspectiva psicanalítica. Um pequeno manual que pode e deve ser lido por aqueles que sofrem com crises de pânico e seus familiares, assim como, estudiosos, psicoterapeutas, profissionais da saúde e todos que desejarem saber mais sobre esse transtorno de ansiedade que acomete grande parte da população.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



O livro "Nevoeiro" traz 51 textos e poemas sobre a jornada da vida, numa reflexão poética e autobiográfica sobre fé, traumas, escolhas e consequências.

São histórias que compõe a trajetória de uma vida, onde o viajante deve aprender a superar as dores da caminhada e apreciar as belas paisagens. A autora narra suas próprias experiências, ora dando voz aos silenciados e ora conversando com aqueles que já não podem mais dialogar.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Escritora

Lilian Stocco

Acesse o link
clicando no **botão verde**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração. Perdida, ela se depara com um apoio inesperado, o qual vira seu mundo, aparentemente estável, de pernas para o ar. Enquanto seus impulsos a levam cada vez mais fundo nessa trama, capaz de envolvê-la física e emocionalmente, Mauro, seu inesperado par romântico, lhe apresenta um novo e secreto universo de prazer. Mas as cordas do destino subitamente insistem em apertar seu pescoço, sufocando-a em suas angústias. Laís precisará descobrir a força e a confiança que não sabia que existiam dentro de si se quiser viver esse novo amor e livrar-se de um passado sombrio que insiste em engolir-la lentamente.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos. A parte final da saga vai levar todos aos seus limites e, mais do que nunca, a cumplicidade de Laís, Mauro e seus amigos pode ser a diferença entre a sonhada felicidade e uma tragédia absoluta. Uma história emocionante de conquistas, jogos, segredos, sexo e romantismo que irá te enlouquecer.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clikando no botão verde**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações. É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

[Clique aqui](#)

*Escritor**Eduardo Maciuel*

**Acesse o link
clikando no botão verde**

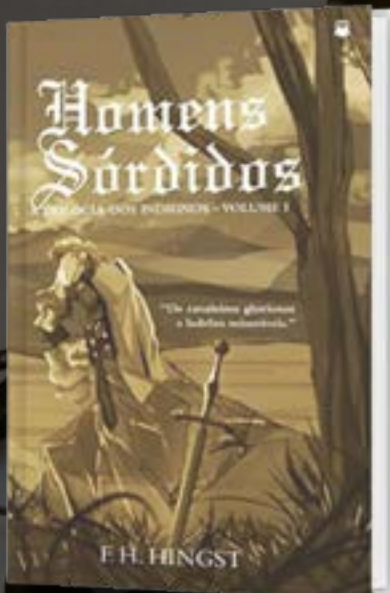


Clique aqui

Chegamos à quarta temporada da série literária, e, dessa vez, o passeio dos sonetos será pelo mundo das trevas, do terror e de temas sombrios. Cada soneto apresentará esses temas ludicamente associados à trajetória de um personagem do submundo, de nome Pierre. Pierre nasceu como fruto da interpretação do sentido em si do livro, que é o de trazer de forma inédita uma obra inteira dedicada ao macabro, em versos. Tal interpretação surgiu fazendo-se uma analogia com a imagem de uma flor que brota no meio de duas rochas. Assim como a flor é o Pierre, que avança junto aos sonetos durante todo o livro. Como a flor, preso à rocha, mas indicando de forma subliminar o tema sobre o qual o soneto foi escrito. Pierre é uma marionete, e foi feito à mão com massa moldável. A inspiração para a produção criativa do livro é a fluidez que existe entre qualquer gênero literário, ou qualquer linguagem de arte, e os sonetos. E como em todas as temporadas da série, nesse volume também os leitores terão acesso à regra formal de métrica e rima peculiares aos sonetos, em seus 20 tipos já identificados ao longo da história, desde o século XIII e usados no livro. A sugestão é escolher uma noite fria ou chuvosa, dessas que dão medo, para degustar essa experiência de leitura, que transcende os versos e tenta apavorar a sua alma. Preparados?

*Escritor**Fábio H. Hingst*

Acesse o link
clicando no botão verde



Eis uma densa coletânea de relatos sombrios, acerca de homens comuns que, ao exercer seus ofícios, acabam por encarar segredos e perigos sinistros há muito negados pela civilização.

Doze são os homens sórdidos e suas faces surgem nas mais diversas formas.

O leitor acompanhará desde o mais humilde pescador, em seu trajeto cotidiano, até um cavaleiro ungido, besuntado de soberba, ou um mercenário violento que mata em troca de ouro.

Trilhará os passos de um caçador, determinado em perseguir uma besta sanguinária, bem como verá através dos olhos de suas vítimas fatais. Também um arqueiro quase solitário a vigiar, do alto, uma terra conspurcada pelo ódio, ao passo que um líder insurgente, contrário à família indigna que governa num trono roubado, sempre rodeado de predadores, lidera suas tropas através de estradas selvagens. Um salteador egoísta fará quaisquer atrocidades a fim de alimentar sua ganância, em paralelo com um casal de músicos que almeja, apenas, espalhar suas canções para os ouvidos e corações dos habitantes de Wellfare.

Histórias inseridas em realidades deturpadas e sangrentas mostrarão a você os limites da sanidade, da ambição e do orgulho.

Versão E-book

Clique aqui


[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Versão Física

Clique aqui


EDITORA
PERENSIN



Escritor

Tom Soares

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Clique aqui

 [amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Escritora

Lilian Stocco

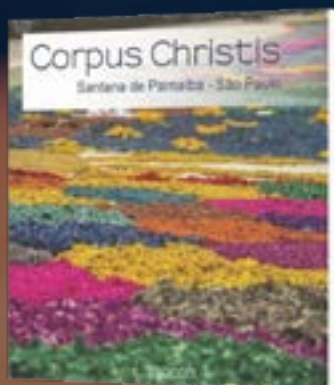
**Acesse o link
clicando na capa do FOTO LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

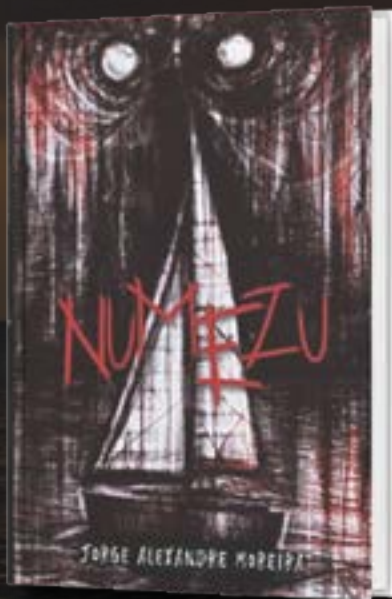
Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.

*Escritor*

Jorge Alexandre

**Acesse o link
clikando no botão verde**

NUMEZU



É a última chance para Laura e Raoul.

Mentiras, drogas e traição levaram seu casamento à beira do fim e eles apostam suas últimas fichas em uma viagem. Os dois num veleiro, em um lugar de sonho, com boa comida e boa bebida. Se não funcionar o que funcionaria?

Mas Raoul volta de um mergulho trazendo uma estranha e antiga estatueta - a imagem de um ser esquecido, aprisionado por uma terrível maldição.

E agora, enquanto Raoul pouco a pouco enlouquece sob sua influência, Laura terá que lutar pela própria vida.

Impresso

Clique aqui

amazon.com.br

*Escritora*

Vanina Sigríst

Acesse o link
clicando no botão verde



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

Clique aqui



Escritora

Daniela Laubé

Acesse os links
clicando no **botão verde**



"Esse livro nasce do desejo... em muitos – ou todos os – sentidos.

Um dos vetores principais que me moveu à escrita de poemas eróticos foi o desejo de empreender todos os recursos linguísticos de que eu fosse capaz na tentativa de descrever aquilo que provoca, o não explícito, o sensual.

E, confesso, por diversas vezes tive a certeza de que essa iniciativa já nascia fadada à frustração, uma vez que nada do que se possa dizer por escrito alcança a riqueza de sensações que o corpo entregue ao desejo experimenta.
(...)

Entretanto, esse trabalho (Preliminares) é próprio e, nesse sentido, tanto inédito quanto inovador, porque as imagens e percepções que eu empresto à transcrição do erotismo são as minhas, à minha maneira, à quentura da minha erupção." - trecho do Posfácio de "Preliminares - nudez no verso"

O livro surgiu de um concurso literário ocorrido durante a pandemia e foi lançado oficialmente dia 11 de Dezembro de 2021 na Bienal Internacional do Livro do RJ.

Sou uma voz feminina que reforça a derrocada dos tabus pelo simples fato de dizer livremente."

[Clique aqui](#)



"HOJE NÃO PODE BRINCAR LÁ FORA"
É meu primeiro livro infantil que acaba de chegar!

Livremente inspirado em fatos reais acontecidos dentro da minha casa, sob meu olhar materno, e protagonizados por meus filhos em sua cena favorita: o brincar!

Um conto infantil que carrega a musicalidade das rimas e meu desejo de que, na vida de toda criança, nunca falte canção.

Durante o período de confinamento, crianças do mundo todo ficaram privadas das diversões de que tanto gostam ao ar livre, nas escolas, praças, entre amigos, etc.

[Clique aqui](#)

*Escritora**Beatris Hoffmann*

Até onde você iria para realizar seus sonhos? Há algum limite geográfico o qual você jamais ultrapassaria? Beatris, que viveu por muitos anos em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, já sabia o que era a vida em uma grande metrópole, mas isso ainda parecia pequeno. Apaixonada por cinema, ela, em um impulso, resolveu se inscrever em um curso de seis meses em Los Angeles (EUA) a fim de estar mais próxima do que considerava a grande virada da sua vida.

Versão Física

Clique aqui



Durante anos a autora viveu um amor não correspondido e nesse período de muita dor ela escreveu poesias para expressar essa dor e esse amor.

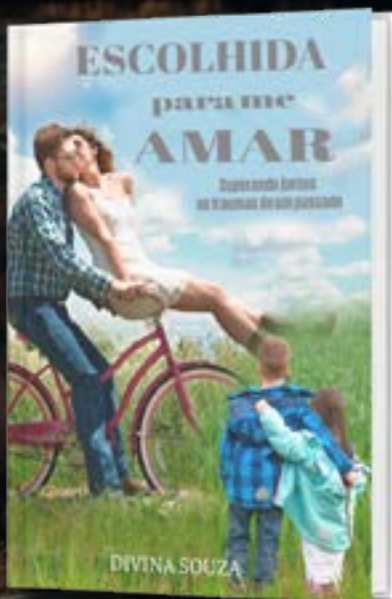
Versão E-book

Clique aqui

Escritora

Divina Souza

Acesse o link
clcando no **botão verde**



TRAUMAS...
DECEPÇÕES...
REENCONTROS...
DESCOBERTAS...
E, UM ÚNICO AMOR...

Miguel e Lis Estrela carregam em suas vidas dolorosos traumas marcados pela infância. Ambientes rudes, definidos por maus tratos, mentiras e tradições, cercavam a vida dessas crianças, mas sem deixar que a dor e o sofrimento mudassem as suas essências. Após a um equívoco do destino, eles são separados um do outro, seguindo caminhos diferentes em suas vidas. Mas, o que não esperavam era sentir uma forte e inexplicável conexão os envolverem, ao se reencontrarem depois de doze anos. Foi como resgatar um no outro, o amor que nunca tiveram. Venha conhecer o que o destino reservou para esses dois jovens, e como eles irão enfrentar um passado sombrio, levando Miguel a acreditar que Lis Estrela foi a mulher que o destino escolheu para lhe amar.

Versão Física

Clique aqui

Versão E-book

Clique aqui

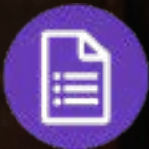




Xúnior Matraga

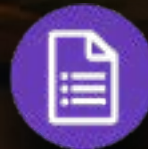
Acesse o link
clikando no **botão verde**

Livro “21 gramas”,
de Xúnior Matraga



Clique aqui

Livro “Quando Rompe a
epiderme do Casulo”,
de Xúnior Matraga



Clique aqui

*Escritora*

Josi Guerreiro

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Após fugir da Academia dos Anjos, Angelo parte para a Terra em busca do signo perdido.

Mergulhado nas sensações terrenas, o jovem anjo descobre que terá que viver como um adolescente comum até cumprir sua missão, pela qual esperou por tanto tempo. Como se a adaptação aos sentimentos humanos já não fosse o suficiente, Angelo ainda precisará fugir de seres malignos muitos poderosos. Nessa aventura terrestre, restará a ele descobrir o significado da amizade e do amor, admitindo que acreditar em si mesmo é fundamental quando se deseja fazer algo que pode mudar a vida de outras pessoas.

Versão E-book

Clique aqui

amazon.com.br



Escritor

Carlos Garcia

Acesse o link
clikando no **botão verde**

Livro “QUARTA LÍRICA”,
de Carlos Garcia



Clique aqui



Aos poucos e ao longo do tempo, como sussurros doces e incisivos, foi tomando seu espaço, e revelando sua relevância. Ideias soltas, pensamentos presentes, sentimentos retumbantes e enfim a poesia surgiu. Necessária, firme, suave e permanente. Assim, me fez refém da arte de exprimir o que dentro de mim ecoa, sendo meu cativo, dando asas, colocando meu coração na ponta do lápis e tornando minha alma livre.

Com essa descrição do autor entendemos o processo de “possessão poética” que culminou com o surgimento da página @sussurros_poéticos, onde o autor criou a #quartalírica para publicar poesia e compartilhar (uni)versos.



O programa Ver-arte tem o apoio cultural da ACL-Academia Cruzeirense de letras e é realizado uma vez por semana, toda quarta feira às 20 horas no instagram: @acadcruzeirensedeletras.

Apresentado pela escritora e poetisa, acadêmica correspondente e ativista cultural: Verônica Moreira, o programa visa fomentar a cultura e dar visibilidade aos artistas, músicos, poetas e escritores, através de entrevistas feitas pela apresentadora.

As entrevistas são bem descontraídas e de grande aprendizado para quem acompanha a programação.

A página ACL ainda transmite variadas programações.

Tendo aos sábados o programa Cruzeiro em Letras às 11 horas da manhã e aos domingos, às 19:30 horas, o programa: Nos Bastidores com Mauro Rocha, e o Insta Poesia com o escritor e poeta Pietro Costa, e é apresentado em dias e horários aleatórios.

O programa Ver-arte tem o apoio cultural de várias instituições, entre elas, a Revista Internacional The Bard.

INSTAGRAM

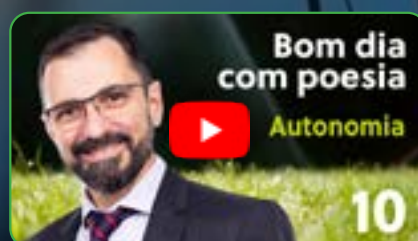
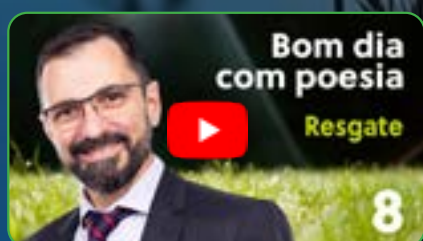
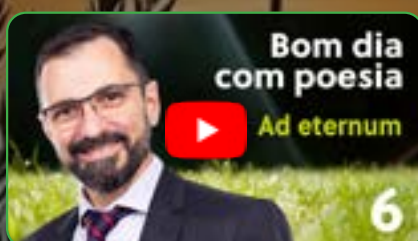


ACL



Bom dia com poesia

Com Marcelo Papareli



*Escritora*

Juh Hunzicker

Acesse o link
clikando no **botão verde**

Livro “Amor além do Mar”,
de Juh Hunzicker



Quem navegar por estes mares, ora calmos, ora agitados, irá desbravar uma história que extrapola o clichê romântico dos folhetins, com acréscimos de suspense, regada a drinques tropicais, cabelos ao vento, sabores exóticos e temperada com pitadas de vilões caricatos. Assim como a lua exerce influência sobre as marés, aqui, a ganância parece influenciar incansavelmente comportamentos e atitudes. Mas o amor, em suas várias formas, tenta o tempo todo emergir das profundezas e resistir às tormentas. Para saber mais, o leitor vai ter que colocar o seu colete salva-vidas e tomar lugar nessa embarcação, rumo ao desconhecido, sempre ao sabor do vento, lembrando-se do ditado popular, atribuído ao poeta italiano Petrarca, que diz: “mar calmo nunca fez bom marinheiro”.

Clique aqui

 [amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Revista

Revista Literária World Book Review

Acesse o link
clcando no **botão verde**



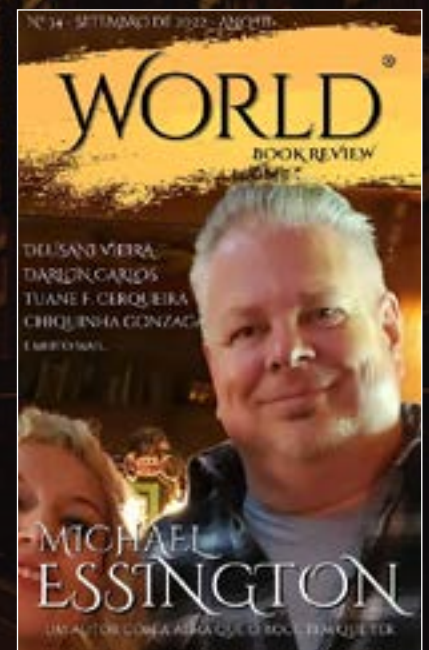
32ª Edição

[Clique aqui](#)



33ª Edição

[Clique aqui](#)



34ª Edição

[Clique aqui](#)

EDIÇÃO SETEMBRO & OUTUBRO 2022



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER



EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2022



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2022**

PERÍODO DE 10 DE AGOSTO À 05 DE OUTUBRO .



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.